



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA

O CHORO COMO INSTRUMENTO PARA A RETOMADA DO SABER/FAZER
CULTURAL E INCLUSÃO DE IDOSOS

MOSSORÓ-RN

Abril/2020

ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA

**O CHORO COMO INSTRUMENTO PARA A RETOMADA DO SABER/FAZER
CULTURAL E INCLUSÃO DE IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito parcial para a qualificação no Mestrado em Educação.

Orientadora: Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ-RN

Abril/2020

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S729c Souza, Antônio Carlos Batista de
O Choro como instrumento para a retomada do
saberfazer cultural e inclusão de idosos. / Antônio Carlos
Batista de Souza. - Mossoró-RN, 2020.
287p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Aguiar.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Chorinho. 2. Extensão Universitária. 3. Narrativas
(Auto) Biográficas. 4. Saberes/Inclusão de Idosos. I.
Aguiar, Ana Lúcia Oliveira Aguiar. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA

O CHORO COMO INSTRUMENTO PARA A RETOMADA DO SABER/FAZER
CULTURAL E INCLUSÃO DE IDOSOS

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação
Orientadora - UERN/FE/POSEDUC

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Examinador Externo (Titular) – UFERSA

Profa. Dra. Normandia Farias de Mesquita Medeiros
Examinadora Interna (Titular) – UERN/FE/POSEDUC

Profa. Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque
Examinadora Externa (Suplente) – UECE/CED/PPGE

Profa. Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares
Examinadora Interna (Suplente) – UERN/FE/POSEDUC

Dedico este Trabalho àqueles(as) que com lágrimas e risos, semearam o fértil solo da nossa Cultura, para dele, fazer brotar e manter viva em nossa alma, esta belíssima manifestação de brasilidade: o Choro!

A TERCEIRA IDADE

Leci Brandão (1996)

“A terceira idade é a felicidade
A terceira idade é a voz da verdade (bis)

Não faz só tricôt e bolinho
Vai à praia e toma um chopinho
Também gosta de ouvir um chorinho
E um pagode legal
Faz um grupo e sai por aí
O negócio é se divertir
O amor é pra se dividir,
Alegria geral

A terceira idade é a felicidade
A terceira idade é a voz da verdade (bis)

Está sempre na academia
Faz coisa que eu não fazia
No entanto não perde a mania
De me aconselhar
Faz doce de côco e pudim
Ensina tudinho pra mim
Faz tudo tim, tim por tim, tim
Ela é de arrasar

A terceira idade é a felicidade
A terceira idade é a voz da verdade(bis)”

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser O Provedor da Vida e de toda Sabedoria.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, por abraçar esta Pesquisa, com uma postura ética, profissional, sensível, humana e, também, pelos ensinamentos, que me ajudaram a entender o que é “o bom da viagem”.

Aos(às) Professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Faculdade de Educação (FE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pela competência profissional e forma acolhedora a nós, dispensadas.

À Banca Examinadora, pela disponibilidade e importantes contribuições, para a construção desta Pesquisa.

Ao Prof. João Lima Rocha Neto, pelos Choros compartilhados na vida e pela provocação à realização do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP).

Aos(às) colegas Professores(as), do Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da UERN, em especial, à Profa. Ma. Vera Cidley de Lira Castro Soares, pelos constantes incentivo e acessibilidade.

À Profa. Dra. Márcia Betânia de Oliveira, à Ma. Selma Andrade de Paula Bedaque, à Profa. Ma. Rosilene da Costa Bezerra Ramos e, ao Me. Degivaldo Avelino da Silva, pelas contribuições, decisivas ao meu ingresso neste Programa de Pós-Graduação.

À Ma. Francinilda Honorato dos Santos, à Ma. Eliane Cota Florio, ao Prof. Me. José Evangelista de Lima e, aos(às) colegas mestrandos(as), em especial, a José Francinilton da Silva e Antonia Aldivete Rodrigues da Silva, pelas habituais colaborações.

Aos meus Familiares que, desde cedo, me ajudam a não desafinar a partitura da vida; em especial, à minha mãe, Terezinha Luzia de Souza, que desde o seu ventre, senti as primeiras reverberações da vida e do Choro, e, ao meu Pai, João Batista de Souza (Maestro Batista), *in memoriam*, o meu eterno e Chorão primeiro.

À Sara de Souza Lins Batista, minha filha, minha flor, minha vida, que em vir ao mundo, me ensina a cada dia, que os rios mais serenos são os mais profundos.

À minha Namorada, Ecílvia Batista de Araújo, companheira e ajudadora nos momentos de dores e alegrias, durante a trajetória do Mestrado e do percurso da vida.

Aos(às) Chorões(onas), do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), com quem desde o início desta Pós-Graduação, compartilho as alegrias do Choro, pela vida afora.

A todos(as) que de alguma forma, contribuíram para a concretização deste êxito.

RESUMO

O contexto social brasileiro é marcado por desigualdades, em que o negligenciamento a algumas classes é motivo de mobilizações sindicais, em prol do cumprimento de direitos assegurados por lei, diariamente usurpados. Neste cenário, encontram-se os idosos, que apesar de guardiães do passado e fonte de onde jorra a nossa cultura, são muitas vezes, excluídos, frente às efemérides impostas por uma sociedade caracterizada pelo consumismo. Com a Pesquisa em tela, investigo as contribuições percebidas nas duas edições do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça, do Curso de Música, do Departamento de Artes, da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com vistas à inclusão sociocultural e à retomada do saber/fazer musical, de idosos. Como sujeitos da pesquisa, foram arrolados três idosos, participantes do PECCP, que, através de narrativas (Auto) biográficas, destacaram aspectos de suas histórias de vida, concernentes às identificações com o gênero musical, Choro. Para validar a interpretação das narrativas, busquei aporte teórico em autores como Josso (2006), Halbwachs (1996), Bosi (1994), Freire (1987, 2009) e Tardif (2010) e, com relação às concepções musicológicas e etnomusicológicas, em Diniz (2003), Cazes (1999) e Albin (2006). As narrativas contemplaram dimensões que englobam a família, o trabalho, divisões de classe, afetividades e subjetividades, em que os fenômenos relacionados à construção e reconstrução do passado se entrelaçam e se fazem reverberar nas manifestações do presente. A influência dos ambientes permeados por um cotidiano musical é entendida como fator determinante para a estruturação das identificações e dos processos formativos, destacados pelos saberes construídos a partir da transmissão oral. As narrativas revelam percalços e êxitos, frente à elaboração/apropriação dos saberes, da pertença e do empoderamento, agregados à manifestação da identidade cultural, entendidos como meio de sobrevivência, de atividades de lazer e de celebração à vida, reforçados pela recente utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e pela troca de saberes, entre gerações. Com relação à inclusão de idosos, a Pesquisa, encontra amparo em Bosi (1994), Grunewald (2007); Kurz e Morgan (2012), e, contempla o Estatuto do Idoso, em observação ao que preconiza o seu Art. 3.º, amparado pela Lei Nº 10.471/2003, mais especificamente, no que tange ao acesso à cultura e à convivência comunitária, de forma a apontar caminhos que estimulem a participação de idosos em rodas abertas de Choro, como instrumentistas ou, como aficionados ao gênero musical, através de audições musicais.

Palavras-chave: Chorinho. Extensão Universitária. Narrativas (Auto) Biográficas. Saberes/Inclusão de Idosos.

ABSTRACT

The Brazilian social context is denoted by inequalities, in which the neglect of some classes is the reason for union mobilizations, in favor of the fulfillment of rights guaranteed by law, which are usurped daily. In this scenario, we find the elderly, who, despite being guardians of the past and the source from which our culture flows, are often excluded in the face of the events imposed by a society characterized by consumerism. With the current research, I investigate the contributions perceived in the two editions of the Chorinho na Praça Cultural Extension Project, of the Music Course of the Arts Department, the Faculty of Letters and Arts, of the State University of Rio Grande do Norte, with the aim on socialcultural inclusion and on the backing of the musical knowledge, of the elderly. As subjects of the research, three elderly people were enrolled, participants of PECCP, who, through (Auto) biographical narratives, highlighted their aspects of their life stories, concerning the identifications with the musical genre, Choro. To validate the interpretation of the narratives, I sought theoretical input from authors such as Josso (2006), Halbwachs (1996), Bosi (1994), Freire (1987, 2009) and Tardif (2010) and, regarding musicological and ethnomusicological conceptions, in Diniz (2003), Cazes (1999) and Albin (2006). The narratives included dimensions that encompass family, work, class divisions, affectivity and subjectivities, in which the phenomena related to the construction and reconstruction of the past intertwine and make themselves reverberate in the manifestations of the present. The influence of environments permeated by a musical routine is understood as a determining factor for the structuring of identifications and formative processes, highlighted by the knowledge constructed from oral transmission. The narratives reveal obstacles and successes, in view of the elaboration / appropriation of knowledge, engagement and empowerment, added to the manifestation of cultural identity, understood as a means of survival, leisure activities and celebration of life, reinforced by the recent use of the New Information and Communication Technologies (NICT) and the exchange of knowledge among generations. Regarding the inclusion of the elderly, the Paper finds support in Bosi (1994), Grunewald (2007); Kurz and Morgan (2012), and, it contemplates the Elderly Statute, in compliance with the provisions of its Article 3, supported by Law No. 10.471 / 2003, more specifically, with regard to access to culture and community living , in order to point out ways that encourage the participation of the elderly in open Choro circles, as instrumentalists or, as fans of the musical genre, through musical auditions.

Keywords: Chorinho. University Extension. (Auto) Biographical Narratives. Knowledge / Inclusion of the Elderly.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Carlos Batista, com o piston <i>Weril</i> Alvorada, do Maestro Batista.....	38
Fotografia 2 - Banda de Música Municipal Artur Paraguai.....	49
Fotografia 3 - Primeira formação do Grupo Ingênuo de Chorinho (1991).....	59
Fotografia 4 - Roda Aberta de Choro em 25.11.2016, Caramanchão do Memorial da Resistência	102
Fotografia 5 - Palestra “Encadeamentos Harmônicos – Propostas para cifragem sem a utilização de instrumento harmônico e o acompanhamento de melodias simples”. Rust Café, em 11 de março de 2019	112
Fotografia 6 - Apresentação no Projeto de Extensão Viva UERN Rio Branco, em 31.03.2019.....	121
Fotografia 7 - Abertura da 1ª edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho Na Praça (PECCP), em 30 de outubro de 2017.....	132
Fotografia 8 – Apresentação, no Projeto de Extensão Viva UERN Rio Branco, em 31.03.2019.....	143
Fotografia 9 - Entrevista com Zé Lucas em Ubaia-CE, novembro de 2019.....	190

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Concursos de Sanfoneiros 1999 a 2002.....	53
Quadro 2 - Outras atuações na Prefeitura Municipal de Mossoró.....	56
Quadro 3 - Repertório do Grupo Ingênuo de Chorinho.....	61
Quadro 4 - Outras atuações na UERN.....	73
Quadro 5 - Trabalhos apresentados/publicados.....	77
Quadro 6 – Participações em eventos, com comprovação em folders.....	79
Quadro 7 - Meus instrumentos musicais.....	85
Quadro 8 - Minha atuação como instrumentista nas rodas de Choro.....	88
Quadro 9 - Repertório executado na roda de Choro, em 24 de novembro de 2016.....	104
Quadro 10 - Repertório executado na 2ª edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho Na Praça (PECCP), 2017-2018.....	114
Quadro 11 - Fragmento do repertório executado em 19 de março de 2018.....	118
Quadro 12 - Repertório executado na 1ª edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP).....	122
Quadro 13 - Repertório executado em 2019.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado percentuais da aprovação/rejeição do Método de Acordes Cifrados para Bandolim Rítmico-Harmônico.....	67
Tabela 2 - Demonstrativo dos ritmos executados.....	158
Tabela 3 - Demonstrativo da utilização de sites livres de música, socializados.....	160

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
ACDP	Associação Cultural e Desportiva Potiguar
AFIM	Abatedouro Frigorífico e Industrial de Mossoró
ANPPOM	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
APHEMO	Associação dos Portadores de Hepatite de Mossoró
BDTD	Biblioteca de Digital de Teses e Dissertações
BMMAP	Banda de Música Municipal Artur Paraguai
BPM	Batalhão de Polícia Militar
BSMAP	Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCB	Congregação Cristã no Brasil
CCDT	Comissão para Concursos de Docentes e Técnicos
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CMDSNF	Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire
CMS	Conselho Nacional de Saúde
COMPERVE	Comissão Permanente do Vestibular
CONSEPE	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CONEDU	Congresso Nacional de Educação
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos
Conj.	Conjunto
CONLID	Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso
CNE	Conselho Nacional de Educação
DAIN	Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas
DART	Departamento de Artes
Desemb.	Desembargador
DF	Distrito Federal
DIRED	Diretoria Regional de Educação
DPI	Diretoria de Pesquisa e Inovação
EACs	Ensaios Abertos de Choro
<i>et al.</i>	e outros

ESEF	Escola Superior de Educação Física
EMDSNF	Escola de Música D'Alva Stella Nogueira Freire
EMJSB	Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges
EMMDPC	Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FALA	Faculdade de Letras e Artes
FBB	Fundação Banco do Brasil
FE	Faculdade de Educação
FECOMPs	Festivais de Compositores Potiguares
FMC	Fundação Municipal de Cultura
FOCUM	Fórum Cultural de Mossoró
FUNSERN	Fundação SocioEducativa Santa Clara
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FURRN	Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte
GEC	Gerência Executiva da Cultura
GP	Gabinete do(a) Prefeita(a)
GR	Gabinete do Reitor
GTs	Grupos de Trabalho
GVR	Gabinete do Vice-Reitor
<i>Hz</i>	<i>Hertz</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICESP	Instituto do Câncer do Estado de São Paulo
<i>ISME</i>	<i>International Society for Music Education</i>
ISS	Imposto Sobre Serviços
<i>K7</i>	Fita cassette
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
<i>LPs</i>	<i>Long Plays</i>
MEC	Ministério da Educação
NEEL	Núcleo de Ensino de Línguas
NTICs	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
NUEM	Núcleo de Estudos em Música
NURE	Núcleo Regional de Educação
<i>Op. Cit.</i>	<i>Opus citatum</i>

OSRN	Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte
PARFOR	Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCCR	Plano de Cargos, Carreira e Remuneração
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PECCP	Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça
PhD	<i>Philosophiae Doctor</i>
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PMM	Prefeitura Municipal de Mossoró
PNE	Plano Nacional de Educação
POSEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROEC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PROHAE	Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis
PROPEG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
RACs	Rodas Abertas de Choro
RN	Rio Grande do Norte
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SMECDL	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer
SEMANARTE	Semana de Artes
SMECDL	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer
SIMPOSEDUC	Simpósio de Educação
SMC	Secretaria Municipal da Cultura
SENACEM	Seminário Nacional do Ensino Médio
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí

UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí

LISTA DE SÍMBOLOS

A	Início da primeira seção de um trecho musical
B	Início da segunda seção de um trecho musical
C	Início da terceira seção de um trecho musical
Bb	Si bemol
Eb	Mi bemol
C	Do maior
La³	La diapasão
b	Bemol
#	Sustenido
Am	La menor
Dm	Re menor
G	Sol maior
Cm	Do menor
D	Re maior
A	La maior
Gm	Sol menor
Bm	Si menor
F	Fa maior
E	Mi maior
Em	Mi menor

SUMÁRIO

OS MOTIVOS DO CHORO: alegrias e dores nos fazeres musicais.....	21
CAPÍTULO I - SEM SAIR DO COMPASSO: a (auto) biografia de um chorão.....	34
1.1 O Choro: da barriga da mãe à Banda de Música.....	36
1.2 O Conservatório de Música e a Fundação Municipal de Cultura.....	52
1.3 A trajetória acadêmica nos braços da música: do ideal <i>mens sana in corpore sano</i> ao encontro com as Narrativas (Auto) Biográficas.....	63
1.4 Porque Choro tanto: a presença do Choro nos fazeres musicais.....	84
CAPÍTULO – 2. O PROJETO DE EXTENSÃO CULTURAL CHORINHO NA PRAÇA (PECCP): a UERN e a inclusão de idosos.....	93
2.1 O convite ao Choro.....	97
2.2 Os Ensaios Abertos de Choro (EACs): o encontro de gerações, as rodas de conversa, a aprendizagem, a troca de saberes.....	106
2.3 As Rodas Abertas de Choro (RACs).....	116
2.4 A difusão e a democratização do Choro.....	126
CAPÍTULO – 3. É CHORANDO QUE SE VIVE: chorões em Narrativas (Auto) Biográficas	140
3.1 De volta para casa: memórias de um chorão.....	141
3.2 Do corpo a corpo às mídias digitais.....	152
3.3 “Ainda Me Recordo”: memórias de quem vive o Choro.....	163
3.4 Chorar é preciso: de volta aos palcos da vida.....	181
UM CHORO QUE NÃO TEM FIM.....	193
REFERÊNCIAS.....	203
APÊNDICES.....	208
ANEXOS.....	224

OS MOTIVOS DO CHORO: alegrias e dores nos fazeres musicais

A escrita deste trabalho tem como motivo, a admiração que sinto, desde minha infância, pelo idoso, pelo o velho (Bosi, 1994), a partir o cotidiano familiar, em que a musicalidade, era para mim, das mais significativas manifestações. O meu pai, músico, mestre de banda, dono de conjunto,¹ e, minha mãe - que em sua juventude, costumava se acompanhar ao violão, e, até hoje, ainda passa o dia a cantar, em seus fazeres domésticos - musicalizavam o ambiente, junto com os(as) cantores(as) e instrumentistas, que por lá transitavam. Neste e por este cenário, me deixei seduzir. Os aconselhamentos, a serenidade, o olhar reflexivo e as rugas que, em cada face, denunciam as experiências de vida, sempre me chamaram a atenção.

Ao compartilhar o sentimento de exclusão cultural, por alguns idosos, em não encontrar em Mossoró-RN, espaços para a prática e audição do gênero musical Choro, submeti o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), do Curso de Música, do Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em editais da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)/UERN, que obteve aprovação em duas edições, nos períodos de agosto de 2017 a julho de 2018, e de agosto de 2018 a março de 2019, respectivamente.

Com a aprovação da proposta “O Choro como Instrumento para a Retomada do Saber/Fazer Cultural e Inclusão de Idosos”, na Linha de Pesquisa “Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão”, do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Faculdade de Educação (FE), da UERN, tive a oportunidade de interpretar as contribuições do PECCP, frente à inclusão cultural de idosos, nesta cidade.

A Pesquisa, de natureza qualitativa, que tem aporte teórico nas Narrativas (Auto) Biográficas, fundamentadas na concepção de Josso (2010) e Bosi (1994), aborda a história de vida de três idosos, chorões², participantes assíduos do PECCP. As entrevistas narrativas, servem como ferramenta, para o levantamento das informações, que possibilitam compreender a vida ou um fragmento dela, para revelar e/ou elucidar processos históricos e socioculturais vividos, por estes atores. A interação simbólica da abordagem qualitativa em Educação é, para Bogdan e Biklen (1994), compatível com a perspectiva fenomenológica da

¹ Conjunto – como eram chamados os grupos musicais que animavam os bailes à época, em Mossoró-RN (Nota do Pesquisador).

² **chorões** Músicos populares do Rio de Janeiro do final do séc. XIX e começo do séc. XX. Oriundos normalmente da pequena classe média, eram contratados para tocar em festas, usando gêneros de dança vindos da Europa que, pouco a pouco, adaptaram à atmosfera local (Dicionário Groove de Música, 1994, p. 194).

experiência humana, mediada pela interpretação dos indivíduos uns com os outros e, os significados, construídos através das suas interações.

Na busca deste entendimento, levei em consideração, aspectos relacionados à retomada do fazer artístico-musical, à oportunização de espaço para a prática do Choro e à troca de saberes, entre gerações, frente às significações, subjetividades e vivências destes idosos, além dos desdobramentos que se fazem reverberar, no reviver da sua identidade cultural, nas novas experiências e na elevação da autoestima. Através da observação participante, destaco³ informações, a partir dos relacionamentos interpessoais, nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), nos quais aconteceram momentos semelhantes a grupos de discussão, nas Rodas Abertas de Choro (RACs), e, na comunicação através das redes sociais, em que a troca de saberes se mostrou elemento de aproximação entre os sujeitos, de diferentes gerações.

O meu primeiro contato com a pesquisa (Auto) Biográfica, teve início no Semestre 2016.2, como aluno especial, da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica, do Mestrado em Educação, do POSEDUC/FE/UERN, ministrado pela Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação. A experiência me proporcionou conhecimentos a respeito da abordagem (Auto) Biográfica, das histórias de vida, defendida como perspectiva teórica por vários autores, entre eles Marie-Christine Josso (2010), que afirma ser possível, utilizar as Narrativas (Auto) Biográficas, como recurso para levantar informações a partir das histórias de vida dos sujeitos, e construir/interpretar, entendimentos de suas memórias.

Para a verificação da pertinência do tema, realizei em dezembro de 2018, sem recorte temporal, uma pesquisa, no formato do Estado da Arte, nos repositórios e bases de dados: 1- periódicos da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); 2- Biblioteca de Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES (Teses); 3- Congressos Nacionais, da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM)⁴; 4- Anais do Conferencia Regional Latino-Americana de Educação Musical da *ISME* v.1 (2017); 5- Encontros Regionais Buscas na ABEM; 6- Google Acadêmico; 7- repositório de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Faculdade de Educação (FE)/UERN; 8- Repositório de Dissertações/Teses, do Programa de Pós-Graduação em

³ Discorro todo o texto, na primeira pessoa, mas, entenda-se, que a presença da minha Orientadora, a Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, se faz sentir em todos os momentos desta pesquisa (Nota do Pesquisador).

⁴ A ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical) é uma entidade nacional, sem fins lucrativos, fundada em 1991, com o intuito de congrega profissionais e de organizar, sistematizar e sedimentar o pensamento crítico, a pesquisa e a atuação na área da educação musical. Está vinculada à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) e é membro da *ISME* (*International Society for Music Education*).

Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); 9- Base de Dados da SciELO;⁵ 10- Base de dados do SciELO Livros; 11- Repositório da Universidade Federal da Bahia (UFBA); 12- Repositórios da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, 13- Universidade Federal do Piauí (UFPI). Como critério de seleção dos trabalhos, que atingiram o total de 10 publicações, considerei os títulos, as palavras-chave, os resumos e as considerações finais.

Em todas as fontes pesquisadas, constatei a ausência de resultados que viessem contemplar as buscas, ao utilizar os descritores: “Narrativas (Auto) Biográficas; inclusão; idosos; música”. Na filtragem, com os descritores, “Choro e/ou Chorinho”, selecionei alguns trabalhos, ao levar em consideração, a pertinência frente às especificidades do objeto da Pesquisa, no que diz respeito aos benefícios da música, direcionada à terceira idade, voltados à memória afetiva musical, sua relação com as afetividades em geral e aos processos de socialização. Idealizei as combinações e alternâncias dos buscadores, de maneira a formarem eixos temáticos.

Como processo para a interpretação dos resultados, estabeleci a leitura dos resumos e das considerações finais, dos dez trabalhos selecionados, com atenção à Ferreira (2002, p. 268), ao considerar que “A diferença, inclusão ou exclusão de uma simples palavra, pode levar o leitor a uma apropriação diferente de cada texto”. Também, verifiquei a pertinência frente às palavras-chave, que mesmo de forma isolada, apresentaram relação entre a fundamentação teórica e a música, e, em segundo plano, a música e a inclusão de idosos. Realizadas as buscas, com as palavras-chave, Choro e sua variante, Chorinho, como gênero musical, não encontrei resultados satisfatórios, para a esta Pesquisa.

Entre os trabalhos selecionados, apenas a publicação de Ramos, Oliveira e Santos (2017), Estado da arte da pesquisa (auto)biográfica: uma análise do portal de periódicos, se relaciona diretamente com a Teoria das Narrativas (Auto) Biográficas, porém, no formato de Estado da Arte, e, o artigo de Silva Júnior (2018), Música, idosos e memórias autobiográficas: interfaces de uma pesquisa em educação musical, aborda a relação entre música, idosos e memórias autobiográficas, direcionadas à pesquisa em Educação Musical. Os demais artigos, enfocam a utilização da música e seus benefícios para a terceira idade, mas em nenhum deles, encontrei especificidades voltadas para o Choro, como gênero musical.

Com o objetivo de investigar a realidade dos trabalhos científicos, que enfocam a problemática da Pesquisa em tela, realizei o estudo denominado Estado da Questão, a partir

⁵ SciELO. Org Brasil: o site mais confiável de artigos científicos. Textos completos, Sites com periódicos de acesso gratuito. <https://regrasparatcc.com.br/bases-de-dados/scielo-brasil/>

das publicações selecionadas no Estado da Arte, para um maior norteamento quanto as possíveis contribuições ao meu Trabalho, fundamentado em Therrien e Nóbrega-Therrien (2004), com a finalidade de situar o objeto da pesquisa, a partir de um rigoroso mapeamento bibliográfico, com fins de definir a particularidade da investigação, os objetivos e a delimitação do problema específico de pesquisa.

Após a interpretação dos trabalhos selecionados, verifiquei que estes, se aproximaram da temática, ao serem levados em consideração, os benefícios que a música, de maneira geral, pode promover à terceira idade. As publicações, mostram articulação com múltiplos campos do conhecimento, em especial com as Ciências Humanas (Filosofia, Educação, Saúde, Ciências Sociais e Geografia).

Alguns artigos, ressaltam a inclusão e a proteção social, intrinsecamente relacionadas aos direitos sociais estabelecidos no Estatuto do Idoso. Apresentam resultados em que a inclusão de idosos, através de atividades musicais rítmicas associadas à dança, a atividades recreativas, a audições e até a rearranjos, concorrem para o desenvolvimento e melhoria da coordenação motora, da socialização, da sensibilidade, da imaginação criadora, da quebra de barreiras individuais e coletivas, da memória, da concentração, do bem-estar, das funções cognitivas, da orientação temporal, da orientação espacial, da atenção, da comunicação, da autonomia, da evolução da produção artística, da elevação da autoestima e dos canais sensoriais, além de ser relaxante e excelente para ajudar a controlar a ansiedade. Com relação ao Choro, ou Chorinho, como gênero musical, não me deparei com resultados que fizessem relação com a inclusão de idosos.

Escolhi o gênero musical Choro, por ser o elemento que serve como pano de fundo, estampado de brasilidade que, assim como na batida do pandeiro, estabelece o compasso e agrega os sujeitos envolvidos nesta Pesquisa. Os implicamentos percebidos a partir das conversas com José Antonio da Costa (Zé Lucas), e posteriormente, dos outros dois chorões, frente à identificação com a Linha de Pesquisa “Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão”, do POSEDUC, se coadunaram, como melodia e acompanhamento, para a tessitura desta Composição.

As entrevistas narrativas, foram realizadas com três chorões, idosos, participantes do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). Preferi estes chorões, pelo conhecimento prévio de suas histórias de vida, permeadas pela influência de ambientes musicais, em que o gênero musical Choro, deixou marcas na formação do gosto musical e na identidade cultural. O retorno ao fazer artístico, a construção e a troca de saberes, nos Ensaio Abertos de Choro (EACs), nas Rodas Abertas de Choro (RACs) e nas apresentações, em

lugares diversos, me possibilitaram através da observação participante, compreender o universo das subjetividades, envolvidas em todo o processo, e, tecer considerações, também, sob o meu olhar de chorão e, indivíduo, que respirou ares musicais desde a mais tenra idade.

Para Alberti (2005), a escolha dos entrevistados deve ser confirmada, para fornecer respostas aos objetivos propostos na pesquisa, pois a predisposição em falar do seu passado e o que o mesmo tem a acrescentar, são revelados no momento em que as entrevistas estão sendo realizadas. Em comum acordo, definimos os momentos e os locais das entrevistas, segundo a preferência e conveniência de cada entrevistado, estratégias estas, preconizadas por Bogdan e Biklen (1994), no sentido de que as informações a serem levantadas sofrem incidências nos comportamentos naturais, das pessoas envolvidas.

Zé Lucas, músico autodidata, é reconhecido como um notável executor de violão, cavaquinho e bandolim. Exerceu por muito tempo a profissão de barbeiro, em Mossoró-RN, ao mesmo tempo em que a música, lhe servia como outra fonte de renda e de alegrias. Foi integrante de alguns grupos musicais, nos quais executou vários gêneros musicais, mas afirma, que foi o Chorinho, a sua maior identificação musical. O seu aprendizado, informal, foi tema de pesquisa monográfica, apresentado ao Curso de Música do DART/FALA/UERN, e, citado em outros Trabalhos de Conclusão de Curso, defendidos nesta Instituição de Ensino Superior, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, também, na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Iolanda Miranda Costa (Iolandinha), é funcionária pública municipal, aposentada. Suas vivências musicais tiveram início no seio familiar, com forte influência de seu pai, que de forma amadora, executava alguns instrumentos musicais e a embalava, ao som de muitas canções, entre elas, a Valsa “Rosa”, de Pixinguinha. Também, motivada pelos famosos saraus, da família Miranda, em Mossoró-RN, e, possuidora de uma forte inclinação musical, sempre cantou, em ocasiões diversas. Atualmente, é participante assídua do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP) e do Programa Silêncio da Seresta, veiculado pela Rádio Rural de Mossoró.

João Adelmo Soares, é funcionário público municipal. Seresteiro “das antigas”, é um exímio executor do violão de 7 cordas, e um privilegiado, quando se fala em interpretação vocal. Sempre se interessou em praticar este gênero musical, mas somente no PECCP, a partir do ano de 2018, teve a oportunidade de participar de uma roda de Choro. Integrante assíduo deste Projeto de Extensão cultural, também se apresenta no Silêncio da Seresta, com vários outros chorões do PECCP.

Para o armazenamento das informações, fiz gravações de áudio, em *smartfone*, e, fundamentei as interpretações, na concepção de História de Vida, defendida por Josso (2010). Quanto ao uso deste tipo de tecnologia, Bogdan e Biklen (1994), nos chamam a atenção para o risco, de se pensar que o equipamento de gravação, “fará tudo sozinho” e, também, para atentarmos para que o fator tempo, não seja demasiadamente curto ou longo, de forma a não deixar de serem levantadas informações importantes, nem cansar os entrevistados.

Em atendimento à Resolução Nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CMS), que trata a respeito da ética frente à pesquisa com seres humanos, é importante frisar que tive a anuência dos sujeitos envolvidos na Pesquisa, com vistas ao que se fez necessário, para a realização deste Trabalho. Para tal, utilizei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estabelecido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).⁶

Desenvolvi a Pesquisa, em três etapas: a primeira, através da observação participante, durante os Ensaio Abertos de Choro (EACs), momentos em que os encontros tiveram um caráter de informalidade, em que a troca de saberes, nas rodas de conversa, ocorreram de forma espontânea. Compreendeu, também, a tomada de informação, pelos participantes escolhidos, nas Rodas Abertas de Choro (RACs), em que aos aspectos como ambientação sonora, postura de palco e plano de palco, foi dada uma dimensão profissional, com vistas, à formação de plateia. A observação participante, também, aconteceu nos momentos em que foram utilizadas as redes sociais, para a comunicação e a troca de informações, dos assuntos relacionados ao universo musical e, ao Choro, em especial.

Na segunda etapa, realizei as entrevistas, nas quais as narrativas (Auto) Biográficas, se constituíram como instrumento para o levantamento das informações. Nelas, os entrevistados, ficaram à vontade, para discorrerem sobre suas histórias de vida, em atendimento à recomendação de que “Em investigação qualitativa, uma das estratégias utilizadas baseia-se no pressuposto de que muito pouco se sabe acerca das pessoas e ambientes que irão constituir o objeto de estudo” (BOGDAN; BINKLEN, 1994, p. 83).

Destinei a terceira etapa, à discussão e interpretação das informações levantadas. Registrei as vozes dos informantes, no sentido de serem entendidas as concepções das próprias trajetórias de vida e seus aspectos, direcionados ao convívio sociocultural, em que a música e, mais especificamente, o Chorinho, se constituíram temática principal. Aos entrevistados, foram oportunizados, momentos de autorreflexão e autoformação, para que

⁶ disponível em: <http://propeg.uern.br>

pudessem se ver como formadores críticos e aprendentes de si e da realidade em que estão inseridos. As narrativas, apresentaram também, suas impressões com relação à retomada do saber/fazer artístico, como participantes do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), e seus desdobramentos, a exemplo da participação no Programa Silêncio da Seresta, veiculado pela Rádio Rural de Mossoró. Os saberes da experiência, foram exercidos e valorizados a partir desta troca, entre os participantes, sem distinção hierárquica, aspecto entendido por Tardif (2002), como um saber que se manifesta de forma plural, na convivência e relações sociais entre professores e alunos.

As narrativas (Auto) Biográficas, como fontes de informação para a Pesquisa, se esteiam no Choro, como elemento comum de identidade cultural entre os participantes, em que suas vivências, registradas na memória coletiva, se encontram fundamentadas em Halbwachs (1990), sob o ponto de vista das concordâncias em comum. Tais vivências, representam as lembranças que se constituem no repertório das identidades e na trajetória de vida de indivíduos, que, embora possam ter sido vividas em grupos distintos, partilharam o mesmo contexto, no que concerne ao objeto artístico e permite a “Dois seres se sentir estreitamente ligados um ao outro e ter em comum todos os seus pensamentos” (HALBWACHS, 1990, p. 44). A memória, é concebida como um fenômeno coletivo e social, que está sujeito a variantes, decorrentes das constantes mudanças em uma sociedade. A memória individual, não é construída de maneira isolada e hermética, pois para recorrer a si mesma, necessita de memórias emprestadas, de agentes que fizeram/fazem parte de nosso cotidiano e/ou de outros contextos.

A afirmação, entra em consonância com Pollak (1992), ao assegurar que os acontecimentos vividos pelos sujeitos, primeiro pessoalmente e, em segundo lugar, “vividos por tabela”, pelo grupo ou coletividade, à qual julgam serem integrantes, podem tomar configurações de identidade semelhantes. Este entendimento, é compartilhado por Souza (2006), ao defender que a compreensão da vida, ou parte da vida de um indivíduo, pode ser entendida, a partir de informações colhidas através de um relato oral, na forma de entrevista, com vistas ao desvelo ou à reconstrução dos processos históricos e socioculturais vividos por eles, em diferentes contextos.

Do ponto de vista etnomusicológico, Albin (2006) considera que o Choro, é um gênero musical brasileiro, resultante da mistura de elementos das danças europeias como o *Minueto*, a *Quadrilha*, a *Valsa*, o *Schottisch*, a *Polca* e o *Lundu*, este último, um ritmo de origem africana. É unanimidade, entre autores, que o Choro, surgiu na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, como música urbana, entre as classes menos abastadas.

Com relação à etimologia do termo Choro, Albin (2006), assevera que há divergência entre autores. Alguns, afirmam ter origem na língua latina “Choro”, enquanto José Ramos Tinhorão, atesta, ser derivado do verbo “chorar”, conotação dada pelos instrumentos musicais, quando da sua execução. Para Luís da Câmara Cascudo, o termo é uma corruptela de *xolo*, certo tipo de baile que os escravos realizavam nas fazendas, que foi alterado para “choro”. Ary de Vasconcelos, por sua vez, reconhece que a palavra, é uma corruptela de “chormeleiros”, que era uma corporação musical do Período Colonial, na qual se executavam as charamelas⁷

A interpretação dos processos de inclusão de idosos, encontra também, aporte teórico em Bosi (1994), ao validar suas histórias de vida, em dimensões conscientes e inconscientes, os aspectos sociais, que englobam família, trabalho, divisões de classe, afetividades e subjetividades, dando enfoque à opressão e o negligenciamento à mulher, à criança e ao velho. Com relação a este último, exponho narrativas, que reverberam memórias, muitas vezes oprimidas e/ou silenciadas. Os fenômenos relacionados à reconstrução do passado, abordados por Bosi (1994), se coadunam com a interpretação social concebida por Maurice Halbwachs, alimentada pelo prolongamento dos estudos de Émile Durkheim, “que levaram à pesquisa de campo as hipóteses de Augusto Comte, sobre a precedência do “fato social”, e, do “sistema social”, sobre os fenômenos de ordem psicológica, individual” (BOSI, 1994, p. 53).

A Pesquisa, encontra embasamento legal, no Estatuto do Idoso, em observação ao que preconiza o seu Art. 3.º, amparado pela Lei Nº 10.471/2003, de 2003, mais especificamente, no que diz respeito ao acesso à cultura e à convivência comunitária, de forma a apontar caminhos que estimulem a participação de idosos em rodas abertas de Choro, seja como instrumentistas ou como aficionados ao gênero musical, através de audições.

Como no Chorinho, apresento o texto/composição, em três Capítulos/Partes, ou seja, na forma ternária (forma Rondó: A, B, A, C, A), em discurso modulante, nas quais o reviver e o reavivar lembranças, se fazem necessários à compreensão das histórias/partituras de vidas, que aqui reverberam. Em linguagem poética, lanço mão de figuras de linguagem, que aludem a situações do universo do Choro, na busca de uma aproximação entre a escrita acadêmica e as emoções sonoras, que ecoam na mente sensível à música.

No Primeiro Capítulo, intitulado “SEM SAIR DO COMPASSO: a (auto) biografia de um chorão”, discorro a minha história de vida, de forma a destacar aspectos importantes,

⁷ Denominação antiga para o grupo de instrumentos a que pertencem o *chalumeau* dos franceses e as BOMBARDAS. As charamelas são antecessoras de instrumentos como o oboé, o clarinete e o fagote. Na Idade Média possuíam timbre rude, quase assustador, que produzia grande efeito em solenidades públicas (Dicionário Groove de Música, p, 187).

relacionados às experiências no universo musical e à trajetória acadêmica. Exponho, situações que compreendem: 1- vivências inconscientes desde o ventre da minha mãe, fundamentadas em Oliveira *et al.* (2016), Levitin (2010) e em Stralio (1995); 2- a infância e adolescência em ambiente musical, alicerçada em Meihy, (1995, p. 206), ao destacar que “A família inclui a transmissão de sua memória, como as experiências dos grupos sociais, que Bordieu denominou de “habitus.”; 3- a minha atuação na Banda de Música Municipal Artur Paraguaí (BMMAP), oportunidade em que foi intensificado meu contato com músicos chorões; 4- o ingresso no Curso de Educação Física, da Escola Superior de Educação Física (ESEF), na então Fundação Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (FURRN); 5- a passagem pelo Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, momento em que iniciei a prática do Choro, como instrumentista, quando da criação e participação em várias formações do Grupo Ingênuo de Chorinho; 6- o Bacharelado em Música e a Pós-Graduação *Latu Sensu*, ambos na Universidade Estadual do Ceará (UECE), que exigiram um fazer musical com embasamentos científicos; 7- o primeiro contato com as Narrativas (Auto) Biográficas, como aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Faculdade de Educação (FE), da UERN e, 8- os motivos que me instigaram ao contato com este gênero musical.

Utilizo as Narrativas (Auto) Biográficas, com fundamentação em Pollak (1992), no sentido de serem valorizados os acontecimentos por mim vividos, primeiramente no campo das experiências pessoais, e, em segundo plano, no campo dos acontecimentos vivenciados em coletividade. Também, me aporro em Josso (2010), ao abalizar que a compreensão da vida ou parte da vida de um indivíduo, pode ser entendida a partir de informações levantadas através de um relato oral, com vistas ao desvelo ou à reconstrução dos processos históricos e socioculturais vividos em diferentes contextos.

No Capítulo 2, “O PROJETO DE EXTENSÃO CULTURAL CHORINHO NA PRAÇA (PECCP)”, exponho as ações desenvolvidas, desde a sua primeira edição, no período de agosto de 2017 a julho de 2018, até a segunda edição, no transcurso de agosto de 2018 a março de 2019, que objetivam o fomento do Choro, na cidade de Mossoró. Apresento as estratégias adotadas para a realização dos Ensaios Abertos de Choro (EACs), das Rodas Abertas de Choro (RACs) e os seus desdobramentos, com ênfase nos acontecimentos que dizem respeito à participação dos idosos envolvidos. A pertinência, ancora-se em Levitin (2010), ao assegurar que os sons, ritmos e texturas musicais agradáveis, são geralmente, identificações com experiências positivas vividas, e, que ao ouvirmos músicas que gostamos,

revivemos por familiaridade, a experiência sensorial de momentos agradáveis que tivemos anteriormente.

Relato a minha motivação pessoal para a realização do PECCP, justificada a partir das narrativas de alguns chorões, idosos, que reclamavam a ausência de espaços para a execução e a audição do Chorinho, na cidade de Mossoró, alegada em entrevista, realizada com José Francisco Ferreira (Zé Caborê), *in memoriam*, saxofonista e ex-integrante da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP): “Da década de 60 pra cá, com esses conjuntos de cabeludos, instrumentos eletrônicos e essa música jovem, o choro ficou para trás” (SOUZA, 2002, p. 20).

Aponto, conceitos entendidos por Grunewald (2007) e Kurz e Morgan (2012), que salvaguardam a necessidade de serem construídos espaços apropriados para a inserção de idosos, com vistas a amenizar o isolamento social, que enfraquece as relações constituídas ao longo da vida. Destaco, o incentivo para a elaboração do PECCP, a partir da provocação pelo professor aposentado, da UERN, João Lima Rocha Neto, em consequência da repercussão da primeira Roda Aberta de Choro (RAC), realizada no Caramanchão do Memorial da Resistência, em 25 de novembro de 2016, em comemoração à Semana da Música.

Detalho os acontecimentos referentes às interações, que aconteceram nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), respaldadas em Cazes (1999), que compreendem a mobilização através do corpo a corpo e a utilização de redes sociais, como instrumentos incitadores à participação dos chorões, o encontro de gerações e as rodas de conversa, nas quais entram em cena, as narrativas de vida e a troca de saberes. Também, faço relatos sobre a minha atuação, na qualidade de coordenador e membro do PECCP, fundamentada em Souza e Oliveira (2016), observados os cuidados em não se mostrar neutra, mas ativa e articuladora, de modo a possibilitar aos demais membros, refletirem sobre as narrativas das experiências de si e dos outros. Exponho, ainda, a participação contemplativa, por aqueles que se dão apenas à audição, nos Ensaios Abertos de Choro (EACs) e nas Rodas Abertas de Choro (RACs), com o propósito de acrescentar informações, frente à dimensão socio-inclusiva do Projeto.

Trago à pauta, como o repertório, prévia e democraticamente definido, o plano de palco, a montagem e afinação do equipamento, a participação voluntária e, a realização das RACs, se configuraram como aspectos geradores de novas aprendizagens e da formação de plateia. Faço também, menção às ações que visam estimular a participação, desde músicos iniciantes até músicos profissionais, à utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), com vistas à socialização e apropriação de informações referentes ao universo do Chorinho.

Com relação aos idosos, apresento abordagens de suas histórias de vida, que abrangem aspectos como repertório/vivências, estilos e esquemas musicais, citados por Levitin (2010), ao afirmar que para muitas pessoas, no que se refere à preferência musical, o que será apreciado ou rejeitado no futuro, dependerá dos esquemas cognitivos musicais formados nos hábitos de audição da infância. A assertiva, se interliga, às experimentações do prazer, encontradas nos dispositivos musicais, assegurados por Jourdain (1998), no sentido de que estas acontecem, quando temos contempladas/satisfeitas, as promessas (expectativas) da música, frente às nossas previsões rítmicas, melódicas e/ou harmônicas, advindas de um sistema musical ao qual estamos habituados.

No Capítulo 3, “É CHORANDO QUE SE VIVE: chorões em narrativas (Auto) Biográficas”, foco as narrativas (Auto) Biográficas, de três idosos participantes do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), referentes às suas histórias de vida, no que tange às suas vivências no universo musical e, em especial, com relação ao Chorinho e às relações interpessoais vividas neste Projeto, em acordo com Josso (2010) e Pollak (1992), no intuito de interpretar acontecimentos vividos, primeiro pessoalmente, e em segundo lugar, aos acontecimentos “vividos por tabela”, pelo grupo ou coletividade, à qual o sujeito julga ser integrante.

Faço registro de aspectos da história de vida de José Antonio da Costa (Zé Lucas). A sua infância, no Sítio Riachinho, Zona Rural de Mossoró, a aprendizagem informal no violão, no cavaquinho e no bandolim, os grupos musicais em que atuou, as apresentações nos programas de rádio e nos circos, as serestas, a convivência com amigos músicos, os cenários em que executava o Chorinho, e, sua participação na primeira edição do PECCP. Apresento suas narrativas, que de forma repetitiva, expõem momentos de sua vida, em que a música e o Chorinho, em especial, são temáticas centrais, em contraponto à atual ausência de espaços para a execução deste gênero musical. O isolamento social e a perda (falecimento) de amigos que com ele tocavam, são exposições carregadas de nostalgia, que segundo Trapp *et al.* (2016),⁸ fazem com que a sociedade veja o idoso, como um ser improdutivo. Estas narrativas, se constituíram como motivo inicial e fundantes, para a realização da Pesquisa, em tela.

Apresento as narrativas dos idosos, que refletem suas impressões frente à aquisição de conhecimentos musicais e à adoção de novos hábitos, decorrentes das interações interpessoais e das Novas Tecnologias Digitais de Comunicação (NTCIs). Na concepção destes, a troca de

⁸ Fundamentação em Nogueira, E. J., Lima, L. J. C., Martins, L. A., & Moura, E. R. (2009). Rede de relações sociais e apoio emocional: pesquisa com idosos. *Revista de Iniciação Científica. CESUMAR*, 11(1), 65-70. Recuperado em 01 fevereiro, 2015, de: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br>>. Acesso em 06 jun. 2019.

saberes a partir das interações no PECCP, são colocadas como elementos de construção coletiva e de aquisição de novos saberes.

Trago à cena, as narrativas destes chorões, referentes às suas histórias de vida, de forma a levar em consideração, as contribuições do PECCP, no sentido da sua inclusão sociocultural. Alicerçada em Moraes (1995), a especificidade da Pesquisa, direcionada à Terceira Idade e à memória (Auto) biográfica, fundamentada em Halbwachs (1990), diz respeito às lembranças daquilo que estes atores vivenciaram, testemunharam e experimentaram, no transcorrer de suas vidas. Os relatos, evocam episódios significativos de um passado, que se relacionam e se fazem repercutir nas experiências da vida presente.

Em princípio, as razões que justificam as afinidades com o gênero musical Choro, são abalizadas na literatura, a exemplo de Levitin (2010), ao afirmar que o gosto musical, na maioria das pessoas, se define aos dezoito ou vinte anos de vida, e, que provavelmente, com o avançar da idade, as pessoas tendem a se fechar a novas experiências. Também, que de maneira mais acentuada, na cultura ocidental, as escolhas musicais têm consequências sociais, como a busca de identidade com os pares, o que faz da música, um canal de vinculação e coesão sociais.

Evidencio as narrativas dos idosos, com respeito às motivações que os fazem convergir a novos contextos sociais e artísticos, instigadas a partir das participações no PECCP. A retomada da prática instrumental, que engloba a utilização da voz cantada e o manuseio dos instrumentos musicais, comuns às rodas de Choro, são verificados nos ensaios e nas rodas de Choro. A ampliação/inclusão de possibilidades ao convívio sociocultural, é atestada, através dos encontros previstos, das apresentações em emissora rádio, em canal de televisão e, em eventos diversos.

O crescente agregamento de novos chorões, é outro aspecto observado no PECCP, o que vem proporcionando o reencontro destes, consigo e com os outros. Como desdobramento, os ensaios realizados na residência dos participantes, com vistas às apresentações no programa Silêncio da Seresta, são considerados por Jourdain (1998), como uma efervescência, provocada pela música, que nos tira dos nossos hábitos mentais congelados e, que, quando esta cessa, voltamos para às nossas cadeiras de rodas mentais.

Como fechamento desta Pesquisa, apresento em UM CHORO QUE NÃO TEM FIM, minhas considerações, referentes às informações apresentadas em cada Capítulo. As histórias de vida dos chorões envolvidos, a dinâmica e os desdobramentos do PECCP, são interpretadas à luz do Método (Auto) Biográfico, na busca de que sejam entendidas as contribuições deste Projeto, frente à retomada do saber/fazer cultural e à inclusão de idosos.

As discussões e reflexões, apontaram para o reconhecimento dos saberes e pertencas dos chorões idosos em questão, de maneira a serem fomentadas/mantidas oportunidades para a prática deste gênero musical. Conforme assegura Levitin (2010), o desdobramento advindo dos relacionamentos interpessoais, das manifestações da identidade cultural e do reviver das memórias, vem provocando nos envolvidos, sentimentos que são intensificados ao sabor da música.

Em decorrência das atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), outras ações se encontram em andamento, a exemplo da aprovação do Projeto de Extensão Cultural Choro e Seresta (PECCS), em edital da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), da criação do Clube do Choro, na cidade de Mossoró e, da organização do livro A História do Choro na Cidade de Mossoró-RN. Outrossim, a continuidade dos Ensaios Abertos de Choro (EACs) e das apresentações no Programa Silêncio da Seresta, mesmo após o encerramento do período institucional da segunda edição do Projeto, atestam o retorno e a pertença do saber/fazer cultural, por alguns idosos.

CAPÍTULO 1 A⁹ - SEM SAIR DO COMPASSO: a (auto) biografia de um chorão



Quem nunca ouviu “Brasileirinho”, “Tico-Tico no fubá” ou “Noites cariocas”?
 Quem nunca cantarolou “Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê”?
 Quem não passou perto de um bar ou foi a uma festa onde viu um violão,
 cavaquinho, flauta, pandeiro, clarinete ou bandolim?
 Se você já ouviu esse som, deve saber seu nome: choro.
 Mas se não sabe como ele surgiu, então é hora de mergulhar na história
 do nosso gênero musical mais perene.

André Diniz (2003)

Destino este Capítulo à narrativa das minhas experiências de vida, em contextos que compreendem o percurso desde o ventre da minha mãe, até o presente momento, decisivas para a minha sensibilização e formação do gosto musical, que influenciaram e ainda influenciam sobremaneira, na minha atuação profissional. Ressalto o gênero musical Choro,¹⁰ ou Chorinho, por ser o elemento que serve como pano de fundo, estampado de brasilidade que, como na batida do pandeiro, estabelece a cadência e agrega os sujeitos envolvidos nesta Pesquisa.

Como no Choro, apresento o texto na primeira pessoa do singular, em discurso modulante,¹¹ na forma poética, e, utilizo em alguns momentos, figuras de linguagem, que aludem a situações do universo musical, mais especificamente relacionadas ao Choro, na busca de uma maior aproximação entre a escrita acadêmica e as emoções sonoras que ecoam em minha mente, para uma maior compreensão de como vem sendo composta a partitura da minha vida.

⁹ Símbolo utilizado nas partituras musicais, para delimitar as partes (ou seções) de uma obra musical. Como metáfora à partitura da minha vida, usarei, de forma sequencial, no início de cada Capítulo (Nota do Pesquisador).

¹⁰ Choro – Gênero criado a partir da mistura entre elementos das danças europeias (minueto, quadrilha, valsa, schottisch e, esp., polca) com o lundu, ritmo de origem africana. Os primeiros conjuntos de choro surgiram na segunda metade do século XIX, nos bairros menos abastados da cidade do Rio de Janeiro (ALBIN, 2006. p. 193).

¹¹ Os choros e valsas brasileiros tradicionais são estruturados em forma “rondó”, com a estrutura **A B A C A**, com algumas partes repetidas (GUEST, 1996, p. 65). Todas as partes são modulantes, ou seja, cada uma é escrita em tonalidade distinta uma da outra (Nota do Pesquisador).

O Tópico 1.1, compreende desde os momentos embrionários, até o meu ingresso na Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMA), nos quais descrevo caminhos, ornamentados pelo encantamento contemplativo dos sons, desde o seio familiar até o meu ingresso no cenário artístico, como músico profissional.

No Tópico 1.2, discorro a respeito de minhas vivências no Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mais detalhadamente no Grupo Ingênuo de Chorinho. Com relação à Fundação Municipal de Cultura (FMC), descrevo várias ações, como coordenador da Divisão de Música e como diretor da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), com destaque aos Concursos de Sanfoneiros de Mossoró, em que o Choro, era o ritmo preferencialmente executado. Nestas Instituições, mormente na primeira, apresento minha trajetória como chorão¹².

No Tópico 1.3, descrevo minha trajetória acadêmica, que compreende acontecimentos referentes à licenciatura em Educação Física, realizada na Fundação Universidade do Rio Grande do Norte (FURRN), ao Bacharelado Geral em Música e à Especialização em Metodologias do Ensino de Artes, ambos na Universidade Estadual do Ceará (UECE), além das minhas vivências como aluno do Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Faculdade de Educação (FE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), de forma a destacar ações que visaram/visam um fazer musical mais embasado nos rigores científicos. Em todos estes momentos, o Choro tem se feito presente e de forma marcante em minha vida.

Por fim, no Tópico 1.4, apresento as motivações pessoais que fazem do Choro, uma manifestação artística, presente no meu cotidiano, razão pela qual e de forma apaixonante, o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), me serve como enredo para a Pesquisa em foco.

A perspectiva metodológica elencada para esta Pesquisa, está calcada na (Auto) Biografia e, através da Narrativa Oral, possibilitou a reverberação de minhas vivências específicas, a partir do olhar sobre mim mesmo e das relações com os atores envolvidos no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), onde, no palco das emoções sonoras do meu cotidiano - algumas delas quase esquecidas -, busco compreensões à luz desta Perspectiva Teórica.

¹² 3 mús B diz-se de ou cada um do grupo de instrumentistas que toca choro (que, na virada do sXX, ainda era música de humores nostálgicos e inflexões melancólicas, algo próximo da seresta); chorista n s.m. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa 3.0)

1.1 O Choro: da barriga da mãe à Banda de Música

Ao ser concebido, posso não ter na consciência a lembrança, mas a certeza de que chorei, essa tenho. Não a lágrima o choro em si, mas a lágrima que cheia de encantamento, brotava, ao escutar o Choro que saía do clarinete e do saxofone do meu pai, João Batista de Souza, o Maestro Batista, *in memoriam*. Teço a afirmação, embasado em Oliveira *et al.* (2016), ao afirmarem, que as condições ambientais pré-natais, atingem a evolução do feto e se relacionam com o desenvolvimento auditivo desde a fase embrionária, pois, entre a vigésima terceira e vigésima quinta semanas, já estão formadas as principais estruturas do ouvido, e, a partir da trigésima semana, o feto já tem a capacidade de distinguir fonemas. Os autores asseguram que existem evidências de que no terceiro trimestre de gravidez, o feto tem a capacidade de perceber diferenças entre a voz da mãe e a voz de um estranho e, também, responder de modo distinto à música e ao discurso falado.

Para Levitin (2010), nossos esquemas musicais começam a se formar na fase uterina e nossas preferências musicais, são influenciadas pelo que ouvimos nesta fase da vida. Afirma, que a partir dos dois anos, as crianças começam a manifestar preferência pela música de sua cultura, mais ou menos na mesma época em que começam a desenvolver o processamento especializado da fala.

Nessa perspectiva, Straliozzo (1995, p. 12) assevera que

Desde que nascemos ela está presente em praticamente em todos os minutos da vida, por mais que não queiramos, existe uma música sendo ouvida, mesmo inconscientemente, **e a memória gravando indiscriminadamente todos os sons que a ela chegam e esses sons influenciam nessa evolução** (grifos do autor).

A afirmação me faz acreditar que tal acontecimento tenha comigo, ocorrido muito cedo, uma vez que minha mãe, relata – com certo orgulho, percebo – que com um ano de idade, eu, “já falava tudo”. Conta, que uma vizinha, por nome de Luzia Couto, ficava a me provocar assuntos e a se admirar com a minha capacidade de explanar um encadeamento. de palavras.

Ainda, no mesmo sentido, Straliozzo (1995, p. 96), reforça que

A associação som x imagem se inicia logo que nascemos, antes do nascimento a audição já participa do mundo, captando ondas sonoras vindas das cordas vocais da mãe e sons do ambiente externo que chegam ao feto por ressonância de parede uterina, seja música, voz do pai, de familiares, ou qualquer outro som do ambiente. Mesmo de maneira precária o nenê escuta e memoriza esses sons (grifos do autor).

Não trago conscientemente tais registros; minhas primeiras memórias conscientes me remetem a meados dos anos 1960, na Rua Marechal Hermes, Nº 26, no Bairro São José¹³, em Mossoró-RN. O meu pai, João Batista de Souza (Maestro Batista), de saudosa memória, exerceu a função de radiotelegrafista, da Agência dos Correios e Telégrafos, em Mossoró, até meados dos anos setenta, do século passado. Músico reconhecido no cenário artístico local, atuou em vários momentos como regente de banda, “dono”¹⁴ de conjunto, arranjador¹⁵, executante de saxofone, trompete, clarinete e às vezes, de flauta transversal, instrumentos com os quais ele expressava sua musicalidade, nos grupos em que fez parte, durante vários anos de sua vida. Importante salientar que pela sua destacada capacidade musical, sempre ficava à frente destes grupos musicais, e, os arranjos por eles executados, eram na maioria das vezes, de sua autoria. Naquela época, além dele, apenas os maestros Artur Paraguai e Dermival Aires Pinheiro, ambos também de saudosa memória, da mesma forma, dispunham desta habilidade, na cidade de Mossoró. Meu pai, foi também, responsável pela criação da primeira Banda de Corneteiros do Tiro de Guerra 07010, na cidade de Mossoró, no ano de 1953.¹⁶

No início dos anos 1980, já aposentado dos Correios e Telégrafos, passou exercer a função de engenheiro agrônomo, na então Penitenciária Agrícola Dr. Mário Negócio, a 12 km de Mossoró, localizada entre esta cidade e o município de Baraúna-RN. No final desta década, foi professor fundador do Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF/UERN), onde atuou como instrutor musical, desde a sua criação em 1987 e como integrante do Grupo Ingênuo de Chorinho, desde a sua criação, em 1991, até o seu falecimento, ocorrido em 02 de novembro de 2007.

Minha mãe, Terezinha Luzia de Souza, desde jovem, dedilhava alguns acordes no violão e se acompanhava ao entoar melodias de sua preferência, a exemplo de “Tarde Fria”, cuja gravação se deu com a interpretação de Ângela Maria e “Cerejeira Rosa”, com interpretação de Zezé Gonzaga.

Para Lucena (1995, p. 206), “O papel da família na transmissão cultural é bastante antigo. A família inclui a transmissão de sua memória, como as experiências dos grupos sociais, que Bordieu denominou de “habitus.” Com base neste autor, posso afirmar que nasci

¹³ Como se fazia menção, mesmo em postagens nos Correios e Telégrafos, no sentido de facilitar a localização das residências que se encontravam no entorno da Paróquia de São José. Na verdade, este Bairro nunca existiu oficialmente (Nota do Pesquisador).

¹⁴ Como eram chamados os proprietários de conjuntos musicais em Mossoró, que animavam os bailes dos principais clubes locais na época (Nota do Pesquisador).

¹⁵ Arranjo A reelaboração ou adaptação de uma composição, normalmente para uma composição sonora diferente do original. SADIE, Satnley. Dicionário Groove de Música. Tradução, Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

em um lar onde a atmosfera musical era constante e, que tal aspecto, foi determinante para os rumos que mais tarde, tracei, em minha vida. Desde criança, tive o privilégio de contemplar quase que diariamente, na sala da minha residência, o meu pai, com suas esmeradas performances ao executar no saxofone - instrumento de sua preferência – e, também, no clarinete e/ou no trompete, melodias carregadas de nuances interpretativas e improvisações de caráter ímpar, que no meu imaginário, só ele era capaz de expressar.

Fotografia 1– Carlos Batista, com o piston¹⁷ *Weril Alvorada*, do Maestro Batista.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1965.

Guardo também entre as lembranças de minha infância, os ensaios do grupo musical Totôezinho e Seu Conjunto, que aconteciam no terraço e/ou na sala de minha casa. A exemplo, recordo certa vez, que meu pai me sentou em uma mesa e pediu para eu cantar a música “O Quanto Eu Te Quero”, gravada por Jerry Adriani. Desprovido de qualquer vergonha, o fiz de pronto, acompanhado pelo grupo musical denominado Batista e Seu Conjunto. Com o microfone na uma mão, cantei, segundo ele e minha mãe, toda a música sem desafinar e sem sair do compasso. Desse momento, recordo a vibração, o peso do microfone, em minha frágil mão. Também, lembro dos sorrisos e olhares carinhosos a mim direcionados pelos músicos, hoje em sua maioria, de saudosa memória.

Ainda hoje, comentários a respeito são tecidos por minha mãe em nossos momentos de nostalgia. Para Lucena (1995, p. 206), “O sujeito ao narrar evoca lembranças individuais, familiares e grupais, constrói representações e transforma ideias e imagens em realidade”.

¹⁷ Nome como era chamado o trompete na época (Nota do Pesquisador).

Para explicar esta afinidade com a música, encontro em Levitin (2010, p. 134), o aporte de que “Aos 5 anos, as crianças já aprenderam a reconhecer as progressões de acordes de sua cultura: estão formando esquemas.”

Presenciar os músicos executarem seus instrumentos era outro acontecimento que me apreendia e, ficar atento às suas conversas, me instigava a curiosidade. Era muito “la, ra, ri, ra, ra” (solmizações)¹⁸ entre eles; uma conversa sonora mais parecida com um dialeto que para mim, só eles compreendiam. O Maestro Batista, musicófilo que era, costumava escutar seus discos de vinil em uma radiola *Phillips*, que ficava no canto direito da sala. Na seleção eclética, a música das *big bands* de *Glenn Miller*, *Ray Conniff*, *Bob Fleming*, *Henry Mancini*, *Billy Vaughn*, *Gerry Mulligan* e *Casino de Sevilla*, tinham presença garantida para interpretar ritmos como *Fox*, *o Fox-Trote*, *Fox-Slow* e *o Boogie Woogie*. As músicas de maior recordação para mim estão *Moolight Serenade*, *Adios*, *In The Mood*, *Pensilvania 6- 500* e *St. Louis Blues*, entre outras.

A música cubana também era bastante executada, principalmente com as orquestras de *Perez Prado* e de *Bievenido Granda*, em que os ritmos predominantes eram a *Rumba*, o *Cha-Cha-Cha* e o *Mambo*. Entre as músicas que se encontram mais vivas em minhas lembranças, estão *A Cerejeira Rosa*, *Mambo Nº 8*, *Mambo Universitário*, *Mambo-Jambo*, *Marilyn Monroe Mambo*, *Perfidia*, *Sabor A Mi* e *El Cumbanchero*.

No período de Momo, as músicas carnavalescas tinham espaço garantido, com predominância das orquestras de Frevos de Rua, que interpretavam composições dos Maestros e Compositores Duda, Capiba, Levino, Nelson Ferreira, Miro e Matias da Rocha. Entre os Frevos que fazem saltitar lembranças sonoras na minha mente, posso citar “Vassourinhas”, “Voltei Recife”, “Corisco”, “Três da Tarde”, “Último Dia” “Relembrando O Norte” e “Fogão”. Da mesma forma, as marchinhas de carnaval, ainda me jogam confetes e me arrebatam à fantasia. Entre elas, “Zé Pereira”, “Ô Abre alas”, “Cidade Maravilhosa”, “O Teu Cabelo Não Nega”, “Mulata Iê-Iê-Iê” e “As Pastorinhas”, e tantas outras, me arrebatam a um mundo cheio de fantasias.

A Orquestra Tabajara, do Maestro pernambucano Severino Araújo, era outra Orquestra, que meu pai escutava quase que diariamente, em cujo repertório predominavam Sambas, Boleros e muitos Choros, de sua autoria. O meu pai, dizia que os arranjos que fazia, eram muitas, vezes inspirados nos arranjos do Maestro Severino Araújo, que segundo ele, “tinha uma caneta pesada”.

¹⁸ **Solmização** Modo de designar por sílabas as notas da escala musical (Dicionário de Música Zahar, p. 260).

Habitualmente, ao escutar estas Orquestras, meu pai se punha a tocar em um dos seus instrumentos, ao lado da radiola, momentos para mim, carregados de puro encantamento. Na época, ainda criança, obviamente eu não tinha conhecimentos musicais, mas percebia, movido por este encantamento e por algo que não sabia definir, que se tratava de uma performance de alto nível, pois as notas musicais por ele emitidas soavam como uma conversa, como uma linguagem. Era como se ele estivesse dialogando ora com as Orquestras, ora consigo mesmo, ora com alguém imaginário, que estava ao seu lado. Entre os Choros mais executados por ele estavam “Teclas Pretas”, de Paschoal de Barros, “Pistão De Gafieira”, de Jorge Veiga, “Um Chorinho Para Clarinete”, “Um Chorinho Em Montevideo”, “Um Chorinho Pra Você”, “Um Chorinho Modulante” e “Espinha De Bacalhau”, todos de Severino Araujo.

Em se tratando especificamente de Chorinho, outros compositores e instrumentistas, a exemplo de Waldir Azevedo, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Saraiva, Renato Tito, Abel Ferreira, Noca do Acordeon, Dilermando Reis e K-Ximbinho, enriqueciam o repertório. Recordo alguns Choros, a exemplo de “Escadaria”, de Pedro Raimundo, “Brasileirinho”, de Waldir Azevedo, “Carinhoso” de Pixinguinha e João de Barro, “Noites Cariocas” e “Doce de Côco”, de Jacob do Bandolim, “O Corta Jaca”, de Chiquinha Gonzaga, “Apanhei-te, Cavaquinho!”, de Ernesto Nazareth, “Lamentos”, de Pixinguinha e Vinicius de Moraes, “Flor Amorosa”, de Joaquim Antonio da Silva Callado e Catulo da Paixão Cearense, “Saxofone, Porquê Choras?”, de Severino Rangel de Carvalho - Ratinho, “Lágrimas De Namorado” e “Corinthiano”, de Saraiva e outros, que fazem parte o repertório, que executo nos dias de hoje.

Muitos ritmos, muitas músicas evocam lembranças, em sua maioria vívidas e, outras, que ressurgem escavadas, em função da pesquisa em tela, ao vasculhar o acervo fonográfico deixado por meu pai (discos em vinil - alguns deles raros -, fitas *K7*, fitas *VHS*, *CDs*, arranjos e adaptações de sua autoria, para formações diversas como bandas de música, orquestras de frevo, grupos de Choro e quarteto de saxofones). Este acervo, de inestimável valor sentimental, se encontra guardado em minha residência e encerra em si, momentos preciosos de minha vida.

Na rotina familiar, também era comum ver o meu pai sentado em um pequeno tamborete,¹⁹ que colocava deitado ao chão e, por cima deste, uma tábua, que lhe servia de assento. À frente da radiola, passava horas a transcrever do disco para a pauta, melodias a

¹⁹ 1 MOB assento quadrado ou redondo, sem encosto e braços, ger. com quatro pés; mocho, banco. (Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0).

serem executadas pelos conjuntos musicais. Vez por outra, copiava arranjos completos para bandas de música e orquestras de Frevo, instrumento por instrumento.

Naquela época, não existiam as facilidades que hoje, a exemplo dos recursos encontrados na *Internet* e, as partituras musicais impressas, eram raras. As que aqui chegavam, eram publicadas pela Editora Irmãos *Vitale* e vinham através dos Correios, oriundas do Rio de Janeiro e São Paulo, geralmente, em álbuns carnavalescos, cujas músicas constavam em sua maioria de Marchinhas, Sambas e Frevos. A este respeito, lembro que, durante muitos anos, o meu pai recebia desta Editora, tais álbuns, que ficavam empilhados, em considerável número, em cima de uma banquinha, em um canto do seu quarto. A arte multicolor das capas me arrebatava a um mundo cheio de sons e encantamentos; bastava olhá-las, para que as orquestras de Frevos, começassem a tocar no meu mundo imaginário, nos meus sons interiores. As partituras, traziam símbolos que me atiçavam a curiosidade; não sabia decifrá-los ainda, mas parecia que eles estavam ali em estado de latência, esperando para conversarem comigo, em algum dia. Após meu pai tomar a decisão de “levantar a mão para Jesus”²⁰, na Assembleia de Deus, no ano de 1979, doou a maioria desses álbuns a amigos músicos, e alguns, foram perdidos, no tempo. Hoje, como músico, sinto falta desse raro e precioso acervo.

Particular arrebatamento me tomava, ao se aproximar o período carnavalesco. Sentado à frente da radiola, ele transcrevia as músicas (melodias), para depois fazer os arranjos. Para mim, o carnaval começava ali. Em pouco tempo, a orquestra sob a sua batuta, começava a ensaiar o ritmo alegre dos Frevos e, a nostalgia das Marchinhas, soltavam confetes e serpentinas, na minha imaginação. Agregado a isto, o fato de o carnaval acontecer no período do inverno, significava para mim, a ausência de poeira,²¹ de calor, o banho de chuva e o verde aromático das plantas, que pareciam, comigo, entrarem em festa. Isto me proporcionava uma extasiante mistura sensorial do corpo e da alma: um mundo de alegria, uma aurora de vida.

Quando aconteciam os ensaios, os vizinhos e transeuntes ficavam a observar uns à porta, e outros, dentro da minha casa, enquanto que eu e os colegas de infância aproveitávamos para tecer nosso mundo de fantasia. As máscaras eram confeccionadas em papelão ou caixas de sabão em pó e pintadas com aqueles lápis de cor, comprados em caixas

²⁰ Expressão era usada na época, para se fazer referência a alguém que levantava a mão nos cultos, após o apelo, que era o momento após a pregação, em que o pastor proferia: “Se tem alguém aqui que deseja se entregar a Jesus, levante a mão!” (Nota do Pesquisador).

²¹ À época somente as ruas do centro da cidade eram pavimentadas, a paralelepípedo. Nas demais ruas a poeira era um problema que gerava incômodos diários. Lembro que minha mãe varria a casa duas vezes por dia, pela manhã e à tarde, e mesmo assim, os móveis estavam sempre empoeirados. (Nota do Pesquisador).

com seis unidades, que traziam paisagens com temas do “faroeste” Americano. À época, cartolina era coisa difícil de se ver. As figuras preferidas, que desenhávamos, eram sempre a do cão (do diabo), de pirata e de palhaço. Às vezes, a gente fazia uma fantasia de urso²² e saía pelas ruas, batendo em tarois²³ feitos de lata de doce e tambores, confeccionados com lata de leite, barbante e papel de saco de cimento, paramentado de grude²⁴. Dinheiro, a gente quase nunca arrecadava com a brincadeira; na maioria das vezes, apenas assustávamos as crianças muito pequenas, aquelas mais inocentes do que nós. Boa, era a disputa para ver quem iria vestir a fantasia, pois sair brincando pelas ruas, sem ser reconhecido, nos livrava de qualquer tipo de vergonha. Sempre, quem a confeccionava tinha a prioridade de sair com ela.

Trago isto à pauta, para relatar que as orquestras de Frevo, que meu pai organizava e, as que eu escutava, através dos discos de vinil, me acompanhavam nas brincadeiras itinerantes, muito embora, apenas nos sons que se faziam reverberar em minha mente, rica em imaginações. Eram manhãs e tardes de pura celebração à vida!

Com relação ao Chorinho, posso afirmar, que faz parte das lembranças de criança, a se manterem vivas em minhas memórias. Uma delas, me remete ao caminho que percorríamos a pé todos os sábados, quando minha mãe nos levava, eu e meus três irmãos, para passarmos a tarde na casa dos meus avós maternos, Lourenço Silvino de Souza e Luzia Libânia de Souza, situada à Rua Marechal Floriano, Nº 511, no Bairro Paredões, em Mossoró-RN. Na mesma Rua, antes de chegarmos ao nosso destino, me chamava a atenção, um senhor que sentado à porta de sua casa, parecia se deliciar ao escutar umas músicas, que aos meus ouvidos, soavam muito ligeirinhas e alegres. Entre elas, duas ficaram gravadas na minha memória musical: o Chorinho “Brasileirinho” e do Baião “Delicado”, ambas do compositor e cavaquinista Waldir Azevedo. Quando as escuto, vez por outra, sou transportado no espaço e no tempo, para este caminho, em uma doce lembrança.

Em ocasiões diversas, além de meu pai ao clarinete e/ou ao saxofone tenor, presenciei vários músicos executarem o Choro. Entre eles, José Antonio da Costa (Zé Lucas) - violão, cavaquinho e bandolim, Aminadabe Marques (Seu Mina) - acordeão, Altino Maia de Oliveira - saxofone tenor e clarinete, Cezinho Borges - sax alto, Dermival Aires Pinheiro (Maestro Dermival) - sax alto e clarinete, José Francisco Ferreira (Zé Caboré) - sax alto, José Ferreira

²² Os ursos carnavalescos são tradição nos carnavais de Mossoró. Compõem-se de um brincante vestido de mulambos, parecido com um urso, e os demais, que formam uma bateria e saem a pedir dinheiro e amedrontar as crianças (Nota do Pesquisador).

²³ **Tarol** pequeno tambor, percutido com duas varetas, utilizado em manifestações folclóricas como o maracatu de Pernambuco e na bateria das escolas de samba do Rio de Janeiro (Dicionário de Música ZAHAR, 1855, p. 377).

²⁴ Espécie de cola à base de pasta de goma, misturada com água, e fervida, usada antes do aparecimento das colas de papel na cidade (Nota do Pesquisador).

(Zé Ferreira) - violão, cavaquinho e bandolim, Mobral²⁵ - violão, Manoel Belarmino - acordeão, Manoel do Violão - violão, Manoel do Piston - piston, Otaviano Pinto – acordeão, e outros tantos, que no momento, não me ocorrem à lembrança.

Em 1974, aos onze anos de idade, juntamente com meu irmão Marcos Batista de Souza e alguns colegas da vizinhança, comecei a frequentar a Igreja de Cristo, situada na esquina da Rua Marechal Hermes, com a antiga Rua 13 de Maio, hoje, Rua Dix-Neuf Rosado. Nesta Igreja, aprendemos a cantar por transmissão oral, os Hinos e Corinhos, entoados nos cultos. Ao escutar alguns dos irmãos cantarem em primeira e segunda voz, assim também o fazíamos, através do processo da imitação. Vez por outra, a gente criava a segunda voz, para os Hinos e/ou Corinhos, que eram cantados em uníssono. Muitas vezes, nas noites em que não havia culto, sentávamos na calçada da Igreja, palco de nossas brincadeiras, e, cantávamos os Hinos que sabíamos. Estes momentos renderam o seguinte comentário de meu pai, segundo seu amigo João Lima Rocha Neto²⁶: “Eles cantam fazendo a primeira e a segunda voz, bem afinadinhos!”

Ainda na adolescência, as influências musicais continuaram a se manifestar. Na companhia de alguns colegas da minha rua, costumávamos em nossas brincadeiras, formar grupos musicais à base de instrumentos de percussão, que nós mesmos confeccionávamos. A bateria era feita de lata e, os demais instrumentos, eram construídos com tudo de útil, que estivesse à mão: tampas de panela serviam de pratos, como os utilizados nas bandas de música, e, uma garrafa de Fanta, com seus entalhes boleados, nos servia de reco-reco; colheres, caixas de papelão, tudo era bem-vindo.

Assim, formamos o nosso primeiro grupo musical denominado “De Lata Som”, que animava nossas manhãs de domingo, na residência do colega Jânio Lira dos Santos (Jânio), situada à Rua Marechal Hermes, Nº 21 – Centro. A brincadeira começava por volta das dez horas, com as rodadas de buraco²⁷, sempre regadas a Velho Barreiro,²⁸ para os adultos, que se aventuravam à libação. Era o nosso “esquentar”; lá pelas doze horas largávamos o baralho e começava o forrobodó²⁹. Eram tardes bastante animadas, momentos em que, quem queria, participava de qualquer maneira. No repertório, as músicas de caráter jocoso eram as mais executadas. Até as vinhetas dos programas das rádios locais também eram tocadas. A música

²⁵ Deste, não sei qual o nome (Nota do Pesquisador).

²⁶ Professor aposentado do DART/FALA/UERN, idealizador do Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire e do Curso de Música, ambos da UERN (Nota do Pesquisador).

²⁷ 13 lud jogo de cartas assemelhado ao pife-pafe, que usa dois baralhos completos mais dois coringões e pode ser jogado por dois a oito jogadores, eventualmente mais, com ou sem parcerias (Dicionário eletrônico da língua portuguesa 3.0).

²⁸ Cachaça fabricada no Ceará (Nota do Pesquisador).

²⁹ Sm 1 Baile reles; forró. 2 Festa (Dicionário Michaelis, p. 981).

do programa policial “Cidade Aflita”³⁰, veiculado pela Rádio Difusora de Mossoró, era das mais preferidas; essa, todos faziam questão de cantar.

Em 1979, aos dezesseis anos de idade, influenciado pelo Pessoal do Ceará (Ednardo, Fagner e Belchior) e, aproveitando que o namorado de minha irmã, Antônia Neuma Batista de Souza, deixava guardado em minha casa, o seu violão *Giannini*, Série Tonante, comecei a aprender os primeiros acordes. Novamente, entra em cena a figura do meu pai, que apesar de não executar o violão, me ensinou os acordes naturais, utilizando umas sequências harmônicas³¹ que ele trazia na memória. Quando eu precisava afinar o violão, ele o fazia “de ouvido,” de forma impecável, sempre na altura do diapasão³². Impressionava-me também, o fato de quando eu queria “pegar” o tom de uma música qualquer, ao entoá-la, ao escutar a radiola, ele dizia: “bata na prima!”³³ e, ao fazer uma solmização, logo me informava a tonalidade. Embora ele não soubesse conceitualmente, o fazia de maneira acertada todas as vezes. Esta habilidade, por demais me intrigava e só passei a ter consciência da sua fundamentação, quando comecei a transitar nos meios acadêmicos. Também, o meu pai, fazia com a mesma presteza a colocação dos acordes para o acompanhamento de qualquer música, mesmo sem ter o violão à mão. Para mim, aquilo parecia mágica!

Saliento que o meu pai, foi e sempre será minha primeira e maior referência musical, não só pelo aprendizado que tive através do convívio diário, mas também, pela sua acentuada capacidade musical, que fazia muitos a ele recorrerem, para terem suas primeiras noções musicais, qualquer que fosse o instrumento. Ele, era daqueles músicos que, obviamente, não sabia tocar todos os instrumentos, mas, se alguém tocasse de forma errada, sua percepção musical refinadíssima, não deixava escapar às correções.

Naquela época, no início dos anos 1980, as informações documentais eram escassas. Quando muito, alguém aparecia com uma revista “Violão e Guitarra”, com músicas e letras cifradas, o que era objeto de interesse dos que queriam aprender a tocar violão, e também, dos que já o faziam, pois, esta Revista, continha tablaturas (posições) com acordes dissonantes, motivo do interesse de todos.

O meu primeiro contato com a execução do Choro, ao violão, ocorreu quando o meu pai ao executar, no sax tenor, o Choro “Brasileirinho”, me ensinou a levada rítmica e a

³⁰ Partitura constante nos anexos (Nota do Pesquisador).

³¹ Estas sequências, que baseadas no ciclo das quintas servem de modelo e contemplam todos os graus de centros tonais maiores e menores através das suas dominantes naturais e dominantes individuais, que contempla os graus dos centros tonais, quer maiores, quer menores (Nota do Pesquisador).

³² 5 mús pequeno instrumento metálico em forma de U montado sobre um cabo que, posto em vibração, produz um som de altura determinada; (Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0)

³³ Primeira corda (mi) do violão (Nota do Pesquisador).

colocação dos acordes. Naquele momento, me veio à consciência, via percepção auditiva, do que significa a diferença entre tonalidade maior e tonalidade menor. Também, ousei solar a primeira parte deste Choro, sempre utilizando a primeira corda do violão, por entender que desta forma, seria mais fácil; puro engano!

À época, os amigos José Leão de Oliveira Sobrinho (Zé Leão) e Jânio Lira dos Santos (Jânio), começaram a aprender a tocar, no violão que pertencera ao Maestro Artur Paraguai, *in memoriam*. Não sabíamos qual a marca, mas era um violão pequeno, que tinha uma escala muito afinada e excelente sonoridade, segundo os músicos que frequentavam a residência da D. Gertrudes, sua viúva, *in memoriam*. Novamente, na calçada da Igreja de Cristo, a gente se reunia para trocar informações a respeito dos violões e tocar as músicas aprendidas, de forma a atrair os rapazes da vizinhança, que passavam a cantar conosco. As músicas que mais faziam sucesso eram “Bem-Te-Vi”, de Renato Terra e “Noturno” (Coração Alado), de Graco e Caio Sílvio, interpretada por Raimundo Fagner.

Na residência de Jânio, ao som do violão e de um microfone ligado a uma velha caixa de som, as brincadeiras tiveram continuidade com o nosso conjunto, que, conforme a rotatividade dos seus integrantes, mudou de nome por três vezes, a saber: “De Lata Som”, “Pau e Corda”, “Eita Djabo, Danou-se!” e, “The Phezes”, este último, inspirado nos conjuntos internacionais e no grupo musical Pholhas. Vale destacar que, no repertório, o “inglês embromation”, vez por outra era explorado, sempre em tom de gracejo. Enfim, de uma maneira e de outra, a minha musicalidade estava sendo trabalhada.

No ano de 1983, juntamente com Zé Leão, eu cursava o segundo grau, no Centro Educacional Jerônimo Rosado (Colégio Estadual) e, vez por outra, levávamos um violão, para no intervalo das aulas, tocar algumas músicas que faziam sucesso na época. Entre elas, “Canteiros”, de Fagner, “Pavão Misterioso”, de Ednardo, “Medo de Avião”, de Belchior, “Admirável Gado Novo” e “Frevo Mulher”, de Zé Ramalho, eram as mais executadas. Após as aulas, geralmente às sextas-feiras, eu e alguns colegas de sala de aula, íamos ao Bar do Pitias, onde ao som do violão, cantávamos as músicas que faziam sucesso nas paradas. Estes momentos nos rendiam alguns olhares das nossas colegas de classe e, confesso: me sentia um artista!

Percebendo nosso interesse em aprender a tocar mais músicas, a colega de classe Francisca Russe de Sousa Costa, nos convidou a ir à sua residência, situada à Rua Benjamin Constant, Nº 815, no Bairro Boa Vista, para conhecer seu irmão, Francisco de Assis da Costa Filho (Costinha), *in memoriam*, que tocava muito bem o violão e conhecia um vasto repertório. De fato, Costinha além de fazer jus ao que nos informara sua irmã, tinha uma veia

composicional invejável; tinha alma e talento de artista. Costinha, nos ensinou várias músicas e o emprego de alguns acordes dissonantes, que para nós, era pura novidade. Como fruto deste contato, não tardou serem compostas algumas músicas, em parceria com ele.

Como Zé Leão e Costinha tocavam violão, tive a ideia de aprender a tocar uma velha flauta de ébano, de marca *Guarani*, que meu pai tinha em casa, para fazer a introdução das músicas e alguns floreios, enquanto as executávamos. Empolgados com o trio, participamos no início dos anos 1980, de algumas edições do Festival de Compositores Potiguares (FECOMP), promovido pela Rádio Rural de Mossoró, nos quais conseguimos algumas classificações entre os primeiros lugares. Também, participamos de festivais de compositores, nas cidades de Areia Branca-RN e Açú-RN, embalados pela ideia de que “[...] todo artista tem de ir aonde o povo está”, apregoada na música “Nos Bailes da Vida”, de Milton Nascimento.

Em 1982, aos dezenove anos de idade, após a aprovação no vestibular para o Curso de Educação Física, na Escola Superior de Educação Física (ESEF), da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), senti a necessidade de ter emprego para custear as mensalidades da Faculdade. Ao perceber o interesse, meu pai, perguntou ao Maestro Dermival Aires Pinheiro, Regente da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), se havia na mesma, alguma vaga para sax-tenorista, que, de imediato, lhe deu uma resposta positiva. Ao chegar em casa, meu pai me contou a novidade e começou imediatamente a me passar as primeiras noções de leitura de partitura musical e os fundamentos para o aprendizado do saxofone. Confesso, que fiquei assustado com a notícia, pois na minha mente, tocar na Banda de Música, era coisa só para músicos experientes, aqueles que eu via quando criança, tocar com meu pai, nos conjuntos e nas orquestras de carnaval. Mesmo assim, iniciei os estudos no seu sax tenor, de marca *Galasso*, o mesmo que ainda hoje, utilizo em algumas atividades profissionais. A digitação do instrumento, a embocadura, a palheta e tantas outras coisas eram para mim, pura novidade e estranhamento.

Após alguns dias, do encontro do meu pai com o Maestro Dermival Pinheiro, compareci ao primeiro ensaio, na Banda de Música, momento em que o Maestro, me perguntou se eu já sabia executar alguma coisa. Apesar de não ter experiência alguma, de pronto, respondi que sim; embora muito apreensivo, não poderia deixar passar a oportunidade, para arcar com meus estudos: eu precisava daquele emprego!

O maestro me apresentou aos músicos, que me receberam com certa expectativa - pois afinal, eu era filho do Maestro Batista - e, me mandou sentar na bancada dos saxofones. Em seguida, distribuiu as partituras, e eu, me ative a olhar aquilo, que mais parecia um hieróglifo, do que qualquer outra coisa. Iniciado o ensaio, o maestro olhava para mim, como que

querendo escutar o meu instrumento, o que não aconteceu em momento algum. Terminado o ensaio – e a minha tortura - o maestro Dermival me entregou algumas partituras e falou: “Peça a seu pai para lhe ensinar esses dobrados e essa Valsa!”. Sob as orientações do meu pai, passei a estudá-las diuturnamente, pois o tempo para aprender tudo e tocar junto com aqueles músicos, era por demais curto. Quero aqui deixar registrada a minha imensa gratidão ao Maestro Dermival Aires Pinheiro, pela acolhida a mim dispensada, apesar de não me encontrar preparado para ingressar na referida Corporação Musical. O Maestro é, também, um dos responsáveis pelas portas que me foram abertas, através da arte musical.

Em junho de 1984, aos vinte e um anos, iniciei nesta Banda de Música, minha trajetória como sax-tenorista, na condição de prestador de serviço, o que muito me incomodava. Além de não caracterizar vínculo empregatício, o pagamento, que deveria ser mensal, sempre era realizado com atraso, e, a incidência do Imposto Sobre Serviços (ISS), deixava menor o já minguado salário. Somado a isto, a situação exigia de mim e de outros músicos, inúmeros e infrutíferos deslocamentos, à Secretaria Municipal de Tributação, para receber o pagamento de cada mês. Para evitar as peregrinações, ficou combinado que apenas o músico Francisco Antônio de Oliveira (Veinho) *in memoriam*, que tinha conhecimento com os funcionários desta Secretaria, iria receber os processos de todos, e repassar os respectivos salários, na alfaiataria de Honório Damásio Figueiredo, *in memoriam*, pratinista³⁴ da Banda de Música, situada à Rua Francisco Isódio, Nº 35, Centro. Nesta ocasião, em reconhecimento, dávamos um “toquinho”³⁵ ao mesmo, o que, para mim, terminava por me fazer falta, para quitar as mensalidades da Faculdade.

Incomodado com a situação, me dirigi ao Gabinete do então Excelentíssimo Prefeito Municipal, o Dr. Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, *in memoriam*, que à época funcionava interinamente, na Rua Dr. Almino Afonso, s/n, Centro. Ao escutar o meu relato, e após um sorriso discreto, o Dr. Dix-Huit, falou: “Em breve, o amigo vai ter sua carteira assinada”! De fato, poucos meses depois, em 1 de abril de 1987, eu e todos os que comigo compartilhavam a mesma realidade, fomos nomeados, na condição de funcionários públicos municipais, estatutários. Sem me dar conta, começava aí minha atuação como músico e instigador de melhores condições para o devido reconhecimento da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP).

Neste Grupamento Musical, meu contato com o Choro, veio acontecer de forma mais intensa, pois havia a concepção de que músico bom, era aquele que sabia executar Choro.

³⁴ Assim chamado aquele que executa os pratos, em bandas de música (Nota do Pesquisador).

³⁵ Espécie de gratificação em dinheiro (Nota do Pesquisador).

Alguns entre eles, o Maestro Dermival Aires Pinheiro - saxofone alto e clarinete, Altino Maia de Oliveira - saxofone tenor e clarinete, José Francisco Ferreira (Zé Caborê) - saxofone alto, Jonas Gomes de Lima - trombone de pistos e Francisco Laurentino de Souza (Doutor) - trompete. Também, na Banda de Música, era considerado bom músico, principalmente entre os que executavam instrumentos de palheta, aquele que conseguisse executar os Choros “Espinha de Bacalhau”, de Severino Araújo, os Baiões “Crioula” e “A Chegada Da Cegonha”, de Ivanildo José da Silva, além das variações do Frevo “Vassourinhas”, de Matias da Rocha e Joana Batista.

Após alguns anos, pelo fato de estar sempre tentando me aprimorar, inclusive em Teoria Musical, fui indicado pelo Maestro Dermival Pinheiro, a assumir temporariamente, a regência da Banda, em função do seu afastamento, para gozo de licença prêmio, no período de agosto de 1992 a fevereiro de 1993.

A primeira providência como regente interino, foi organizar e catalogar o repertório da Banda, pois observava que as partituras eram guardadas nas gavetas de um *bureau*, na sua Sede, o que, às vezes, não facilitava a localização de determinadas músicas. Para isto, em várias viagens, na minha motocicleta, uma *Yamaha* 125, levei todo o arquivo da Banda para a minha residência, pois a Sede, durante o dia, era utilizada como garagem, para motos e bicicletas, dos funcionários da Secretaria Municipal de Finanças e não oferecia condições para o trabalho.

Ao chegar em casa, coloquei todo acervo no chão de um quarto, e organizei por título, partitura por partitura, uma vez que muitas delas, não estavam acondicionadas em pastas específicas. Após dois dias de trabalho, consegui organizar todo o repertório, separado por ritmos: Dobrados, Valsas, Hinos, Marchas Militares, Sambas, Músicas Natalinas, Músicas Nordestinas e etc. Com isto, encontrei algumas partituras, que pensávamos terem sido perdidas, o que possibilitou o retorno da execução de algumas composições e arranjos. Estava assim, pela primeira vez, catalogado o arquivo da Banda de Música Municipal Artur Paraguai, digitado por mim, em uma máquina de escrever, *Remington* 12, de propriedade do meu pai. Atualmente, na condição de músico, copista e arquivista, iniciei a organização deste acervo, na forma digital.

A experiência como regente me proporcionou muitos aprendizados, no que tange às rotinas de uma banda de música e aos relacionamentos interpessoais, o que me levou a exercer a função de contramestre e de saxofonista, até o ano de 1994. Em agosto do mesmo ano, recebi o convite da presidente da então Fundação Municipal de Cultura (FMC), a Sra.

Cristina Ferreira de Vasconcelos, para assumir a coordenação da Divisão de Música, oportunidade que me possibilitou novas experiências no universo das artes.

Os anos de convívio e bom relacionamento entre os irmãos de lira me renderam ser homenageado com dois Choros. O primeiro, intitulado “Chorinho Laçador”, de Altino Maia de Oliveira, foi composto por ocasião de uma prazerosa conversa, que tivemos uma noite, após o ensaio da Banda de Música, na antiga churrascaria O Laçador, situada à Av. Presidente Dutra, no Bairro Alto de São Manoel. Altino, dono de uma invejável veia poético-musical, me entregou a partitura manuscrita no dia seguinte. O segundo, de autoria de Francisco de Assis Soares (Liliu), recebeu o título de “Kinininho”, foi composto, após uma conversa descontraída que tivemos, a respeito da origem dos nossos apelidos.

Fotografia 2 – Banda de Música Municipal Artur Paraguai.³⁶



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

Na Banda de Música, algumas coisas consideradas como normais, para os músicos que a integravam, me incomodavam, a exemplo dos deslocamentos para as apresentações, na carroceria dos transportes da Prefeitura Municipal de Mossoró, na maioria das vezes. Eu

³⁶ Da esquerda para a direita, Fileira de trás: Almir da Costa Freire, Vanderley Cabral de Carvalho, Leonildes Marcolino de Oliveira (Leó) - *in memoriam*, Francisco Antonio de Oliveira (Veinho) - *in memoriam*, Miguel Pinheiro da Silva - *in memoriam*, Augusto César da Costa Leonês, Dermival Aires Pinheiro Filho (Valzinho), Jonas Gomes de Lima - *in memoriam* e, Carlos Henrique de Souza. Na fileira do centro: Aldeci Nóbrega da Silva - *in memoriam*, Francisco Iranildo Gomes de Paiva, Yury Pablo de Oliveira Morais, José Washington de Sales, Amâncio Lopes de Freitas, Robson Dauzacker Noberto da Costa, Marcos Batista de Souza, Fábio Nascimento de Oliveira, Antonio Ari de Souza Santos e, Raul Gadelha - *in memoriam*. Na fileira da frente: Antônio Gomes de Sales, Antônio Carlos Batista de Souza, Natanael Silva da Cunha, Rosemberg Dauzacker Noberto da Costa - *in memoriam*, Sandro da Costa, Gildasio Ramos, Carlos José de Morais, Francisco de Assis Soares (Liliu) - *in memoriam*, Altino Maia de Oliveira - *in memoriam*, José de Arimatéia Alves do Nascimento (Badé). À frente, o maestro Dermival Aires Pinheiro - *in memoriam*.

entendia, que além de ser deselegante chegarmos desta forma para a abertura de eventos dos mais diversos, a situação colocava em risco, os seus integrantes, principalmente os músicos idosos, que eram maioria.

A exemplo, certa vez, quando da inauguração Abatedouro Frigorífico e Industrial de Mossoró (AFIM), no dia 30 de setembro de 1984, a Banda de Música, se deslocou em um caminhão boiadeiro, do centro da cidade, até a Rua Projetada, no Bairro Presidente Costa e Silva, endereço do Abatedouro. No dia seguinte, solicitei audiência com a Secretária Municipal de Educação e fiz uma exposição de motivos, frente à desconfortável e temerária situação. Em tom descontraído, falei dos riscos e constrangimentos que toda a Corporação Musical passava e, durante todo o percurso, eu ficava a me perguntar se iríamos abrilhantar a abertura do evento, ou se iríamos ser abatidos. A Secretária, após um largo sorriso, me assegurou que iria tomar as providências para que isto não mais viesse acontecer. A partir de então, a Banda de Música passou a ser conduzida para suas apresentações, em duas *Kombis*, da Secretaria Municipal de Educação, e assim, cessaram tais riscos e constrangimentos.

Outro aspecto me levou a questionar frente aos meus superiores, foi a tradição de após tocar as alvoradas - que eram apresentações realizadas às 5:00 horas, no patamar da Catedral de Santa Luzia, no período de três a treze de dezembro, nos Festejos alusivo à santa Luzia, padroeira de Mossoró - a Banda de Música, voltar desfilando, da Igreja Matriz até a sua Sede, situada à Av. Alberto Maranhão, s/n, no Centro da cidade.

Em meados dos anos noventa, do século passado, Mossoró já não era mais uma cidade tranquila. Em um destes retornos, um motorista embriagado, avançou com o carro em direção à Banda e interrompeu o desfile. Novamente, fui à Secretária de Educação e, após relatar o acontecido, deixamos de realizar tais desfiles. Minha exposição, foi reforçada pelo fato de, no mesmo ano, um dos músicos, ao se deslocar de sua residência para a Sede da Banda, ter sido vítima de um assalto, ocasião em que o seu trombone foi tomado, e, ainda, sofrido agressão física, por parte dos meliantes. Lembro, que na posição de contramestre, levei o referido músico até a II Delegacia de Polícia, para que fosse lavrado o respectivo Boletim de Ocorrência.

Além da atuação na Banda de Música, tive passagem em alguns grupos musicais, na década de 1980, que tiveram efêmera duração, por exemplo: “Grupo Quarto Crescente”, formado por Cimar - teclado e voz, Wilson Sabiá - percussão, Flávio Robson - violão, viola de 10 cordas e voz, Jonas Xavier - guitarra e voz, Carlos Batista - flauta transversal, e, Cid - bateria. O “Água Doce”, foi outro grupo, integrado por Valter Trote - violão e voz, Flávio Robson - violão, viola de 10 cordas e voz, Carlos Batista - flauta transversal, Dudé e

Vaguinho – percussão. Com estes grupos, cheguei a fazer apresentações em Mossoró e algumas cidades circunvizinhas. Neles, além do repertório eclético, executávamos várias músicas autorais, nas quais, as temáticas nordestinas eram predominantes, quase sempre, composições de Walter Trote e de Flávio Robson.

Também, estive à frente das Fanfarras da Escola Municipal Antônio Fagundes e da Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges. Com relação a esta última, lembro que no ano de 1991, por volta das dezenove e trinta horas, fui convidado por uma de suas professoras, a quem recordo pelo apelido de Leninha, para compor um Hino em homenagem à Escola, com a finalidade de na tarde do dia seguinte, concorrer em uma gincana cultural, em que seria selecionado o Hino Oficial desta Instituição de Ensino. Após coletar algumas informações relativas ao Sr. Joaquim da Silveira Borges, fiz às pressas, a arrumação poético-musical, que sob a minha interpretação vocal, se sagrou vencedora no certame. O Hino, foi oficializado através da Portaria 01/91, como Hino da Escola Municipal de 1º grau “Joaquim da Silveira Borges”, em 11 de dezembro de 1991. Como regente, estive ainda, à frente da Banda de Música da Fundação Socio-Educativa Santa Clara (FUNSERN), durante breve período, no ano de 1988.

Tive outras atuações no cenário musical, como por exemplo, a participação como sax-tenorista, na Banda de Música da Assembleia de Deus, na qual o meu pai foi regente durante muitos anos e, cujos arranjos executados, eram todos de sua autoria. De longe, isto se dava por narcisismo, pois antes de ele assumir a batuta, estes, praticamente não existiam; os hinos, eram executados quase todos, em uníssono. Na minha memória, tenho guardados, momentos em que ele acordava nas madrugadas, e se punha a escrevê-los, em um pequeno *bureau* de madeira, que havia encomendado a Manoel Laurentino de Souza (Nelito). Estive presente, também, como membro de Comissão Julgadora, no Concurso “A Mais Bela Voz”, promovido pela Rádio Rural de Mossoró, nos anos de 1993, 1995 e 1996.

Com respeito à atuação como músico de conjuntos, nunca tive esse desejo. Talvez, influenciado por meu pai, que sempre nos alertava: “Em Mossoró, músico só tem algum valor enquanto está tocando!” Em outros momentos, dizia: “Música não dá camisa a ninguém!” Mesmo assim, a convite de amigos e embalado pelos deslumbramentos comuns à juventude, cheguei a tocar carnaval, nos anos de 1987, 1988 e 1990, por pura diversão. Apesar de não ser folião, brincante, o período de Momo é, para mim, muito significativo, creio, pelo encantamento que vivi no período da minha infância. Durante alguns anos, por não estar tocando nos carnavais, uma melancolia me tomava sobremaneira. Hoje em dia, isto não me acontece mais!

1.2 O Conservatório de Música e a Fundação Municipal de Cultura

Neste novo cenário, apesar de não mais atuar nas fileiras da Banda de Música Municipal Artur Paraguai, o contato com o Choro mantinha-se constante em minha vida, pelo fato de continuar a assumir, de forma espontânea, nesta Corporação Musical, a função de copista/arquivista³⁷, e ainda, por manter intercâmbio com bandas, de outras cidades. Nos intercâmbios, socializávamos partituras musicais e organizávamos encontros de bandas, entre outras atividades.

No ano de 1995, integrei a Comissão para a Reestruturação da Banda de Música Municipal Artur Paraguai, fruto da parceria entre Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM) e a Fundação Banco do Brasil (FBB), o que resultou na aquisição de novos instrumentos musicais, fardamento e um pequeno acervo de partituras.

Outra forma de contato com o Choro, se deu através do Concurso de Sanfoneiros de Mossoró e Região, Projeto de minha autoria, com a primeira edição, realizada no ano de 1999, pela Fundação Municipal de Cultura (FMC), através de sua Divisão de Música, como parte da programação do Mossoró Cidade Junina. Nestes concursos, participaram sanfoneiros de Mossoró e de outras cidades da Região Nordeste, que se apresentavam, com uma música à livre escolha. Quase todos, decidiam executar um Choro, por este gênero musical, possibilitar maior liberdade de virtuosismo, frente aos critérios de pontuação, exigidos nos editais dos concursos: ritmo, execução, improvisação e interpretação.

Em alguns casos, no ato da inscrição, alguns sanfoneiros recorriam a mim, pois apesar de saberem executar os Choros com os quais iriam concorrer, não sabiam de quem era autoria. Às vezes, chegavam na Divisão de Música, da Fundação Municipal de Cultura (FMC), com a própria sanfona, e tocavam, ou mesmo, solmizavam os Choros, para que eu os pudesse identificar e/ou guardar na memória e logo após, realizar as buscas. Em algumas dessas ocasiões, eu recorria ao meu pai que, na maioria das vezes, sabia informar o título, o nome de registro e o nome artístico dos respectivos autores. Vez por outra, informava também, o ano em que os Choros tinham sido compostos. O meu pai participou como membro das comissões julgadoras, em todas as edições do evento, que eu cheguei a coordenar. A título de ilustração, apresento no gráfico seguir, a presença do Choro, em algumas edições dos Concursos de Sanfoneiros de Mossoró:

³⁷ Função nas bandas de música, em que o encarregado assume as tarefas de copiar e fazer transcrições as partituras para todos os instrumentos, e, de cuidar do repertório da banda, nos seus aspectos organizacionais (Nota do Pesquisador).

Quadro 1 - Concursos de Sanfoneiros, 1999 a 2002.

ANO 1999 – I CONCURSO DE SANFONEIROS DE MOSSORÓ	
SANFONEIRO	MÚSICA (AUTOR)
José Ferino da Silva	Forró do Cabra Chico (Azeitona)
Valdécio Silva	Brasileirinho (Waldir Azevedo)
Hermenegildo Félix	Caixão de Gás (Zé Mininin)
ANO 2000 – II CONCURSO DE SANFONEIROS DE MOSSORÓ	
SANFONEIRO	MÚSICA (AUTOR)
Edmundo Maria do Nascimento (Nenen do Baião) – <i>in memoriam</i>	Café Torrado (Raimundo do Acordeom)
Oliveira Gomes	Chorinho Pro Egídio Serpa (Dominguinhos)
José Alves da Silva (Dedé Sanfoneiro)	Forró em Rolândia (Dominguinhos/Anastácia)
Valdécio Silva	Brasileirinho (Waldir Azevedo)
Francisco Ferreira Sobrinho	Saxofone, Porque Choras? (Ratinho)
Sandoval Silva – <i>in memoriam</i>	Evolução (Noca do Acordeom)
Hermenegildo Félix	Apanhei-te Cavaquinho (Ernesto Nazareth)
ANO 2001 – III CONCURSO DE SANFONEIROS DE MOSSORÓ	
SANFONEIRO	MÚSICA (AUTOR)
Edmundo Maria do Nascimento (Nenen do Baião) - <i>in memoriam</i>	Escadaria (Pedro Raimundo)
Hermenegildo Félix	Meu Chorinho (Netinho)
José Alves da Silva (Dedé Sanfoneiro)	Forró em Rolândia (Dominguinhos/Anastácia)
Lourival Antonio da Silva	Lágrimas de Namorado (Saraiva)
Manoel Belarmino de Souza	Brasileirinho (Waldir Azevedo)
José Ferino da Silva	Chorinho Pro Egídio Serpa (Dominguinhos)
Pedro Belarmino	Coração de Artista (Noca do Acordeom)
ANO 2002 – IV CONCURSO DE SANFONEIROS DE MOSSORÓ	
SANFONEIRO	MÚSICA (AUTOR)
Adalberto Barbosa de Silva	Coração Artista (Noca do Acordeom)
Hermenegildo Félix	Apanhei-te Cavaquinho (Ernesto Nazareth)
Pedro Belarmino	Coração Artista (Noca do Acordeom)
José Alves da Silva (Dedé Sanfoneiro)	Forró em Rolândia (Dominguinhos/Anastácia)
Oliveira Gomes da Silva	Bossa Nova em 8 Baixos (Zé Calixto)
Willian Silveira de Freitas	Ô Xente! (Dominguinhos)

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

A partir do ano de 2005, não estive mais à frente da coordenação deste Concurso, e suas edições, passaram a ser realizadas com o título de “Festival Canta Sanfona”.

Na Fundação Municipal de Cultura (FMC), coordenei outros projetos de minha autoria, como o “Projeto Retretas Didáticas”, que consistia em apresentações didáticas mensais com a Banda de Música Municipal Artur Paraguai, nos bairros de Mossoró, sempre quintas-feiras, das vinte às vinte e uma horas. Nelas, antes de cada música ser executada, eu repassava aos presentes, informações do universo musical, como ritmo, autores, organologia e curiosidades, entre outros. O Projeto, ganhou destaque na revista Informativo *Weril*, Nº 99, Ano 1995. Também, idealizei e coordenei outros projetos, como o “Encontros de Bandas,

Encontros de Corais” e o Projeto “Caravana Natalina”, no qual, grupos musicais executavam repertório natalino, no abrigo de idosos, hospitais e presídios da cidade.

Na condição de coordenador da Divisão de Música da FMC, me senti respaldado para provocar mudanças no cenário em que me encontrava. Uma delas, foi sugerir a formação de uma comissão para oficialização da criação da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP) - que existia, apenas de fato, desde 26 de agosto de 1936 - e, do seu Estatuto, ações consolidadas através dos Decretos Municipais Nº 1414/96 e Nº 1416/96. Outra importante conquista, foi a sanção da Lei Complementar Nº 066/2011, que dispõe sobre o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração (PCCR) dos Servidores Músicos da Banda de Música Municipal Artur Paraguai, também, fruto de minhas incitações.³⁸

De especial destaque, considero, o projeto de minha autoria, que deu origem à criação da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC). O ensino musical na Fundação Municipal de Cultura (FMC), teve início em 1996, a partir da minha proposta ao seu então Presidente, o Sr. Antonio Gonzaga Chimbinho, *in memoriam*, para ministrar aos sábados, Cursos de Violão Popular e Cavaquinho, abertos à comunidade, como forma de repor os dias em que precisaria faltar ao trabalho, devido meu ingresso no Bacharelado Geral em Música, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza-CE. Aceita a proposta, iniciamos a divulgação dos Cursos e, o número de inscritos, superou as expectativas.

As aulas, aconteciam na sala da Divisão de Música, cujo ensino, era coletivo, para turmas heterogêneas, de até quinze alunos. Falo heterogêneas, pois no início, não foi possível abrir inscrições para classes a serem formadas, por critério de idade e/ou escolaridade, o que exigia de mim, estratégias que fizessem os conteúdos ministrados, atingirem o entendimento de todos. Vale salientar, que eu não tinha violão e, portanto, utilizava os instrumentos dos alunos, para demonstrar os exercícios. Nas aulas de Iniciação ao Cavaquinho, eu utilizava o instrumento de minha propriedade particular.

No programa destes Cursos Livres, constavam instruções quanto a anatomia dos instrumentos, postura, afinação, acordes consonantes e dissonantes naturais, levadas rítmicas

³⁸ JOM - JORNAL OFICIAL DE MOSSORÓ 6 MOSSORÓ (RN), SEXTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 2011, LEI COMPLEMENTAR N.º 066 DE 29 DE DEZEMBRO DE 2011.

Dispõe sobre o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração dos Servidores Músicos da Banda de Música Municipal Artur Paraguai, e dá outras providências.

A PREFEITA MUNICIPAL DE MOSSORÓ,

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Mossoró aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPITULO I

Das Disposições Gerais

Art. 1º - A Banda de Música Municipal, criada em agosto de 1936 e oficializada no dia 5 de junho de 1996, por meio do Decreto Municipal nº. 1414/96 passa a funcionar com a denominação de Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP).

e músicas cifradas, de domínio popular. A partir destas aulas, foi gerada uma acentuada procura, também, por aulas de Teclado, o que justificou a contratação de um monitor, para atender as demandas. Da mesma forma, surgiram outras modalidades, como Canto Coral, Flauta Doce e Percussão, e assim, ficou evidenciada a necessidade de um projeto para a criação de uma escola de música e a realização de concurso público, para a efetivação dos seus instrutores. Na oportunidade, apresentei à FMC, a necessidade de concurso público, também, para a Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), pois dos quarenta e um integrantes, apenas nove pertenciam ao seu quadro de efetivos. Uma vez publicado em edital, foi realizado sob minha coordenação, um concurso público, em 4 de julho de 1999, com oferta de vagas para os músicos da BMMAP, e também, para instrutores e regentes da futura Escola de Música.

Com relação à denominação da Escola de Música, eu precisava de uma estratégia que atraísse a então Prefeita Municipal, a Dra. Rosalba Ciarlini Rosado, para abraçar a causa. Sugeri no Projeto, que a Escola fosse denominada Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), pois lembrei de ter visto no livro *A História da Arte Musical em Mossoró*³⁹, a autora informar que Pierluigi de La Palude Ciarlini, mais conhecido como Pedro Ciarlini, avô da Dra. Rosalba, tinha sido engenheiro na construção da Estrada de Ferro Mossoró-RN/Sousa-PB, e, que tocava violoncelo, nas suas horas de lazer. A estratégia deu certo e, a Escola, foi criada através do Decreto Municipal Nº 2213/03, cuja inauguração aconteceu no dia 23 de maio de 2003, em uma tarde memorável, momento em que todas as salas da Fundação Municipal de Cultura (FMC), foram tomadas por apresentações musicais simultâneas. Nesta Escola, atuei como diretor, no período de março de 2006 a abril de 2009, como coordenador da Banda de Música Municipal Artur Paraguai e integrante do Coral Carcará, como cavaquinhista.

Com a mudança na estrutura organizacional dos órgãos suplementares da Prefeitura Municipal de Mossoró, a Fundação Municipal de Cultura passou à categoria de Gerência Executiva da Cultura. Sua então gerente, a Sra. Clézia da Rocha Barreto, me convidou para assumir a Secretaria Executiva do Conselho Municipal de Cultura, cargo que ocupei no período de 2010 a 2013. Atualmente, a Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), funciona como um setor da Escola de Artes de Mossoró, situada à Av. Alberto Maranhão, s/n, Centro, onde funcionava a Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges (EMJSB).

³⁹ FREIRE, D'Alva Stella Nogueira. *A História da Arte Musical em Mossoró*. Coleção Mossoroense, 1956.

Saliento que devido a aproximação física entre a FMC e a EMJSB, passei a observar que a cada ano, diminuía o número de matrículas, devido a construção de novas escolas municipais, nos bairros periféricos de Mossoró. Como a FMC já não comportava o fluxo de alunos e dos grupos musicais criados na Escola de Música, sugeri ao Prof. Gonzaga Chimbinho, *in memoriam*, que solicitasse à Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer (SMECDL), salas, para as atividades da Escola. A estratégia, era, com a ocupação do prédio, provocar a criação da Escola Municipal de Artes, em um local de fácil ponto de convergência, à população. Assim, algumas aulas e ensaios de grupos musicais, passaram a ser realizadas na Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges (EMJSB), o que garantiu a conquista daquele espaço e, conseqüentemente, a criação da Escola de Artes de Mossoró (EAM).

Quadro 2 - Outras atuações na Prefeitura Municipal de Mossoró.

ATUAÇÃO	ANO	DOCUMENTO
Maestro interino da Banda de Música Municipal Artur Paraguai.	1992	Portaria Nº 003/92 – SMEC/GS
Presidente da Comissão para elaboração do Concurso para Músicos, da Prefeitura Municipal de Mossoró.	1999	Portaria Nº 013/99-GP/PMM
Ministrante dos Cursos Livres: Iniciação ao Violão Popular, e Iniciação ao Cavaquinho.	1999	Declaração FMC/PMM
Coordenação do I Seminário de Música de Mossoró.	2001	Folder do Evento
Coordenador do I Concurso de Bandas de Pifaros e Cabaçais, na programação do Mossoró cidade Junina 2004.	2004	Regulamento do Concurso
Ministrante dos Cursos Livres: Teoria e Percepção Musical, e Prática Instrumental para Banda.	1999	Declaração FMC/PMM
Melodia do Hino da Liberdade, com letra de Luiza Anaeide Couto de Medeiros, composto por ocasião do Auto da Liberdade 2005.	2005	Partitura manuscrita pelo Pesquisador
Membro da Comissão para Julgamento e Seleção dos projetos submetidos ao Prêmio Fomento à Produção de Bens e Serviços Culturais.	2006 e 2007	Declaração –GEC/PMM
Diretor da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini	2006	Portaria 02/2006 - FMC
Composição do Samba-Enredo “Exaltação à Constelação das Estrelas Negras”, campeão do Carnaval 2007, em Mossoró-RN.	2007	Declaração FMC/PMM
Composição “Estação São João”, adotada na 11ª Edição do Mossoró Cidade Junina.	2007	Declaração FMC/PMM
Composição do Samba-Enredo “E Pra Sempre, O Espetáculo”, campeão do Carnaval 2008, em Mossoró-RN.	2008	Declaração FMC/PMM
Composição do Samba Enredo “Auto da Liberdade 2008”, adotado pela Fundação Municipal de Cultura-FMC/PMM.	2008	Declaração FMC/PMM
Presidente da Comissão de Análise Técnica (CAT) dos Projetos submetidos ao Programa Municipal de Financiamento à Cultura, Lei Vingt-Un Rosado.	2009	Portaria Nº 01/2009-CMC/PMM
Diretor da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini.	2009	Portaria Nº 1.080/ 2009 – GP/PMM
Membro da Comissão Municipal do Pró-Selo UNICEF	2009 -	Decreto Nº 3.691-

Município Aprovado.	2012	GEC/PMM
Membro da Comissão de Discussão e Elaboração do Plano de Cargos, Carreiras e Salários da Banda de Música Municipal Artur Paraguai.	2010	Portaria N° 098/2010 – GEC/PMM
Membro da Comissão Organizadora da 2ª Conferência Municipal de Políticas de Juventude de Mossoró/RN.	2010	Ofício Circular nº 01/2010 – GEC/PMM
Secretário Executivo do Conselho Municipal de Cultura/FMC/PMM.	2010 - 2013	Portaria N° 137/2010
Comissão para apresentação de Proposta de Atualização do Regimento Interno do Conselho Municipal de Cultura.	2011	Portaria 003/2011- GEC/PMM
Representante da UERN no Conselho Municipal de Cultura.	2011	Portaria n.º 151/2011
Membro de Comissão de Avaliação de Projeto do Plano de Cargos, Carreiras e Salários de Servidores Públicos, Integrantes da Banda de Música Municipal Artur Paraguai.	2011	Portaria N° 1653/2011- SEMAD/PMM
Conselheiro Titular do Conselho Municipal de Cultura, em Mossoró-RN.	2011	Portaria N° 151/2011 – GEC/PMM
Membro de Comissão para Revisão do Texto do Regimento do Programa Municipal de Financiamento à Cultura.	2012	Portaria N° 001/2012- CMC/GEC/PMM
Membro da Comissão de Análise Técnica dos Projetos submetidos ao Programa Municipal de Financiamento à Cultura Lei Vingt-un Rosado.	2010	PORTARIA N° 03/2012– CMC
Copista/Arquivista da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai.	2018	Declaração BSMAP/FMC/PMM

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

Além de participar nas atividades musicais no âmbito da Fundação Municipal de Cultura, eu atuava também, como professor de Educação Física, na Escola Estadual Manoel Joaquim, na cidade de Governador Dix-Sept Rosado-RN, distante a 28 km de Mossoró, o que me obrigava a viajar às cinco horas de manhã, três vezes por semana, a esse destino. Após cinco anos de desapontamento com a realidade enfrentada como professor de Educação Física e movido pela paixão à música, aceitei, no ano de 1991, o convite do Prof. João Lima Rocha Neto, para ficar à disposição, no Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, onde lecionei as disciplinas de Teoria Musical e de Solfejo, e, participei de grupos musicais diversos, durante o período de 1987 a 2004.

Em relação à cidade de Governador Dix-Sept Rosado, faço o registro do convite recebido no ano de 2004, pelo então vereador, o Sr. José Emídio de Oliveira, para compor o Hino Oficial daquele município. Aceito o convite, solicitei a formação de uma comissão constituída por historiadores, um(a) professor(a) de Português e outras pessoas, conhecedoras da história local, que ficou assim formada: José Emídio de Oliveira (Vereador) – Presidente; Reginaldo Claudino da Silva (Funcionário Público) – Secretário; José Hugo de Oliveira (Advogado e Assessor Jurídico do Município), Raimundo Coelho de Freitas (Ex-Vereador e Funcionário Público Aposentado), Antônio Carlos Batista de Souza (Professor), Vicente

Carlos de Menezes Neto (Professor), Maria Dilma de Moraes (Professora), Maria Creuma da Silva (Professora) e Joel Carlos de Oliveira (Agricultor) – membros.

Após algumas reuniões e, com as informações necessárias em mãos, fizemos a arrumação poética, à qual tive a oportunidade de musicar. No poema, conseguimos resgatar o vocábulo “incesa”, outrora muito usado no lugar, para designar algo “novo, virgem, não usado”.⁴⁰ Segundo alguns dos membros desta Comissão, o vocábulo, também era utilizado por moradores antigos da cidade, como sendo a corruptela de “acesa.” O Hino, traz em seu enredo, alusão às riquezas naturais como o calcário, as várzeas férteis, o petróleo e à lenda do Poço Feio, na qual, conta-se que nas noites de lua cheia, aparece uma moça encantada, ao lado de uma pedra, que tem o formato de sarcófago. Assim, o Hino Oficial de Governador Dix-Sept Rosado, foi criado pela Lei Municipal Nº 328/2004, e oficializado pelo Decreto Executivo Municipal Nº 047/2004, de 23 de dezembro de 2004, com Letra de Antônio Carlos Batista de Souza, José Hugo da Costa, Maria Dilma de Moraes e Reginaldo Claudino da Silva, e Música, de Antônio Carlos Batista de Souza.

O Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, funcionou interinamente em vários endereços, entre eles, na Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho, onde presenciei o instrutor musical Sebastião Araújo Alves das Graças, iniciar um trabalho de iniciação musical, através do Chorinho. Ao todo, eram seis alunos ao violão, Osman Josenildo Carlos Pereira, ao pandeiro, e o Prof. Sebastião Araújo, na flauta transversal, a estudarem o Chorinho de nome “Naquele Tempo”, de Pixinguinha e Benedito Lacerda, através de partitura cifrada, do Álbum “84 Chorinhos Famosos”. Interessado em participar das aulas, perguntei se ele poderia me emprestar o Álbum, para fazer cópia xerox, o qual, me atendeu, de pronto. Foi primeira vez que tive contato com um álbum de Choro. Muito provavelmente, foi Sebastião Araújo, quem primeiro trouxe uma literatura nessa forma, para Mossoró. Partituras de Choro, até então, só conseguíamos através de cópias manuscritas, que aqui e acolá, nos chegavam às mãos e, raramente, em alguns álbuns da Editora Irmãos Vitale.

A participação nestas aulas, me trouxe motivação para fazer parte daquela roda de Choro, que se iniciava. Neste intuito, comprei um cavaquinho *Giannini*, série Tonante, e rapidamente, aprendi a executar os acordes consonantes e os dissonantes naturais, uma vez que suas quatro cordas, na afinação natural, correspondem à afinação das quatro primeiras cordas do violão (Mi, Si, Sol e Re), instrumento que eu tinha um certo conhecimento. Assim,

⁴⁰ Texto no anverso da capa do CD do Hino Oficial de Governador Dix-Sept Rosado, 2004 (Nota do Pesquisador).

não foi difícil utilizar o cavaquinho, na função rítmico-harmônica, ou seja, fazer o cavaquinho centro, como era denominado pelos músicos mais antigos. Logo após o meu ingresso neste protótipo de roda de Choro, também o fizeram, João Lima Rocha Neto (Lima Neto) - violão de 6 cordas, o Maestro Batista - sax tenor e clarinete, e Ricardo Lima Dias - violão de 7 cordas. Estava assim, formada uma roda de Choro, que em pouco tempo, recebeu a denominação de Grupo Ingênuo de Chorinho, em alusão ao Choro “Ingênuo”, de Alfredo Viana de Rocha Filho (Pixinguinha), considerado no meio musical, como o maior chorão de todos os tempos.

No Grupo Ingênuo de Chorinho, eu passava por constantes problemas com o meu cavaquinho, que não era de boa qualidade. Vez por outra, durante as apresentações, a primeira corda (Mi) arrebentava, o que me causava constrangimentos e provocava risos discretos entre os ouvintes e entre os integrantes do Grupo. Tais episódios renderam ao meu cavaquinho, o apelido de “torante”, em alusão a Tonante, sua série de fabricação. Sensibilizado da situação, o Prof. Lima Neto, atenciosamente, encomendou do Rio de Janeiro, um cavaquinho profissional, da marca Do Souto, e me repassou, através um sistema de vendas a longo prazo. Até os dias de hoje, me apresento com este cavaquinho, e lhe sou muito grato, por contribuir para que estes momentos hilários, durante as apresentações do Grupo, não viessem mais a acontecer.

Fotografia 3 – Primeira formação da roda de Choro, em 1999, que posteriormente, foi denominado de Grupo de Chorinho.⁴¹



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1991.

Assim, o Grupo Ingênuo de Chorinho foi criado e passou a receber convites, para realizar a abertura de eventos, da UERN, a exemplo das refeições de grau no Campus Central

⁴¹ Da esquerda para a direita: Antônio Carlos Batista de Souza - cavaquinho, Giann Mendes Ribeiro, Samara Maria Morais do Couto, João Lima Rocha Neto e Jorge Luís de Castro Soares - violões de 6 cordas, Ricardo Lima Dias - violão de 7 cordas e Sebastião Araújo Alves das Graças - flauta transversal.

e nos *Campi* Avançados de Açu, Patu e Pau dos Ferros. O repertório, era alimentado por alguns Choros, do Álbum “84 Chorinhos Famosos”, e por outros, executados pelo Maestro Batista. Sob sua coordenação musical, o Grupo se consolidou e chegou a passar por diversas formações.

Com o transcorrer do tempo, o então aluno do CMDSNF, José de Oliveira Miranda Junnior (Junnior Miranda), bom cavaquinhista, ingressou no Grupo de Chorinho, e eu, passei a estudar em um bandolim *Giannini*, Série Tonante, recebido de presente, da colega de trabalho e também instrutora musical do Conservatório, Hulda Nunes da Paz Bezerra. Desde então, juntamente com o meu pai e Sebastião Araújo, passei a fazer apresentações como solista. A partir daí, surgiu a necessidade de adquirir acervo específico para bandolim, no sentido de me esmerar à altura das exigências do Grupo. Para isto, intensifiquei minhas buscas nos sebos da cidade, com objetivo de encontrar alguma literatura e discos em vinil, que tivessem músicas, com solos de bandolim.

Em 23 de abril de 2004, aconteceu na Praça Vigário Antonio Joaquim, no Centro de Mossoró, a primeira apresentação do Projeto de Extensão Cultural “Chorando na Praça”, de autoria do Prof. João Lima Rocha Neto (Lima Neto), em comemoração ao dia Nacional do Choro⁴². As apresentações do Projeto, aconteciam mensalmente, neste mesmo local, às dezessete horas, no intuito de contemplar transeuntes, após final de expediente de trabalho, no comércio local.

Continuando a rotatividade entre os integrantes do Grupo Ingênuo de Chorinho, José Antonio da Costa (Zé Lucas), exímio violonista, cavaquinhista e bandolinista, passou, a convite do Prof. Lima Neto, a fazer parte das nossas atividades de Choro. Como ele conhecia muitos Chorinhos e, também era ótimo improvisador, voltei a tocar cavaquinho, uma vez que Junnior Miranda, havia se ausentado. No Grupo, participei também, como saxofonista e como flautista. Vários dos Choros que executávamos, tinham arranjos e adaptações feitas por meu pai, o Maestro Batista.

No quadro abaixo, apresento o repertório executado pelo Grupo Ingênuo de Chorinho, com os respectivos autores e os instrumentos musicais, que eu utilizava.⁴³ Vale salientar, que para atender a tal demanda, meus estudos como instrumentista, tornaram-se diários, para atender aos momentos em que a rotatividade de seus integrantes ocorria, em virtude da alternância entre os músicos solistas.

⁴² O Dia Nacional do Choro foi instituído através da Lei Nº 10.000, de 04 de setembro de 2000, comemorado anualmente em 23 de abril, data natalícia de Alfredo Viana da Rocha Junior – Pixinguinha (23/4/1897).

⁴³ Para o cavaquinho a legenda (a) significa acompanhamento (Nota do Pesquisador).

Quadro 3 – Repertório do Grupo Ingênuo de Chorinho.

Nº	TÍTULO	AUTOR	PARTICIPAÇÃO
01	Amoroso	Anibal Augusto Sardinha (Garôto)/Luiz Bittencourt	bandolim/cavaquinho (a)
02	André De Sapato Novo	André Vitor Corrêa	bandolim
03	A Natureza	Luiz dos Santos/J. Luna	cavaquinho (a)
04	Bicho Carpinteiro	André Really	bandolim
05	Brasileirinho	Waldir Azevedo	bandolim
06	Brejeiro	Ernesto Nazareth	flauta transversal
07	Carinhoso	Pixinguinha/João de Barro	bandolim/cavaquinho (a)
08	Carioquinha	Waldir Azevedo	cavaquinho
09	Chorando Baixinho	Abel Ferreira	cavaquinho (a)
10	Cochichando	Paulinho da Viola	cavaquinho
11	Rapaziada Do Brás	Alberto Marino	flauta transversal
12	Diplomata	Pixinguinha	flauta transversal
13	Doce De Côco	Jacob do Bandolim	bandolim
14	Royal Cinema	Tonheca Dantas	sax tenor
15	Delicado	Waldir Azevedo	cavaquinho
16	Espinha De bacalhau	Severino Araújo	cavaquinho (a)
17	Eu Quero É sossego	K-Chimbinho	cavaquinho (a)
18	Flor Amorosa	Antônio Callado/Catulo da Paixão Cearense	bandolim
19	Flor De Abacate	Jacob do Bandolim	bandolim
20	Homenagem À Velha Guarda	Sivuca	cavaquinho (a)
21	Ingênuo	Benedito Lacerda/Pixinguinha	bandolim
22	Lamentos	Pixinguinha/Vinicius de Moraes	bandolim
23	Minhas Mãos, Meu Cavaquinho	Waldir Azevedo	cavaquinho
24	Naquele Tempo	Pixinguinha/Benedito Lacerda	Bandolim/cavaquinho (a)
25	Noites Cariocas	Jacob do Bandolim	bandolim
26	Odeon	Ernesto Nazareth	bandolim
27	Pedacinho do Céu	Waldir Azevedo	cavaquinho
28	Proezas De Solon	Pixinguinha/Benedito Lacerda	Cavaquinho (a)
29	Peguei A Reta	Porfirio Alves da Costa	cavaquinho (a)
30	Rosa	Pixinguinha	bandolim
31	Serra Da Boa Esperança	Lamartine Babo	cavaquinho (a)
32	Saxofone, Porquê Choras?	Severino Rangel de Carvalho (Ratinho)	cavaquinho (a)
33	Sonoroso	K-Ximbinho	cavaquinho (a)
34	Só Pega No Dedo	Ivanildo José da Silva	cavaquinho (a)
35	Tico-Tico No Fubá	Zequinha de Abreu/Eurico Barreiros	bandolim
36	Vou Vivendo	Pixinguinha/Benedito Lacerda	cavaquinho (a)

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Ainda, no Conservatório de Música, cheguei a participar também de vários grupos musicais. No Grupo Oficina de Música, liderado pela professora, pianista e Maestrina, Nara Vasconcellos de Oliveira, executei o pífaro, a flauta doce soprano e atuei na sua formação vocal, como tenor. Estive à frente do Sexteto Vocal Nosso Canto, na condição de ensaiador dos naipes e como tenor (voz). Outro grupo musical em que o Chorinho se fez presente, foi o Quarteto de Saxofones da UERN, idealizado e coordenado pelo Maestro Batista, o primeiro grupo com esta formação musical, na cidade de Mossoró, no qual, tive participação como sax tenorista. Para o Maestro Batista, era um trabalho de cunho voluntário, daqueles feitos por prazer e, todos os arranjos, eram de sua autoria. Era comum, acordar e vê-lo, nas madrugadas, debruçado sobre as partituras, em um pequeno *bureau*. Ele dizia que nestes momentos, a cabeça estava mais fresca, para elaborar os arranjos. O repertório do Quarteto era eclético e, nele, constavam ritmos eruditos e populares, como o *Fox*, o *Fox-Trote*, o Baião, a Valsa, o Choro, Hinos, Músicas Eruditas e Músicas Natalinas, entre outros. Comumente, atendíamos a solicitações da UERN, para abrilhantar a abertura de eventos acadêmicos.

No Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), as matrículas eram realizadas anualmente e abertas ao público em geral, de forma a atender a alunos de Mossoró e cidades circunvizinhas. Com a crescente demanda, a oferta de vagas ficou insuficiente, e para assegurarem as matrículas, os interessados, passaram a pernoitar, na Praça Miguel Faustino, Centro, em frente ao edifício Epílogo de Campos, onde funcionava a Instituição de Ensino Musical. Contudo, uma vez efetuadas as matrículas, alguns alunos, por não se identificarem com a arte musical, terminavam por desistir dos respectivos Cursos. Tal aspecto, me induziu a sugerir em reunião administrativa, que o contexto exigia a realização de um teste de aptidão, para selecionar os alunos que presumivelmente, mais se identificassem com a área musical. Pensei, que a seleção amenizaria o índice de desistências, e, principalmente, evitaria tal pernoite na Praça, pois os assaltos na cidade, há alguns anos, já aconteciam. Acatada a sugestão, no ano de 1996, coordenei o primeiro Teste de Aptidão em Música, que passou a ser estabelecido, por reconhecidamente, contribuir para a otimizar as ações do Conservatório de Música. Outra sugestão acatada, foi a transformação do solfejo em disciplina, uma vez que o tempo destinado às aulas de Teoria e Percepção Musical, não era suficiente, para a prática da leitura de partitura e para os exercícios de percepção musical. Assim, foram criadas as disciplinas de Solfejo I, I II e IV, como componente da grade curricular, do Conservatório.

1.3 A trajetória acadêmica de braços com a música: da formação inicial ao contato com a (Auto) Biografia

Minha trajetória acadêmica teve início no ano 1982, com o ingresso no Curso de Educação Física, da Escola Superior de Educação Física (ESEF), cujas aulas teóricas aconteciam na Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FURN), hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e, as atividades práticas, na então Escola Superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), hoje, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Como profissional da Educação Física e, embalado pelo ideal *mens sana in corpore sano*, consegui aprovação em concurso público, para professor da Rede Estadual de Ensino, em junho de 1987. No mesmo momento, também fui aprovado em concurso público, para auxiliar de produção, na empresa Petróleo Brasileiro (PETROBRAS). À época, os salários eram compatíveis, e como “petroleiro”, seria possível seguir uma carreira economicamente mais promissora, devido à constante realização de cursos internos. Mesmo assim, optei por seguir a carreira de professor de Educação Física, movido pela identificação que tinha, para com a área profissional.

Durante o período compreendido entre 1982 a 1985, no qual transcorreu minha primeira graduação acadêmica, minhas atividades musicais eram maiormente, voltadas para a Banda de Música Municipal Artur Paraguai. Entretanto, como eu sabia tocar violão, era comum ser requisitado para animar as comemorações ocorridas na turma de Educação Física, de forma a executar um repertório eclético e satisfazer o gosto de quase todos. Nestes momentos, enquanto os colegas conversavam, namoravam e tomavam umas e outras, eu, simplesmente, tocava e cantava. Muito comuns, eram os pedidos para que eu executasse músicas de diversos autores, o que me deixava na obrigação de aumentar o repertório, para atendê-los. Algo me incomodava neste contexto: após atender a inúmeros pedidos, não faltava alguém, para dizer: “Toque música tal!”, e, quando eu o fazia, às vezes, a pessoa saía de perto e continuava a se divertir. Quando eu não sabia tocar algumas das músicas solicitadas, não faltava quem exclamasse: “Como é que pode, esse homem não saber tocar essa música?” Com isto, eu chegava a supor que alguns pedidos, eram feitos somente sob o intuito de me testar e/ou, de alguém, se exhibir perante os outros, ao solicitarem músicas de compositores pouco ouvidos nos meios de comunicação. Por vezes, eu dizia: “Eu não conheço a letra da música; se você cantar, eu lhe acompanho!” Mesmo assim, algumas críticas não deixavam de ser tecidas. Em outros momentos, por onde eu andava, se tivesse um violão por perto, a coisa se

repetia. Incomodado com esta rotina, resolvi não mais tocar violão em público e, assim, deixei de executar o instrumento.

No ano de 1995, juntamente com quatro colegas do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, obtive aprovação no teste de aptidão e conhecimento, para reingresso no Curso de Bacharelado Geral em Música, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza-CE. Para mim, foi um deslumbre, pois ser aluno de uma graduação em Música, era no momento, algo quase impossível.

Uma vez iniciado o Curso, frequentar as aulas não foi fácil. Minha rotina passou a ser de idas e vindas, entre o encantamento e a realidade. Na maioria dos dias, após uma jornada de trabalho nos três turnos, eu viajava no ônibus, da Viação Nordeste, às uma e trinta da madrugada e chegava em Fortaleza, às cinco e trinta da manhã. Depois, pegava mais dois transportes coletivos, para chegar na UECE. Como não conseguia dormir durante a viagem, aproveitava para estudar, sob a luz de um pequeno *spot*, situado acima das poltronas dos ônibus.

Ao chegar na Universidade, assistia as aulas, com início às sete horas e, que em alguns dias, terminavam às doze horas e trinta minutos, conforme o horário de algumas disciplinas. Após as aulas, almoçava no Restaurante Universitário (RU), da UECE, pegava dois coletivos e, ao chegar ao apartamento, situado à Av. João Pessoa, no Bairro Damas, dormia das quatorze às dezessete horas. Ao acordar, me preparava para assistir aula, das dezenove às vinte e duas horas, e às vinte e três horas e quinze minutos, em um ônibus da Viação Nordeste ou da Viação Guanabara, iniciava o retorno a Mossoró, cuja chegada se dava por volta das três horas e trinta minutos. Ao romper do sol, me preparava para mais um dia de trabalho, em Mossoró. Apesar de tal esforço, nunca perdi a motivação, pois para mim, tudo era por demais fascinante.

Na UECE, tive contato com os primeiros professores universitários, de Música, alguns deles doutores, sobre os quais lançava um olhar de admiração, respeito e expectativa. Durante a primeira aula de Teoria Musical e Treinamento Auditivo, o alarme de um carro foi acionado, de tal forma que ficou a interferir as atividades da classe. O Prof. Marcos Maia, que estava trabalhando a percepção musical, aproveitou o ensejo, para perguntar à turma, qual era a nota musical referente ao alarme. Habitado a fazer esta indagação aos meus alunos no Conservatório de Música, em Mossoró, de pronto, respondi: “É um Re 4!”. Ele parou, olhou para mim, e foi ao piano para conferiu a resposta. Comprovando estar certa, se voltou e me perguntou a respeito das minhas vivências musicais. A partir desse momento, ele passou a me observar com um olhar diferenciado.

Em suas aulas, eu mostrava um bom conhecimento frente aos conteúdos teóricos, solfejos e ditados, quer rítmicos ou melódicos. Como sempre devido a minha facilidade nos exercícios, às vezes ele dizia: “Olha turma, quero que vocês me respondam esta atividade, mas o Batista, fica calado!” Ao se tornar comum a situação, o Prof. Marcos Maia, me deu abertura para caso quisesse, comparecer na sua disciplina, apenas nos momentos das avaliações, uma vez que as viagens eram por demais cansativas, e eu, demonstrava um bom domínio sobre conteúdos ministrados. Esta prática, se deu também, com outros professores.

Certa vez, em uma aula de Organologia, o Prof. Potiguar Fernandes Fonteneles (Poty), ao pedir para que a turma entoasse determinada nota musical, uma das colegas o fez de maneira desafinada, e ele, aproveitou para lançar o seguinte desafio: “Ela não cantou a nota que pedi: cantou outra; dou um doce para quem acertar qual foi a nota!”. De imediato, respondi: “Foi um Mi bemol 3!”. Ele olhou para mim, foi ao piano e ao conferir, exclamou: “Esse cabra é maestro mesmo!”. Aproveito, para informar que até o dia de hoje, o professor Poty, está me devendo tal doce!

Em outra oportunidade, em uma aula de Regência, o professor, que era muito exigente, executava ao piano, uma peça musical, e nós, alunos, o acompanhávamos, fazendo a leitura silenciosa, cada um com sua partitura à mão. Em dado momento, ele tocou uma nota Si, quando deveria ter tocado Si bemol. Automaticamente, eu o alertei, e toda a turma ficou me olhando, com ar de espanto. Terminada a aula, alguns dos colegas se achegaram e me cumprimentaram, dizendo: “Valeu Carlos, foi massa!” Um entre eles, exclamou: “Homem, você é doido?”. Passados alguns dias, aquele professor, que não tinha o hábito de falar com alunos nos corredores, chegou a mim e perguntou: “Qual a sua formação?” Ao respondê-lo a respeito das minhas atividades musicais em Mossoró, passei a receber dele, outro tratamento e, a partir daí, “quebrou o gelo!” Na verdade, o comportamento do professor estava calcado na atuação profissional, que adota a postura de regente apolíneo, aquele que exerce um certo distanciamento de seus comandados, com fins de preservar a sua liderança ante o grupo que ele conduz.

Exponho desprovido de qualquer vaidade, que nas disciplinas de Teoria Musical e Treinamento Auditivo I, II, III e IV, e nas Didáticas do Som e do Ritmo I e II, obtive nota máxima em todos os trabalhos e avaliações, apesar de ter sido algumas vezes, dispensado de comparecer a algumas aulas.

Ao término do Curso de Música na UECE, no ano de 2000, o Choro se fez presente no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), através da Monografia intitulada Método de Acordes Cifrados para Bandolim Rítmico-Harmônico, cuja proposta, era experimentar este

instrumento, solista por excelência, no acompanhamento de melodias, e, nas rodas de Choro. Reconheço que não foi uma proposta inovadora, pois alguns métodos que expunham acordes ao bandolim, já existiam, entre os quais, consegui adquirir: 1- Pagé – método prático para violão tenor, bandolim e banjo, de Montemór Júnior, Irmãos *Vitale* Editora, (1938); 2- Bandeirantes – método prático para violão-tenor, bandolim e banjo, de Anibal Augusto Sardinha, Irmãos *Vitale* Editora, (1943); 3- Novo Método Prático Para Bandolim “Ferreira” – curso completo ao seu alcance sem mestre, de Manoel Ferreira⁴⁴; 4- Dicionário de Acordes – para cavaquinho, bandolim, banjo e violão tenor, de Luiz Soares de Freitas, Edimarte Editora Ltda., (s/d) e, 5- Método do Bandolim Brasileiro, de Afonso Machado, Lumiar Editora (2004). Este último, era a literatura mais recente e indicada no momento, para o estudo do bandolim, segundo comentários entre alguns bandolinistas, com quem eu mantinha alguma forma de contato.

Ao estudar estes Métodos, percebi que existiam lacunas, quanto às possibilidades de formação de acordes e informações diversas, em uma mesma publicação. Assim, elaborei a proposta da Monografia, em que, a Segunda Parte, que versa a respeito do emprego dos acordes apresentados em tablatura⁴⁵, constam dois modelos de sequências harmônicas, para todas as tonalidades maiores e para todas tonalidades menores, como me foram repassadas por meu pai, quando do meu aprendizado de violão. Considero assim, ter dado minha contribuição quanto ao caráter de novidade, uma vez que os encadeamentos harmônicos apresentados nos Métodos colhidos, não contemplaram todos os graus das escalas, com suas dominantes e dominantes secundárias.

A respeito da funcionalidade dessas sequências harmônicas, alguns professores da Universidade Estadual do Ceará (UECE), me perguntaram onde eu as tinha conseguido, pois lhes chamavam a atenção, as mesmas contemplarem todos os graus/funções das escalas diatônicas, com suas respectivas dominantes, em um passeio realizado através ciclo das quintas.

Para verificar a viabilidade da proposta, fiz as experimentações com o Grupo Ingênuo de Chorinho, nas quais acompanhei alguns Choros, com o bandolim rítmico-harmônico - tal como se faz com o cavaquinho - diante de músicos profissionais e de pessoas leigas, e em

⁴⁴ Não apresenta editora e nem data de publicação (Nota do Pesquisador).

⁴⁵ (1) Sistema de notação que utiliza letras, algarismos ou outros sinais, em vez da notação em pauta musical. O princípio básico da tablatura reside na indicação, por meio de letras ou cifras dispostas em diagramas, de como o executante deve proceder para introduzir determinada nota, ou acorde, em seu instrumento (Dicionário Grove de Música, p. 924).

seguida, fiz uma breve entrevista quanto à aceitação, com as quais obtive as seguintes respostas:

Tabela 1 – Resultado percentuais da aprovação/rejeição do Método de Acordes Cifrados para Bandolim Rítmico-Harmônico.

Músicos entrevistados 30		Leigos entrevistados = 30	
Aprovação 25 (83,33%)	Rejeição 05 (16,66%)	Aprovação 24 (80%)	Rejeição 06 (20%)
Percentual Geral			
Aprovação 49 (81,66%)		Rejeição 11 (18,33%)	

Fonte: Memorial Descritivo “Método de Acordes Cifrados para Bandolim Rítmico-Harmônico”, UECE, 2000.

Um aspecto que de certa forma tornou-se frustrante para mim, deu-se pelo fato de eu não ter concluído com louvor, a graduação em Música. Modestamente, entendo que seria possível, não fosse a rotina de trabalho, em Mossoró e a falta de tempo para me dedicar aos estudos. Devido ao cansaço provocado por um cotidiano extenuante, cheguei a adormecer algumas vezes em sala de aula, e adquirir problemas de saúde, causados pelo excesso de estímulo visual e a falta de repouso, o que levou um médico neurologista, a me recomendar o trancamento do Curso. Durante algum tempo, passei a utilizar psicotrópico, tarja preta, para normalizar o período de sono. Acreditando que ao atender à recomendação eu não teria forças para retomar à graduação, dei prosseguimento aos estudos, pois não faltava muito para sua conclusão, que aconteceu no ano de 1999.

O meu ingresso como docente do ensino superior, se deu com a realização do Concurso Público para Docentes e Técnicos Especializados, do Curso de Música da UERN, em junho de 2004, Edital N° 005/2005 - CCDT/GR, no qual consegui aprovação para a Área de Música: metodologia do ensino de artes aplicada à música – Habilitação instrumental em Flauta Transversal, publicado no Diário Oficial do Rio Grande do Norte, Ano 71 • Natal, 06 de julho de 2004 • Terça-Feira • Número: 10.771.

A preparação para o certame não foi fácil. Na época, eu não contava mais com minhas horas da Secretaria Estadual de Educação, destinadas ao Conservatório de Música. Além das atividades na Fundação Municipal de Cultura (FMC), ministrava aulas de Artes na Escola Estadual Prof. Eliseu Viana, localizada no Bairro Nova Betânia e na Escola Estadual Aida Ramalho Cortez Pereira, no Conj. Walfredo Gurgel, no Bairro Alto de São Manoel, ambas em Mossoró-RN. Não bastasse a demanda de trabalho, das dezoito às vinte horas, eu cumpria

minha jornada de trabalho, na Escola Estadual Prof. Paulo Freire, situada no Bairro Santo Antônio, nas imediações da Estrada da Raiz, em Mossoró, na função de coordenador de turno, tudo isto, para complementar minha carga horária frente à Secretaria Estadual de Educação e Desportos.

Administrava minha rotina de trabalho, nos três expedientes, durante a semana e destinava os sábados e domingos, para corrigir provas e trabalhos dos alunos das Escolas Estaduais; portanto, vida social, não tinha. Na mesma época, em novembro de 2004, aconteceu a minha separação matrimonial, que concorreu para a fase mais difícil da minha vida, pois entre o litígio, estava minha filha Sara de Souza Lins Batista, que na época, tinha quatro anos de idade. Foi para mim e para ela, uma época de muito sofrimento, pois tínhamos – e ainda temos – um forte laço afetivo. Não bastasse a situação, que me obrigou recorrer a decisões judiciais, para regulamentar as visitas à minha filha, logo em seguida, sofri uma grande decepção, de cunho religioso, motivo pelo qual, decidi por me afastar dos trabalhos da Igreja. Ainda, à época, em consequência do desajuste matrimonial, fui surpreendido com dívidas que me fizeram recorrer a empréstimos bancários e a agiotas, as quais, demorei um pouco mais de dois, anos para salda-las. Como resultado de tais infortúnios, fui acometido uma forte depressão que comprometeu em muito, a minha saúde e a atuação profissional. Durante alguns anos, quando não estava com minha filha, nos finais de semana, precisava às vezes, ir à UNIMED 24 horas, para tratar minhas angustias (saudades do amor da minha vida). As noites em claro, passaram a ser companheiras indesejáveis e, com isto, minha carga de trabalho se tornava um fardo mais pesado. Faço esta narrativa para informar os obstáculos que impediram uma produção acadêmica mais substancial. Esse comprometimento emocional, perdurou por um tempo considerável.

Contudo, ao tomar conhecimento da abertura do primeiro edital para concurso público para professor do Curso de Música da UERN, estava decidido: não poderia perder a oportunidade. Diante das vagas ofertadas, a que eu mais tinha identificação, era destinada à Metodologia do Ensino de Artes aplicada à Música, com habilitação instrumental em Flauta Transversal. No que se refere aos conhecimentos teóricos e de percepção musical, acreditava não ter dificuldades, devido às minhas vivências no âmbito musical. Quanto à especificidade com a flauta transversal, eu tinha, apenas, conhecimentos práticos e um tanto superficiais.

Com o meu ingresso na Congregação Cristã no Brasil (CCB), no ano de 1999, adquiri este instrumento, e logo, ingressei na sua Orquestra, em Mossoró-RN. Com esse instrumento musical, como se diz coloquialmente, comecei a tocar “à queima-roupa”. Os conhecimentos do sistema *Bohem*, que se assemelha à digitação do saxofone, me facilitaram o início. Quanto

à embocadura, que é livre, enquanto no saxofone é feita em boquilha de palheta simples, posso afirmar, que apesar de diferente, não tive muitas dificuldades para adaptação.

Contando com os limitados conhecimentos teóricos a respeito da flauta transversal e com a prática exercitada em casa e na Igreja, decidi enfrentar o concurso. Minha preparação teve início com a coleta de material didático, durante dois meses, e, após levantar o que me foi possível, tomei uma atitude inusitada: cheguei nos meus locais de trabalho e falei aos meus superiores: “Vou passar duas semanas estudando para o concurso da UERN. Podem ficar à vontade para colocarem as faltas, que depois reponho as aulas e o que for necessário!”. Os olhares a mim lançados foram de surpresa e estranhamento, pois faltar às obrigações não fazia parte do meu perfil. Assim, passei duas semanas na casa dos meus pais, estudando diuturnamente. Durante o dia, aproveitava para realizar os exercícios práticos com a flauta transversal, através de métodos, de leitura e de interpretação das peças de confronto, exigidas no Edital. Nas noites e nas madrugadas, estudava os conteúdos teóricos em livros, artigos, dissertações e em tudo que pudesse me acrescentar algum conhecimento.

Para não incomodar sonoramente na rotina da casa, deixava o meu quarto, fechado. Em seu interior, livros e mais livros, dispersos por todo canto, compunham um cenário, que só não era caótico, devido à força emanada por Deus e pela esperança em proporcionar uma vida melhor à minha filha, uma vez aprovado no Concurso. Acrescentado a isto, sei que não suportaria mais a rotina de lecionar as disciplinas de Artes, Filosofia e Cultura do Rio Grande do Norte, em duas escolas estaduais, Solfejo I, II, III e IV e participar como flautista, saxofonista e bandolinista do Grupo Ingênuo de Chorinho, no Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), e ainda, trabalhar como secretário executivo na Gerência Executiva da Cultura (GEC). Era malabarismo demais, o tempo todo!

O Concurso, oferecia apenas, uma vaga para flautista. Encerradas as inscrições, além de mim, também, se inscreveram duas candidatas: uma, do Estado de São Paulo, com doutorado em Flauta, e a outra, com vasta experiência, como 1ª Flautista, na Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN). Em oposição a elas, minha experiência neste instrumento resumia-se à prática na Orquestra da Congregação Cristã no Brasil (CCB) e ao Grupo Ingênuo de Chorinho, possibilitadas através de um aprendizado informal. Tal fato, por demais me desanimava, pois ficava a me perguntar quais eram minhas chances em concorrer à vaga neste contexto. Às vezes, pensava em desistir, mas ao considerar o cenário em que me encontrava, não me restava outra alternativa a não ser, seguir em frente!

Após dias neste conflito, pedi a Deus, para que se a minha participação no Concurso fosse de Sua Vontade, que me desse um sinal. Dois dias após, ao entrar à tarde em uma

farmácia, o balconista olhou para mim e perguntou: “Você vai fazer algum concurso?” Sem entender direito a pergunta, respondi que sim. Ao chegar em casa, lembrei do pedido que fizera e, a partir daí, me chegaram a força e a convicção, necessárias para prosseguir com os estudos.

Terminada a primeira fase do Concurso, obtive aprovação em primeiro lugar, na pontuação geral, consideradas as ofertas de vagas em todas as modalidades. Após as fases da aula expositiva, da peça de confronto e da prova de títulos, obtive aprovação em segundo lugar, para a vaga almejada, com quatro décimos abaixo a primeira colocada, a flautista que fizera parte da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN). A inscrição da professora de São Paulo, não sei por qual motivo, foi indeferida.

Passados alguns meses, o Curso de Música precisaria de professor para a disciplina de Técnica Vocal. Fui então, contatado pelo Departamento de Artes (DART), no sentido de assumir a cadeira. Apesar de não ser minha especialidade, aceitei o convite pois havia cursado esta Disciplina na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Também, enquanto aluno, vez por outra, passava na Livraria Científica, localizada nesta IES, e adquiria com o Seu Aldenizio, seu proprietário, livros diversos, entre eles vários de Técnica Vocal, com os quais tinha a certeza de conseguir embasamento suficiente para assumir a Disciplina.

Com o passar dos semestres, outros concursos públicos foram realizados, no sentido de suprir as disciplinas que compunham a matriz curricular do Curso de Música, da UERN. Após a convocação de uma professora para a disciplina de Técnica Vocal, passei a lecionar as disciplinas de Teoria e Percepção Musical I e II, Harmonia I e Prática Instrumental F (Saxofone) I, II, III e IV. Nestas últimas, para realizar os estudos música de câmara, utilizei vários arranjos do citado Quarteto de Saxofones, e, com isto, não demorou para acontecer a primeira formação do Quinteto de Saxofone da UERN, integrado por mim e pelos alunos desta Prática Instrumental, cuja aprovação como Projeto de Extensão Cultural, se deu em novembro de 2006.

O Projeto de Extensão, teve continuidade por cinco edições, nas quais realizamos apresentações musicais didáticas e intercâmbios com outros grupos de saxofones. No período dos semestres de 2016.2 2018.1, o Projeto retomou suas atividades, com a denominação de Camerata Mói de Sax da UERN. O repertório do Quinteto de Saxofones da UERN e da Camerata Mói de Sax da UERN era eclético, e contemplava entre outros ritmos, arranjos para Baião, Xote, Arrasta-Pé, Hinos, *Rag Times*, *Fox*, *Fox-Trote*, Samba, Bossa Nova e alguns Choros. No seu repertório, constavam vários arranjos do Maestro Batista.

Ainda no âmbito da vida acadêmica, concluí, na Universidade Estadual do Ceará, no ano de 2002, o Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de Artes, no qual, apresentei como Trabalho de Conclusão de Curso, o Memorial Descritivo “O Choro em Mossoró antes do Grupo Ingênuo – 1991”. Com o Memorial, consegui levantar o primeiro registro documental a respeito deste gênero musical, na cidade.

Como estratégia de investigação, realizei vinte e três entrevistas, com a Memória Viva local, uma vez que não existiam fontes bibliográficas até então, a este respeito. Sem perceber, minhas primeiras experiências com as narrativas (Auto) Biográficas, estavam acontecendo. Os relatos, proporcionaram o acesso às seguintes informações, até então não documentadas: 1- O Choro em Mossoró; 2- o choro e as camadas sociais; 3- o choro no corpo a Corpo, no vinil e no rádio; 4- o papel do rádio; 5- o choro nas bandas de música; 6- o maestro Artur Paraguai como um ícone musical do seu tempo; 7- o choro e os grupos regionais; 8- os chorões de Mossoró; 9- a mulher e o choro em Mossoró; 10- a prática da luteria; e 11- o declínio da prática do choro na cidade. Ainda, apresentei narrativas (Auto) Biográficas a respeito da minha atuação no âmbito musical, até o ano de 2002.

No Curso de Música da UERN, tive a oportunidade de participar como flautista e bandolinista, na criação do Grupo Camerarte, juntamente com os professores Giann Mendes Ribeiro – violão, e Isac Rufino de Araújo - violino, no qual executávamos músicas voltadas ao repertório erudito. As participações em atividades voltadas ao Choro, tiveram início a partir da realização de uma Roda Aberta de Choro, sob minha coordenação, no dia 24 de novembro de 2016, no Caramanchão do Memorial da Resistência, situado à Av. Rio Branco, Centro, em Mossoró-RN. Como atividade da programação alusiva à Semana da Música,⁴⁶ a Roda Aberta de Choro, contou com a participação de professores e alunos do Curso de Música da UERN, do então Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, integrantes da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMP)⁴⁷, do Grupo “Ingênuo de Chorinho”, do Grupo de Choro “K entre Nós”, e de outros músicos, não agregados a grupos musicais. Entre eles, Fabinho Monteiro e Guilherme Paiva de Carvalho – cavaquinho, Artur Góis, Íris Emanuella e Severo Ricardo - flauta transversal, Lima Neto, Gideão Lima, Magnaldo Araújo e André Medeiros - violão de 6 cordas, Gleferson Lima - sax alto, Erinaldo Justiniano - sax tenor, Thiago Canuto - trombone de vara, Ítalo

⁴⁶ Em 22 de novembro comemora-se mundialmente o Dia da Música, do Músico e de Santa Cecília, padroeira dos Músicos (Nota do Pesquisador).

⁴⁷ Antiga Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), (Nota do Pesquisador).

Soares - trompete, Osman Josenildo e Amaral - pandeiro, Rafael Góis - tamborim e, Carlos Batista - bandolim.

Dada a aceitação pelos chorões e pelo público em geral, ao término do encontro o Prof. Lima Neto, me sugeriu, submeter um Projeto de Extensão Cultural, nos editais a serem publicados pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), da UERN. Acatada a ideia, obtive aprovação do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), em sua primeira edição, no edital para distribuição de carga horária 2017/2018. O Projeto, teve como objetivo geral, o fomento do Choro, na cidade de Mossoró, de forma a congregar interessados na prática deste gênero musical. Como objetivos específicos foram almejados: 1- Promover ações conjuntas entre o Curso de Licenciatura em Música, da UERN e o Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, de forma a divulgar estas Instituições de Ensino Musical; 2- oportunizar à comunidade, indistintamente, uma prática instrumental, através da aprendizagem colaborativa; 3- criar espaço para laboratórios e ampliar as possibilidades para a contabilização de atividades complementares para os alunos do Curso de Licenciatura em Música, da UERN; 4- proporcionar uma atividade cultural à população, nas suas horas de lazer e, 5- estimular a formação de plateia.

De forma estratégica, realizamos encontros mensais, nas segundas-feiras, das vinte às vinte e duas horas, no Rust Café, no Memorial da Resistência, momentos em que foram realizados os Ensaios Abertos de Choro (EACs) e as Rodas Abertas de Choro (RACs). Para a formação do repertório, os participantes sugeriam, de maneira antecipada, as músicas de suas preferências, e socializavam as partituras e os áudios, através de grupo de *Whats App*, denominado Choro na Praça. Esta dinâmica, possibilitava o estudo dos Choros, através da leitura de partitura, de cifra e/ou dos áudios e vídeos, enviados. Também, eram socializadas informações pertinentes ao universo do Choro, com maior ênfase, nas partituras, para a execução instrumental. A realização da primeira edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), ocorreu no período de agosto de 2017 a julho de 2018.

Convém destacar, que havia uma reclamação entre os chorões mossoroenses, principalmente, os que se encontram na terceira idade, de que já não mais praticavam seus instrumentos musicais, pois na cidade, não havia espaço em que se pudesse executar o Choro. Com a realização do PECCP, vários destes, retomaram à prática instrumental e tornaram-se assíduos nos EACs, nas RACs, e também, nas apresentações realizadas através do PECCP. Ao término da primeira edição do Projeto, a prática do Choro, havia se consolidado entre os participantes, bem como a formação de plateia, pelos frequentadores do Rust Café, de tal forma, que foi sugerida a sua continuidade, desta feita, através de encontros semanais.

A segunda edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), obteve aprovação, no Edital N° 001/2018-PROEX/UERN, e dos Planos de Trabalho de Núcleos de Extensão para os semestres letivos 2018.1 e 2018.2, de forma serem retomados os EACs e as RACs, em agosto de 2018. Neste novo momento, a performance instrumental, entre os chorões participantes se mostrou mais refinada, dada ao retorno da prática instrumental, de forma constante, por alguns dos chorões. Também, o crescente número destes, quanto à utilização da *Internet* e de redes sociais, tem sido outro aspecto atingido, frente aos objetivos encetados, mais especificamente, nas pesquisas de *sites* de partituras e áudios, e a socialização de arquivos, relacionados ao universo do Choro.

A minha atuação profissional no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), é dividida em dois momentos: o primeiro, como instrutor musical e componente de grupos musicais, no Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, no período de 1988 a 2004 e, o segundo, como docente no Curso de Música, do Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes (FALA)/UERN, de 2004 aos dias atuais. No Quadro a seguir, apresento de forma sucinta, as participações que considero mais importantes:

Quadro 4 – Outras atuações na UERN.

ATUAÇÃO	ANO	DOCUMENTO
Coordenador do Teste de Aptidão em Música-TAM, do Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, da UERN.	1996	Declaração CMDSNF/UERN
Membro (Presidente) da Comissão para Elaboração e Aplicação de Provas do Concurso Público para Músicos de Caraúbas-RN.	1998	Ofício Circular N° 016/98 – COMPERVE
Instrutor musical no Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire/UERN, nas disciplinas: Teoria e Percepção Musical I, II, Solfejo I, II, III e IV, Noções de Harmonia. Instrumentista do Grupo Ingênuo de Chorinho, executando bandolim e cavaquinho. Coordenação do Sexteto Vocal Nosso Canto, fazendo a voz de tenor.	1991 a 2004	Declaração DART/FALA/UERN
Coordenação do Concurso Público para Músicos - Banda de Música Joaquim Amâncio, na cidade de Caraúbas-RN.	2000	
Membro das Bancas de Elaboração, Aplicação e Correção das provas do Teste de Aptidão em Música do PSV para ingresso no curso de Licenciatura em Música da UERN.	2005, 2006 e 2007	Declaração DART/FALA/UERN
Membro da Comissão para providências de continuidade do Programa de Avaliação Institucional, no âmbito da UERN.	2006	Portaria N.º 001/2006- FALA-UERN
Membro de Comissão para elaboração do Projeto Político-Pedagógico do Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, da UERN.	2006	Portaria N° 1852/2006- GR/UERN
Coordenação do Projeto de Extensão Cultural Quinteto de Saxofones da UERN – 1ª, 2ª, 3ª 4ª e 5ª Edições.	2006 a 2011	Certificados PROEX/UERN
Coordenador do mini-curso Iniciação ao Arranjo para	2007	Declaração FALA/UERN

Quarteto Vocal, na XIV Semana de Letras e Artes/FALA/UERN.		
Membro da Banca Examinadora do Processo Seletivo para Professor Provisório do DART, das Disciplinas História da Música, Música Brasileira e Prática Instrumental – Violão.	2007	Declaração DART/FALA/UERN
Avaliador no GT Educação Musical no Brasil e seus múltiplos espaços de atuação”, no X simpósio de Pesquisa e Extensão e XV Encontro de Pesquisa e Extensão – ENCOPE/UERN.	2008	Declaração PROPEG/UERN
Orientador da Monografia “Uma análise sobre a utilização do Método Da Capo no processo de ensino-aprendizagem da Banda de Música Municipal da Cidade de Barauna”.	2009	Declaração DART/FALA/UERN
Membro de SubComissão de Avaliação do Estágio Probatório de Docentes do Departamento de Artes da FALA.	2009	Portaria n.º 4822/2009-GR/UERN
Membro da Banca Examinadora do Processo Seletivo para Professor Provisório do DART, das Disciplinas Prática Instrumental – Flauta Doce e Transversal e Teoria e Percepção Musical.	2009	Declaração DART/FALA/UERN
Representante do DART/FALA/UERN, como Membro da Comissão de Extensão da PROEX/UERN.	2009 – 2017	Certificado PROEX/UERN
Membro da Banca Examinadora da Área de Prática de Conjunto: Instrumentos da Banda e Matérias Teóricas, do XV concurso Público de Provas e Títulos para Docentes da UERN.	Junho de 2010	Portaria Nº 3432/2010-GR/UERN Declaração CCD/UERN
Membro da Comissão Especial do Conselho Diretor, para fins de análise e emissão de parecer sobre recursos impetrados contra o resultado final do Concurso Público de Provas e Títulos para o Provimento de Cargos Efetivos de Técnicos Especializados de Nível Superior e Médio, do Quadro de Pessoal da FUERN.	2010	Ofício Circular nº 001/2010-GVR/UERN
Membro da Banca Examinadora da Área de Flauta Transversal/Doce e Matérias Teóricas, do XV concurso Público de Provas e Títulos para Docentes da UERN, realizado no período de 13 a 18 de junho de 2010 .	2010	Portaria Nº 3431/2010-GR/UERN
Membro da Comissão de Avaliação do Processo de Seleção Simplificada para Contratação Docente por tempo Determinado do Departamento de Artes da Faculdade de Letras e Artes – FALA/UERN.	2010	Portaria n.º 6378/2010-GR/UERN
Examinador da Monografia “Um breve histórico do Canto Orfeônico em Mossoró-RN”.	2010	Declaração DART/FALA/UERN
Examinador da Monografia “A contribuição da Banda de Música José Maria da Silva, para a Educação Musical em Grossos-RN”.	2010	Declaração DART/FALA/UERN
Examinador da Monografia “Educação Musical com Flauta Doce: O uso do repertório de uma igreja Batista Regular”.	2010	Declaração DART/FALA/UERN
Orientador da Monografia “A aplicação do Método Da Capo na Banda Municipal de Icapuí-CE”.	2010	Declaração DART/FALA/UERN
Membro da Banca Examinadora do Processo Seletivo para Professor Provisório do DART, das Disciplinas Prática Coral e Regência.	2010	Declaração DART/FALA/UERN
Membro de Banca Examinadora do Processo Seletivo	2011	Edital 20/2011 – PROHAE

para contratação de Professor Provisório do DART/FALA, nas áreas de Canto, Técnica Vocal, Regência, Flauta Doce e Flauta Transversal.		
Membro de Banca Examinadora do Processo Seletivo para contratação de Professor Provisório do DART/FALA, nas áreas de Teclado, Piano, Flauta Doce e Flauta Transversal.	2011	Edital 28/2011 – PROHAE
Membro de Banca Examinadora do Processo Seletivo para contratação de Professor Provisório do DART/FALA, nas áreas de Prática Instrumental de Soprano e História da Música.	2011	Edital 035/2011 – PROHAE
Examinador da Monografia “Aprendizagem musical em contextos não formais: um estudo de caso na Congregação Cristã no Brasil, do Bairro dom Jaime Câmara em Mossoró/RN”.	2011	Declaração DART/FALA/UERN
Examinador da Monografia “A educação Musical no âmbito das bandas de música: uma abordagem histórica do processo metodológico desenvolvido nas bandas de música de Aracati/CE”.	2011	Declaração DART/FALA/UERN
Examinador da Monografia “A Música na Formação Integral do Ser Humano: O Caso do Projeto SESC Cidadão em Mossoró/RN”.	2011	Declaração DART/FALA/UERN
Comissão Coordenadora do VII FESTUERN.	2011	Portaria n.º 1939/2011-GR/UERN
Comissão Coordenadora do VIII FESTUERN.	2011	Portaria n.º 6205/2011-GR/UERN
Comissão Organizadora do V Colóquio de Extensão da UERN.	2011	Declaração DIRDES/PROEX/UERN
Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Música, do DART/FALA/UERN.	Mar/2015 a mar/2019	Portaria N.º 01/2015 – FALA/UERN
Subchefe de Departamento Acadêmico – DART/FALA/UERN.	Abr/2013 a abr/2015	Portaria N.º 3233/2013-GP/FUERN
Membro da Equipe de Coordenação Pedagógica do VIII Festival de Teatro da UERN – FESTUERN.	2012	Certificado PROEX/UERN
Chefe <i>Pró Tempore</i> do Departamento de Artes (DART/FALA/UERN)	Out/2013	Portaria N.º 8246/2013 - GR/UERN
Coordenação do Projeto de Extensão Cultural UERN Potiguar Band.	2013	Certificado PROEX/UERN
Membro da Comissão para elaborar a política de gestão do Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire da UERN.	2013	Portaria N.º 1350/2013-GR/UERN
Coordenação do Projeto de Extensão Cultural Samba e História: música popular na Academia.	2013	Certificado PROEX/UERN
Orientador da Monografia “Cantoria de Viola: características e representatividade da obra de Onézimo Maia no cenário cultural da cidade de Mossoró-RN”.	2013	Declaração DART/FALA/UERN
Orientador da Monografia “A Banda de Música no contexto sociocultural de Apodi/RN”.	2013	Declaração DART/FALA/UERN
Docente do PARFOR/Música/UERN, em Pau dos Ferros-RN.	2013 a 2014	

Subchefe de Departamento Acadêmico – DART/FALA/UERN.	2014 a 2016	Portaria Nº 0038/ 2014-GP/FUERN
Presidente da Banca Examinadora da Área de Canto e Regência da Seleção de Professor Substituto.	2014	Edital 012/2014.2 PROHAE
Coordenador de Área do PIBID/Música/UERN.	2014 a 2017	Declaração PIBID/PROEG/UERN
Ministrante da Palestra “Encadeamentos Harmônicos: Propostas para cifragem sem a utilização de instrumentos harmônicos e o acompanhamento de melodias simples”, no I Ciclo de Palestras em Música da UERN.	2014	Declaração DART/FALA/UERN
Membro da Banca Examinadora da Área Harmonia, Teoria e Percepção Musical, para da Seleção de Professor Substituto no âmbito da UERN.	2015	Portaria N.º 0259/2015 - GR/UERN
Membro da Banca Examinadora da Área Harmonia, Teoria e Percepção Musical, Flauta Transversal e Flauta Doce e Disciplinas Teóricas, para da Seleção de Professor Substituto no âmbito da UERN.	2015	Portaria Nº 0235/ 2015-GR/UERN
Orientação da Monografia “O ensino e aprendizagem de clarinete no Centro de Educação Musical Verbus”.	2015	Declaração DART/FALA/UERN
Orientação da Monografia “Monitoria de fanfarra na Escola Municipal amaro Cavalcante, em Juremal/RN – abordagem sobre a metodologia do ensino”.	2015	Declaração DART/FALA/UERN
Examinador da Monografia “Estratégias de aprendizagem em músicos populares em contexto informal: um estudo de multicaso”.	2015	Declaração DART/FALA/UERN
Examinador da Monografia “A motivação no aprendizado de música através de projetos desenvolvidos na cidade de Mossoró”.	2015	Declaração DART/FALA/UERN
Representante dos Fóruns de Cultura do Plano Institucional de Cultura – PIC/UERN.	2016	Portaria Nº 0519/ 2016-GR/UERN
Debatedor da Mesa Redonda “O PIBID e o estágio supervisionado na FALA”.	2016	Declaração FALA/UERN
Examinador da Monografia “A endoculturação na Banda de Música Maestro Orlando Leite, na cidade de Russas-CE”.	2016	Declaração DART/FALA/UERN
Orientador Acadêmico DART/FALA/UERN.	2016 a 2018	Portaria Nº 05/2016-FALA/UERN
Coordenação do Projeto de Extensão Cultural Camerata Mói de Sax da UERN 1ª e 2ª edições.	2016 e 2017	Certificados PROEX/UERN
Orientação da Monografia “A aprendizagem de guitarra na cidade de Umarizal: contextos e características”.	2016	Declaração DART/FALA/UERN
Avaliador de trabalhos no II Salão de Extensão UERN/UFERSA/IFRN, do III Fórum de Extensão do Oeste Potiguar e IV Colóquio de Extensão da UERN.	2016	Certificado UERN/UFERSA/IFRN
Subchefe de Departamento Acadêmico - DART/FALA/UERN.	2016 a 2018	Portaria Nº 0005/2016 GR/UERN
Membro de Comissão para eleição de chefe e subchefe do Departamento de Artes-DART/FALA/UERN.	2017	Portaria 01/2017 – DART/FALA/UERN
Membro da Comissão de Extensão, como representante da Faculdade de Letra e Artes-FALA. Agosto de 2012 a abril de 2017.	2017	Declaração FALA/UERN
Examinador da Monografia “Analisando livros Didáticos para o Ensino de Música no Ensino Médio”.	2017	Declaração DART/FALA/UERN
Membro da Comissão de Avaliação dos processos de	2017	Portaria Nº 18/2017 –

vagas Não Iniciais do curso de Graduação em Música para o Semestre Letivo 2017.2.		FALA/UERN
Coordenação do Projeto de Extensão Cultural Chorinho Na Praça 1ª e 2ª edições.	2017 a 2019	Certificados PROEX/UERN
Elaboração das Provas Teóricas (Objetivas) referentes ao Processo Seletivo Simplificado para Bolsa de Estudo Cultura no Município de Apodi/RN.	2017	Edital N° 001/2017
Pesquisador do Projeto de Pesquisa “A operacionalização das atividades musicais nas escolas da Rede Estadual de Ensino no município de Mossoró-RN”.	2017	Declaração DPI/PROPEG/UERN
Avaliador do III Salão de Extensão da UERN.	2018	Declaração PROEX/UERN
Presidente do Processo de Seleção Simplificada para Contratação de Professores Temporários de Música: Saxofone/Flauta Doce/ Teoria Musical.	2019	Portaria N.º 0362/ 2019-GR/UERN
Presidente do Processo de Seleção Simplificada para Contratação de Professores Temporários de Música: Saxofone/Flauta Doce/ Teoria Musical.	2019	Portaria N.º 0363/ 2019-GR/UERN
Presidente do Processo de Seleção Simplificada para Contratação Temporária de Instrutor Musical de Violão da Escola de Música D’Alva Stella Nogueira Freire.	2019	Edital N° 17/2019-PROPEG/UERN
Examinador da Monografia práticas de ensino de Saxofone na Orquestra de Sopros de Icapuí-CE.	2019	Declaração DART/FALA/UERN
Coordenação do Projeto de Extensão Cultural Choro e Seresta (Aguarda início – 2020.1 e 2020.2).	2020	Edital N° 12/2019-PROEX/UERN

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

Em função dos contratemplos que vivenciei na vida pessoal, durante considerável período de minha trajetória acadêmica, não tinha a motivação ideal, frente às atividades e, no meu entender, me ative a uma produção científica, aquém do que desejei. A maioria dos trabalhos publicados, se deram, através da participação em eventos científicos, realizados na cidade de Mossoró, conforme exposto no quadro a seguir:

Quadro 5 – Trabalhos apresentados/publicados.

TÍTULO	ANO
Treinamento audioperceptivo: como desconstruir um mito – ABEM.	2008
Hinos do município de Mossoró – histórias, oficialização, análises e propostas.	2008
ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS: Potencialidades para a criação e consolidação de espaços destinados ao ensino musical.	2009
Divisões rítmicas em gráficos espaço-temporais. In: III CONLID – Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso.	2013
ENCADEAMENTOS HARMÔNICOS: Propostas para cifragem sem a utilização de instrumento harmônico e o acompanhamento de melodias. In: IX Encontro Regional Sudeste da ABEM.	2014
Tipos de Solfejo – conjecturas, problematizações e vivências. In: XXII Congresso da associação Brasileira de Educação Musical-ABEM.	2015
Os conteúdos de Artes/Música nas escolas contempladas com o PIBID Música em Mossoró-RN. In: IV SENACEM – Seminário Nacional do Ensino Médio.	2016
O Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire/UERN como	2016

impulsionador da prática de clarinete na cidade de Mossoró/RN: um relato de experiência. In: IV SENACEM-Seminário Nacional do Ensino Médio.	
Para entender melhor as quiálteras. In: IV CONLID-Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso.	2017
Batendo O Pezinho: considerações sobre as relações de som, tempo e espaço na marcação de compassos com os pés. In: IV CONLID-Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso.	2017
Camerata Mói de sax da UERN: um agente impulsionador da Prática do Saxofone na cidade de Mossoró-RN.	2017
A oficialização do hino da cidade de Mossoró/RN uma narrativa autobiográfica. In: IV Seminário Potiguar – Educação, Acessibilidade e Diversidade: Diálogos e Práticas Inclusivas. III Encontro Regional de Narrativas Auto (Biográficas). I Seminário Nacional de Pesquisas Auto (Biográficas) e Histórias de Vida.	2018
Os Ursos Carnavalescos Na Cidade de Mossoró-RN: História, evolução e dinâmica. In: V SENACEM- Seminário Nacional do Ensino Médio e II Encontro Nacional de Ensino e Interdisciplinaridade.	2018
O Programa das Práticas Instrumentais F do Curso de Música da UERN: concepções para a utilização do saxofone em situações específicas de sala de aula. In: V SENACEM- Seminário Nacional do Ensino Médio e II Encontro Nacional de Ensino e Interdisciplinaridade.	2018
Projeto de Extensão Cultural “Camerata Mói de sax da UERN”: um recorte do ensino extensionista do saxofone em Mossoró-RN. In: XI Colóquio de Extensão da UERN/IV Salão de Extensão.	2018
O gênero musical Choro como instrumento para o saber/fazer cultural na terceira idade. In: VI SIMPOSEDUC/ V SEMANARTE/UERN.	2019
O Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça, como agente de inclusão de idosos na cidade de Mossoró. In: V Salão de Extensão/UERN.	2019
Programa Institucional de bolsas de Iniciação à docência. In: VII Seminário de Narrativas (Auto) Biográficas: I Jornada Internacional de Inclusão do Brasil na Colômbia: Práticas Educativas, Cultura, diversidade e Inclusão: Reescrevendo o sentido da vida como estalar das vozes em pedras. FE/UERN.	2019
Camerata Mói de Sax da UERN: Um agente impulsionador da prática do Saxofone na cidade de Mossoró-RN. In: VII Seminário de Narrativas (Auto) Biográficas: I Jornada Internacional de Inclusão do Brasil na Colômbia: Práticas Educativas, Cultura, diversidade e Inclusão: Reescrevendo o sentido da vida como estalar das vozes em pedras. FE/UERN.	2019

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

A minha atuação profissional no Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), na Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), na Fundação Municipal de Cultura (FMC) e nos seus Órgãos, Divisão de Música e Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), bem como a participação nos grupos das duas Instituições de Ensino Musical (Banda de Música Municipal Artur Paraguai, Conjunto Oficina de Música, Sexteto vocal Nosso Canto, Grupo Ingênuo de Chorinho, Quarteto de saxofones da UERN, Coral Carcará e Trio Camerart), me proporcionou oportunidades diversas, das quais, pude guardar registros que atestam a execução de alguns dos meus instrumentos

musicais. Reforço, que esta diversidade não significa dizer que me considero um multi-instrumentista, mas sim, fruto da necessidade, para a consolidação de alguns desses Grupos.

Quadro 6 – Participações em eventos, com comprovação em folders.

EVENTO/LOCAL/DATA	GRUPO	ATUAÇÃO
Concerto – Projeto Música nas Igrejas. Paróquia de São José, Paredões, 1991.	Sexteto Oficina de Música/Conjunto Oficina de Música	Voz (tenor)/ Cavaquinho/ Pífaro
Concerto de 24 Aniversário da FURRN, 28.09.1992.	Conjunto Oficina de Música	Flauta doce barroca/ Voz (tenor)
Jubileu de Prata da URRN. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 23.09.1993.	Conjunto Oficina de Música	Flauta doce barroca
Jubileu de Prata da URRN. Auditório do SESC Mossoró, 24.09.1993.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Cavaquinho
Choros e Chorinhos. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 18.12.1993.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Cavaquinho
26º Aniversário da FURRN. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 28.09.1994.	Coral Oficina de Música/Quarteto de Saxofones da UERN	Voz (tenor)/ Flauta doce germânica/ Sax tenor
Musicarium (Da Renascença ao Modernismo). Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 23.08.2005.	Trio Camerart	Flauta transversal/ Bandolim
Dia do Mestre de Banda. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 11.07.1994.	Conjunto Oficina de Música/Quarteto de Saxofones da UERN/Grupo Ingênuo de Chorinho/Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Organização do Evento/ Flauta doce barroca/ Sax tenor/ Cavaquinho
Abertura do Projeto Retretas Didáticas. Pça. Vigário Antônio Joaquim – Centro, 09.07.1995.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Coordenação do Projeto/ Sax tenor
Projeto Retretas Didáticas. Pça. Projetada, Conj. Abolição IV, 02.08.1995.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Coordenação do Projeto/ Sax tenor
Projeto Retretas Didáticas. Patamar da igreja de São Manoel. Alto de São Manoel, 07.09.1995.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Coordenação do Projeto/ Sax tenor
II FECUM – Feira Cultural do Município. Pau dos ferros-RN, 10.09.1995.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Cavaquinho
Projeto Retretas Didáticas. Pça. Pça. Cel. Antônio Miranda. Alto da Conceição, 04.10.1995.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Coordenação do Projeto/ Sax tenor
Projeto Retretas Didáticas. Pça. Manoel Rola – Pintos, 01.11.1995.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Coordenação do Projeto/ Sax tenor
Projeto Retretas Didáticas. Pça. Itamar Negreiros (Vuco-Vuco). 20.12.1995.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Coordenação do Projeto/ Sax tenor
Concerto de Abertura de Ano Letivo. Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire/UERN (CMDSNF),	Conjunto Oficina de Música/Sexteto Vocal Nosso Canto	Flauta doce barroca/ Voz (tenor)

27.03.1996.		
Projeto Seis e Meia. Auditório da Escola superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), 19.05.1996.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Bandolim/ Cavaquinho/ Sax tenor
Apresentação Musical. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 22.05.1996.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Bandolim/ Cavaquinho
Concerto de Encerramento de Semestre do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire/URRN. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 26.06.1996.	Sexteto Vocal Nosso Canto/ Grupo Ingênuo de Chorinho	Voz (tenor)/ Cavaquinho/ Bandolim
Encerramento da III Semana Universitária. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 27.09.1996.	Sexteto Vocal Nosso Canto/Grupo Ingênuo de Chorinho	Voz (tenor)/ Cavaquinho
III Encontro Mossoroense de Corais. Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF)/URRN. 28.09.1996.	Sexteto Vocal Nosso Canto	Voz (tenor)
Mossoró Luz. Oficina: Noções Básicas de Regência de Corais. Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire/URRN, 14 e 19.12.1996.	-	Ministrante
Mossoró Luz. Centro da Cidade. 15, 18,21 e 24.12.1996.	Banda de Música Municipal Artur Paraguai	Sax tenor
Concerto de Encerramento de Ano Letivo do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire/URRN. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 1996.	Alunos de Solfejo/ Conjunto Oficina de Música/Sexteto Vocal Nosso Canto/ Grupo Ingênuo de Chorinho	Regência/ Organização do Evento Flauta doce barroca/ Voz (tenor)/ Cavaquinho/ Bandolim
III Encontro de Bandas de Músicas em Mossoró. Pça. Cel. Antônio Miranda, Alto da Conceição, 23.11.1997.	Várias Bandas de Músicas do Rio Grande do Norte	Coordenação do Evento
Concerto I Grande Encontro de Corais das Escolas. Catedral de Santa Luzia. 08.12.1997	Projeto Rouxinol – Canto Coral nas Escolas.	Voz (tenor)
Concerto Alusivo à Confraternização Natalina da UERN. Lizete Maison Buffet, 15.12.1997	Quarteto de Sax da UERN/Sexteto Vocal Nosso Canto/ Grupo Ingênuo de Chorinho	Sax tenor/ Voz (tenor)/ Cavaquinho
50ª SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 16.07.1998	Ingênuo de Chorinho/ Sexteto Vocal Nosso Canto	Bandolim/ Cavaquinho/ Sax tenor/ Voz (tenor)
Semana da Música – I Mostra Cultural da Divisão de Música, da Fundação Municipal de Cultura. Estação das Artes Eliseu Ventania, 24.11.2000	Grupos diversos	Coordenação do Evento
I Seminário de Música de Mossoró. Centro de Treinamento Libânia Lopes Pessoa, 10 a 16.09.2001,	Minicursos/Oficinas/ Apresentações musicais	Coordenação do Evento
I Concerto dos Alunos da Escola Municipal de Música. Estação das Artes Eliseu Ventania, 14.12.2001,	Grupos diversos	Coordenação do Evento

Apresentação musical. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 10.05.2002.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Bandolim
II Concerto dos Alunos da Escola Municipal de Música. Estação das Artes Eliseu Ventania, 21.11.2002.	Grupos diversos	Coordenação do Evento
Concerto de Oficialização da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini. Estação das Artes Eliseu Ventania, 23.05.2003	Trio Camerart/Quarteto de Flautas/Coral Carcará	Coordenação do Evento/ Flauta transversal/ Cavaquinho
III Concerto dos alunos da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini. Estação das Artes Eliseu Ventania, 23.05.2003.	Trio Camerart/Quarteto de Flautas	Coordenação do Evento/Flauta transversal/ Bandolim
I Festival de Teatro da UERN (I FESTUERN). Teatro Lauro Monte Filho, 29.11.2003.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Bandolim/ Cavaquinho/ Sax tenor
Apresentação musical no Centro de Apoio Psicossocial (CAPS), 22.01.2004.	Trio musical	Flauta transversal
Projeto Chorando na Praça. Dia Nacional do Choro. Praça Rodolfo Fernandes, Centro, 23.04.2004	Grupo Ingênuo de Chorinho	Bandolim/ Flauta transversal/ Sax tenor
X Semana Universitária da UERN. Auditório Vingt-Un Rosado (Auditório da Reitoria), 20.08.2004.	Conjunto Oficina de Música/Grupo Ingênuo de Chorinho	Flauta doce barroca/ Bandolim/ Cavaquinho/ Sax tenor
II Concurso de Pífanos, Pífaros e Cabaçais/IX Mossoró Cidade Junina. Estação das Artes Eliseu Ventania, 18.06.2005.	-	Comissão Organizadora do Evento
Programa pedagogia da Gestão. TV Cabo Mossoró (TCM), 09.08.2005.	Grupo Ingênuo de Chorinho	Sax tenor/ Flauta transversal/ Cavaquinho
Musicarium – Recital Didático (Da Renascença ao Modernismo). Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 08.11.2005.	Trio Camerart	Flauta transversal/ Bandolim
V Concerto de alunos e professores da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini. Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 22.11.2005.	-	Coordenação do Evento
Recital Harmonia Jovem. Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 08.12.2005.	Trio Camerart	Flauta transversal/ Bandolim
XIII Semana de Letras e Artes. Faculdade de Letras e Artes (FALA). Campus Central/UERN, 11.01.2006.	Trio Camerart	Flauta transversal/ Bandolim
II Concerto Ecoar de Música. Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 22.03.2006.	Vários Grupos	Coordenação do Evento
VI Concerto da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini. Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 21.11.2006.	Quinteto de Saxofones da UERN	Coordenação do Evento/ Sax barítono
III Recital Harmonia Jovem. Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 01.12.2007.	-	Cerimonial
Comissão Pedagógica do VI Festival de Teatro da UERN (VI FESTUERN), 2007.	Departamento de Artes (DART/FALA/UERN)	Membro

XIV Semana de Letras e Artes/I Semana de Filosofia e Literatura. Campus Central da UERN, 03.12.2007.	Quinteto de Saxofones da UERN	Coordenação/ Sax barítono
Semana do Economista. Faculdade de Ciências Econômicas/UERN, 15.08.2008.	Quinteto de Saxofones da UERN	Sax barítono
III Encontro SOBER Regional Nordeste. Campus Central da UERN, 22.10.2008.	Quinteto de Saxofones da UERN	Coordenação/ Sax barítono
IV Recital Harmonia Jovem. Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, 01.12.2008.	-	Cerimonial
Recitais Discentes de Clarinete e Saxofone. Auditório do Departamento de Artes (DART/FALA/UERN), 17.11.2015.	Camerata Mói de Sax da UERN	Sax barítono

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2020.

A minha capacitação profissional também ficou estagnada, durante o período de 2002 a 2015, devido a uma série de fatores de ordem pessoal. Entre eles, o fato de morar com minha mãe, idosa, viúva, tornou mais difícil a busca por uma pós-graduação na área musical, o que não era possível, na cidade de Mossoró. Entretanto, o ingresso em um curso a nível de *stritu sensu*, se fazia imperar, frente ao atendimento do plano de capacitação da UERN, e também, aos meus anseios pessoais, naturalmente.

Uma vez amenizados tais fatores, senti que era momento para retomar a vida pessoal e profissional. No ano de 2016, obtive aprovação no EDITAL Nº 007/2016 – POSEDUC/UERN, que abriu à ampla concorrência, processo seletivo simplificado para candidatos a alunos especiais, para o semestre 2016.2. Na oportunidade, devido à minha jornada de trabalho, fiz inscrição para a disciplina, Tópicos Especiais em Práticas Educativas I: Educação Intercultural, Educação Popular e Educação Ambiental, na esteira de Paulo Freire, ministrada pela Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, nas sextas-feiras, no horário das treze às dezesseis horas e trinta minutos, na qual, foram ofertadas quinze vagas.

Iniciadas as aulas em agosto de 2016, um mundo novo começou a ser descortinado para mim. Primeiro, após quinze anos, me sentir novamente aluno era um recomeço de vida. O conforto em me sentir discente e a expectativa de novos conteúdos, eram por demais excitantes. Novas amizades, novos aromas, novos autores e uma professora, com postura profissional e humanizadora ímpar, delineavam a aquarela de um novo cenário.

Na condição de Licenciando em Educação Física, Bacharel em Música e Especialista em Metodologias do Ensino de Artes, absorvi conhecimentos, de vivências distintas. Entretanto, o contato com as Narrativas Auto (Biográficas) e as Histórias de Vida, de imediato, me fizeram ampliar horizontes na área profissional, com a música, no âmbito de

minhas relações interpessoais, e, das relações comigo mesmo. Comecei a entender melhor a importância da valorização das memórias, como estas têm significado subjetivos marcantes e, como são presentes e decisivas, em nosso cotidiano.

Mais uma vez, obtive aprovação como aluno especial, desta feita, no processo seletivo simplificado para candidatos a alunos especiais para o semestre 2018.1, Edital N° 01/2018 – POSEDUC/UERN, para a disciplina Tópicos Especiais em Práticas Educativas I: Trabalho Educativo e Subjetividade IV, ministrada pela Profa. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa, cujas aulas, aconteciam às quartas-feiras, no horário das treze horas e trinta minutos às dezessete horas, momentos em que as professoras Dra. Antônia Batista Marques e Dra. Elza Helena da Silva Costa Barbosa, acrescentaram, através da Sócio-Histórica, importantes contribuições à minha formação continuada. Aproveito, para ressaltar minha gratidão ao Departamento de Artes (DART/FALA/UERN), em lançar sobre mim um olhar de compreensão, uma vez que as reuniões departamentais ordinárias, eram realizadas no mesmo dia e horário em que estas aulas aconteciam.

Meu ingresso em definitivo na pós-graduação *stritu sensu*, em nível de mestrado, ocorreu com a aprovação no processo seletivo de 2018, para o Mestrado em Educação, EDITAL N° 09/2018 – POSEDUC/UERN. Efetuei matrícula na disciplina Pesquisa em Educação, ministrada pela Profa. Dra. Márcia Betânia de Oliveira, cujas aulas aconteceram nas terças-feiras, no horário das oito horas às onze horas e minutos, e também, na disciplina Educação e Cidadania: práticas educativas, cultura, diversidade e inclusão, ministrada pela Profa. Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros e pelo Prof. Dr. Allan Solano Souza, nas quartas-feiras, das oito horas às onze horas e minutos.

Corresponder às expectativas frente às exigências desta nova realidade, exigiu de mim, um esforço considerável, pois não contava ainda, com a liberação de carga horária para a citada capacitação. Minhas atividades no Departamento de Artes (DART) eram distribuídas entre as disciplinas de Teoria e Percepção Musical II, Teoria e Percepção Musical IV, Prática instrumental I F (Saxofone), Prática Instrumental III E (Flauta Doce) e Oficina de Composição I, orientação acadêmica, coordenação do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), e demais atividades ordinárias, departamentais. Não sobrava muito tempo para me dedicar às atividades do mestrado e, por conseguinte, precisei adentrar madrugadas a fio. Após as atividades do PECCP, que aconteciam nas segundas-feiras, das vinte às vinte e duas horas, além de deixar alguns dos participantes idosos, em casa. Após isto, me debruçava sobre as atividades da disciplina Pesquisa em Educação, para no dia seguinte, apresentar as tarefas semanais.

Com relação aos trabalhos da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP), posso dizer, que aconteceram de forma mais tranquila. Devido à carência de material de consumo nesta Corporação Musical, (palhetas para as bancadas de saxofones e clarinetas, óleos lubrificantes) e até fardamento, os ensaios regulares, passaram a acontecer somente nas quartas-feiras, das dezenove às vinte e duas horas, nas dependências da Escola de Artes de Mossoró (EAM), à Av. Alberto Maranhão, s/n, Centro. As apresentações musicais, se mantiveram na sua normalidade, em atendimento às convocações eventuais, aos diversos segmentos da sociedade local, de cidades circunvizinhas e ao calendário anual de datas comemorativas. Minhas atividades como copista e arquivista da Banda, eram realizadas em minha casa, devido ao fato de a sua Sede, ser desprovida do equipamento necessário. A realidade, me permitia adequar estas tarefas específicas, em consonância com todos os meus afazeres profissionais.

1.4 Porquê Choro tanto: o Choro nos fazeres musicais dos dias atuais

Quem é músico e executa um instrumento musical sabe muito bem que ficar privado de fazê-lo, é algo que por demais, causa incômodo. Apesar de não atuar como instrumentista *performer*, há muitos anos, aprendi a ter o contato com instrumentos musicais diversos e nutrir o gosto por eles. Entretanto, minha rotina como docente, não permite dispor de tempo necessário para praticá-los, o que tem me impossibilitado de manter o grau de excelência que desejo, quando os executo. Mesmo assim, a paixão, o prazer e o encantamento, me arrebatam sobremaneira, a fazer de mim, um musicófilo incondicional.

Em minha residência, tenho vários instrumentos musicais, que manuseio e guardo com um zelo quase sacerdotal. Às vezes, preciso executar algum ou alguns deles, para amenizar o *stress* do cotidiano. Para mim, cada instrumento musical tem um espírito peculiar, uma personalidade própria, o que faz ser prazerosa, a ação de abrir o estojo do instrumento, montá-lo, visualizá-lo⁴⁸, sentir o peso, a textura, o cheiro da madeira, do metal, a ergonomia, a vibração e, finalmente, escutar os sons. Esse ritual renova as minhas forças, tal como o professor, que, após um cansativo dia de labor, ao sentir o cheiro das páginas de um livro, cria alma nova frente a trabalhos e provas que precisa corrigir.

⁴⁸ Aos meus olhos, a imagem de cada instrumento encerra, em si, uma singular poesia (Nota do Pesquisador).

Às vezes, tais momentos são possíveis somente à noite e, para esta celebração à alma, recorro aos meus cordofones⁴⁹, que para não incomodar a quem esteja em casa, os executo com abafadores sonoros, que às vezes, eu mesmo, adapto. Quando, em virtude da falta de tempo, não é possível executar alguns dos meus instrumentos, apenas abrir os estojos, olhar para eles, fazer o “ritual” de montagem e, executar algumas notas ou acordes, parece que me suprem de alguma forma, tal necessidade.

Neste sentido, o clarinete é o instrumento musical que mais me acalma, pelo seu timbre, e que, no Choro, está entre os que mais me encantam. Novamente, volto a recordar das coisas acertadas que meu pai falava. Certa vez, quando ele estava me ensinando os primeiros fundamentos no saxofone, relatou: “Instrumento, é clarinete!” O entendimento da afirmação, só me foi possível, adquirir o meu primeiro clarinete, no ano de 2016.

Quadro 7 – Meus instrumentos musicais.

QUANT.	INSTRUMENTOS	MARCA/LUTHIER
CORDOFONES		
01	Violão – <i>Classic Guitar</i> Nº 28	<i>Di Giorgio</i>
01	Cavaquinho – Série Carinhoso Waldir	Do Souto
01	Bandolim eletroacústico Série MPB – 8 cordas	<i>Giannini</i>
01	Bandolim eletroacústico – 10 cordas	Anderson Santos
01	Guitarra Baiana – modelo Aruana	Elifas Santana
01	Rabeca (do luthier Gladson, da UFC, em Fortaleza-CE)	-
AEROFONES⁵⁰		
01	Flauta doce soranino	<i>Yamaha</i>
01	Flauta doce soprano barroca	<i>Moeck</i>
01	Flauta doce soprano germânica	<i>Yamaha</i>
01	Flauta doce contralto	<i>Yamaha</i>
01	Flauta doce tenor	<i>Yamaha</i>
01	Flautim	<i>Armstrong</i>
01	Flautim	<i>Custon</i>
01	Flauta transversal soprano	<i>Gemeinhardt 22SP</i>
01	Flauta transversal soprano	<i>Yamaha Yfl-471-h</i> Chaves (abertas)
01	Clarinete <i>Bb</i> 17 chaves	<i>Buffet Crampon BC20</i>
01	Clarinete <i>Bb</i> 21 chaves	<i>Amati-Kraslice</i>
01	Saxofone soprano <i>Bb</i>	<i>Conniff</i>
01	Saxofone alto <i>Eb</i> 20M	<i>Conn</i>
01	Saxofone alto <i>Eb</i>	<i>Winston</i>
01	Saxofone tenor <i>Bb</i>	<i>Galasso</i>
01	Saxofone barítono	<i>Galasso</i>
01	Pífaró	RMV

⁴⁹ **Cordofone** Termo genérico para instrumentos cujo som é produzido por meio de cordas retesadas entre extremidades fixas. Os cordofones formam uma das quatro classes principais de instrumentos (Dicionário Grove de Música, p. 223).

⁵⁰ **Aerofone** Termo genérico para instrumentos cujo som é produzido utilizando-se o ar como agente vibratório básico: os aerofones formam uma das quatro classes principais de instrumentos (Dicionário Grove de Música, p. 9).

01	<i>Ocarina</i>	-
01	<i>Queña</i>	-
TECLAS		
01	Teclado PSR 48	<i>Yamaha</i>
PERCUSSÃO		
01	Zabumba	Contemporânea
01	Timba média	Contemporânea
02	Pandeiro aro 10'	Contemporânea
01	Pandeiro aro 10'	<i>Luen</i>
01	Tamborim	RMV
01	Triângulo médio	RMV
01	Triângulo pequeno	RMV
01	Agogô	RMV
01	Ganzá	RMV
01	Afoxé	RMV
02	Claves (pares)	-
01	Bongô	<i>Luen</i>
01	Maracas (par)	<i>Luen</i>
01	Pratos (par) Fanfarra Banda Marcial Orion 10" c/ alça, Opus	<i>Orion</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

Os instrumentos musicais apresentados no Quadro 6, estão presentes em momentos diversos de minha vida pessoal e profissional. Com o violão, iniciei os meus estudos musicais e a primeira prática instrumental, ainda, na adolescência, no início dos anos 1980. Com ele em punho, alimentei fantasias, ao aprender os primeiros acordes, influenciado pelos cantores Fagner, Ednardo, Zé Ramalho e Belchior. Ministrei aulas de Iniciação ao Violão Popular, na Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), no período de 1995 a 1997, e também, fiz uso, em momentos nas aulas de Artes, na Escola Estadual Aída Ramalho Cortez Pereira e na Escola Estadual Prof. Eliseu Viana, no intervalo entre 2002 e 2004.

Iniciei a prática do saxofone tenor, com o ingresso na Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), no ano de 1984, e dei continuidade, ao utiliza-lo em alguns carnavais (1987, 1988 e 1990), no Grupo Ingênuo de Chorinho (1991 a 2004), nas Práticas Instrumentais I F, II F, II F e IV F (saxofones soprano, alto, tenor e barítono), no Curso de Música, do Departamento de Artes da UERN, de 2004 aos dias atuais, nas cinco edições do Projeto de Extensão Cultural Quinteto de Saxofones da UERN (saxofones tenor e barítono, 2006 a 2011), nas duas edições do Projeto de Extensão Cultural Camerata Mói de Sax da UERN (saxofones tenor e barítono, 2017 e 2018), nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas Rodas Abertas de Choro (RACs) e, no Programa Silêncio da Seresta (saxofone soprano, 2018 e 2019).

Com as flautas doces, participei do Grupo Oficina de Música, do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDNSNF), da UERN (1989 a 1995), fiz a minha

Prática Instrumental, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), (1997 e 1998) e, ministro as Práticas Instrumentais I D, II D, III D e IV D (Flauta Doce), de 2004 aos dias atuais, ocasionalmente, no Curso de Música do Departamento de Artes (DART/FALA/UERN). Tenho feito o uso das flautas doces (sopranino, soprano, contralto e tenor), de maneira esporádica, em todas as situações apresentadas.

O cavaquinho e o bandolim, começaram a fazer parte do meu cotidiano, com a minha participação no Grupo Ingênuo de Chorinho. Utilizei, também, o cavaquinho, nas aulas de Iniciação ao Cavaquinho e no Coral Carcará, na Escola Municipal de Música (EMMDPC). Com o bandolim, ou, para o bandolim, elaborei/defendi a minha Monografia “Método de Acordes Cifrados para Bandolim Rítmico-Harmônico”, na UECE (2000). Atualmente, utilizo o bandolim, nas atividades do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP) e no Programa Silêncio da Seresta.

Com relação à flauta transversal, utilizei na década de 1980, a velha flauta *Guarani*, de propriedade do meu pai, nos Grupos Água Doce e Quarto Crescente. No Grupo Ingênuo de Chorinho e na Orquestra da Congregação Cristã no Brasil, esta última, no período de 1999 a 2003, utilizei uma flauta transversal *Gemeinhardt 22SP*.

Os demais instrumentos, entraram/entram em cena devido a participações ocasionais, em grupos musicais, na Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), da Fundação Municipal de Cultura (FMC), nas aulas de Organologia, em eventos diversos e, em algumas das vezes, por pura musicofilia. Ademais, carrego comigo o hábito comum à maioria dos músicos, quanto a busca constante por instrumentos de melhor qualidade e de uma boa *set up*, no que tange a questões de projeção sonora, ergonomia, digitação e durabilidade, entre outros.

Com relação às boquilhas, no momento faço uso da *Yamaha 5C* e *Maestro A7* para saxofone soprano, *Vandoren B45* para clarinete, *Angel F – 6* (metal) e *Rizzetti* (massa) para saxofone alto, *Dukoff D8* (metal) e *Berg Larsen 95 – 2 SMS* (metal), para saxofone tenor, e, *Ever-Ton Revolution* (metal) e *Yamaha* (massa), para saxofone barítono. Exponho estas informações, por serem importantes e comuns entre os músicos, instrumentistas.

No Projeto de Extensão Chorinho na Praça (PECCP), utilizei alguns destes instrumentos, de acordo com o repertório e a formação musical, que se configurava de forma variada, a cada encontro. Faço o registro de que esta prática comprometeu o rendimento da minha performance em vários momentos e em alguns destes instrumentos, mas assim o fiz, no intuito de dar suporte à realização das ações do PECCP.

Quadro 8 - Minha atuação como instrumentista nas rodas de Choro.

	MÚSICA	AUTOR	INSTRUMENTO
01	André De Sapato Novo	André Victor Corrêa	Sax soprano
02	Apanhei-te Cavaquinho!	Ernesto Nazareth	Afoxé
03	Bicho Carpinteiro	André Reale	Bandolim
04	Brasileirinho	Waldir Azevedo	Sax soprano
05	Brejeiro	Ernesto Nazareth	Bandolim
06	Carinhoso	Pixinguinha/João de Barro	Sax soprano
07	Carioquinha	Waldir Azevedo	Afoxé
08	Cavaquinho Seresteiro	Waldir Azevedo	Afoxé
09	Chorinho De Gafieira	Astor Silva	Bandolim
10	Chorinho Em Cochabamba	Eduardo Neves/Rogério Caetano	Triângulo
11	Confusão	Félix Lins de Albuquerque	Afoxé
12	Cordas Românticas	Wadir Azevedo/Avena de Castro	Afoxé
13	Corinthiano	Luiz dos Santos - Saraiva	Sax soprano
14	Delicado	Waldir Azevedo	Triângulo
15	Doce De Côco	Jacob do Bandolim	Bandolim
16	Escadaria	Pedro Raimundo	Triângulo
17	Flor Amorosa	Joaquim A. da Silva Callado / Catulo da Paixão Cearense	Bandolim
18	Flor De Abacate	Álvaro Sandim	Sax soprano
19	Lágrimas de Namorado	Luiz dos Santos – Saraiva/J. Luna	Sax soprano
20	Lamentos	Pixinguinha/Vinicius de Moraes	Bandolim
21	Minhas Mãos, Meu Cavaquinho	Waldir Azevedo	Bandolim
22	Na Glória	Raul de Barros	Afoxé
23	Naquele tempo	Pixinguinha	Bandolim
24	Noites Cariocas	Jacob do Bandolim	Bandolim
25	O Bom Filho À Casa Torna	Bonfiglio de Oliveira	Afoxé
26	Odeon	Ernesto Nazareth	Bandolim
27	Paraquedista	José Leocádio	Sax soprano
28	Pedacinhos Do Céu	Waldir Azevedo	Bandolim
29	Proezas De Solon	Pixinguinha/Benedito Lacerda	Bandolim
30	Rapaziada Do Braz (valsa choro)	A. Marino	Sax soprano
31	Rosa (valsa serenata)	Pixinguinha	Sax soprano
32	Saxofone, porquê choras?	Severino Rangel de Carvalho (Ratinho)	Sax soprano
33	Sonoroso	K-Ximbinho	Sax soprano
34	Tico-Tico No Fubá	Zequinha de Abreu	Bandolim
35	Um Tom Para Jobim	Oswaldinho do Acordeom/ Sivuca	triângulo
36	Urubu Malandro	Louro/João de Barro	Sax soprano
37	Vê Se Gostas	W. Azevedo/O. Pitanga	Afoxé
38	Vou Vivendo	Pixinguinha/B. Lacerda	Sax soprano

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

O contato com a Narrativa (Auto) Biográfica, me possibilitou reconhecer que a minha história de vida e também a dos participantes, idosos, do Projeto de Extensão Chorinho na Praça (PECCP), são carregadas de vivências/saberes, socializados entre gerações. Este

descortinar, me despertou a curiosidade para registrar, mesmo em minha mente, informações importantes, desde a primeira edição do Projeto, a partir da convivência com os chorões, cujas histórias de vida, me chamavam a atenção, principalmente, dos idosos. Em nossa trajetória artística – minha e destes idosos - o Choro é um elemento em comum, um amálgama que permite a troca de saberes, entre aqueles que aprendem via transmissão oral e aqueles que aprendem através das novas tecnologias de informação e dos bancos das instituições de ensino musical formal.

Chamado à atenção pelas histórias de vida, pelas relações pessoais, interpessoais e seus desdobramentos, me senti motivado a submeter um projeto de pesquisa, ao POSEDUC/UERN e, em julho de 2018, obtive aprovação da segunda edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), conforme o EDITAL Nº 09/2018. Desde então, tenho lançado um olhar calcado nas Narrativas (Auto) Biográficas, cuja perspectiva metodológica me permitiu uma melhor interpretação a tais acontecimentos.

Antes da liberação de minha carga horária no Departamento de Artes (DART), para esta capacitação *stritu sensu*, que ocorreu em 04 de fevereiro do 2019, o tempo para me dedicar aos instrumentos musicais era bastante resumido, conforme citei anteriormente. Participar como saxofonista e bandolinista nas atividades do PECCP, não era fácil, pois devido à falta de prática diária, a execução e a embocadura, haviam de certa forma, sido perdidas. Entretanto, a leitura das partituras dos Choros, que eu já conhecia, me facilitava a vida. Quanto aos Choros a serem inseridos no repertório do Projeto de Extensão, que eu nunca tinha executado, me atinha a escuta-los no som do carro, enquanto dirigia. Desta forma, assimilava a melodia e o acompanhamento, na medida do possível.

Atualmente, me encontro com maior disponibilidade de tempo para me dedicar à prática instrumental, com vistas ao Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), pois como membro e pesquisador, continuo a participar dos Ensaios Abertos de Choro (EACs) e das Rodas Abertas de Choro (RACs), por ser este, o cenário da minha Pesquisa. Entretanto, manter o foco como aluno do POSEDUC, tem sido um problema a ser vencido. As intensas rotinas das atividades profissionais, cessadas recentemente, continuaram a se fazerem sentir interiormente, de forma a comprometer meu desempenho; “desacelerar” não foi fácil e, pela primeira vez na vida, posso afirmar, que não consegui realizar a contento, algo a que me tenha proposto.

Talvez, em função da maior disponibilidade de tempo, a aproximação física com meus instrumentos musicais, seja outro fator a interferir no cumprimento das atividades. Na condição de pesquisador e membro (músico) do PECCP, tenho feito uso do sax soprano, além

de retomar da prática do cavaquinho, após treze anos e, do bandolim, após quinze anos. Quanto à participação no Programa Silêncio da Seresta⁵¹, um desdobramento feliz e inesperado do Projeto de Extensão, além do cavaquinho e do bandolim, a flauta transversal, teve reingresso em minha prática instrumental, após um afastamento que perdurou por treze anos. Somados a estes fatores, os convites da Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, para realizar apresentações artísticas em eventos do POSEDUC, me motivaram, também, a voltar a empunhar o violão, em público, após aproximados trinta e quatro anos. Como consequência, voltei a “sofrer” a prazerosa e quase irresistível tentação de manter contato diário com os instrumentos musicais.

O retorno à prática de tais instrumentos me proporcionou o resgate aproximado, de condições para a execução instrumental, perdidas há anos. Para os cordofones, a volta dos calos na extremidade distal das falangetas dos dedos da mão esquerda, que têm função primordial para a digitação das cordas. Para os aerofones, o retorno da embocadura e da digitação, têm sido aspectos por demais motivadores, afora o domínio das escalas e outros aspectos, concorrentes uma boa performance musical. Esta nova realidade, fez muito fortemente despertar novamente em mim, o músico que estava silenciado, de maneira a se manifestarem de forma intensa, em meus sons interiores. Tal foi o arrebatamento, que para remediar a situação, precisei buscar em sessões de psicoterapia a ajuda necessária, para manter o foco na Pós-Graduação encetada.

Faço esta narrativa, no sentido de expor a significação que têm os instrumentos musicais em minha vida. A imagem (arte), a ergonomia, os timbres sonoros, os formatos, os cheiros (das madeiras e dos metais) e a sensação tátil, entre outras, estão me proporcionando sensações de prazer que há anos, não experimentava.

Com relação à proposta extensionista, as rodas de choro têm extrapolado suas ações, a exemplo das seguintes participações: 1- no Programa Silêncio da Seresta, nos dias 09 de novembro e 20 de dezembro de 2018; 2- na cidade de Apodi-RN, no dia 07 de dezembro de 2018, em atendimento ao convite da Secretaria de Municipal Cultura daquela Cidade, para abrilhantar os festejos alusivos aos Padroeiros Nossa Senhora da Conceição e São João Batista; 3- no Projeto Viva UERN Rio Branco⁵², no Memorial do Cangaço, em 31 de março

⁵¹ Programa veiculado pela rádio Rural de Mossoró, à época, nas sextas-feiras, das 20:00 às 22:00 horas (Nota do Pesquisador).

⁵² Projeto coordenado pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, da Prefeitura Municipal de Mossoró, no qual são realizadas apresentações culturais, brincadeiras e atividades esportivas. Nele, a cada domingo, uma universidade local, é convidada para coordenar as atividades. A primeira participação da UERN, como Instituição Organizadora da Programação, aconteceu em 30.04.2018, através da Pró-Reitoria de Extensão da UERN (PROEX), que envolveu as faculdades de Educação Física (FAEF), Enfermagem (FAEN), Educação

de 2019; 4- nas comemorações do Dia Nacional do Choro, em 23 e 24 de abril de 2019, no Teatro Lauro Monte Filho e na Escola de Artes de Mossoró, respectivamente, 5- no III Encontro de Músicos de Mossoró, no dia 08 de maio de 2019, realizado no Clube Carcará.

Devido à aceitação do Projeto, por diversos segmentos da comunidade, deliberamos que, na medida do possível, serão atendidos os convites que porventura venham a acontecer. Assim, iniciamos atendimento a tais solicitações, com uma apresentação dia 09 de junho de 2019, às onze horas na TV Cidade Oeste, no Programa Domingo Alegria, e outra, no dia 10 seguinte, às vinte e trinta horas, na Capela de Santo Antônio, dentro da programação dos Festejos alusivos a este Santo.

Entre os momentos prazerosos no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), destaco, que foram as visitas a José Antonio da Costa (Zé Lucas), na localidade de Ubaia-CE. A primeira, no dia 29 de dezembro de 2018, oportunidade em que após executamos vários Choros, o presenteei, com o meu bandolim *Del Vecchio*, pois o seu bandolim, havia sido furtado, após sua última apresentação, na cidade de Mossoró.

Zé Lucas, exímio violonista, cavaquinho e bandolinista, chorão por natureza, participou de todos os ensaios e rodas abertas, na primeira edição do Projeto. Pelo fato de ser idoso e da escalada da violência na cidade, eu ia busca-lo em sua residência e deixa-lo de volta, após os encontros de Choro. Nestes momentos, ele relatava histórias de sua vida, principalmente, com relação à sua atuação no cenário musical de Mossoró e cidades circunvizinhas. Entre os relatos mais constantes, a falta de motivação para a prática instrumental se fazia presente, e até, de forma repetitiva. Relatava que, em Mossoró, há muito já não tocava mais Chorinho, pois além da falta de espaço para se executar o gênero musical, vários chorões, que com ele tinham o hábito de se encontrar aos domingos, haviam falecido. Era perceptível o acentuado tom de melancolia em suas narrativas. A este respeito, certa vez o professor e chorão, João Lima Rocha Neto (Lima Neto), comentou que ao chegar em sua barbearia, o encontrou meio cabisbaixo, e, ao perguntar se ele estava bem, o mesmo respondeu: “Estou com *banzo!*”⁵³ Acometido recentemente de um acidente vascular cerebral, Zé Lucas precisou se mudar de Mossoró, na busca de uma vida mais tranquila, para auxiliar no seu tratamento de saúde.

(FE) e Letras e Artes (FALA), além da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). (Portal da UERN – “UERN leva esporte, cultura, lazer e inclusão para a Avenida Rio Branco”. Disponível em: <www.uern.br> Acesso em: 27.01.2019.

⁵³ *sm* (de banzar) Nostalgia ou melancolia mortal dos negros africanos, quando cativos e ausentes do seu país. *Adj* Abatido, atônito, pasmado, pensativo, triste. (Michaelis. Moderno dicionário da língua portuguesa, p. 296).

A segunda visita, aconteceu no dia 23 de março do corrente ano, por ocasião do seu aniversário, em 20 de março. Em número de oito participantes do PECCP, juntamente com Zé Lucas, passamos a manhã e a tarde, a executar um repertório variado, no qual o Choro, era o carro-chefe. Para nossa alegria, Zé Lucas mostrou uma excelente recuperação da sua motricidade fina, ao acompanhar no violão, todas as músicas e, aproveitou para improvisar nos contrapontos, de forma a nos presentear com sua habilidade de exímio instrumentista. Na oportunidade, o presenteei com encordoamentos de cavaquinho, violão e bandolim, fizemos a partilha do bolo, movimento este, que chamou a atenção de vários moradores da localidade.

Para os participantes do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), o fazer musical tem se mostrado um exercício prazeroso. Os encontros todas as segundas-feiras, no Rust Café, foram realizados nas horas de lazer, e os vêm instigando à prática instrumental diária e à pesquisa. A inserção de novos Chorinhos, a troca de experiências, o fazer coletivo e o bom relacionamento entre os pares, geram expectativas para cada novo encontro, de forma que ao compreendermos esta realidade, decidimos atender voluntariamente, convites dos diversos segmentos da sociedade, fruto deste fazer/prazer coletivo.

As viagens Ubaia-CE, aconteceram, devido ao reconhecimento da representatividade que Zé Lucas tem, no cenário musical de Mossoró, em especial como exímio instrumentista de Choro e, também, como uma forma de compartilhar este fazer/prazer e amenizar o seu isolamento artístico musical em que se encontra.

Com o objetivo de uma maior inteiração com os idosos, no mês de setembro, de 2019, efetuei minha filiação no Clube Reviver, da Terceira idade, em Mossoró-RN, e, desde então, passei a frequentar suas reuniões, quinzenais. Minha afinidade com as pessoas desta faixa etária, se dá em muito, a partir das músicas que eles gostam, pois à época em que as vivenciam, eu as escutava, no meu cotidiano familiar. Em algumas reuniões do Reviver, cheguei a fazer apresentações com o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), uma roda de samba, improvisada e, de forma individual, ao saxofone, acompanhado por *playback*. A interação com estes idosos e o *feedback*, que tenho como resposta, estão se constituindo uma nova motivação neste meu momento de vida.

CAPÍTULO 2 B - O PROJETO DE EXTENSÃO CULTURAL CHORINHO NA PRAÇA (PECCP): a UERN e a inclusão de idosos



54

O choro é como um vestido de roda
que não segue a moda, que a moda não dura.
O seu tecido é de fino novelo,
parece um modelo da alta-costura.

Paulo César Pinheiro [19--]

Neste Capítulo, discorro a respeito da presença da música, em especial, do Chorinho, durante toda minha trajetória de vida, que se constitui a razão fundante da minha identificação para com este gênero musical brasileiro. Exponho a respeito da primeira Roda Aberta de Choro, realizada pelo Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em 24 de novembro de 2016, em comemoração à Semana da Música, sob minha coordenação, e também, das atividades desenvolvidas nas duas edições do Projeto de Extensão Chorinho na Praça (PECCP), que compreendem os períodos de agosto de 2017 a junho de 2018 e de agosto de 2018 a maio de 2019, respectivamente.

Apresento as estratégias adotadas para as realizações dos Ensaios Abertos de Choro (EACs) e das Rodas Abertas de Choro (RAC), no PECCP, com ênfase nos acontecimentos que dizem respeito mais especificamente à participação dos idosos envolvidos, cuja pertinência, está ancorada em Levitin (2010), ao assegurar que os sons, ritmos e texturas musicais agradáveis, são geralmente, identificações com experiências positivas vividas, e, ao ouvirmos músicas que gostamos, revivemos por familiaridade, a experiência sensorial de momentos agradáveis que tivemos em nossas vidas.

⁵⁴ Arte estampada nos folders do PECCP (Nota do Pesquisador).

A minha afinidade com o Chorinho, começou a ser construída desde os primeiros instantes de vida, em que a reação aos estímulos musicais já se fazia sentir, desde a barriga da minha mãe, com seus acalantos, durante os momentos embalados pelas performances individuais do meu pai, João Batista de Souza (Maestro Batista)⁵⁵, pelas orquestras, que através dos discos de vinil, adentravam a minha casa e, pelos chorões que por lá transitavam.

Afirmo também, que as vivências enquanto componente da Banda de Música Municipal Artur (BMMAP), da Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM), e do Grupo Ingênuo de Chorinho, do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, se fizeram de estrado para esta identificação, que convergiu para a realização da primeira Roda Aberta de Choro, por mim coordenada, motivo inicial para a proposta e aprovação do PECCP. Este Projeto, veio atender aos reclamos de músicos, principalmente idosos, no que se refere à ausência de espaços para a audição e a execução do Choro, na cidade de Mossoró, sentimento que sempre compartilhei, asseverado principalmente, pelo fato de ser ex-integrante do Grupo Ingênuo de Chorinho. Destaco, que a instigação para a elaboração do Projeto de Pesquisa, em questão se deu em consequência da repercussão positiva das duas edições deste Projeto de Extensão Cultural.

Aponto, conceitos de autores que defendem a construção espaços apropriados para a inserção sociocultural de idosos, como oficinas, grupos e cursos profissionalizantes, com vistas amenizar o isolamento social, que enfraquece as relações constituídas ao longo da vida, ao desfazerem os círculos de amizade, principalmente aquelas relacionadas ao trabalho.

Exponho, o detalhamento de como são realizados os Ensaios Abertos de Choro (EACs), desde a sua mobilização, a participação dos idosos envolvidos, os entendimentos que ocorrem através do corpo a corpo, até a utilização de redes sociais, que convergem para a realização destes ensaios, e ainda, as apresentações, em atendimento a solicitações de vários segmentos da sociedade.

As estratégias para a seleção do repertório, o encontro de gerações, a troca de saberes, evidenciadas nas rodas de conversa, o compartilhamento de informações referentes ao universo do Choro - repertório, autores, ritmos executados e suas estilizações, Organologia, tonalidades originais e as eventuais adequações, digitação dos instrumentos, contraceno dos timbres, alternância e convenções dos instrumentos solistas, harmonia, improvisação,

⁵⁵ Mais conhecido como Maestro Batista por ter se destacado no cenário musical na cidade de Mossoró, no qual exerceu atividades como mestre de bandas, “dono” de conjunto, arranjador, instrumentista (saxofone, clarinete, trompete e flauta transversal) e instrutor musical no Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, da UERN. Segundo ele, ser tratado como maestro, era uma forma carinhosa com que as pessoas demonstravam reconhecimento pelo seu trabalho. Além de músico, foi radiotelegrafista e engenheiro agrônomo (Nota do Pesquisador).

instrumentos que podem e que devem ser utilizados nas rodas de Choro e etc. -, são aspectos de construções colaborativas, que apresento de maneira pormenorizada, que também, fazem convergir para a democratização do Choro, na cidade de Mossoró.

Destaco a respeito das exposições didáticas “A História do Choro no Brasil”, pelo instrutor musical, Fábio Roberto Monteiro de Lima, e “Encadeamentos Harmônicos – Propostas para cifragem sem a utilização de instrumento harmônico e o acompanhamento de melodias simples”, por mim apresentada, ambas nos EACs, com o objetivo de propiciar um diálogo entre os saberes musicais adquiridos em contextos não formais e, os saberes musicais, sedimentados nas concepções vigentes nos meios acadêmicos.

Faço também, uma exposição de como acontece minha atuação enquanto coordenador e membro do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), mediante a observação participante, com vistas à adoção de uma postura articuladora, que venha interferir minimamente nas discussões e, que possibilite aos demais membros do grupo, refletirem sobre as narrativas dos saberes de si e dos outros, para que sejam revelados e entendidos o contexto dos mundos destes sujeitos, no que se refere às suas vivências musicais, em especial, no que diz respeito ao Chorinho.

Discorro ainda, a respeito da participação contemplativa, por aqueles que se dão apenas às audições, nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas Rodas Abertas de Choro (RACs), e nas apresentações musicais realizadas no PECCP, no sentido de serem acrescentadas informações que venham explicitar a dimensão inclusiva deste Projeto. Faço também, uma exposição detalhada de como acontecem as RACs, apresentadas em culminância dos EACs. Para isto, o repertório prévia e democraticamente selecionado, era socializado aos participantes, através de redes sociais, no qual, era apresentada através de uma planilha, uma relação com o título dos Choros, autores, tonalidades, solistas, e as observações específicas para cada número a ser executado. Com a mesma dinâmica, o plano de palco, a ser utilizado nas RACs e nas apresentações, era discutido e, as tarefas, naturalmente atribuídas em comum acordo, àqueles que ao terem experiência prévia, as socializava aos demais participantes.

A colaboração espontânea pelos participantes do Projeto, na montagem e equalização do equipamento e do *layout* de palco, é aqui mencionada, pelo motivo de se configurarem como aspectos socializadores de experiências e geradores de novas aprendizagens. Com relação às RACs, a preocupação com a execução instrumental (performance) e a postura de palco, são evidenciadas, de forma mais acurada, a exemplo da conscientização do uso da

manossolfa.⁵⁶ As informações discutidas nos ensaios, eram repassadas em forma de *release*, com o objetivo de preparar/situar os ouvintes, com respeito à programação a ser executada, e, a uma maior interação, entre os presentes. Para isto, era facultada a participação não só como instrumentistas, mas também, nas intervenções informativas quanto ao universo do Chorinho.

Faço também, registro das RACs, realizadas em locais não previstos, em atendimento às solicitações de diversos segmentos da sociedade, de maneira a exibir os acontecimentos que extrapolaram a proposta inicial deste Projeto de Extensão Cultural. Desafio, as estratégias adotadas para o fomento do Choro na cidade de Mossoró, com o objetivo de contemplar o gosto musical dos chorões envolvidos e as preferências entre os participantes contemplativos (ouvintes), que na maioria das vezes, convergiram para os Choros tradicionalmente mais executados. Exponho ainda, ações que visaram estimular a participação de músicos principiantes a músicos profissionais, nos EACs e nas RACs. Para isto, utilizamos algumas tecnologias de comunicação, com vistas à socialização e apropriação de informações a respeito deste gênero musical, a exemplo de partituras, áudios, vídeos, referências bibliográficas e o acesso a *sites* livres, da *Internet*, que disponibilizam o acesso gratuito a informações, relacionadas ao universo do Choro.

Apresento abordagens, frente à receptividade dos idosos, participantes do Projeto, no que concerne à identificação do Choro, em suas histórias de vida, mais especificamente, a aspectos como repertório/vivências, estilos e esquemas musicais, abalizados em Levitin (2010), ao afirmar que para muitas pessoas, no que se refere à preferência musical, o que será apreciado ou rejeitado no futuro, dependerá dos esquemas cognitivos musicais formados nos hábitos de audição da infância. Tal assertiva, se encontra interligada às experimentações do prazer, encontradas nos dispositivos musicais defendidos por Jourdain (1998), no sentido de que estas, acontecem quando as expectativas geradas pela música são contempladas, ou seja, quando temos satisfeitas as nossas previsões rítmicas, melódicas e/ou harmônicas, advindas do sistema musical ao qual estamos habituados.

Em continuidade, trago à pauta, as apresentações das Rodas Abertas de Choro (RACs), em outros locais de acesso público, para além do Rust Café, a exemplo das realizadas na Paróquia de São João, em Apodi-RN, na TV Cidade Oeste, na Escola de Artes de Mossoró, no Teatro Lauro Monte Filho, na Capela de Santo Antônio, na Associação dos

⁵⁶ Já na Idade Média, o monge Guido D'Arezzo (um dos que mais contribuíram para o progresso da escrita musical) se utilizava de um sistema de solfejo, exprimindo os sons por meio de gestos. Esse sistema chamou-se "mão guidoneana" ou "mão musical". Segundo alguns autores, até o século XVIII, os portugueses chamavam "Mão de solfa", esse processo para solfejo (PRIOLLI, 1989, p. 115).

Portadores de Hepatite de Mossoró (APHEMO), e, no programa Silêncio da Seresta, veiculado pela Rádio Rural de Mossoró, às sextas-feiras, das vinte às vinte e duas horas, como um desdobramento do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP).

2.1 O convite ao Choro

Tarefa das mais difíceis certamente, é precisar o início da manifestação do Choro, em Mossoró-RN, por não se terem registros documentais que possam atestá-la. Se levarmos em conta que o seu surgimento aconteceu nos subúrbios cariocas por volta de 1870, é óbvio, deduzirmos ser impossível recorrermos à memória viva⁵⁷, a este respeito.

Os relatos que denotam maior anterioridade, que colhi para o Memorial Descritivo “O Choro em Mossoró antes do Grupo Ingênuo – 1991”, apresentado por mim, como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Metodologias do Ensino de Artes, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 14 de agosto de 2002, se reportam a meados da década de 1940, nos quais afirma Raimundo Soares de Brito (Raibrito), pesquisador e historiador da cultura geral de Mossoró, de que “... em Maria Pencinha e em Zé de Ana, no ano de 1946, organizavam-se as chamadas valsas onde algumas vezes vi lá se tocar choro” (SOUZA, 2002, p. 4). Conta, Raibrito, que era comum se realizar forrós em casas de família, uma vez que os poucos clubes com salão de dança, não eram acessíveis a todas camadas sociais da cidade.

Segundo o Maestro Batista⁵⁸ – que me assegurou ter animado vários forrós no “Forró de Zé de Ana”, situado à Rua Campos Sales, no Bairro da Baixinha, e também, no “Forró de Maria Pencinha”, nas mesmas imediações -, se realizavam nestes locais, as famosas domingueiras, que eram bailes ou forrós, realizados aos domingos, das quatorze às dezesseis horas, animados por grupos regionais⁵⁹, nos quais, o Choro, era executado juntamente com os outros ritmos. As domingueiras, perduraram até a segunda metade dos anos 1960 (SOUZA, 2002). Com respeito ao Choro em Mossoró, continuo:

⁵⁷ Termo utilizado aqui para fazer referência às pessoas, vivas, que guardam na memória, assuntos e/ou acontecimento não documentados nas literaturas (Nota do Pesquisador).

⁵⁸ João Batista de Souza, meu pai, mais conhecido como Maestro Batista, atuou como Radio telegrafista, músico e engenheiro agrônomo. No cenário musical exerceu atividades como mestre de bandas, “dono” de conjunto, arranjador, instrumentista (saxofone, clarinete, trompete e flauta transversal) e instrutor musical no Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, da UERN (Nota do Pesquisador).

⁵⁸ Como eram chamados os proprietários de conjuntos musicais em Mossoró, que animavam os bailes dos principais clubes locais na época (Nota do Pesquisador).

⁵⁹ *sm* Conjunto musical que executa composições características de determinada região. (MICHAELIS, 1998, p. 1803).

1.1 - O choro e as camadas sociais da época

Simultaneamente às *domingueiras*, aconteceram também os *forrós de poeira*, como nos afirma o músico José Francisco Ferreira, e também *fubambos*, na periferia da cidade, como nos mostra o também músico Raul Gadelha: “... Quando o ambiente era mais fraco, tocava a sanfona”.

O *choro* tinha aceitação geral, a ponto de nos informar José Francisco Ferreira (Zé Caboré): “Em Mossoró, se executava *choro* até na casa do bispo”. Nos clubes, já se podia ouvir *choro* executado por orquestra de metais onde o saxofone, clarinete, o piston e o trombone marcavam as presenças mais importantes. O clube *Ipiranga*, era reservado à elite, onde segundo Zé Caboré, só entrava “granfino engravatado”. Também, havia diferenciação na qualidade dos músicos; “Sanfoneiro que não executasse *Escadaria*, de Pedro Raimundo, estava em falta”, nos afirma o Maestro Batista e, “Se o músico não tocasse *choro*, era fraco”, Raul Gadelha.

Outros locais de grande divulgação do *choro* eram os cabarés ou boates do *Alto do Louvor*⁶⁰, dos anos 50 a 60, onde o mercado dos prostíbulos e do jogo dava suporte ao clima de boemia. Muitas boates promoviam bailes conhecidos em todo o Nordeste Brasileiro (SOUZA, 2002, p. 5).

Em 1963, ano em que nasci, o Choro já se fazia reverberar na cidade de Mossoró. Considero que a afinidade com este gênero musical, foi em mim construída, a partir dos primeiros momentos da minha vida, em que a reação aos estímulos e padrões musicais já se fazia sentir desde a barriga da minha mãe, concepção defendida por Oliveira *et al.* (2016), Levitin (2010), Straliozzo (1995) e Lucena (1995), apresentadas no Tópico 1.1, do Capítulo 1, deste trabalho dissertativo.

Conforme relatado, o cotidiano, na minha residência, situada à Rua Marechal Hermes, nº 26, São José, em Mossoró-RN, era embalado pelas performances do meu pai, o Maestro Batista, no clarinete, no trompete e/ou no saxofone tenor, instrumento musical de sua preferência, bem como, das orquestras que através dos discos de vinil e dos músicos que corriqueiramente, ali transitavam. Creio, que tudo isto, contribuiu decisivamente para a formação e consolidação da minha identidade musical.

Possuidor de um gosto musical eclético e refinadíssimo, o Maestro Batista, só adquiria discos com músicas de boa qualidade. Tanto o é, que ainda hoje, me delicio com as obras musicais que escutava quando criança, porém agora, acessadas mais comumente através de mídias, via *Internet*. Seus velhos discos em vinil (*LPs*, compactos⁶¹ e até vinis em 48 rotações encontram-se guardados ainda hoje, em minha casa. A arte de suas capas, evocam momentos de minha infância e adolescência, e os velhos “bolachões,”⁶² encerram em si, resultados

⁶⁰ Corruptela de *art nouveau*, segundo REIRE (2008) in RIBEIRO (2009), (Nota do Pesquisador).

⁶¹ Os *compact discs* eram discos em vinil, que continham geralmente quatro músicas, duas em cada lado (Nota do Pesquisador).

⁶² Como eram chamados jocosamente os discos em vinil após o aparecimento das Fitas K7, em Mossoró-RN (Nota do Pesquisador).

sonoros, que me possibilitam passear por memórias musicais carregadas de muitas afetividades.

Muitos ritmos a exemplo do Samba, do Frevo, do Baião, do Xote, do Xaxado, da Marcha Junina, da rancheira, da Valsa, do *Fox*, do *Sox Slow*, do *Fox Trot*, do *Twist*, do *Soul*, do *Country*, da *Salsa*, do *Merengue*, do *Cha-Cha-Cha*, da *Rumba*, do *Calipso*, da *Cumbia*, do *Fado*, do *Vira* e do *Flamenco*, entre outros, se faziam reverberar diariamente na minha residência, e ainda, o fazem, nas minhas memórias, revividas a cada momento em que me debruço, para eternizar estas narrativas.

Em se falando especificamente de Choro, é impossível para mim, esquecer aqueles, interpretados pela Orquestra Tabajara, de Severino Araújo⁶³, deste maestro, arranjador e instrumentista pernambucano, cujas obras me fazem a cada audição, sentir o bafo da terra quente, ao se abeberar com as primeiras neblinas preditoras do inverno, a lagarta de fogo, a flor, o espinho, o banho de chuva, a brasa, a luz da lua na palha do coqueiro, os quintais, e tantas outras coisas de um “Brasil brasileiro”, como dizia o saudoso maestro e compositor Ary Barroso.

A completar o chamamento ao Choro, entram em cena, os chorões que transitavam minha residência, os regionais que eu escutava nas rádios, o sanfoneiro que aparecia na bodega da esquina, os integrantes da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), da Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM), o Grupo Ingênuo de Chorinho, e por fim, o vasto arquivo encontrado na *Internet*, me permitiram/permitem a delícia de “chorar”, através das notas musicais.

Peço licença, para fazer dois relatos que dizem respeito ao meu pai, pois situam-se para mim, na esteira da musicalidade e de outras sensibilidades. O primeiro, aconteceu em uma tarde no ano de 2009, momento em que eu me encontrava no meu quarto⁶⁴, com minha filha, Sara de Souza Lins Batista - à época, com nove anos de idade - a lhe ensinar os primeiros acordes em um violão *Di Giorgio*, modelo *Signorina*, que eu havia lhe presenteado. Inusitadamente, senti o aproximar de sua presença e, ao olhar para a porta do quarto, o enxerguei, com o sentimento de que ele chegou ali, para verificar se eu estava ensinando da forma correta, postura que lhe era por demais peculiar. Destaco o meu estranhamento, pelo fato de o mesmo, ter falecido em 2 de novembro de 2007, há aproximadamente, dois anos antes.

⁶³ Araújo de Oliveira (Severino) [23/4/1917 Limoeiro PE]. Regente, instrumentista, clarinetista, compositor. [...]. Em 2000 regeu a Tabajara acompanhando Jamelão no *CD Por força do hábito*. No mesmo ano, completou 60 anos à frente da Orquestra Tabajara...] (ALBIN, 2006, p. 46).

⁶⁴ Na atual residência, situada à Rua Marechal Hermes, 471, Paredões, em Mossoró-RN (Nota do Pesquisador).

Em outra ocasião, em novembro de 2017, após um dia de intenso trabalho, eu me encontrava tarde da noite no mesmo quarto, assistindo vídeos relacionados ao universo da música, hábito que tenho, antes de ir dormir. Em dado instante, ao assistir algumas *big bands*, no *You Tube*, novamente ele chegou e, ao meu lado, como fazia habitualmente, ao fundo do seu óculos bifocal, lançou um olhar para o computador, apontou com o dedo indicador para a tela e, em minha mente, o escutei falar: “Isso aqui, você faz assim”! A experiência foi sobremaneira marcante e de tamanha concretude, que a partir daquele momento, minha intuição e percepção musicais se aclararam consideravelmente. Me sinto à vontade para tecer estas narrativas, uma vez que durante o transcorrer da minha vida, vários fenômenos desta natureza me ocorreram, e foram confirmados por terceiros, que deles, não tinham conhecimento prévio.

Posso assegurar, que a idealização e coordenação dos Concursos de Sanfoneiros de Mossoró, no período de 2009 a 2002, a Monografia intitulada “Método de Acordes Cifrados Para Bandolim Rítmico-Harmônico”, apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Música na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 2000, e o Memorial Descritivo “O Choro em Mossoró antes do Grupo Ingênuo – 1991.”, também, apresentado como TCC, no Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de Artes, no ano de 2002, na mesma Instituição de Ensino Superior (IES), foram ressonâncias da identificação com o Choro, construídas na minha trajetória de vida.

Em uma concepção mais ampla, prefiro conceber que este gênero musical, está presente no meu itinerário musical e acadêmico, também, como fruto do sentimento compartilhado com os “irmãos de lira”⁶⁵, a exemplo do que afirmara José Francisco Ferreira (Zé Caboré), *in memoriam*, saxofonista e ex-integrante da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), no citado Memorial Descritivo: “Da década de 60 pra cá, com esses conjuntos de cabeludos, instrumentos eletrônicos e essa música jovem, o Choro ficou para trás” (SOUZA, 2002, p. 20), e, das narrativas de José Antônio da Silva (Zé Lucas), a respeito da falta de espaços na cidade, para a prática do Chorinho, apresentadas no Tópico 3.1, do Capítulo 3, deste trabalho dissertativo.

Todos estes fatores, me proporcionaram o estrado para a realização da primeira Roda Aberta de Choro, pelo Departamento de Artes (DART/FALA/UERN), em 24 de novembro de 2016, que teve início às dezessete horas e término às dezoito horas e trinta minutos, no Caramanchão do Memorial da Resistência, situado à Av. Rio Branco, Centro, em Mossoró-

⁶⁵ Referência comum entre os músicos de banda àqueles que compartilham o mesmo labor musical (Nota do Pesquisador).

RN⁶⁶, dentro das comemorações alusivas à Semana da Música⁶⁷. Necessário se faz, destacar que anteriormente, rodas abertas de Choro, já aconteciam semanalmente, na Praça de Convivência, do Corredor Cultural de Mossoró, mais precisamente, em frente ao MPB Pastel (Melhor Pastel do Brasil), nas terças-feiras à noite, por iniciativa dos músicos chorões, João Lima Rocha Neto e Guido Alves do Nascimento - violões de 6 cordas, e, Degivaldo Avelino da Silva - violão de 7 cordas. Não cheguei a participar destas rodas abertas de Choro, mas, tive notícias de que vários chorões a elas se faziam presentes, com o intuito de rever os amigos e naturalmente, tocar muito Chorinho.

A Roda Aberta de Choro realizada no Caramanchão do Memorial da Resistência, contou com a participação de professores e alunos do Curso de Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), do então Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, da UERN⁶⁸, de integrantes da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP), do Grupo Ingênuo de Chorinho, do Grupo de Choro “Cá entre Nós”, e, de outros músicos, não agregados a grupos musicais, a saber:

Artur Góis de Araújo, Íris Emanuella de Castro Nascimento e Severo Ricardo Silva Neto - flautas transversais, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim, Fabio Roberto Monteiro de Lima e Guilherme Paiva de Carvalho – cavaquinhos, João Lima Rocha Neto, Gideão Lima da Silva, José Magnaldo Araújo e André Medeiros de Paula Firmino - violões de 6 cordas, Gleferson Lima da Silva – saxofone alto, Erinaldo Justiniano da Silva - saxofone tenor, Ítalo Soares da Silva – trompete, Thiago Augusto Canuto de Queiroz - trombone de vara, Osman Josenildo Carlos Pereira e José Araújo Amaral – pandeiros e Rafael Góis Bezerra – tamborim. Também, participou da roda de aberta Choro, uma senhora, ao triângulo – na Fotografia 5, sentada, com uma bolsa à tiracolo, ao lado do pilar esquerdo - sobre a qual, apesar de várias consultas feitas com alguns chorões que estiveram presentes, não foi possível obter informações a respeito. Este momento, foi marcado pelo calor do reencontro de vários chorões e pela realização da maior roda de Choro, até então, na cidade.

⁶⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ Secretaria de Meio ambiente e Urbanismo – SEMURB Gerência de Controle Ambiental – GCA
CARTA DE ANUÊNCIA AMBIENTAL E URBANÍSTICA Nº 0202-2016/SEMURB/GCA.

⁶⁷ Em 22 de novembro comemora-se mundialmente o Dia da Música, do Músico e de Santa Cecília, padroeira dos Músicos (Nota do Pesquisador).

⁶⁸ A Escola de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, criada através da Resolução nº 39/2017 - CONSEPE, de 6 de setembro de 2017, é uma Escola de Extensão vinculada ao Departamento de Artes, da Faculdade de Letras e Artes e desenvolve diversas atividades envolvendo ensino, produções artísticas e de incentivo ao desenvolvimento musical de seus alunos (www.uern.br). Acesso em dez. 2019.

Fotografia 4 - Roda Aberta de Choro. Caramanchão do Memorial da Resistência, 24.11.2016.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2016.

A proposta para esta realização, foi discutida em reunião no Departamento de Artes (DART/UERN), e, uma vez aprovada, iniciei os contatos com os prováveis participantes, no sentido de convidar as pessoas aficionadas ao Choro, às quais, eu tinha conhecimento. Encaminhei/socializei os convites através de *e-mail*, ligações telefônicas, chamada pública, via Portal da UERN, fixação de *folders*, em murais e utilizei de toda a forma que dispunha no momento, para agregar alunos do Curso de Música e do Conservatório de Música, da UERN, músicos da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai, da Banda de Música do II BPM, chorões a quem eu conhecia e, a quem mais pudesse demonstrar interesse em participar desta grande roda de Choro, executando um instrumento ou participando como ouvinte.

Para os alunos do Curso de Música da UERN, como de costume, incitei à participação fazendo-os atentar para a possibilidade de contabilização de quatro horas de atividades complementares, para execução instrumental e, de duas horas para a audição, previstas no Projeto Pedagógico do Curso⁶⁹.

Como docente do Curso de Música, do Departamento de Artes (DART), desde dezembro de 2004, tenho me identificado com as ações de extensão, desenvolvidas no âmbito da UERN. O atendimento à sua política extensionista, tem sido um entre vários compromissos, assumidos por este Departamento, no que prevê o Art. 125, do Regimento Geral da UERN: “As atividades de extensão da Universidade assumirão a forma de cursos e serviços a terceiros, pessoas e instituições públicas e privadas.”⁷⁰ Esta política se aporta em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) - Projetando o futuro da

⁶⁹ Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música – 2014, 15.2.4. Atividades Complementares (acadêmico-científico-culturais)-ATC, p. 62.

⁷⁰ REGIMENTO GERAL DA UERN, TÍTULO II, CAPÍTULO III, Art. p 27.

Universidade: 2016 / 2026, que impulsiona esta Instituição de Ensino Superior (IES), a desenvolver, com vistas no futuro, ações de extensão de alto impacto, no âmbito cultural e educativo, de forma a garantir uma maior reverberação deste Plano, no raio de sua jurisdição. Tais ações, abrangem contratos e convênios com instituições públicas e privadas, de maneira a contribuir para a formação de estudantes, no que tange ao ensino, à pesquisa e à extensão.

A realização da Roda Aberta de Choro (RAC), foi alicerçada, ainda, em atenção à criação de espaços para a contabilização das 200 horas de atividades complementares acadêmico-científico-culturais, para os discentes do Curso de Música, da UERN, a serem integralizadas durante o transcorrer do percurso acadêmico, em conformidade com o que preconiza o Projeto Pedagógico deste Curso de Licenciatura em Música, fundamentado nas orientações estabelecidas pela Resolução CNE/CP Nº 01/2002 e Nº 02/2002.

O primeiro momento desta RAC, foi destinado a uma conversa informal, em que rever os amigos e fazer novas amizades, se fez a tônica entre os chorões. Era perceptível a alegria estampada em cada rosto e, os sorrisos, anunciavam a expectativa da formação da maior roda de Choro, em Mossoró, até então. Como não dispúnhamos de sonorização, sugeri que todos se sentassem no banco da Praça, no Caramanchão, do Memorial da Resistência, cada um, ao lado daqueles que iriam executar o instrumento semelhante. A intenção, era dar maior amplitude às massas sonoras, e proporcionar uma maior segurança, na execução de Choros que, possivelmente, não fossem de domínio de alguns dos instrumentistas. Assim, violonistas, cavaquinhistas e percussionistas se ajudariam, em uma execução conjunta, durante todo o transcorrer da apresentação. Pedi, para que todos afinassem seus instrumentos, no La diapasão⁷¹, como de praxe, e, em seguida, com um diapasão de sopro, conferi a afinação de cada instrumento, juntamente com seus executores.

O primeiro Choro executado foi “Carinhoso”, de Alfredo da Rocha Viana Filho (Pixinguinha)⁷² e Carlos Alberto Ferreira Braga (João de Barro, ou Braguinha), em reverência a este primeiro, considerado o maior chorão do Brasil, e, também, por ser certamente, um Choro de domínio bastante conhecido, o que iria assegurar a participação de todos. Como não tínhamos um repertório pré-definido, acordamos que os solos (melodias) ficariam sob a responsabilidade de quem sugerisse os Choros a serem executados. Os demais chorões, com instrumentos melódicos, ficaram na liberdade de acompanhar a melodia em uníssono e/ou executar suas improvisações.

⁷¹ **Diapasão** Tipo de instrumento que fornece uma ou mais alturas sonoras determinadas (SADIE, 1994, p 266).

⁷² **Pixinguinha** (Alfredo da Rocha Vianna Filho, dito) [23/4/1897 Rio de Janeiro RJ 17/21973 id.]. Compositor, orquestrador, flautista, saxofonista (ALBIN, 2006, p. 593).

Em seguida, após uma breve saudação e os devidos agradecimentos, fiz uma explanação, em forma de release, a respeito desta Ação, promovida pelo Departamento de Artes (DART/FALA/UERN). Na sequência, em atendimento ao caráter informal das rodas abertas de Choro, os participantes ficaram à vontade para sugerir as músicas a serem executadas. Me refiro às músicas, pois devido ser o Choro, um gênero musical, abrange vários ritmos, a exemplo da Polca, da Mazurca, do *Schottich*, do *Lundu*, da *Habanera*, do Baião e da Valsa, cada um, com suas estilizações, quando é o caso. Entendamos que, quando eu fizer nesta Pesquisa, referência a Choro, todos os demais ritmos executados neste gênero musical, serão contemplados. Antes de cada execução de cada Choro, tomamos o cuidado de anunciar aos presentes, os títulos dos mesmos e seus respectivos autores.

Quadro 9 – Repertório executado na roda de Choro, em 24 de novembro de 2016.

	CHOROS	AUTOR(ES)
01	André De Sapato Novo	André Victor Corrêa
02	Bicho Carpinteiro	André Reale
03	Brasileirinho	Waldir Azevedo
04	Brejeiro	Ernesto Nazareth
05	Carinhoso	Pixinguinha/João de Barro
06	Doce De Côco	Jacob do Bandolim
07	Flor Amorosa	Joaquim Antônio da Silva Callado/Catulo da Paixão Cearense
08	Flor De Abacate	Álvaro Sandim
09	Lamentos	Pixinguinha/Vinicius de Moraes
10	Na Glória	Raul de Barros
11	Naquele Tempo	Pixinguinha
12	Noites Cariocas	Jacob do Bandolim
13	Odeon	Ernesto Nazareth
14	Pedacinhos Do Céu	Waldir Azevedo
15	Proezas De Solon	Pixinguinha/Benedito Lacerda
16	Saxofone, Porquê Choras?	Severino Rangel de Carvalho (Ratinho)
17	Sonoroso	K-Ximbinho
18	Tico-Tico No Fubá	Zequinha de Abreu
19	Vou Vivendo	Pixinguinha/Benedito Lacerda

Fonte: Quadro elaborado pelo Pesquisador, 2019.

Dada a notória aceitação pelos chorões e pelo público em geral, João Lima Rocha Neto (Lima Neto), professor aposentado do Curso de Música, da UERN, figura importante na criação do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF) e do referido Curso de Graduação, me incitou a submeter um projeto de extensão cultural, nos editais a serem publicados pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UERN), no sentido de fomentar o Choro na cidade de Mossoró. Acatada a sugestão, obtive a aprovação da primeira edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), no Edital para Distribuição de Carga Horária 2017/2018, detalhado no Tópico 2.2, deste Capítulo.

Assim, esta realização tornou-se o motivo inicial para o atendimento aos reclamos de músicos chorões, em destaque os idosos, quanto à ausência de espaços para a audição e a execução do Choro, sentimento por mim compartilhado, principalmente, pelo fato de ser integrante do Grupo Ingênuo de Chorinho, do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, da UERN.

Com relação aos idosos, envolvidos a Roda Aberta de Choro (RAC), o Projeto encontrou aporte em Grunewald (2007) e Kurz e Morgan (2012), ao defenderem a necessidade de serem construídos espaços apropriados para a inserção de idosos, tais como oficinas, grupos e/ou cursos profissionalizantes, com vistas amenizar o isolamento social, que enfraquece as relações constituídas ao longo da vida, por vivenciarem ao longo do tempo, e, o desfazer dos círculos de amizades, entre os quais o círculo do trabalho, acontece de forma mais acentuada.

Particularmente, como integrante da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP) e professor da Prática Instrumental I F, II F, III F e IV F (Saxofone), do Curso de Música, da UERN, tenho o compromisso em executar os Choros tradicionais, escritos para o saxofone. A este respeito, dizia meu saudoso pai, que “estes Choros são obrigações para todo saxofonista”. Entre eles, estão: “Saxofone Porquê Choras?”, de Severino Rangel de Carvalho (Ratinho), “Espinha de Bacalhau”, de Severino Araújo, “Crioula,” “A Chegada da Cegonha” e “Só Pega No Dedo”, de Ivanildo José da Silva, “Lágrimas de Namorado” e “Corinthiano”, de Luiz Saraiva dos Santos (Saraiva), entre tantos outros. Esta “obrigação” se constitui para mim, até os dias de hoje, em um chamamento constante para as rodas de Choro.

Além do saxofone, a necessidade/desejo pessoal de executar a flauta transversal, o bandolim e o cavaquinho, era e ainda são, resquícios deixados pela minha atuação no Grupo Ingênuo de Chorinho. Não bastassem tais lembranças, me arrebatou também o desejo para iniciar os estudos no clarinete, motivado pelas visualizações no *You Tube*, das performances dos saxofonistas e clarinetistas Paulo Moura⁷³, *in memoriam*, e Paquito D’Rivera,⁷⁴ que me encorajaram a adquirir um clarinete *Buffet Carmpon BC20*, de fabricação francesa, com 17 chaves, e outro, um *Amati Kraslice Special*, de fabricação Tcheca, com 21 chaves.

A constante provocação a um maior envolvimento com o Choro e a busca por uma performance mais acurada, sempre me instigaram à aquisição de instrumentos musicais, que venham corresponder às exigências musicais cada vez maiores, como afinação, projeção

⁷³ **Moura (Paulo)** [17/2/1933 São José do Rio Preto SP]. Saxofonista, clarinetista, arranjador, compositor (ALBIN, 2006, p. 507).

⁷⁴ PAQUITO D’RIVERA Havana (Cuba), 1948. Clarinetista e saxofonista de jazz cubano. Enciclopédia Latinoamericana. <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/paquito-d2019rivera>. Acesso em: 02 set. 2019.

sonora, timbre, fidelidade de resposta nas digitações, conforto ergonômico, qualidade e acabamento dos materiais com que são confeccionados. Como exemplo, além dos instrumentos mencionados no Capítulo 1, adquiri recentemente, influenciado pela genialidade dos bandolinistas Armandinho Macedo⁷⁵ e Hamilton de Holanda,⁷⁶ um bandolim profissional, de 10 cordas, fabricado pelo *luthier* Anderson Santos. Quem é músico, vai entender perfeitamente o que é essa incessante, incansável e apaixonante busca!

2.2 Os Ensaios Abertos de Choro (EACs): o encontro de gerações, as rodas de conversa, a troca de saberes

A segunda edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), teve aprovação no Edital N° 001/2018 (PROEX/UERN) e nos Planos de Trabalho de Núcleos de Extensão, para os semestres letivos 2018.1 e 2018.2, cuja duração, compreendeu o período de 02 de agosto de 2018 a 02 de março de 2019. Nesta nova etapa, o Projeto contou com a participação, de Anderson Henrique Simões de Araújo, professor do Curso de Música, do Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e de Fábio Roberto Monteiro de Lima, instrutor musical da Escola de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (EMDSNF/DART/FALA/UERN), como membros, e de Erinaldo Justiniano da Silva e Osman Josenildo Carlos Pereira, discentes do Curso de Música, acima citado.

A abertura da segunda edição, aconteceu oficialmente, no dia 03 de setembro de 2018, momento em que inicialmente, fiz a exibição, em *datashow*, do documentário “Brasileirinho”, do diretor Mika kaurismaki,⁷⁷ e, logo após saudar os presentes, fiz uma explanação a respeito do PECCP. Em seguida, iniciamos a Roda Aberta de Choro.

O repertório, contou com os Choros mais executados na primeira edição do Projeto, sabidamente, do conhecimento dos chorões que ali estavam: Antônio Carlos Batista de Souza – sax soprano, Fábio Roberto Monteiro de Lima – cavaquinho, João Lima Rocha Neto – violão de 6 cordas, Pedro Lucas Freitas Araujo – pandeiro e Antônia Neuma Batista de Souza – afoxé.

⁷⁵ **Armandinho** (Armando Macedo, dito) [22/5/1953 Salvador BA]. Instrumentista, cantor, compositor (ALBIN, 2006, p. 47).

⁷⁶ **Holanda (Hamilton de)** [30/3/1976 Rio de Janeiro RJ]. Bandolinista. Considerado uma das grandes revelações do choro na atualidade (ALBIN, 2006, p. 352).

⁷⁷ Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,documentario-brasileirinho-traz-vitalidade-do-choro,39836>

O primeiro Ensaio Aberto de Choro (EAC) da segunda edição do PECCP, foi realizado no dia 17 de setembro do mesmo ano, no qual se fizeram presentes, os chorões: Fábio Roberto Monteiro de Lima – cavaquinho e afoxé, Francisco Honorato Assis – violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Carlos Batista de Souza – saxofone soprano, Erinaldo Justiniano da Silva e José Lima Sousa neto – saxofone tenor, José Araújo Amaral – pandeiro e Abimael do Nascimento Felix – tamborim e ganzá. O repertório executado foi constituído novamente, dos Choros mais tradicionais e de conhecimento dos chorões participantes.

No período de inverno, compreendido entre os meses de janeiro e maio, deixamos de ser realizar algumas RACs, em função das chuvas, pelo fato de a estrutura do Rust Café,⁷⁸ ser aberta. Na tentativa de amenizar o problema, realizamos alguns ensaios, nas dependências do Departamento de Artes (DART/FALA/UERN), localizado no Campus Central, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Porém, a distância do Centro da cidade e o receio dos assaltos, à noite, concorreram para que não viessem acontecer mais, naquele Departamento. Desta forma, quando não chovia, nas segundas-feiras, o Chorinho, trazia um pouco de alegria à cidade de Mossoró.

Ao compartilharmos o pensamento de que seria interessante aproveitarmos os encontros semanais para planejar as apresentações das RACs, estabelecemos que as três primeiras segundas-feiras de cada mês, seriam destinadas aos Ensaios Abertos de Choro (EACs), e, a última segunda-feira, à realização das Rodas Abertas de Choro (RACs). Desta forma, adotamos um caráter mais informal os ensaios abertos de Choro, o que possibilitou a realização das rodas de conversas, nas quais a troca de saberes entre os participantes, acontecia de forma espontânea e enriquecedora.

Das primeiras modificações ocorridas nos EACs, foi a decisão de serem realizadas de forma acústica, uma vez que na primeira edição do Projeto, destinávamos muito tempo à verificação do funcionamento de cabos e à equalização da mesa de som. Estas atividades, eram realizadas pelo Sr. Jorge Koch, proprietário do Rust Café e por alguns dos chorões que voluntariamente, o ajudavam.

Nesta nova configuração, percebemos que mesmo executados forma acústica, os instrumentos com menor projeção sonora, a exemplo dos violões, eram perfeitamente escutados, devido as condições acústicas do local. Outro aspecto que pudemos observar, foi o favorecimento da maior aproximação física entre os chorões e os ouvintes, o que

⁷⁸ Localizado no Memorial da resistência, à Av. Rio Branco, Centro, em Mossoró-RN (Nota do Pesquisador).

proporcionou uma maior interatividade, entre os presentes e o tempo destinado aos EACs, passou a ser otimizado e, aproveitando o caráter mais descontraído, alguns dos chorões passaram a utilizar roupas leves, como bermudas e camisetas. Assim, se sentiram mais confortáveis, nas noites de setembro a dezembro, período em que o clima é mais quente, na cidade de Mossoró.

A divulgação das atividades do Projeto, nas redes sociais *Face Book*, *Email*, *Hotmail* e *Whats App*, passou a ser ampliada, com a utilização do *Instagram* e também, pelos membros do Projeto, que se tornaram agentes multiplicadores das suas ações. Para isto, destinei momentos com alguns dos idosos para repassar informações básicas, voltadas à utilização destas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs).

Antes de serem iniciados os Ensaios Abertos de Choro (EACs) e as Rodas Abertas de Choro (RACs), eu exibia, através de *datashow*, vídeos de rodas de Choro, com o objetivo de promover uma ambientação característica e chamar a atenção dos transeuntes que passavam em frente ao Memorial da Resistência. Semelhante às RACs realizadas na primeira edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), os EACs, tinham o primeiro momento, destinado à acomodação dos participantes, às conversas e à afinação dos instrumentos, a partir do La3 (lá diapasão 440 *hz*), emitido pelo acordeão, por ser entre os demais, o único instrumento de afinação fixa. Uma vez afinados os instrumentos, o segundo momento era destinado aos informes e às sugestões, geralmente relacionadas ao último encontro, no sentido de otimizarmos as atividades do PECCP. A dinâmica para a seleção do repertório, continuou de forma idêntica à realizada na primeira edição do Projeto.

Em todos os EACs, aconteciam as rodas de conversa, oportunidade em que ocorria a troca de saberes entre gerações, e, informações das mais diversas, referentes ao universo musical, em especial, ao Choro, eram socializadas. Nestes momentos, era nítida a expectativa demonstrada entre os participantes. Os mais jovens, demonstravam interesse em saber como os chorões idosos, conseguiam realizar os acompanhamentos harmônicos, improvisar e tocar as melodias “de ouvido” e entender, como se deu o aprendizado musical dos mesmos.

Esta realidade, é um fator de calorosos questionamentos entre aqueles que tiveram aprendizado via transmissão oral, geralmente os idosos, e aqueles, que sentaram/sentam nos bancos das faculdades de Música. Por outro lado, os chorões idosos, que não tiveram oportunidade de estudar música em contextos formais (escolas de música, conservatórios e universidades), lançavam expectativas frente aos participantes que frequentaram tais instituições de ensino musical, no sentido de obterem informações principalmente, no que tange à Teoria Musical e à leitura de partituras.

Nas rodas de conversas, era comum, os idosos relatarem que devido às limitações frente aos recursos didáticos, o aprendizado musical se dava através da transmissão oral e, com isto, a percepção musical se apresentava como fator preponderante na construção dos saberes. Há pouco mais de quarenta anos – e eu sou testemunha desta época –, não circulavam em Mossoró, revistas com músicas cifradas. Os acordes musicais, eram aprendidos através da visualização presencial, quando alguém os realizava. A assimilação das melodias, se dava, a partir da audição, também presencial, da escuta dos discos de vinil, do rádio e, quando muito, da utilização gravações em fitas K7.

Assim, através do processo da imitação, a percepção musical e as memórias visual e auditiva, eram mecanismos de construção e aperfeiçoamento da musicalidade, de modo a ser comum, encontrar idosos que não estudaram Teoria Musical, não sabem ler partitura e às vezes, nem classificar todos os acordes que executam, mas, que desenvolveram uma intuição e percepção musicais que os permitem fazer o acompanhamento harmônico, melódico e improvisações, de músicas que nunca escutaram, com resultados surpreendentes.

Para Tardif (2002), os saberes da experiência, não são manifestos unicamente, através de processos puramente mentais e cognitivos, em cada indivíduo, mas como um saber que se manifesta de forma plural, na convivência e relações sociais entre professores e alunos.

Os fundamentos do ensino são *sociais* porque, como vimos, os saberes profissionais são plurais, provêm de fontes sociais diversas (família, escola, universidade, etc.) e *são adquiridos em tempos sociais diferentes*: tempo da infância, da escola, da formação profissional, do ingresso na profissão, da carreira... [...] (TARDIF, 2002, p. 104).

Como exemplo, encontram-se entre os participantes dos Ensaios Abertos de Choro (EACs) e das Rodas Abertas de Choro (RACs), músicos oriundos dos contextos acima citados, que com suas experiências, adquiridas em espaços e tempos diversos, comungam o saber/fazer musical que converge para um resultado/fim em comum.

Outro aspecto caracterizado pela troca de saberes, defendido por Tardif (2002), é o saber experiencial, que “É um saber interativo, mobilizado e modelado no âmbito de interações entre o professor e os outros atores educativos (TARDIF, 2002, p. 109). Defende o autor, que o professor é um ator racional, inserido em um ambiente socioprofissional e que estabelece exigências de racionalidade, que podem o levar de certa forma, os sujeitos a um exercício condicionado, pela própria estrutura.

A relação a ser feita com o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP) e a afirmação de Tardif (2002), consiste na concepção deste autor, de que professor é aquele que ensina. Ao entender que a troca de saberes acontece entre os participantes e, em

momentos diversos, encontramos abertura para considerar que todos são de certa forma, professores uns dos outros, mesmo levando-se em conta os vários perfis estabelecidos pelas diferenças entre gerações, como níveis de escolaridade, conhecimento e de saberes profissionais, entre outros. As vivências individuais devem ser valorizadas para que se possa compreender os conteúdos e as estratégias de construção do conhecimento, adquiridas em diversos contextos. Estes saberes, são trazidos no Projeto, a uma prática dialógica entre os atores envolvidos, sem o estabelecimento de hierarquias.

Um exemplo da troca de saberes em que foram repassados conhecimentos acadêmicos aos participantes de PECCP, aconteceu no primeiro momento, do Ensaio Aberto de Choro, do dia 25 de fevereiro de 2018, através da palestra “Choro: origens, características, compositores e instrumentistas”, ministrada por Fábio Roberto Monteiro de Lima, instrutor musical da Escola de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, do DART/FALA/UERN. A palestra, com duração de uma hora e quinze minutos, teve o caráter interativo, e, os participantes tiveram liberdade fazer perguntas e acrescentar informações, em qualquer momento. Os saberes nela socializados, abrangeram as várias concepções etimológicas do vocábulo “Choro”, os ritmos que deram origem ao gênero musical, as formações instrumentais características, as variações, os compositores, suas obras e os instrumentistas, que se destacam no cenário chorístico, outrora e na atualidade.

Outro exemplo desta “ponte”, para a socialização entre os saberes acadêmicos e aqueles aprendidos nas universidades da vida, foi a palestra que ministrei, no dia 11 de março de 2019, intitulada “Encadeamentos Harmônicos – Propostas para cifragem sem a utilização de instrumento harmônico e o acompanhamento de melodias simples”, na qual, fiz a exposição do artigo com o mesmo nome, publicado nos Anais do IX Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento, em Vitória-ES, que aconteceu no período de 15 a 17 de outubro de 2014.

A palestra, também interativa, teve a duração de uma hora e vinte minutos, na qual, tive a oportunidade de fazer explicações a respeito de estratégias didáticas para a cifragem de melodias simples, sem a utilização de instrumento harmônico, baseadas no ciclo – ou círculo - das quintas,⁷⁹ e nos centros tonais,⁸⁰ confirmadas através de arpejos⁸¹ e da sensação de repouso, nos finais das frases musicais⁸².

⁷⁹ **círculo das quintas** A disposição das tônicas das 12 tonalidades maiores ou menores, arranando-se em ordem crescente ou decrescente, a intervalos de 5^{as} justas, formando um círculo fechado: dó-sol-lá-mi-si-fá-fá# = sol b – ré b – la b – mi b – si b fá-dó (Dicionário Grove de Música, 1994, p. 198).

Este momento foi bastante enriquecedor, pelo fato de serem entendidos, alguns fazeres musicais, por chorões que não tiveram acesso às informações teóricas, disseminadas nas instituições de ensino musical, e também, por contemplar o fazer dos músicos que tiveram formação nestes contextos. Para os chorões que tiveram formação na “faculdade da vida”, foram oportunizadas explicações teóricas que levaram ao esclarecimento de alguns esquemas musicais, à luz das fundamentações arraigadas na Percepção e na Teoria e Musical, de modo a instiga-los à busca dos conhecimentos científicos que abalizam as suas práticas.

Aos participantes que frequentaram/frequentam os bancos das instituições de ensino musical, foram explanadas algumas estratégias de raciocínio, calcadas na construção do saber, via percepção e intuição musicais, empregadas no acompanhamento harmônico, por aqueles que o fazem “de ouvido”. Estas diferenças, contextuais, de construção e de utilização dos saberes, se constituíram como motivo fundamental para a elaboração do artigo citado, cujo intuito, foi dar suporte a compreensões de algumas formas diferentes do saber/fazer.

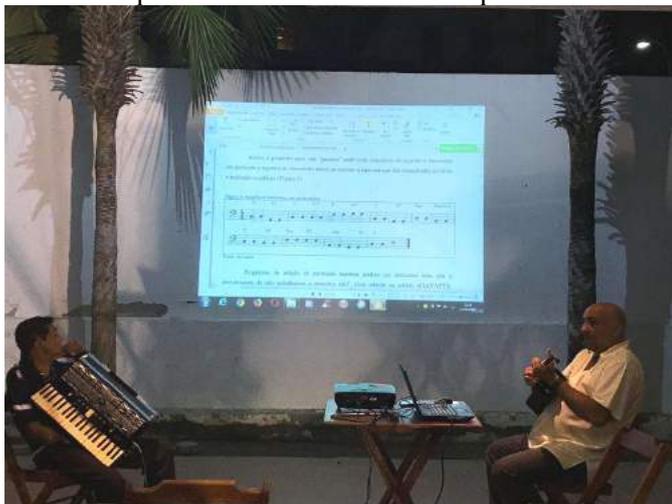
Na oportunidade, realizei com os presentes, alguns exercícios de percepção musical, voltados para a conscientização, com respeito aos sons interiores - aqueles que se manifestam nas nossas abstrações mentais - trabalhados no cotidiano, nos fazeres musicais. Desta forma, todos passaram à consciência de que já tinham o La3 (La diapasão 440 *hz*) sedimentado em suas memórias, e, também, dos procedimentos a serem feitos para identificar a tonalidade de melodias, sem a necessidade de escutarem a manifestação sonora, através de dispositivos físicos. Foi um momento para a desconstrução do mito de que somente os mais favorecidos – os gênios – conseguem realizar tal “proeza”, uma vez que outrora, em Mossoró, poucos músicos a conseguiam, e, às vezes, faziam questão de guardar tal segredo, a sete chaves, e/ou não dispunham de embasamentos didáticos, para repassar a informação. A este respeito, após entender via observação, como alguns músicos de bandas militares e civis, chorões, o faziam, tornei habitual esta prática em minha vida, como também, nas aulas de Teoria e Percepção Musical, no Curso de Música, da UERN. Reforço esta habilidade tem sido motivo de curiosidade até mesmo por músicos concertistas, e, quanto aos meus(minhas) alunos(as) da Graduação em Música, instigo, de maneira a em algumas turmas, todos(as) conseguirem executar com segurança.

⁸⁰ **Tonalidade** Termo que se designa a relação entre notas, em que uma em particular, a “tônica”, é central (*Op. cit.*, p. 953).

⁸¹ **arpejo** (do it. *Arpeggio*, “à maneira de harpa”) A sucessão de notas de um acorde que soam em sequência: na música para teclado, a dispersão e expansão de um acorde (*Op. cit.*, p. 43).

⁸² **frase** Termo usado para pequenas unidades musicais de tamanhos variados, geralmente consideradas maiores do que um motivo, porém menores do que um período. O termo tem uma conotação melódica: aplica-se “frasear” à subdivisão de uma linha melódica (*Op. cit.*, p. 343).

Fotografia 5 - Palestra “Encadeamentos Harmônicos – Propostas para cifragem sem a utilização de instrumento harmônico e o acompanhamento de melodias simples”. Rust Café, 11 de março de 2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Na palestra, para a cifragem das melodias, utilizei partituras de Choros tradicionais, de conhecimento dos presentes e, conduzi os exercícios, voltados ao entendimento da relação entre melodia, harmonia e cifra. A explanação da relação entre o horizontalismo melódico e o verticalismo harmônico, aclarou para estes músicos, as razões de alguns dos seus fazeres musicais cotidianos. Como resultado, após a confirmação dos entendimentos na prática, e *in loco*, todos passaram à consciência de que já tinham a construção musical necessária para atingir os objetivos encetados na minha exposição.

Nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), a utilização de recursos tecnológicos de comunicação, geralmente os celulares, se fizeram presentes, nas relações pessoais. Nestes momentos, ficou patente o domínio exercido pelos chorões mais jovens e, a desigualdade de culturas, se torna mais perceptível. Entretanto, este detalhe não chegou a ser um fator de distanciamento entre as diferentes gerações, e, a abertura a novos aprendizados, foi construída, através da relação de confiança e respeito aos diversos saberes.

Na condição de coordenador e membro do Projeto de Extensão, a minha conduta se fundamentou em Souza e Oliveira (2016), que preconizam uma postura funcional sociogenética, de maneira a interferir o mínimo possível nas discussões, de forma a tomar os devidos cuidados em não adotar posições neutras, mas desempenhar um posicionamento atento, para que a conduta transpareça ser ativa, articuladora e que possibilite aos demais membros do grupo, a refletirem sobre as narrativas das experiências de si e dos outros, para que sejam revelados o contexto dos mundos de cada sujeito.

Quando me refiro aos contextos, me atendo às vivências musicais adquiridas no transcorrer de suas histórias de vida, e, procuro me colocar em uma posição mediadora entre

os chorões, de diferentes gerações, até pelo fato de aos cinquenta e seis anos de idade, creio me encontrar cronologicamente entre estes. Esta condição, me proporciona uma certa facilidade frente à compreensão dos dois mundos, embasado nas minhas vivências quando criança e adolescente, permeadas pela transmissão oral dos saberes musicais, mediadas pela atmosfera musical acadêmica, que vivencio, desde o ano de 1995.

Na relação abaixo, exponho o nome dos chorões que participaram da segunda edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), e os respectivos instrumentos musicais por eles utilizados. Os nomes destacados em negrito são dos chorões que frequência assiduamente o Projeto, até os dias de hoje: **Iolanda Miranda Costa** – voz e ganzá, José Antônio da Costa (Zé Lucas) e Antonio Celso do Nascimento (Toinho de Nozin) – bandolins de 8 cordas, Frankson Nero (?) - bandolim de 10 cordas, Íris Emanuella de Castro Nascimento – flauta transversal, Severo Ricardo Silva Neto – flauta transversal e pandeiro, Gabriela Mendes – voz, flauta transversal e violão de 6 cordas, **Fábio Roberto Monteiro de Lima, Celso do Nascimento Filho** – cavaquinhos, **Francisco Honorato Assis**, João Lima Rocha Neto, Jonathan Douglas Lopo Martins e Ruann César Cesário – violões de 6 cordas, **João Adelmo Soares** – violão de 7 cordas e voz, Claudio Henrique Pereira de Araújo – acordeão, **Hermenegildo Félix da Silva** – acordeão e pandeiro, **Erinaldo Justiniano da Silva** – saxofone tenor, Mauro Jerry Gomes – trompete, Bruno Farias Caminha – trombone de vara, **Antônio Carlos Batista de Souza** – flauta transversal, bandolim, cavaquinho, saxofone sopranos alto e tenor, afoxé e tamborim, Eimar Machado – saxofone alto, José Lima de Sousa Neto – saxofones alto e tenor, José Odair Freire dos Santos – trompete, Anderson Henrique Simões de Araújo - ganzá, Abimael do Nascimento Felix – tamborim e ganzá, Osman Josenildo Carlos Pereira – pandeiro e surdo, Jorge Avilã – pandeiro, Antônio Francisco da Silva, José Araújo Amaral – pandeiros, **Elias Gomes Pereira** e **Josivaldo Leão de Oliveira** – timba e **Jorge Luiz de Castro Soares** – *cajon*. Vários outros tiveram participação no Projeto, de forma esporádica, mas por motivos circunstanciais, não foi possível fazer o registro dos seus nomes.

O repertório executado nos EACs, nas RACs e nas demais apresentações, foi levantado, a partir das solicitações feitas pelos participantes chorões e, também, por alguns aficionados ao Choro, que se fizeram presentes, através da participação contemplativa.

Os músicos que executam instrumentos melódicos, deram uma grande contribuição para a construção do repertório, uma vez que conforme definimos, ficaram responsáveis pela realização dos solos, ao sugerirem os Choros que executaram. Ao fazê-lo, se encarregaram da

pesquisa e socialização dos respectivos títulos, aos demais participantes, no grupo de *Whats App* denominado “Choro Na Praça”, atualmente, composto por sessenta e um integrantes.

Nas informações socializadas, constaram/constam os títulos, o nome dos autores, vídeos e/ou áudios, partituras cifradas e curiosidades a respeito das obras musicais. Desta maneira, foi possível a construção de um repertório considerável executado, exposto no quadro a seguir:

Quadro 10 - Repertório executado na 2ª edição do projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), 2017-2018.

Nº	CHOROS	AUTOR(ES)
01	André de Sapato Novo	André Vitor Correia
02	Apanhei-te Cavaquinho	Ernesto Nazareth
03	Atraente	Mesquita/Luiz Americano
04	Benzinho	Jacob do Bandolim
05	Bicho Carpinteiro	André Reale
06	Brasileirinho	Waldir Azevedo
07	Brejeiro	Ernesto Nazareth
08	Carinhoso	Pixinguinha/João de Barro
09	Carioquinha	Waldir Azevedo
10	Cavaquinho Seresteiro	Waldir Azevedo
11	Chico Meio Litro	Toinho de Nozim
12	Chorando Baixinho	Abel Ferreira
13	Chorei	Pixinguinha/B. Lacerda
14	Chorinho de Gafieira	Astor Silva
15	Chorinho em Cochabamba	Eduardo Neves/ Rogério Caetano
16	Chorinho Pro Egídio Serpa	Dominguinhos
17	Confusão	Félix Lins de Albuquerque
18	Cordas Românticas	Waldir Azevedo/Avena de Castro
19	Delicado	Waldir Azevedo
20	Descendo a Serra	Pixinguinha/Benedito Lacerda
21	Doce de Côco	Jacob do Bandolim
22	Em Cima da Hora	Fabinho Monteiro
23	Escadaria	Pedro Raimundo
24	Espinha de Bacalhau	Severino Araújo
25	Flor Amorosa	Joaquim Callado/Catulo da Paixão Cearense
26	Flor de Abacate	Álvaro Sandim
27	Forró Brasil	Hermeto Paschoal
28	Gotas de Lágrimas	Mozart Bicalho
29	Harmonia Selvagem	Dante Santoro
30	Ingênuo	Pixinguinha
31	Lamentos	Pixinguinha/Vinicius de Moraes
32	Minhas Mãos, Meu Cavaquinho	Waldir Azevedo
33	Naquela Mesa	Sérgio Bittencourt
34	Naquele Tempo	Pixinguinha/Benedito Lacerda
35	Noites Cariocas	Jacob do Bandolim
36	Na Glória	Raul de Barros
37	Odeon	Ernesto Nazareth
38	Noites Cariocas	Jacob do Bandolim

39	O Bom Filho à Casa Torna	Bonfiglio de Oliveira
40	Paraquedista	José Leocádio
41	Pedacinhos do Céu	Waldir Azevedo
42	Proezas de Solon	Pixinguinha/Benedito Lacerda
43	Puxando Prego	Toinho de Nozim
44	Rapaziada do Braz (Valsa Choro)	Alberto Marino
45	Rosa (Valsa Serenata)	Pixinguinha
46	Santa Morena	Jacob do Bandolim
47	Saudade do Maestro	Fabinho Monteiro/Sebastião Araújo
48	Saxofone, Porquê Choras?	Ratinho
49	Serra da Boa Esperança	Lamartine Babo
50	Sonoroso	K-Ximbinho
51	Sons de Carrilhões	João Pernambuco
52	Tico-Tico No Fubá	Zequinha de Abreu
53	Urubu Malandro	Lourival de Carvalho (Louro)
54	Um Tom Pra Jobim	Oswaldinho/Sivuca
55	Vê Se Gostas	Waldir Azevedo/Otaviano Pitanga
56	Vibrações	Jacob do Bandolim
57	Vou Vivendo	Pixinguinha/Benedito Lacerda

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Outro aspecto importante, que pode ser observado, foi a discussão sobre a tonalidade original de alguns Choros. Tal fato se deu, em função de alguns músicos solistas, terem o acesso a partituras manuscritas e/ou editadas para instrumentos de afinação diferente. Como exemplo, posso citar o Choro “Paraquedista”, de José Leocádio, em que foi trazido para ser executado nos EACs e nas RAC, na tonalidade de Do maior, por instrumento afinado em Si bemol (*Bb*). Na verdade, esta obra foi composta para ser tocada neste tom, porém, para instrumentos afinados em Do (*C*). Em alguns casos, mesmo de forma consciente, certos Choros vêm sendo interpretados em tonalidade não original, para uma maior conveniência dos músicos, e, em outros, alguns passaram ser executados em duas tonalidades. Em algumas ocasiões, um mesmo Choro era trazido em partituras escritas em diferentes tonalidades, para um mesmo instrumento. Tais acontecimentos, nos instigaram à pesquisa em fontes bibliográficas e fonográficas, no sentido de serem dirimidas quaisquer dúvidas quanto as tonalidades originais dos Choros em questão.

A segunda edição do Projeto, registrou um declínio quanto à participação contemplativa, devido, segundo alguns, à insegurança gerada pelo alto índice de violência registrado na cidade, principalmente no período noturno. Acreditamos que outro aspecto que concorreu para esta realidade, se deu ao fato de que na cidade de Mossoró, a população não tem o hábito de praticar/degustar atividades direcionadas ao lazer público, nas segundas-feiras. Mesmo assim, acreditamos que a transmissão dos Ensaios Abertos de Choro (EACs), das Rodas Abertas de Choro (RACs), ao vivo, através do *You Tube* e pela Rádio Rural de

Mossoró e, também, de uma apresentação, pela TV Cidade Oeste, concorreu para uma maior abrangência do Projeto e, amenizar a perda.

Como desdobramento da segunda edição do PECCP, os chorões acima destacados em negrito, passaram a se apresentar nas sextas-feiras, das vinte às vinte e duas horas, no Programa Silêncio da Seresta, veiculado pela Rádio Rural de Mossoró, sob a direção e comunicação do professor Edvar Nunes Duarte, assunto a ser detalhado no Tópico 2.4, deste Capítulo.

2.3 As Rodas Abertas de Choro (RACs)

O Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), do Curso de Música, do Departamento de Artes (DART/FALA/UERN), aprovado em sua primeira edição no Edital para Distribuição de Carga Horária 2017/2018, da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UERN), foi realizado no período de 10 de julho de 2017 a 10 de julho de 2018, com o objetivo de fomentar a prática do Choro na cidade de Mossoró, de forma a envolver os aficionados a este gênero musical, através de Rodas Abertas de Choro (RACs). Sem recursos financeiros externos, teve como objetivos específicos: 1- Promover ações conjuntas entre o Curso de Licenciatura em Música e a Escola de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (MDSNF), ambos da UERN, de maneira a aproximar e dar maior visibilidade estas Instituições de Ensino Musical; 2- Oportunizar indistintamente à comunidade, uma prática instrumental através da aprendizagem colaborativa; 3- Criar um espaço para atividades laboratoriais aos alunos do Curso de Licenciatura em Música, da UERN; 4- Ampliar as possibilidades para a contabilização de horas atividades complementares para estes alunos; 5- Proporcionar atividade cultural à população, nas suas horas de lazer e 6- Estimular a formação de plateia.

O Projeto foi executado sob minha coordenação, e teve como monitor bolsista, o discente do Curso de Música da UERN, Luis Antonio de Oliveira Freitas, aprovado no Edital N° 006/2017 – DART/FALA/UERN, para Seleção de Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX/PROEX/UERN). Os também discentes do Curso de Música da UERN, Erinaldo Justiniano da Silva e Osman Josenildo Carlos Pereira, aprovados em edital interno, do Curso de Música da UERN, atuaram como membros voluntários.

Para a divulgação do Projeto, realizamos um trabalho através do corpo a corpo, com os alunos do Curso de Música e da EMDSNF, integrantes da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP), e demais músicos, do nosso círculo de amizades, além da publicação, nas redes sociais e na Página da UERN. Para agregar os participantes e otimizar a

socialização das informações, organizei um grupo de *Whats App*, denominado Choro na Praça. Ainda, fizemos a divulgação através de cartazes e *folders*, em diversos segmentos culturais da cidade. Nos *folders*, além das informações de praxe, inserimos outros conhecimentos, pertinentes à história do Choro, ao Dia Nacional do Choro e frases de expoentes que se destacaram em seu contexto.

As Rodas Abertas de Choro (RACs), passaram a ser realizadas nas últimas quintas-feiras de cada mês, no horário e local habituais, das vinte às vinte e duas horas, no Rust Café, do Memorial da Resistência, à Av. Rio Branco – Centro, em Mossoró-RN. Apesar de não ter sido prevista como instituição parceira, após uma reunião, em que expus aos proprietários do Rust Café a natureza do Projeto, estes, concordaram em ceder o espaço físico e a prestar apoio logístico, no tocante à sonorização, ao serviço de bar e de lanchonete, o que contribuiu sobremaneira, para a realização do Projeto e para a convergência do público.

Até acontecerem os primeiros acordes nas RACs, reforçamos em cada encontro, sobre a necessidade de os participantes, de forma voluntária, sugerirem as músicas a serem executadas, devendo, aquele que viesse a fazer tais sugestões, informar o título, a autoria e a tonalidade, além de fazer no grupo de *Whats App* Choro na Praça, a postagem das partituras, do áudio ou do vídeo das respectivas obras. A estratégia incitou à utilização de meios digitais de comunicação, atividade nova para alguns, e, possibilitou a socialização de informações musicais antes não observadas a contento.

Propus, que os Choros, fossem enviados no máximo até a terça-feira de cada semana, para que todos tivessem o tempo necessário para suas pesquisas, estudos e assimilações, cada um conforme suas possibilidades: quem sabia ler partitura musical aprendia e/ou relembra as obras musicais através desta linguagem musical e, quem não a sabia, tinha a oportunidade de aprender, via percepção auditiva. Importante ressaltar que alguns integrantes, que executavam instrumentos melódicos, mas, não sabiam ler partitura, começaram a exercitar a assimilação das músicas, através da relação feita entre os áudios, as cifras e as partituras cifradas.⁸³

Uma vez definidas as músicas a serem executadas em cada Ensaio Aberto de Choro (EAC) ou Roda Aberta de Choro (RAC), eu organizava o repertório, e o socializava na brevidade possível, em uma sequência lógica, na qual as músicas mais lentas a exemplo das

⁸³ **Cifra**

Cifra são símbolos criados para representar o acorde de uma maneira prática. A cifra, é composta de letras, números e sinais. É o sistema predominantemente usado em música popular para qualquer instrumento (CHEDIACK, 1986, p. 75).

Valsas e dos Choros-Canção, eram destinados às aberturas e, as mais rápidas, ao final, conforme exemplificado no Quadro 10, a seguir:

Quadro 11 - Fragmento do repertório executado em 19 de março de 2018.

Nº	MÚSICA	AUTOR(ES)	TOM	SOLISTA	INTRODUÇÃO
01	Rapaziada do Braz (Valsa-Choro)	Alberto Marino	Am	Carlos Batista (flauta)	Não tem
02	Cordas Românticas	W. Azevedo/Avena de Castro	Dm	Gabriela (flauta)	Gabriela
05	Descendo a Serra	Pixinguinha/B. Lacerda	C	Erinaldo (sax tenor)	Erinaldo
11	Saxofone, Porquê Choras?	Ratinho	Dm	Carlos (sax soprano)/Erinaldo (sax tenor)	Não tem
12	Brasileirinho	Waldir Azevedo	G	Fabinho (cavaquinho)	Hermenegildo

Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador, 2018.

O repertório, com estas informações, exceto as tonalidades das músicas (TOM), era socializado, também, através dos *folders*, distribuídos aos expectadores. Havia o cuidado em apresentarmos novos Choros a cada encontro, devido a preocupação em não sermos repetitivos. Com o passar do tempo, a dimensão do repertório nos permitiu a execução alternada dos Choros ensaiados, de forma a não correremos tal risco, além de não se fazer mais necessária a assimilação semanal de um novo repertório, constituído geralmente por dez números, em cada Roda Aberta de Choro (RAC).

Como estratégia para otimização do plano de palco, na noite das RACs, eu entregava a cada participante, o repertório, em uma folha de papel A4, digitado de maneira simplificada, escrito na maior fonte possível, para que cada um, ao colocá-lo no chão e à sua frente, pudesse visualiza-lo e, facilmente, saber a ordem (título, tonalidade, solista e quem faria a introdução) durante as apresentações. O objetivo, era evitar que ficassem se perguntando diante da plateia, qual seriam a próxima música e a tonalidade; isto para mim, demonstraria falta de organização e, de certa forma, um desrespeito para com os ouvintes.

Um caso especial entre os participantes dos EACs, era o de José Antônio da Costa (Zé Lucas), que não fazia uso das redes sociais. Semanalmente e, com a antecedência necessária, eu me deslocava até a sua barbearia (Barbearia Zé Lucas), também chamada de Salão São José, situada na Av. Abel Coelho, s/n, Box 13, no Centro Comercial do Conj. Abolição II, nesta cidade, para deixar com o mesmo, a relação e as tonalidades dos Choros a serem executados. Nestes momentos, Zé Lucas aproveitava para de forma recorrente, conversar a

respeito de suas histórias de vida, em especial àquelas relacionadas à música em geral, e, mais especificamente, ao Chorinho.

Com a relação dos Choros em mão, ele olhava e dizia que a maioria deles já os tinha tocado e começava a solfejar as melodias. Reclamava que estava “destreinado” e que, quando “pegava” nos instrumentos, principalmente no cavaquinho, os dedos doíam, pois não tinha mais os calos na ponta dos mesmos.⁸⁴ No que diz respeito a alguns Choros, ele, após ler os títulos, dizia não os conhecer. Entretanto, após eu os solfejar, ele ria e dizia que também já os tinha tocado; nestas ocasiões, relatava que, quando tocava, dominava um repertório com mais de sessenta Choros. Importante dizer que ao participar das RACs, deste Projeto de Extensão, Zé Lucas, executava as músicas que sabia e improvisava, naquelas que não conhecia ou estava “destreinado”. Para os demais chorões, a expectativa em escutar os seus improvisos era mais excitante do que vê-lo executar os solos.

Em reconhecimento à sua representatividade no cenário musical de Mossoró, e, como sua participação assegurava a execução de vários Choros, eu ia busca-lo na sua residência, à Rua Carlos de Sabóia e Sá, nº 02, no Conj. Abolição II, e o deixava de volta, ao término de cada encontro de Choro. Estes momentos, eram carregados pelas suas narrativas, sempre com os motivos recorrentes.

Particularmente, posso dizer que também a usufruí do espaço criado para a prática do Choro, neste Projeto de Extensão. Voltei a praticar o bandolim, o cavaquinho e o saxofone, muito embora, somente nos momentos dos encontros de Choro, devido às demandas de trabalho. Esclareço, que voltei a praticar estes instrumentos, pois ao ingressar no Curso de Música do Departamento de Artes (DART), UERN, no ano de 2004, precisei me desligar do Grupo Ingênuo de Chorinho, do qual fui componente desde a sua formação inicial, no ano de 1991. Com relação ao saxofone, tenho desde então, lecionado as Práticas Instrumentais I F, II F, III F e IV F (Saxofone), neste Curso de Música. Contudo, por estas disciplinas não terem caráter voltado à performance instrumental, continuei a sentir um certo distanciamento do Chorinho.

Voltando para o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), minha atuação como instrumentista vinha ocorrendo de forma gradativa. Por falta de tempo adequado, para relembrar a melodia de alguns Choros e assimilar os que não conhecia, eu me prestava às suas audições, no som do meu carro, quando dos deslocamentos para locais diversos. Lógico que assim, eu não conseguia uma boa performance nos instrumentos, o que

⁸⁴ Através da prática constante os músicos que executam instrumentos de cordas desenvolvem formações calosas na ponta dos dedos, que faz evitar a dor e proporcionam uma melhor projeção sonora (Nota do Pesquisador).

me obrigava a me esgueirar deles em determinados momentos e, empunhar alguns instrumentos de percussão, como o afoxé, o tamborim, o triângulo e o agogô, quando era o caso.

Em cada encontro, após as providências quanto a sonorização, o habitual tempo de tolerância para a chegada e a acomodação dos participantes, eu destinava o primeiro momento aos informes, e logo após, à afinação dos instrumentos e equalização do som. A disposição dos participantes era feita em cadeiras sem braços e em semicírculo, para que todos pudessem se comunicar visualmente e ter um maior conforto na execução instrumental.

Após a execução da primeira música, eu fazia a saudação aos presentes e em forma de *release*, a exposição sobre o PECCP. Em seguida, informava o título da música tocada na abertura das RACs, e antes de cada novo número, anunciava o título, autores e instrumentos solistas e outras informações, quando era pertinente. Em havendo oportunidade, repassava informações sobre Organologia Musical e instrumentistas que se destacaram como expoentes do Choro. Importante destacar, que havia abertura à participação ativa dos participantes e, a palavra, era facultada a todos, no sentido de promover uma maior interatividade e também ressaltar que pela natureza de as rodas de Choro serem abertas, todos tinham a oportunidade para interagir, independentemente da performance musical ou da construção dos seus saberes.

Apesar de ser informada com antecedência a tonalidade das músicas, em sua maioria a original, acontecia de algum chorão, tê-las aprendido em tonalidades diferentes. Isto se dava ao fato principalmente de, por exemplo, alguém ter utilizado uma partitura para instrumento de afinação diferente ao que executava. Explico: nem todos os instrumentos têm afinação simples, em Do (C), ou seja, alguns deles ao emitirem notas musicais de mesmo nome, estas não soam na mesma altura das notas do piano. Nas rodas de Choro, os instrumentos de afinação simples habitualmente utilizados são o violão de 6 cordas, o violão de 7 cordas, o cavaquinho, a flauta, o bandolim, o trombone e o acordeão. Instrumentos a exemplo do saxofone tenor, do clarinete e do trompete são afinados em Si bemol (Bb) e do saxofone alto, em Mi bemol (Eb).

Na maioria das vezes, as músicas eram executadas nas tonalidades originais e, quando os chorões que se propunham a fazer os solos, as tinham aprendido em tonalidades diferentes, os demais, no acompanhamento, exercitavam as respectivas transposições, o que de toda forma, tornava-se um interessante exercício de percepção musical. Nestes momentos, além das informações quanto às tonalidades originais, os conhecimentos a respeito de Organologia Musical, eram socializados e postos em prática. Era comum, o repasse de partitura entre os chorões, para que as tonalidades originais fossem aprendidas. Esta prática é importante, pois

espera-se que em qualquer roda de Choro, os mesmos sejam executados nas tonalidades originais, o que facilita a sua realização em conjunto.

Os chorões que participaram deste momento foram: José Antônio da Costa (Zé Lucas) – bandolim de 8 cordas, Frankson Nero (?) - bandolim de 10 cordas, Íris Emanuella de Castro Nascimento – flauta transversal, Severo Ricardo Silva Neto – flauta transversal e pandeiro, Fábio Roberto Monteiro de lima e Celso Nascimento Filho– cavaquinhos, João Lima Rocha Neto (Lima Neto) – violão de 6 cordas, Claudio Henrique Pereira de Araújo – acordeão, Erinaldo Justiniano da Silva – saxofone tenor; Bruno Farias Caminha e Luiz Carlos Lima Filho – trombones de vara, Luandrey Célio Silva da Costa – pandeiro e Antônio Carlos Batista de Souza – afoxé.

Fotografia 6 – Abertura da 1ª edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), em 30 de outubro de 2017.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

Com relação à performance musical, era possível observar a heterogeneidade entre os participantes, pois alguns destes, estavam retomando a prática instrumental, principalmente os idosos, enquanto outros, se encontravam em plena atuação profissional, como instrumentistas. Nas rodas de Choro, especificamente, com relação à troca de saberes entre gerações de diferentes faixas etárias, não há exigência de um apurado nível de performance instrumental. Neste sentido, Cazes, (1999, p. 113) assegura que “Uma roda de verdade é aquela que mistura profissionais e amadores, gente que toca melhor ou pior, sem nenhum problema”. A afirmação, baseia-se na troca de conhecimentos entre os envolvidos, na busca de estratégias para a busca de soluções, ou seja, na aprendizagem colaborativa.

A exemplo dos saberes socializados, apresentamos informações quanto ao repertório tradicional, autoria dos Choros, ritmos executados neste gênero musical, suas estilizações, Organologia, tonalidades originais e eventuais adequações, digitação dos instrumentos,

contraceno dos timbres, alternância e convenções dos instrumentos solistas, harmonia, improvisação, instrumentos que podem e que devem ser utilizados nas rodas de Choro. Em vários destes momentos, pudemos observar também, a participação de músicos que atuam em contextos diversos, que mesmo não sendo aficionados ao Chorinho, compartilhavam informações a respeito.

À medida em que as Rodas Abertas de Choro (RACs) eram realizadas, era perceptível, entre os participantes, que a socialização de informações se configurava como objeto de maior valorização, e, proporcionalmente, à medida em que as vivências com o Choro eram exercitadas, a prática instrumental era intensificada. O repertório levantado, fez retratar estes avanços.

Quadro 12 - Repertório executado na 1ª edição do PECCP.

Nº	CHOROS	AUTOR(ES)
01	André de Sapato Novo	André Vitor Correia
02	Apanhei-te Cavaquinho	Ernesto Nazareth
03	Atraente	Mesquita/Luiz Americano
04	Benzinho	Jacob do Bandolim
05	Bicho Carpinteiro	André Reale
06	Brasileirinho	Waldir Azevedo
07	Brejeiro	Ernesto Nazareth
08	Carinhoso	Pixinguinha/João de Barro
09	Carioquinha	Waldir Azevedo
10	Cavaquinho Seresteiro	Waldir Azevedo
11	Chico Meio Litro	Toinho de Nozim
12	Chorando Baixinho	Abel Ferreira
13	Chorei	Pixinguinha/B. Lacerda
14	Chorinho de Gafieira	Astor Silva
15	Chorinho em Cochabamba	Eduardo Neves/ Rogério Caetano
16	Cordas Românticas	Waldir Azevedo/Avena de Castro
17	Delicado	Waldir Azevedo
18	Descendo a Serra	Pixinguinha/Benedito Lacerda
19	Doce de Côco	Jacob do Bandolim
20	Em Cima da Hora	Fabinho Monteiro
21	Espinha de Bacalhau	Severino Araújo
22	Flor Amorosa	Joaquim Callado/Catulo da Paixão Cearense
23	Flor de Abacate	Álvaro Sandim
24	Gotas de Lágrimas	Mozart Bicalho
25	Harmonia Selvagem	Dante Santoro
26	Ingênuo	Pixinguinha
27	Lamentos	Pixinguinha/V. de Moraes
28	Minhas Mãos, Meu Cavaquinho	Waldir Azevedo
29	Naquela Mesa	Sérgio Bittencourt
30	Naquele Tempo	Pixinguinha/Benedito Lacerda
31	Na Glória	Raul de Barros
32	Odeon	Ernesto Nazareth
33	Noites Cariocas	Jacob do Bandolim

34	O Bom Filho à Casa Torna	Bonfiglio de Oliveira
35	Pedacinhos do Céu	Waldir Azevedo
36	Proezas de Solon	Pixinguinha/Benedito Lacerda
37	Puxando Pregos	Toinho de Nozim
38	Rosa (Valsa-Serenata)	Pixinguinha
39	Santa Morena	Jacob do Bandolim
40	Saudade do Maestro	Fabinho Monteiro/Sebastião Araújo
41	Saxofone, Porquê Choras?	Ratinho
42	Serra da Boa Esperança	Lamartine Babo
43	Sonoroso	K-Ximbinho
44	Sons de Carrilhões	João Pernambuco
45	Tico-Tico no Fubá	Zequinha de Abreu
46	Urubu Malandro	Lourival de Carvalho (Louro)
47	Um Tom Pra Jobim	Oswaldinho/Sivuca
48	Vê Se Gostas	Waldir Azevedo/O. Pitanga
49	Vou Vivendo	Pixinguinha/Benedito Lacerda

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

No dia 23 de abril de 2018, foi realizada uma Roda Aberta de Choro (RAC), no Rust Café, em comemoração ao Dia Nacional do Choro, na qual se agregaram ao Projeto de Extensão Cultural Chorinho Na Praça (PECCP), o Grupo Ingênuo de Chorinho, da Escola de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (EMDSNF/UERN), a Prática de Choro do Núcleo de Música (NUEM), da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), e a Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP), da Secretaria Municipal da Cultura (SMC), da Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM).

Do Grupo Ingênuo de Chorinho, participaram: Artur Góis Araújo – flauta transversal e clarinete, Fábio Roberto Monteiro de Lima – cavaquinho e bandolim, Bruno Farias Caminha – trombone de vara, Gideão Lima da Silva – violão de 6 cordas e José Araújo Amaral – pandeiro. Nesta apresentação, o instrutor da EMDSNF, Sebastião Araújo Alves das Graças, interpretou pela primeira vez, em público, o Choro “Saudades do Maestro”, de sua autoria e de Fábio Roberto Monteiro de Lima, composto em homenagem ao Maestro Batista.

Da Prática de Choro do Núcleo de Música (PROEC/UFERSA), se fizeram presentes: Haissa Hussemânia de França Gomes – voz, Bruno Farias Caminha – trombone de vara e coordenação, Evaneto Melo – flauta transversal, Ludson Martins – gaita, Matheus Barbosa – Clarinete, Guido Alves do Nascimento – violão de 6 cordas, Luandrey Celio Silva da Costa – trombone de vara e José Araújo Amaral – pandeiro. O Grupo teve a participação especial de Fábio Roberto Monteiro de Lima - cavaquinho e Gideão Lima da Silva, - violão de 6 cordas.

Da Banda sinfônica Municipal Artur Paraguai, se fizeram presentes: João Célio cordeiro de Sousa – regente, Gildásio Ramos e José Ozenildo Freire dos Santos – 1ºs clarinetes, Genival da Paz – 2º clarinete, Marcos Antônio Lima da Silva – 3º clarinete, Sérgio

Ricardo da Costa – 1º sax alto, Natanael Silva da Cunha – 2º sax tenor, Antônio Carlos Batista de Souza – 4º sax tenor, Antônio Gomes de Sales – sax barítono, Marcos Batista de Souza e José Odair Freire dos Santos – 1ºs trompetes, José Washington de Sales – 2º trompete, Francisco Wilson mendes da Costa – 3º trompete, Antonio Marcio Pinto de Freitas – 1º trombone, Edilzo da Paz – 2º trombone, Antônio marcos de Moraes – 3º trombone, Elizeu Lima Sobrinho e Antônio Marcos da Silva – tubas sinfônicos e Osman Josenildo Carlos Pereira – bateria.

Nesta RAC, cada grupo, teve seu espaço para fazer sua apresentação e, no momento final, todos executaram conjuntamente, o Choro-Canção “Carinhoso”, de Pixinguinha e João de Barro, de maneira a formar com os expectadores que com eles cantaram, provavelmente a maior roda de Choro, na cidade de Mossoró, até então, com um total estimado em aproximadamente, oitenta participantes. Alguns alunos do Curso de Música, da UERN, participaram na organização do Evento e, tiveram a oportunidade para além de tocar Choro, contabilizar horas de atividades complementares.

Outros chorões que participaram da 1ª edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP): Daiane Nunes Bezerra e Sebastião Araújo Graças das Neves – voz, Antonio Celso do Nascimento (Toinho de Nozin) – bandolim, Celso do Nascimento Filho – cavaquinho e violão de 6 cordas, José Lima de Sousa Neto – saxofones alto e tenor, José Odair Freire dos Santos – trompete, Gabriela Mendes – voz, flauta transversal e violão de 6 cordas, Jonathan Douglas Lopo Martins e Gideão Lima da Silva – violão de 6 cordas, Marcelo Randemarck (?) (Marcelo 7 cordas) – violão de 7 cordas, Luis Antonio de Oliveira Freitas – monitoria, trompete e ganzá, Rafael da Silva Pinto – pandeiro e tamborim, Alan Rommel Rodrigues Veras – afoxé e tamborim, Osman Josenildo Carlos Pereira – pandeiro e surdo e Antônia Neuma Batista de Souza – triângulo.

As RACs, continuaram, com a aprovação da segunda edição do Projeto, em agosto de 2018. Neste novo momento, dada a prática constante, a performance entre os chorões já se mostrava mais refinada e, o crescente número entre os participantes assíduos, que passou a fazer uso da *Internet* e de redes sociais, ficou evidenciada, frente às atividades relacionadas ao Choro, que aumentaram consideravelmente. Mais especificamente, este fato pode ser observado com relação às pesquisas de partituras e áudios, em *sites* livres, e também, no que diz respeito à socialização de arquivos relacionados ao universo do Choro.

Por sugestão dos participantes instrumentistas, bem como do público, os encontros passaram a acontecer semanalmente, em forma de Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas três primeiras segundas-feiras de cada mês e, de Rodas Abertas de Choro (RACS), na última

segunda-feira de cada mês, no mesmo horário e local. Inversamente proporcional ao aumento quantitativo dos encontros, houve um declínio considerável, com relação à participação do público, que alegava o fato, à insegurança, em consequência da crescente onda de violência registrada na cidade.

Não bastasse a nova realidade, Zé Lucas, por motivo de tratamento de saúde, passou a residir na localidade de Ubaia, no Estado do Ceará, em agosto de 2018 e, o Projeto, ficou temporariamente, sem um de seus principais solistas. Este aspecto foi amenizado, com as participações de Hermenegildo Félix da Silva, excelente acordeonista, e de João Adelmo Soares (Adelmo), um violão de 7 cordas “de mão cheia” e possuidor de uma voz invejável. Também, a participação de Iolanda Miranda Costa (Iolandinha), veio contribuir de maneira significativa com PECCP, ao assegurar a execução de Choros cantados, e, em virtude do seu bom-humor, da presença e sensibilidade femininas, o que levou os encontros de Choro, a ficarem mais descontraídos.

Neste novo cenário, as RACs passaram a ser realizadas, em culminância dos EACs, e os cuidados voltados para o grau de excelência nas apresentações, foram gradativamente sendo exercitados. A exemplo, os aspectos voltados à seleção e organização do repertório, postura de palco, caracterização do vestuário, sonorização, plano de palco e de contrarregra, entre outros, discutidos nas RACs, eram levados à prática. A atuação voluntária dos participantes do PECCP, no que diz respeito à montagem e equalização sonora, também se configurou como aspecto gerador de novas aprendizagens.

A exemplo de como acontecia na primeira edição do PECCP, as informações, discutidas nos EACs, eram prestadas em forma de release, com o objetivo de preparar/situar os ouvintes, com respeito a cada Choro a ser executado. Com vistas à uma maior interação, era facultada a participação de músicos que eventualmente se encontrassem presentes, não só para integrarem os ensaios e RACs, mas também, para fazerem uso do microfone, no sentido de prestarem contribuições, para a estimular a formação de plateia. Como resultante deste novo momento, foram inseridos novos Choros no repertório, que gradativamente, passaram a ser executados com as convenções atinentes à introdução, paradas, contraceno entre os instrumentos solistas, emprego dos acordes, dinâmica, andamento, agógica e finalizações. Assim, o pensamento de todos convergiu para a execução do repertório, de forma mais esmerada, do que para a inclusão de novos números.

Com relação aos participantes das RACs, também houve um declínio quantitativo, devido a mudanças nas rotinas de estudos, de trabalho e, pela crescente onda de violência, registrada na cidade. Contudo, um número significativo de chorões, passou a frequentar

assiduamente as rodas de Choro e assegurar sua continuidade, nos mesmos dias, horário e local, mesmo após o encerramento do período institucional do Projeto, em março de 2019. Nesta nova fase, decidimos por executar um repertório mais eclético e, com isto, o Samba, a Bossa Nova e as músicas comumente executadas nas Serestas, foram inseridos no cardápio musical. Importante ressaltar que as músicas de Seresta, aqui, não devem ser confundidas com as músicas de caráter eminentemente “brega”.

Com vistas a uma maior abrangência do Projeto e, em atendimento a convites de diversos segmentos da sociedade, passamos a compor RACs, para além da abrangência local, e do cronograma previsto, a exemplo das realizações na cidade de Apodi-RN, em dezembro de 2018, no Programa Silêncio da Seresta, na Rádio Rural de Mossoró, em novembro e dezembro de 2018, na localidade de Ubaia-CE, em dezembro de 2018, no Projeto de Extensão Viva UERN Rio Branco, em março de 2019, a convite da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas-DAIN/UERN, no Dia Nacional do Choro, no Teatro Lauro Monte Filho e na Escola de Artes de Mossoró, em abril de 2019, no III Encontro de Músicos de Mossoró, no Clube Carcará, em maio de 2019, no Programa Domingo Alegria, na TV Cidade Oeste, em junho de 2019, nos Festejos Alusivos a Santo Antônio, na Capela de Santo Antônio, em junho de 2019 e, no Instituto Amantino câmara, em outubro, do mesmo ano. Em todos estes momentos, foram repassadas informações pertinentes ao fomento do Choro e às instituições de ensino musical na cidade de Mossoró. Estas apresentações estão detalhadas no Tópico 2.4, A difusão e a democratização do Choro, neste Capítulo.

2.4 A difusão e a democratização do Choro

Segundo Cazes (1999), a prática do Choro tinha como espaço natural, as rodas, organizadas nos ambientes domésticos, nas quais o improviso e a informalidade, caracterizavam o modo de transmissão desse gênero musical. É fácil, o entendimento de que a cidade de Mossoró-RN, esta manifestação provavelmente, tenha acontecido nos mesmos moldes.

De acordo com Ribeiro,

Em Mossoró, antes da criação do conservatório de música, em 1988, a imitação através das gravações e, em alguns casos, da observação direta da execução do trabalho de alguns chorões que se apresentavam na cidade, constituiu uma maneira pela qual se aprendia a tocar choro (RIBEIRO, 2009, p. 97).

Ribeiro (2009), descreve que a transmissão da música, acontece de diversas maneiras, e, que varia muito, entre a cultura dos povos. Afirma, que antes do aparecimento da gravação mecânica, no século XX, os processos de aprendizagem se davam através do contato corpo a corpo, assistindo, ouvindo ou imitando, ou ainda, por meio de aulas formais e informais. Com o advento deste tipo de gravação, tornou-se possível se fazerem audições, de forma repetida, quantas vezes sejam necessárias, para a assimilação de obras musicais.

Continua o autor, com a assertiva de que em Mossoró, entre os anos de 1940 e 1950 do século passado,

[...] era possível já era possível ouvir e tentar imitar no mesmo momento em que a música estava sendo executada pelo rádio, pois, para grande parte dos músicos, ainda não era possível “congelar”, por não terem acesso às radiolas e aos gravadores, ficando a maioria na dependência de que a música voltasse a tocar no rádio, o que, às vezes, poderia acontecer após vários dias ou até semanas (RIBEIRO, 2009, p. 98-99).

Tomo a liberdade para reforçar o exposto, uma vez que nascido no ano de 1963, pude observar durante toda a minha infância, que a escuta musical era comum através da execução presencial individual, dos grupos regionais e das bandas de música; as audições mecânicas, aconteciam através das radiolas e dos programas de rádio. A televisão e os gravadores portáteis, foram trazidos a Mossoró, em meados da década de 1960, mas não era comum serem encontrados nas residências. Em alguns bairros da cidade, existia uma televisão no centro da praça, acondicionada em uma pequena caixa de alvenaria e a uma certa altura, para que todos, pudessem assistir os programas transmitidos. A televisão, era ligada às dezoito horas e desligada às vinte e duas horas, geralmente por um funcionário da Prefeitura Municipal, ou por algum morador do bairro, que se prestava voluntariamente a este serviço.

Outra possibilidade para o aprendizado de melodias, era a utilização das revistas que continham músicas, com letras cifradas. Acredito que estas, começaram a ser trazidas à cidade, no início dos anos 1980, pois quando comecei a me interessar pelo aprendizado do violão, no final desta década, não era comum encontrar alguém que as tivesse. Tais revistas, traziam letras cifradas, que contemplavam apenas a música popular. As partituras de Choros eram raras, manuscritas e, de propriedade de uns poucos músicos, geralmente componentes de bandas de músicas militares e/ou civis. Como na época não havia copiadora do tipo xerox, quem as possuía, as guardava a sete chaves.

No meu cotidiano, era comum ver o meu pai, João Batista de Souza (Maestro Batista) executar Choros, diante de outros músicos, para que estes viessem a aprendê-los. A assimilação se dava através das percepções auditiva, visual e de ensinamentos quanto a

digitação no instrumento, repassada de acordo com a capacidade de transmissão do executante, e às vezes, de acordo com o humor no momento.

Outra forma para a transmissão das músicas, era a sua transcrição do disco e/ou do gravador, para a pauta. Em Mossoró, este processo, era realizado à época, por pouquíssimos músicos. Constava em, após escutar determinada música e escrever em seguida, a sua partitura. Era um processo que exigia uma percepção musical apurada, de tal forma que nem mesmo todos os músicos que tinham boa execução nos seus instrumentos, conseguiam fazê-lo. A este respeito, eu observava que meu pai, sentava em um tamborete, em frente à radiola *Phillips*, na sala da minha casa, e, com papel pautado e caneta, escutava os discos de vinil e transcrevia às partituras, as notas musicais que ouvia. Percebia que ele escrevia frase por frase e, de forma paciente e cuidadosa, voltava o braço da radiola, para colocar a agulha, no mesmo local do disco (sulco), em que havia parado de escrever.

Comparando com os recursos tecnológicos de hoje, podemos entender que era um processo que demandava muito trabalho, mas que asseguro que ele o executava com muita habilidade. Por várias vezes, presenciei o meu pai, escrever a partir da audição em discos de vinil, copiar para a Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), Banda da Assembleia de Deus e Banda do II Batalhão de Polícia Militas (II BPM), Dobrados⁸⁵ e Hinos inteiros, instrumento por instrumento.

Às vezes, alguns regentes, principalmente de cidades circunvizinhas a Mossoró, desejavam que suas bandas executassem determinados dobrados e, ele, sem cobrar nenhum centavo, copiava e entregava-lhes as partituras. Eu percebia que ele gostava do desafio e de ver as bandas executarem as partituras por ele escritas, que diga-se de passagem, eram feitas com muito capricho. Sua escrita, parecia um carimbo!

Com o aparecimento dos gravadores portáteis este processo tornou-se mais fácil; quando da transcrição do áudio para a pauta, bastava apertar a tecla de recuo e controlar o tempo, para fazer a fita *K7* voltar ao ponto desejado. Mesmo assim, era necessário ter certa habilidade, pois a fita voltava em uma velocidade, de tal forma, que não era possível se ter o absoluto controle.

Para Ribeiro (2009), o Conservatório de Música da UERN, foi um divisor de águas na transmissão do Choro em Mossoró:

⁸⁵ **dobrado** Gênero de música de banda semelhante à marcha. Para alguns autores, o que os distingue é o fato de que no dobrado há dobramento de instrumentos, ou desdobramento das partes instrumentais, o que justifica o nome (Dicionário Grove de Música, 1994, p. 271).

Assim, a transmissão do choro em Mossoró se deu inicialmente de forma oral e, às vezes, de maneira híbrida⁸⁶, até o ano de 1988, quando surgiu o ensino formal de música, com a criação do Conservatório D’alva Stella Nogueira Freire, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, lócus em que esses modos de transmissão do choro na cidade de Mossoró seriam redefinidos (RIBEIRO, 2009, p. 102).

Corroboro com esta afirmação, por ser dos primeiros professores desta Instituição de Ensino Musical, e também, de ter participado da formação inicial do Grupo Ingênuo de Chorinho. Foi este Grupo, o primeiro a ser institucionalizado em uma repartição pública de ensino formal de música, na cidade e, que também, iniciou apresentações didáticas de Choro, nesta urbe.

Atualmente, a transmissão do Choro em Mossoró é mais facilmente veiculada, pelas facilidades advindas das mídias virtuais de comunicação. Em se tratando do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), as transmissões ao vivo, dos EACs e das RACs, através do *You Tube*, tem sido uma constante, de forma a não se poder mensurar com precisão, a sua abrangência. Nestes momentos, é comum a execução de Choros, em atendimento aos que se encontram no *lócus*, (Rust Café); os pedidos, geralmente contemplam os Choros tradicionalmente mais executados, como “Brasileirinho”, de Valdir Azevedo, “Escadaria”, de Pedro Raimundo, “Tico-Tico No Fubá”, de Zequinha de Abreu, entre tantos outros.

A abertura à participação no PECCP era indistinta e, em alguns casos, as pessoas que solicitam as músicas, ingressavam momentaneamente na roda, para uma execução vocal, ou nos instrumentos de percussão. Em muitas das vezes, ficavam a cantar e a percutir com as mãos, nas mesas em que se encontravam.

Nas RACs, fazemos a distribuição de *folders*, com a programação de cada noite. Neles informações diversas, referentes ao universo do Chorinho, eram socializadas, entre as quais, posso citar: o título das músicas, autores e resumo histórico do gênero musical. Durante sua realização, a receptividade/identificação, pelos idosos, era facilmente percebida, por trazerem em suas histórias de vida, experiências, contempladas com os seus estilos e esquemas musicais, citados por Levitin (2010), ao defender que para muitas pessoas, no que se refere a preferência musical, o que será apreciado ou rejeitado no futuro, dependerá dos esquemas cognitivos musicais formados nos hábitos de audição da infância. Afirma o autor, que estes hábitos, criam esquemas para os gêneros e as formas musicais, mesmo quando a música é ouvida passivamente, sem a intenção da análise. Faço a colocação, com o objetivo de ressaltar

⁸⁶ Entende-se por híbrida, nesse contexto, a junção da transmissão oral com a eletrônica (RIBEIRO, 2009, p. 102).

que mesmo aqueles que se dão à audição, de certa forma, executam os Choros, dentro de si. A assertiva se encontra interligada às experimentações do prazer, encontradas nos dispositivos musicais defendidos por Jourdain (1998), no sentido de que estas acontecem quando as promessas (previsões) da música são contempladas, ou seja, quando temos satisfeitas nossas previsões rítmicas, melódicas e/ou harmônicas, advindas de um sistema musical ao qual estamos habituados. Para Zé Lucas, “a coisa aconteceu assim com ele: escutando o rádio” (Entrevista com Zé Lucas, 03.11.2019).

Outra estratégia para a democratização do Choro, se deu através do incentivo àqueles que estavam iniciando seus estudos, na prática instrumental. Indistintamente, todos foram convidados a fazerem parte nas rodas e ensaios, do PECCP. Houve casos, geralmente, de estudantes de música, que ingressaram nas rodas, para tocarem apenas alguns Choros, que aprenderam, especificamente para o momento. Bastante comum, era a participação, principalmente nos ensaios abertos, pessoas empunharem pela primeira vez, alguns instrumentos de percussão, como o tamborim, a pandeirola, o triângulo, o agogô e o ganzá. Alguns discentes do Curso de Música, da UERN, aproveitam estes momentos, para contabilizarem horas de atividades complementares.

Com vistas ao fomento do Choro, algumas RACs, foram realizadas em diferentes contextos. A primeira aconteceu no dia 23 de novembro de 2018, no Programa Silêncio da Seresta, veiculado pela Rádio Rural de Mossoró, sob a direção e apresentação do professor e radialista Edvar Nunes Duarte. Na oportunidade, as duas horas do Programa, foram destinadas às informações concernentes Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP) e à execução de Choros, por seus integrantes: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim e afoxé, Fábio Roberto Monteiro da Silva – cavaquinho, Francisco Honorato Assis – violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, José Lima Sousa Neto – saxofone tenor, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão e José Araújo Amaral – pandeiro.

A primeira RAC realizada fora de Mossoró, aconteceu em atendimento à solicitação da Comissão Organizadora da Paróquia de Apodi-RN, na programação dos Festejos Alusivos aos Padroeiros Nossa Senhora da Conceição e São João Batista, na noite de 07 de dezembro de 2018. Para a viagem, alugamos com recursos próprios, um transporte alternativo para o traslado. Com o intento de envolver um número significativo de participantes, fizemos convite a diversos músicos daquela cidade, principalmente àqueles integrantes da Banda de Música Municipal Antonio de Pádua Leite. A apresentação aconteceu à noite, após a Novena e contou com apenas dois músicos daquela urbe, cujos nomes destaco em negrito: Iolanda

Miranda Costa – voz e ganzá, **Antonio Celso do Nascimento (Toinho de Nozin)** – bandolim, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim, saxofone soprano e afoxé, Eimar Machado – saxofone alto, José Lima de Sousa Neto – saxofone tenor, Celso Nascimento Filho – cavaquinho e violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão e **Romildo Alves de Freitas Júnior** – pandeiro. Alguns músicos apodienses compareceram ao local, mas ativeram-se à condição de ouvintes.

Outra apresentação do Projeto no Programa Silêncio da Seresta, aconteceu em 28 de dezembro de 2018, o último daquele ano, no qual compareceram: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim e afoxé, Fábio Roberto Monteiro da Silva e Celso Nascimento Filho – cavaquinhos, Francisco Honorato Assis e João Lima Rocha Neto – violões de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – saxofone tenor, Hermenegildo Félix da Silva e Claudio Henrique Pereira de Araújo – acordeões, Osman Josenildo Carlos Pereira – pandeiro e Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

Em 29 de dezembro de 2018, fizemos uma visita a Zé Lucas, na localidade de Ubaia-CE, oportunidade em que realizamos na sua residência, uma descontraída roda de Choro. Foi perceptível a expectativa dos moradores em presenciar o inusitado acontecimento. Alguns vizinhos ficaram a assistir alpendres de suas casas, enquanto que outros, se achegaram à roda, durante considerável parte da manhã e tarde, deste sábado. Zé Lucas, se encontrava em tratamento de um acidente vascular cerebral (AVC), e não conseguiu executar o bandolim, apesar de algumas tentativas. Mesmo assim, ficou patente a sua gratidão por este momento. Dos participantes do Projeto de Extensão, compareceram: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim, cavaquinho e afoxé, Fábio Roberto Monteiro da Silva – cavaquinho, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão e Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*. Após executamos vários Choros, o presenteei com um bandolim de marca *Del Vecchio*, de minha propriedade, em função do seu bandolim, ter sido furtado, após sua última apresentação, na cidade de Mossoró.

No dia 23 de março de 2019, novamente, fizemos outra visita a Zé Lucas, em comemoração ao seu aniversário, ocorrido em 20 de março. Como era de se esperar, além do tradicional “Parabéns Pra Você!”, passamos com ele, grande parte da manhã e da tarde a executar um repertório variado, no qual o Choro, era o carro-chefe. Para nossa alegria, Zé Lucas mostrou uma excelente recuperação da sua motricidade fina, e nos acompanhou ao violão, em todas as músicas que executamos e aproveitou a oportunidade, para improvisar nos contrapontos, de forma a nos presentear com sua habilidade de exímio instrumentista. Antes

de retornarmos a Mossoró, o presenteamos com encordoamentos para cavaquinho, violão e bandolim, além da partilha do bolo, movimento este, que chamou a atenção de vários moradores da localidade. Estiveram presentes neste momento os seguintes chorões: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – cavaquinho, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – saxofone tenor, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Elias Gomes Pereira e José Leão de Oliveira – timbas, Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

Em atendimento à Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN), nas suas ações denominadas Diálogos e inclusões, realizamos uma Roda Aberta de Choro (RAC), no dia 31 de março de 2019, dentro da programação do Projeto de Extensão Viva UERN Rio Branco.

Fotografia 7 - Apresentação no Projeto de Extensão Viva UERN Rio Branco, em 31 de março de 2019.⁸⁷



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Nesta Roda Aberta de Choro (RAC), compareceram: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim e afoxé, Fábio Roberto Monteiro da Silva – cavaquinho, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – sax tenor, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro) –pandeiro, Elias Gomes Pereira e Josivaldo Leão de Oliveira – timbas e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*. Após a execução de vários Choros, nos chamou a atenção o

⁸⁷ Da esquerda para a direita: Iolanda Miranda Costa (Iolandinha), Fabio Roberto Monteiro de Lima (Fabinho), Antônio Carlos Batista de Souza), Erinaldo Justiniano da Silva, Hermenegildo Félix da Silva, João Adelmo Soares, Jorge Soares de Castro, Elias Gomes Pereira, Josivaldo Leão de Oliveira e Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro). (Nota do Pesquisador).

agradecimento por dois integrantes do “Cangaço”⁸⁸, ao dizerem que nós, os fizemos se sentirem no Bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, cidade onde nasceram.

Em 23 de abril de 2019, o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), esteve presente nas comemorações ao Dia Nacional do Choro, às vinte horas, no Teatro Lauro Monte Filho. Fizemos a abertura da programação, oportunidade em que executamos algumas das músicas mais tradicionais do repertório do Choro. Um aspecto a ser destacado, foi todo o Grupo, vestir uma indumentária característica ao ambiente deste gênero musical. Nesta noite, compareceram: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim e afoxé, Fábio Roberto Monteiro da Silva e Celso Nascimento Filho – cavaquinhos, Francisco Honorato Assis e João Lima Rocha Neto – violões de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – saxofone tenor, Mauro Jerry Gomes – trompete, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro, Elias Gomes Pereira – timba e Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

No dia seguinte, novamente em comemoração ao Dia Nacional do Choro, fizemos uma apresentação na Escola de Artes de Mossoró (EAM), na qual se fizeram presentes: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim, Fábio Roberto Monteiro da Silva – cavaquinho, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva e José Lima de Sousa Neto – saxofones tenor, Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro, Elias Gomes Pereira – timba e Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

Continuando a atender os convites, o Projeto também se fez presente no III Encontro de Músicos de Mossoró, realizado no Clube Carcará, no dia 8 de maio de 2019, no qual compareceram: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim, Celso Nascimento Filho – cavaquinho e violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – saxofone tenor, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro, Elias Gomes Pereira e José Edvaldo de Oliveira – timbas e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*. Este Encontro é realizado com o objetivo de agregar os músicos mossoroenses, que atuam em diversas cidades, com vistas à confraternização, socialização experiências e efetivação de parcerias.

⁸⁸ Como se autodenomina a equipe formada por profissionais da DAIN e discentes pós-graduandos e pós-graduados do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação-FE/UERN (Nota do Pesquisador).

Outra participação do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), aconteceu em 09 de junho de 2019, desta feita, no Programa “Domingo Alegria”, na TV Cidade Oeste, apresentado pelo músico, mais conhecido no meio artístico como De Assis Alegria. Na oportunidade fizemos ampla divulgação do Projeto e executamos um repertório que teve a duração de aproximadamente quarenta minutos. Novamente, compareceram os integrantes que participam mais assiduamente do Projeto de Extensão Cultural: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – cavaquinho, Francisco Honorato Assis - violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – saxofone tenor, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Francisco Antonio da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro, Elias Gomes Pereira e José Edvaldo de Oliveira – timba e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

Chamo à atenção, de que a minha participação em alguns instrumentos musicais, se deve ao fato de se fazer necessário suprir a ausência de alguns integrantes, que não puderam comparecer a algumas apresentações do Projeto. Às vezes, alguns imprevistos aconteceram “em cima da hora”, o que me faz sentir na obrigação de ter um domínio mais abrangente do repertório, no que se refere à execução instrumental.

Outra Roda Aberta de Choro (RAC), realizada em atendimento a solicitações dos diversos segmentos da sociedade, aconteceu no dia em 10 de junho de 2019, nos Festejos Alusivos a Santo Antonio, na Capela e Bairro do mesmo nome. Nos chamou a atenção, o acolhimento pela população local, que assistiu atentamente à apresentação. Nesta roda, compareceram os chorões: Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Antônio Carlos Batista de Souza – bandolim e sax soprano, Fábio Roberto Monteiro de lima e Celso do Nascimento Filho – cavaquinhos, Francisco Honorato Assis e Celso Nascimento Filho - violões de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Erinaldo Justiniano da Silva – sax tenor, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Francisco da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro, Elias Gomes Pereira e José Edvaldo de Oliveira – timba e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*. Não cheguei a perceber, mas alguns dos chorões informaram que durante a execução dos Choros, uma senhora, saiu de sua casa, vestida apenas de camisola, e se pôs a assistir toda a apresentação, em meio aos demais expectadores.

Em atendimento ao convite feito pela da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN), realizamos em 15 de agosto de 2019, uma apresentação no auditório Padre Mota, da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, no momento final da noite de abertura do VII Seminário de Narrativas (Auto) Biográficas, com o tema “Reescrevendo o sentido da vida como o estalar das vozes em pedras”, coordenado pela Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira

Aguiar, PhD em Educação. Reforço que na oportunidade, o repertório contemplou além do Choro, músicas executadas nas Serestas, e, tivemos a satisfação de acompanhar a professora Ana Lúcia, ao entoar a música *La Barca*, em Espanhol. Na oportunidade, a roda de Choro, estava constituída por Antônio Carlos Batista de Souza – cavaquinho e flauta transversal, Francisco Honorato Assis - violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Francisco da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro e voz, Elias Gomes Pereira– timba e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

No dia 06 de setembro de 2019, realizamos uma apresentação nas dependências do Hotel Vila Oeste, à Av. Presidente Dutra, no Bairro de São Manoel, na abertura da reunião social do Grupo Reviver (da Terceira Idade), nesta cidade. Na ocasião, se fizeram presentes Antônio Carlos Batista de Souza – saxofone soprano e flauta transversal, Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Francisco Honorato Assis - violão de 6 cordas, Celso Nascimento Filho – violão de 6 cordas e cavaquinho, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Francisco da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro e voz, Elias Gomes Pereira– timba e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

Outra roda de Choro, aconteceu no dia 08 de outubro de 2019, como parte cultural da Colação de Grau Simulada “Aos mestres com Carinho”, para os Idosos do Instituto Amantino Câmara, promovida pelo Curso de Direito, da Universidade Potiguar (UnP), Campus Mossoró, que para nós, teve uma conotação por demais significativa, pelo fato de se tratar do reconhecimento para com aqueles que em muito, deram e ainda continuam, dando importantíssimas lições de vida às gerações subsequentes. Na ocasião, participaram: Antônio Carlos Batista de Souza – cavaquinho e flauta transversal, Iolanda Miranda Costa – voz e ganzá, Gildomar Alexandre da Silva – cavaquinho, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Francisco da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro e voz, Elias Gomes Pereira– timba, Jorge Luiz de Castro Soares – *Cajon* e, Edvar Nunes Duarte – agogô.

No dia 21 de novembro de 2019, realizamos uma apresentação no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC), da UERN, em atendimento ao convite da Comissão Organizadora do VI Simpósio de Educação (VI SIMPOSEDUC) e V Semana de Artes (V SEMANARTE), promovidos pela Faculdade de Educação (FE/UERN). Participaram desta roda de Choro e Seresta: Antônio Carlos Batista de Souza – cavaquinho e flauta transversal, Francisco Honorato Assis - violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Francisco da Silva (Toinho do

Pandeiro) – pandeiro e voz, Elias Gomes Pereira– timba e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

No dia 23 do mesmo mês, realizamos uma roda de Choro e Samba, na Feijoada do Clube Reviver (3ª Idade), na Sede do Sindicato dos Trabalhadores em Educação-SINTE, na Rua Abel Coelho, Conjunto Abolição II, em Mossoró-RN. Participaram: Antônio Carlos Batista de Souza – sax soprano e flauta transversal, Francisco Honorato Assis - violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Gildomar Alexandre da Silva – cavaquinho, Antônio Francisco da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro e voz, Antônio Fábio da Silva – pandeiro, Elias Gomes Pereira– timba, Antônia Neuma Batista de Souza – triângulo, afoxé e voz, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon* e, Edvar Nunes Duarte – agogô.

No dia 30 de novembro de 2019, prestamos atendimento à solicitação feita pela Associação dos Portadores de Hepatite de Mossoró (APHEMO), situada à Rua Pedro Velho, nº 670, no Bairro Santo Antônio, desta feita, para abrilhantar o momento “A Noite do Açai”, que teve como objetivo levantar fundos destinados à manutenção da Instituição. Novamente se fizeram presentes: Antônio Carlos Batista de Souza – saxofone soprano e flauta transversal, Francisco Honorato Assis - violão de 6 cordas, João Adelmo Soares – violão de 7 cordas, Gildomar Alexandre da Silva – cavaquinho, Hermenegildo Félix da Silva – acordeão, Antônio Francisco da Silva (Toinho do Pandeiro) – pandeiro e voz, Elias Gomes Pereira– timba e, Jorge Luiz de Castro Soares – *cajon*.

O encerramento do período institucional do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), aconteceu em março de 2019, e, por iniciativa dos participantes assíduos, continuamos a realizas os EACs e as RACs, com a ampliação do repertório, para a inclusão do Samba, da Bossa Nova e das músicas de Seresta. Como desdobramento do Projeto, passamos a fazer participações regulares, no Programa Silêncio da Seresta, nas sextas-feiras, desta feita, com a execução de um repertório eclético.

Como preparação para estas apresentações, passamos a realizar ensaios semanais, nas quintas-feiras, das quinze às dezoito horas, nas residências do acordeonista Hermenegildo Félix da Silva, à Rua Desemb. Licurgo Nunes, nº 69, Conj. Abolição III, e do professor Edvar Nunes Duarte, apresentador deste Programa, à Rua Idalino Costa, nº 1466, Conj. Abolição IV. Os ensaios eram muito proveitosos, pois tínhamos o tempo necessário para fazer as observações necessárias frente ao repertório a ser executado, no dia seguinte. Na residência de D. Raimunda Monte Ferreira e Silva (D. Neném), à Rua Prudente de Moraes, 1092, no Bairro Santo Antônio, na qual, fizemos um encontro, em 05 de outubro de 2019. Dona Neném e sua

irmã e Ivaneide (D. Neidinha), são aficionadas à música e frequentam as audições do Projeto de Extensão Chorinho na Praça (PECCP). D. Neném, conta que começou a se interessar pelo Choro, a partir do momento em que João Adelmo soares (Adelmo), seu irmão, ingressou no PECCP, e, que depois disso, ele sempre a envia vídeos de Choro pelo *Whats App*. Informou também, que passou a assistir grupos de Choro nos canais de televisão. Diz que gosta muito, pois, tanto o Chorinho como a Seresta, ajudam a “desaparecer” e, que fica mais animada: “tira aquelas coisas que aparecem na gente depois de uma certa idade. A gente não pode ficar em casa, parada; e a música faz bem à gente. É bom demais!” Gosta muito do Choro “Escadaria”, de Pedro Raimundo, pois ele lembra muito, seus pais (Entrevista com D. Neném, 16.10.2019).

Segundo o Prof. Edvar Nunes Duarte (Edvar Duarte), apresentador do programa Silêncio da Seresta, transmitido pela Rádio Rural de Mossoró, de segunda à sexta, das vinte às vinte e duas horas, a participação do PECCP, vem proporcionando uma nova dinâmica cultural ao Programa, a partir da qualidade das apresentações, embasadas de conhecimentos musicais, além de acrescentar novos seresteiros.

Depois de vocês, tenho recebido vários elogios, pois estão trazendo coisas novas. Duas senhoras, me ligaram e disseram que deixaram de assistir novela, para ouvir o Programa, nas sextas-feiras. Vocês estão acrescentando algo mais qualificado, porque conhecem o que é música (Entrevista com Edvar Duarte, 20.01.2020).

Em função do decrescente número de participantes, no Rust Café, nas segundas-feiras à noite, concordamos em transferir os ensaios para as quintas-feiras à noite, no mesmo local, de maneira a otimizar o tempo, pois ficava um tanto cansativo ensaiar segunda à noite, quinta à tarde e participar no Programa Silêncio da Seresta, nas sextas-feiras à noite, além de atender aos recorrentes convites.

Desde dezembro de 2019, passamos a realizar os ensaios, das vinte às vinte e duas horas, na residência de Antônia Neuma Batista de Souza, minha irmã, situada à Av. Santa Luzia, nº 110, no Conj. Santa Delmira, onde, no primeiro ensaio, em 23 de dezembro de 2019, realizamos a confraternização, com os participantes do PECCP e, inauguramos o Espaço Cultural Maestro Batista, local destinado aos ensaios, desde então.

Com este cenário, posso afirmar que um novo ânimo se fez sentir entre os participantes. O repertório, agora eclético, ganhou maiores proporções, mas o Choro, não deixou de ser executado. Alguns integrantes a exemplo de Iolanda Miranda Costa e João Adelmo Soares, tiveram maior abertura para a manifestação de seus dotes artísticos e interpretar verdadeiras pérolas da Música Popular Brasileira, através da voz cantada. Os

Sambas, os Boleros, as Guarânicas, as Toadas, e as Canções, entre outros ritmos, nos deram alma nova.

Peço licença para uma breve narrativa. Em 24 de maio de 2019, eu aos cinquenta e seis anos de idade, pela primeira vez me arrisquei a cantar em público e através das ondas do rádio. Confesso que foi para mim um momento de libertação, entoar em espanhol, os Boleros *La Barca*, de Roberto Cantoral, *Besame Mucho*, de Consuelo Velásquez, e “Torturas de Amor”, de Waldick Soriano. A repercussão foi positiva, a ponto de Hermenegildo Félix, o acordeonista do Grupo, me relatar que no dia seguinte, um dos ouvintes chegou a perguntar: “Quem era aquele cantor que cantou umas músicas em espanhol?” Hermenegildo, bem-humorado como é, lhe respondeu: “Vixi, aquele ali veio de longe!” Segundo ele, o ouvinte relatou que as músicas o fizeram lembrar os momentos em que a sua mãe cantava para ele, e pediu para que quando o cantor novamente viesse a se apresentar no programa Silêncio da Seresta, cantasse mais uma vez, as mesmas músicas. Esta “passagem” nos rendeu boas gargalhadas!

Deixo aqui registrado o meu agradecimento à Profa. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, pelo incentivo ao ingresso no Curso de Espanhol, do Núcleo de Ensino de Línguas (NEEL), da Faculdade de Letras e Artes (FALA), da UERN, e também, à Profa. Cecília Carolina Lamas Zamorano, pelas excelentes aulas de Espanhol, que nos proporcionaram encantamento e leveza nas manhãs dos sábados, no período de setembro a dezembro de 2019.

Com vistas à continuidade da democratização do Choro, consegui aprovação do Projeto de Extensão Cultural Choro e Seresta, no Edital nº 012/2019-PROEX/UERN, que trata da seleção e institucionalização das Ações de Extensão, com vistas à distribuição de carga horária referente aos semestres 2020.1 e 2020.2, desta Instituição de Ensino superior. O Projeto, contará com a parceria da Rádio Rural de Mossoró e, com isto, naturalmente, serão ampliadas as suas dimensões. Ainda, nesta Emissora de Rádio, realizamos no dia 27 de dezembro de 2019, a última apresentação do ano, no Programa Silêncio da Seresta, no qual, ao lado de vários seresteiros, executamos números que contemplaram o universo do Chorinho e da Seresta.

Pretendemos, com o decorrer do tempo e das circunstâncias, estender a abrangência do Projeto para outras cidades do Rio Grande do Norte, em atendimento a alguns chorões, que desejam implementar, ensaios abertos e rodas abertas de Choro, nas horas de lazer da população. Para isto, estamos mantendo contato com músicos de alguns municípios, como Apodi-RN e Jucurutu-RN.

Outras ações para a difusão e democratização do Choro, são a criação do Clube do Choro, na cidade de Mossoró, e a organização do livro “A história do Choro em Mossoró-RN”, que será composto por recortes de trabalhos acadêmicos já publicados e em andamento, entre os quais estão duas Dissertações de Mestrado, três Memoriais Descritivos, em nível de Especialização, duas Monografias. Ainda, outras fontes documentais como recortes de jornais, fotografias e entrevistas narrativas, serão elementos explorados no sentido de serem levantadas as informações. Os entendimentos estão sendo mantidos com os autores das publicações citadas, para a constituição dos organizadores e colaboradores desta obra literária. Acreditamos assim, que com a realização das duas edições do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP) e os seus desdobramentos, estamos escrevendo uma página significativa na história da cultura musical em Mossoró.

Capítulo 3 C - É CHORANDO QUE SE VIVE: chorões em narrativas (Auto) Biográficas



89

Não há quem possa resistir
quando o chorinho brasileiro faz sentir,
ainda mais de cavaquinho,
com um pandeiro e um violão na marcação.

Waldir Azevedo (1940)

O título deste Capítulo é uma metáfora, que alude às histórias de vida dos músicos chorões que aqui desfilam e, encerram em si, memórias de acontecimentos regados pelas lágrimas do Choro, que brotaram, tornaram-se concretude e depois, em memórias, ornamentadas de sentimentos. Nele, transcrevo retalhos destas histórias, interpretadas a partir de entrevistas (Auto) biográficas de três idosos, participantes do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), como em uma sinfonia escrita em três movimentos, na qual, as vivências pessoais, no universo musical e, mais especificamente no Choro, se postam como motivos composicionais que servem de esteio para as reverberações ora apresentadas.

Como em uma sinfonia inacabada, coloco em pauta, o retorno ao saber/fazer cultural, os reencontros consigo e com os outros, as relações interpessoais vividas no Projeto, o sentir-se incluído, e, a valorização da vida, estampados em cada narrativa, encorados nas vivências e subjetividades que transitam e se entrelaçam, como o choro de um violão plangente, caminha lado a lado com a alegria do cavaquinho e do pandeiro. Refiro-me ao inacabamento, por considerar as múltiplas possibilidades de interpretações frente as particularidades de cada nuance, que adornam as narrativa.

As narrativas (Auto) Biográficas encontram-se aqui aportadas em Josso (2010) e Pollak (1992), no sentido de serem evidenciados acontecimentos vividos pelos sujeitos -

⁸⁹ Chorinho – Cândido Portinari (1942).

primeiro individualmente e, em segundo lugar, aqueles vividos por tabela, pelo grupo ou em coletividade, à qual o sujeito julga ser integrante - na compreensão de que a vida de um indivíduo ou de um fragmento dela, pode acontecer a partir de informações colhidas através de um relato oral, com vistas ao desvelo e/ou à reconstrução dos processos históricos e socioculturais vividos por eles, em diferentes contextos.

A este respeito, HALBWACHS (2006, p. 30), certifica que “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Nesta compreensão, procuro abrir as cortinas para o Choro da vida, destes atores, que nos ajudarão a compor a partitura deste Capítulo.

Antes de iniciar as entrevistas, em forma de narrativas (auto) biográficas, expliquei aos chorões, sobre os objetivos da Pesquisa, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, sobre a possibilidade de ser utilizado ou não, o pseudônimo, com vistas à preservação de suas identidades, se fosse o caso. Para o levantamento das informações, utilizei um roteiro semiestruturado e, para o armazenamento das informações, o gravador de voz do meu *smartfone*, procedimentos utilizados com todos os entrevistados. Para a interpretação das informações, me ancoriei nos autores citados, porém, mais especificamente, em Bosi (1994).

3.1 De volta para casa: memórias de um chorão

Para uma maior compreensão dos objetivos encetados, se faz necessário registrar alguns aspectos da história de vida dos sujeitos entrevistados. É preciso trazer à memória, as vivências e as emoções destes chorões, sob a égide de que “A função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir.” (BOSI, 1994, p. 18).

Estribado em autores que referenciam o método (Auto) Biográfico, pretendo, com ênfase em Josso (2010) e Souza (2006), interpretar nas narrativas (Auto) biográficas, as identificações, os saberes e os significados do gênero musical, Choro, no momento atual, como instrumento voltado para promover a inclusão e amenizar o isolamento sociocultural destes idosos.

Abrindo o Primeiro Movimento, trago ao palco, o chorão, José Antonio da Costa (Zé Lucas), a partir do seu primeiro contato com a música. Sua infância no Sítio Riachinho, o seu aprendizado como autodidata, a sua atuação musical em cenários diversos, a perda de amigos

chorões e o isolamento cultural entre outros, justificam o registro de sua biografia, como também, por ter sido a sua participação na primeira edição PECCP, no período de 10 de julho de 2017 a 10 de julho de 2018, o elemento motivador para esta Pesquisa.

Suas narrativas, são carregadas de nostalgia, desabafos e risos. Sua atuação, como exímio violonista, cavaquinhista e bandolinista em grupos musicais, programas de rádio, serestas e circos, no cenário musical de Mossoró e cidades circunvizinhas, descrevem contextos imbricados de encantamento, vocação para a música e esperanças de vida. Sua representatividade justifica a recorrência a si, por jornalistas, pesquisadores, aprendizes e aficionados à música, que o fizeram e ainda o fazem, ser objeto de trabalhos acadêmicos⁹⁰ e de matérias em Jornais.

Desde os primeiros contatos que fiz, para sua participação no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), Zé Lucas, relatava de forma repetitiva, momentos de sua vida em que a música e o Chorinho, em especial, são temáticas centrais. Suas narrativas foram, juntamente com o meu sentimento de pertença e com a vocação da cidade para o Chorinho, elementos impulsionadores para este trabalho dissertativo.

A primeira entrevista com Antonio José da Costa (Zé Lucas), aconteceu em uma manhã de domingo, no dia 3 de novembro de 2019, na localidade de Ubaia-CE, situada entre as cidades de Baraúna-RN e Quixeré-CE, a 68 km de Mossoró-RN, cujo percurso, desde a cidade de Mossoró, era caracterizado pela vegetação seca, cenário típico da caatinga. O momento foi marcado pelo sentimento de gratidão, pelo entrevistado, que preferiu não fazer uso de pseudônimo e demonstrou enorme contentamento, ao reviver em suas narrativas, alguns episódios de sua história de vida.

Para armazenar as narrativas, utilizei o gravador de um *smartfone*, e posteriormente, transcrevi as informações, para realizar as interpretações, estratégia, utilizada com os demais entrevistados. O texto, contém palavras destacadas entre parênteses, que denotam usos coloquiais, peculiares ao entrevistado, que caracterizam sua maneira descontraída de ser, e que, para mim, dão ênfase ao discurso. Zé Lucas, é uma figura de humor contagiante. Na maioria das vezes, não deixa passar o acontecimento de um infortúnio, sem aproveitar para transformá-lo em motivo de uma piada, de risos. Há muito, lembro desta característica, ainda criança, ao chegar em minha casa, ele, com seus gracejos, agregava toda minha família, ao seu redor.

⁹⁰ LIMA, Fábio Roberto Monteiro de. A aprendizagem musical informal de José Antônio da Costa (Zé Lucas). Monografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2008.1. 51f.

SOUZA, Marcos Batista de. Músicos Barbeiros em Mossoró-RN: um resgate histórico. Monografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2009.1. 86f.

Fotografia 8 - Ubaia-CE, 03 de novembro de 2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

José Antonio da Costa (Zé Lucas), nasceu no dia 20 de março de 1940, na cidade de Campo Grande, no interior do Rio Grande do Norte, a 85 km de Mossoró. Estudou até o terceiro ano primário, no Sítio Riachinho, oportunidade em que utilizou o livro “O Terceiro Tio Emilio.” Executa com preferência, os gêneros e ritmos musicais: Chorinho, Baião, Xote, Samba, Valsa, Mazurca e Bolero, alguns destes, com suas estilizações. Os músicos reconhecidos nacionalmente que mais o influenciaram foram: Jacó do Bandolim, Valdir Azevedo, e Dilermando Reis.

Zé Lucas, começou a aprender música no cavaquinho, em 1950, aos dez anos de idade, o ano, época em que morava no Sítio Riachinho, situado a aproximadamente uma légua de distância da comunidade da Barrinha, próximo à Fazenda São João, na Zona Rural de Mossoró-RN. No ano de 1956, “inventou” de morar em Mossoró, e, quando chegava o inverno, voltava ao Sítio Riachinho, para trabalhar no roçado da família; após a colheita, retornava a esta cidade. Naquela época, seu pai, o presenteou com um violão, momento em que se deu o primeiro contato, em nível de aprendizado, com o instrumento. Afirma que nunca teve professor de música e acredita que o seu professor, foi Deus, porque lhe deu o dom de ser músico. Entretanto, faz menção a um rapaz chamado Nonato Lenha, que morava na Barrinha, tocava violão e, nos dias de domingo, lhe repassava alguns ensinamentos práticos. Conta que para isto, pegava um jumento e se deslocava para lá, a mais ou menos uma légua de distância e passava a tarde, tocando no cavaquinho, e Nonato, no violão, ocasiões ele via e aprendia alguma coisa. Um aspecto facilitador para o aprendizado era o fato de ser Nonato Lenha, canhoto, da mesma forma que ele, Zé Lucas. Mesmo assim, afirma, que “ninguém mesmo nunca pegou nos meus dedos pra fazer um tom; eu mesmo era que procurava a corda, completava o tom e fazia e pronto!”

Passado algum tempo, Zé Lucas foi morar na cidade de Baraúna-RN, e, depois retornou a Mossoró, época em que um compadre seu, chamado Luís Macau, chegou com um

bandolim, na barbearia onde trabalhava, e, ao ver que o instrumento musical lhe chamou a atenção, o ofereceu à venda. Zé Lucas, porém, recusou, pois não tinha dinheiro para comprá-lo. Mesmo assim, devido a insistência de Luís, comprou “fiado”, o instrumento. Informou que começou logo a treinar e a tentar aprender uns Chorinhos. Interrompeu momentaneamente a narrativa, para lamentar que está “destreinado”; que gosta de solar uns Choros, no bandolim e no cavaquinho, mas neste último, hoje em dia, o faz muito pouco. Afirmou que no violão, também faz ainda uma “zoadinha”.

Com o passar do tempo, conheceu o Maestro Batista, que tinha um conjunto chamado Batista e Seu Conjunto⁹¹ – lembro muito bem -, no qual Totôezinho,⁹² era quem tocava violão elétrico, mas deixou o Conjunto, por motivos pessoais. Com isto, recebeu convite do Maestro e passou a substituí-lo. Afirmo que antes, já tinha tocado com Luiz do Banjo, um conhecido músico que morava em Mossoró

Zé Lucas, foi integrante de vários grupos musicais, entre eles, os Conjuntos Saionara e Batista e seu Conjunto, com os quais, fez apresentações no Hotel Termas de Mossoró, na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), Associação Cultural e Desportiva Potiguar (ACDP), no Clube *Ypiranga* e, em restaurantes diversos, a exemplo do O Cancela, do O Canecão e do Travessia. Informou também, que mais tarde, participou como bandolinista, no Grupo Ingênuo de Chorinho, do Conservatório de Música,⁹³ no início da década de 1990. Fez apresentações na Rádio Difusora de Mossoró, na Rádio *Tapuyo* e na Rádio Rural de Mossoró. Participou de incontáveis serestas, acompanhando cantores(as) que às vezes, passava a conhecer, no momento das apresentações. Compôs quatro Choros, intitulados: “Traíçoeiro”, “Batizei no Camarim”, “Eu Gosto Assim” e “Recordação”, todos com solo para bandolim. Tem ainda, alguns registros de entrevistas nos Jornais Gazeta do Oeste e O Mossoroense.

Indagado se o aprendizado em algum dos instrumentos que executa – violão, cavaquinho e bandolim –, teve a orientação de algum professor, Zé Lucas, foi enfático ao dizer que aprendeu sozinho: “O menino, Nonato Lenha, dizia: Faça a primeira, faça a segunda, a terceira⁹⁴, mas sem pegar nos meus dedos. Eu fazia esses tons e decorava na cabeça!” (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019). Em sua opinião, o bandolim, tem

⁹¹ Com a extinção de “Totôezinho e seu Conjunto”, em 1968, segundo Zé Lucas, o Maestro Batista formou seus ex-integrantes o grupo musical “Batista e seu Conjunto” (Nota do Pesquisador).

⁹² Antônio Martins de Miranda Filho, Totôezinho, foi meu padrinho de batizado (Nota do Pesquisador).

⁹³ O então Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, da UERN, que passou à denominação de Escola de Música D’Alva Stella Nogueira Freire, no ano de 2017 (Nota do Pesquisador).

⁹⁴ Termos com os quais se faziam referência aos acordes de tônica, dominante e subdominante, à época (Nota do Pesquisador).

outra afinação e, a sua regra,⁹⁵ é muito diferente da regra do cavaquinho, o que não é bom para fazer acompanhamento,⁹⁶ é apropriado para fazer os solos⁹⁷.

Pelo fato de ter vivenciado momentos de sua narrativa, o inquiri a respeito da época em que ele tinha sido componente do conjunto do Maestro Batista, sugerindo que tenha ocorrido em meados da década de 1970. Zé Lucas, então, retificou ter acontecido no início desta década, o que concordou com as minhas lembranças, pois os ensaios do Conjunto, eram realizados à tarde, na sala e/ou no terraço de minha residência, à Rua Marechal Hermes, nº 26, no Bairro São José.

Faço um salto no tempo e procuro trazer nossa conversa aos dias atuais, pois busco registrar as narrativas de Zé Lucas, quando das caronas para sua participação no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). Tomo a liberdade de provocar/reavivar suas lembranças, devido aos lapsos de memória, que vez por outra o tomam, em virtude de um acidente vascular cerebral (AVC), ocorrido em dezembro de 2018, motivo que o levou a morar em Ubaia-CE, para, na tranquilidade dos pequenos lugares, dar continuidade ao seu tratamento de saúde.

A provocação lhe trouxe à mente informações importantes a respeito do seu contato com o Chorinho, como as apresentações que fazia aos domingos, das onze às dezoito horas, no Hotel Termas em Mossoró-RN, em meados dos anos 1980, nas quais “Mazinho” *in memoriam*, o acompanhava ao violão. Lembrou, que antes deste, quem o acompanhava ao violão, quando tocava Choro, era Zé Neto. Também, recordou que tocou muito Choro, no Restaurante O Canecão, de Agostinho Militão, *in memoriam*, que se localizava por trás da antiga Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), à Rua Machado de Assis, nº 678, Centro, em Mossoró-RN. Informou que lá, “aparecia” muitos músicos nos domingos, a exemplo de Altino Maia - sax tenor e clarinete, Zé Ferreira - bandolim e cavaquinho, Zé Neto - violão, todos *in memoriam*, Adelmo Soares – violão, e também, alguns violonistas da vizinha cidade de Areia Branca-RN. Zé Lucas, frisou que no O Canecão chegou a tocar muito Chorinho, no bandolim e também no violão.

Indagado a respeito de Altino Maia, comentou que “ele morreu e deixou um ‘bocado’ de Choro, que ninguém sabe” (Entrevista com Zé Lucas, 03.11.2019). A esse respeito, acrescentei que tenho comigo, partituras de várias composições suas, algumas delas, Chorinhos, doadas por Maria de Lourdes (D. Lourdinha), sua viúva. Informei que entre estas,

⁹⁵ Maneira como se fazia referência à escala do instrumento (Nota do Pesquisador).

⁹⁶ **3** *Mús* Parte da música destinada a acompanhar vozes ou instrumentos (Michaelis, 1998, p. 46).

⁹⁷ **1** *Mús* Trecho da música para ser cantado por uma só pessoa ou executado por um só instrumento, com ou sem acompanhamento (Michaelis, 1998, p. 19667).

encontra-se o “Chorinho Laçador,” motivado por uma conversa que tivemos à noite, após o ensaio da Banda de Música Municipal Artur Paraguai (BMMAP), na então Churrascaria O Laçador, hoje Churrascaria A Gauchinha, situada à Av. Presidente Dutra, no Bairro Alto de São Manoel, em Mossoró-RN. No dia seguinte, Altino me entregou a partitura do Chorinho, e disse: “Tá aqui pra você, um Choro que fiz, por conta da nossa conversa de ontem!”

Continuei a incitar suas lembranças, em tempo que eu recordava as assertivas de Maurice Haubwacks, ao fazer referências à memória emprestada e, estribado em Bosi (1994, p. 39), ao afirmar que

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada do jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, mas foram contadas em confiança, como confidências.

Novamente, me reportei às idas, na sua barbearia, aos momentos de carona e, às rodas de Choro. Perguntei se ele já havia tocado em rádio e a resposta foi imediata: “Eu toquei logo quando cheguei aqui em Mossoró, com João Pires, que fazia um programa na Rádio *Tapuyo*”. Ao ser indagado a respeito do nome do programa, me informou que não lembrava, mas que

Lobato era o locutor, mas quem fazia o programa era João Pires, isto por volta do ano de 1956, 1957, 1958... Depois, teve um programa na Rádio Rural, com Seu Mané. Eu não lembro quem fazia (tocava) era João Pires... Eu sei que tinha Zé Ferreira, Zé Neto, e era assim! Depois, eu voltei a tocar na Difusora,⁹⁸ novamente. Teve uma vez que o padre Américo me convidou pra tocar na Festa de Santa Luzia,⁹⁹ aí chamou os cavaquinhistas de Pau dos Ferros, Natal, Açú e mais outros dessa região aqui de nós. Aí, era pra ganhar Cr\$ 500,00.¹⁰⁰ Eu sei que uns oito ou dez tocaram lá o Brasileirinho¹⁰¹ e eu tive a sorte de tirar o primeiro lugar (risos) (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

Em oportunidades anteriores, Zé Lucas, certa vez, me falou que também tocou em alguns circos. Ao pedir para ele comentar a respeito, de imediato soltou uma gargalhada e, discorreu:

Vixe, eu toquei muito em circo. Circo, logo quando eu cheguei em Mossoró, tinha muito! Eu “tava” em casa e aí, como era muito conhecido, quando “dava fê”, chegava gente me chamando “pra” tocar! Toquei no circo de Chicola, de Charuto... e vários. Aí, tinha aquelas moças que cantavam no circo, aqueles caras que cantavam... eles quiseram me levar no circo, mas eu não quis ir. Eu sei que no circo, eu toquei também! (Narrativa de Zé Lucas, 03.11.2019).

⁹⁸ Rádio Difusora de Mossoró, ZYI 20 (Nota do Pesquisador).

⁹⁹ Festejos alusivos à Padroeira da cidade, celebrado no período de 10 a 13 de dezembro (Nota do Pesquisador).

¹⁰⁰ Cruzeiro, moeda de circulação nacional à época (Nota do Pesquisador).

¹⁰¹ Chorinho do cavaquinha Waldir Azevedo composto em 1947 (Nota do Pesquisador).

Com relação aos ritmos que eram executados nos circos, comentou, serem o Samba-Canção, o Chorinho... (pausa no discurso). Percebendo o esforço para evocar suas lembranças, novamente interferi, com vistas a aclarar sua memória: comentei que quando eu era criança e chegavam os circos em Mossoró, os encarregados da parte artística, chegavam em minha casa e convidavam o meu pai para arregimentar alguns músicos para formar uma orquestra. Lembrei que eles tocavam muito a *Rumba*, destinada ao momento das bailarinas, que se apresentavam nas aberturas e, nos intervalos entre as atrações, o *Mambo*, para os momentos em que malabaristas e trapezistas exibiam seus números. Com um sorriso o rosto, ele confirmou: “É isso mesmo, agora me lembrei. E deixa que é uma coisa pela outra, mas só muda o nome mesmo!”¹⁰²

Incitado a falar novamente sobre um momento em que estava começando a aprender a tocar cavaquinho, ele, novamente, sorriu e comentou:

Foi assim: Papai comprou um cavaquinho “pra” mim, eu comecei a treinar. Passei a tarde sem trabalhar, pegado no cavaquinho, aí papai chegou “pra mais” de sete horas da noite; papai trabalhava na agricultura. Aí, ele falou: Ei, camarada, você não vai largar esse cavaquinho não? “Vamo” guardar, se não, eu quebro ele! Aí, eu com medo de papai quebrar o cavaquinho, fui “pra” uma moita bem limpinha, que tinha assim na frente lá de casa, que a gente limpava pra brincar de manhã. Aí, eu fui “pra” dentro da moita, isso no escuro, de meter o dedo no olho. Aí, Luiz Madona, que era um rapaz que namorava com uma prima minha e morava da minha casa, “pra” lá um pouquinho, vinha da casa da namorada, oito hora, nove hora, tudo escuro, no silêncio. Aí, quando ele ouviu aquele som, disse: É uma alma tocando! Aí, ele deu uma carreira “pra” casa, que ficava num alto, aí parece que ele cansou e, quando foi pular a porta,¹⁰³ da viagem que ele veio, enganchou as pernas na parte de baixo da porta e caiu em cima da rede, que dormia perto da porta. Aí, a rede veia rasgou e ele teve que dormir o resto da noite no chão. Aí, no outro dia, a gente ia trabalhar e ele começou a falar “pros” outros trabalhadores que tinha visto uma alma tocando na moita (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-Ce 03.11.2019).

Não é difícil imaginar que esse relato, ocorreu, entrecortado por risos. Acrescentou que ao saber que era ele quem estava tocando na moita, Luiz Madona ficou com raiva, pois além do susto, da queda e de ter que dormir no chão, no outro dia, ainda teve que comprar outra rede.

¹⁰² Zé Lucas se referia ao andamento (grau de velocidade) em que se executam esses dois ritmos que têm pulsação rítmica semelhante, porém, o mambo é executado mais rapidamente (Nota do Pesquisador).

¹⁰³ Era comum na época, as portas serem divididas em duas partes. Geralmente a parte de baixo ficava encostada durante o dia e as duas partes, trancadas à noite. Quando criança, a minha casa era assim (Nota do Pesquisador).

Continuei a entrevista e, movido pela curiosidade, perguntei como ele conseguia aprender os Choros, pois afirmara que nunca teve professor de música. Sua resposta ocorreu de pronto:

Eu aprendi, escutando essas músicas: Samba, Marcha, Baião, essa coisa... eu aprendi, escutando rádio! Aí, quando foi já agora, mais “pra” o fim, de 83 (1983) pra cá, é que eu comprei o bandolim. Os Choros, eu aprendia escutando os discos. Eu tinha uma radiola e, ia lá na “pedra do mercado”,¹⁰⁴ comprava os discos, aí botava e ficava ali até aprender (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

Zé Lucas, volta a lamentar que atualmente, não escuta mais Chorinho, por há mais de um ano, estar morando em Ubaia-CE; que não trouxe sua radiola, que se encontra em Mossoró. Afirma que em um “bocado” de Choro, esqueceu e, alguns, poucos, ainda lembra. Impelido à minha instigação, informou que chegou a tocar de cor, setenta e quatro Choros e acrescentou que, no tempo em que tocava no Hotel Thermas, se fosse preciso, tinha Choro para tocar quase um dia inteiro. Também, que gravou dois CDs – um dos quais me ofertou de presente¹⁰⁵ – e que estava querendo “ajeitar” o *minisitem* que eu lhe dera, em novembro de 2018, com o objetivo de que ele voltasse a escutar Choros, relembrar os já esquecidos, e assim, além de incentivar o seu retorno no saber/fazer musical, otimizar sua participação no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP).

Com relação aos dois CDs gravados, ele perguntou se o que me deu, tem muitas músicas, pois não lembrava qual dos dois havia me presenteado. Reavivei sua memória, ao dizer que fora o CD, que tem a sua fotografia, na capa, com o bandolim Tonante, *Giannini*, aquele que lhe doeí no dia 20 de março de 2011, ocasião em que ele foi à minha residência pedir um bandolim emprestado para tocar seu aniversário, que aconteceu em sua casa, juntamente com vários amigos chorões, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Estive presente naquele momento e pude contemplar bons músicos executarem muitos Choros, em que o acordeão e o bandolim, eram os instrumentos solistas. No final da festa, ele falou que no dia seguinte iria deixar o bandolim em minha casa. Aproveitei a oportunidade, para dizer que ele poderia ficar com o bandolim, como presente de aniversário. Ele já meio triscado¹⁰⁶ olhou pra mim e disse: “Mas ômi, eu mereço isso tudo?” Baixou um pouco a cabeça, como que procurando não deixar transparecer a emoção, ante aos que ali se encontravam.

¹⁰⁴ Como era chamado na época o Mercado Central em Mossoró-RN (Nota do Pesquisador).

¹⁰⁵ CD “Zé Lucas nas cordas”, (2010) com quatorze choros gravados, dos quais, são de sua autoria: “Batizei No Camarim”, “Chorinho Pra Eimar”, e “Traçoeiro”. Este CD não traz informações quanto a ficha técnica, mas Zé Lucas afirma que os solos ao bandolim e os acompanhamentos ao violão e ao cavaquinho foram feitos por ele (Nota do Pesquisador).

¹⁰⁶ Diz-se de quem está um pouco sob efeito de bebida alcoólica (Nota do Pesquisador).

Voltando aos CDs, informou que gravou o segundo, há uns quatro anos atrás. O primeiro teve a participação de “Pedim”,¹⁰⁷ mas o segundo, fez sozinho, os solos e os acompanhamentos no violão e no cavaquinho.

Sabedor de alguns acontecimentos na sua história de vida continuei com as provocações, no caso, para saber qual o motivo que o fez se interessar pelo bandolim, como instrumento de sua preferência para executar os Choros. Ele olhou para um lado e para outro, sorriu e falou: “Eu ‘num’ queria dizer não, mas vou dizer:...!” Ao perceber sua hesitação, esclareci que se preferisse, eu poderia omitir o nome do outro músico inserido nesta passagem, e ele continuou:

Não, ele já morreu, mas isso não teve muita importância pra mim não, porque é isso mesmo. Foi Zé Ferreira! Ele “tava” tocando lá no finado Agostinho¹⁰⁸... - também, nas minhas conversas só dá finado! (risos) Aí, ele “tava” tocando o bandolim, pegou ele e disse assim: Fique aí, meu “bichim”, que eu vou aqui no banheiro e volto já, pra pegar em você, que aqui não tem quem pegue em você! E eu, não sabia pegar mesmo não, porquê nunca tinha treinado. Aí, ele voltou, pegou no bandolim e eu fui embora. Quando foi na segunda-feira, Luiz Macau chegou com o bandolim lá na barbearia, aí me vendeu o bandolim, fiado. Aí, eu treinei uns dois meses e pouco e aprendi dez Chorinhos. Peguei o bandolim, levei, cheguei lá e solei dez músicas. Aí, ele pegou o violão e disse: Mas rapaz, você “num” instante aprendeu! E eu disse: Não, eu “tô” aprendendo agora! (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

Segundo Zé Lucas, quem o motivou a pegar no bandolim, foi Zé Ferreira, só pelo motivo de “ter soltado esta piada”. Comentou que a partir deste momento, deixou mais de solar Choro, no cavaquinho, por achar que no bandolim, fica mais bonito.

Com relação aos Choros de sua autoria, informou que nem lembra mais como são, pelo fato de nunca mais ter executado este gênero musical. Quando inquirido a respeito de como ele dava título às suas composições, sorriu e disse que “Batizei no Camarim”, uma das suas composições, aconteceu porque ele entrou no seu quarto, que para ele era o seu camarim, e lá, resolveu dar nome a este Choro. Era perceptível o esforço que fazia, para buscar na memória, aspectos de suas vivências, mesmo as mais prazerosas. Apesar da minha insistência, Zé Lucas, não conseguiu lembrar o nome de todas as suas composições. Intervi, novamente, para dizer que eu poderia olhar depois no seu CD e repassar a ele, todos os nomes. Não se

¹⁰⁷ Pedro ?, violonista, agricultor, idoso, autodidata residente em Lagoinha, um povoado localizado nas proximidades de Russas-CE, que impressiona mesmo aos músicos que frequentaram a academia, pela sua invejável intuição musical, exímia execução e improvisações férteis, apesar de não saber classificar a maioria dos acordes dos quais faz uso esmerado nos acompanhamentos. Tive a felicidade de conhece-lo e vê-lo tocar, no aniversário de Zé Lucas, no ano de 2001 (Nota do Pesquisador).

¹⁰⁸ No Restaurante Canecão (Nota do Pesquisador).

contentando com tais oblívios, Zé Lucas, com a habitual pertinácia, solmizou¹⁰⁹ o trecho de um de seus Choros, porém não lembrou o seu título.

A respeito de como aconteciam os seus processos composicionais reforça que esses Chorinhos, ele “tirou” da sua inteligência mesmo, pois nunca estudou música, nem teoria e nem partitura. Com relação às cifras, informou que tem um método de violão, mas o deixou em Mossoró, e, que esqueceu muita coisa.

Indaguei sobre a Monografia, que meu irmão Marcos Batista de Souza, defendeu como Trabalho de Conclusão, do Curso de Música, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no ano de 2009, cujo objeto da pesquisa, tratava dos músicos barbeiros na cidade de Mossoró. Perguntei qual o significado para ele, o fato de ter sido entrevistado neste Trabalho, o qual respondeu que marcou muito, pela amizade que têm e pela consideração que Marcos teve, em lembrar de fazer a entrevista com ele. Quando interrogado a respeito dos recortes de jornais, que ele mantinha expostos em molduras na sua barbearia, ele comentou que sabia que tinha feito umas entrevistas, mas que não lembrava quem as tinha feito e, nem em quais jornais tinham sido publicadas. Tenho estes recortes, em fotografias, feitas na ocasião de algumas das visitas a ele, na Barbearia São José, de sua propriedade, situada na Rua Abel Coelho, Box 13, no Conj. Abolição II, em Mossoró-RN.

Com relação aos amigos com quem tocava Choro, lamenta a ausência de vários, a exemplo de Sandoval - sanfona, Zé Neto - violão, Altino Maia de Oliveira - sax tenor e clarinete, do meu pai (o Maestro Batista) – sax tenor, clarinete e trompete, Luiz Macau - sanfona, Zé Ferreira - violão cavaquinho e bandolim, Luís do Banjo, todos estes, *in memoriam*. Quanto à execução do Chorinho, comentou que há alguns anos atrás, para fazê-lo, viajava de Mossoró a Lagoinha-CE, nas casas de Pedim – violão e de Raimundo Zacarias – acordeão, e, que de lá, cansou de ir para Quixeré-CE, tocar com Tônico - cavaquinho e Zé Maria - violão. Informou que passava de dois a três dias, tocando por esses lugares.

A respeito do comentário de que certa vez, em sua barbearia, fez para o professor João Lima Rocha Neto (Lima Neto), de que estava com *banzo*¹¹⁰, diz não lembrar do momento. Aproveitou o ensejo, para reiterar que não tem mais espaço para tocar Chorinho, “porquê é um tipo de música que os músicos jovens de hoje precisam ensaiar muito para poderem acompanhar certo” (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

¹⁰⁹ **Solmização** Modo de designar por sílabas as notas da escala musical (Dicionário de Música Zahar, p. 260).

¹¹⁰ *sm* (de banzar) Nostalgia ou melancolia mortal dos negros africanos, quando cativos e ausentes do seu país. *Adj* Abatido, atônito, pasmado, pensativo, triste (Michaelis. Moderno dicionário da língua portuguesa, p. 296).

Indagado sobre o que é para o ele ficar sem tocar Chorinho, afirmou que não sabe explicar, mas que não gosta, porque a música, que sabe, esquece, e perde também a prática nos instrumentos. Hoje em dia, sozinho, ao pegar um instrumento, começa a solar, mas não tem quem o acompanhe. Para ele, “Aí começa a se acabar tudo, porque não tem com quem treinar, não é? Não presta não!” (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

Para encerrar a entrevista, perguntei o que significaria, se ele pudesse voltar a tocar no Projeto do Chorinho. Zé Lucas, explicou que seria muito, bom porque recobriria a memória e um pouco da execução¹¹¹ que tinha antigamente, que era muito boa. Reforça, que se sentiria muito satisfeito, em estar com os amigos e reafirmou que ficar sem tocar, o deixa um pouco sentido.

Além de atuar como músico, José Antonio da Costa (Zé Lucas), exerceu até o ano de 2018, o ofício de barbeiro, profissão que segundo ele, aprendeu, ao ver outros barbeiros executarem este trabalho. Destaca, que esta profissão, também aprendeu sozinho, na cidade de Baraúnas e, depois, foi para Mossoró, trabalhar nos salões Paraíba, Zenir, de Luis Pintado e, por último, no Salão São José, de sua propriedade.

Acredito, que a história de vida, é uma espécie de amálgama, onde os saberes tidos como de senso comum, confundem-se e são valorizados, pela sensibilidade artística, pelo grau de excelência do saber/fazer e pela simplicidade daqueles que conseguem ser grandes, mesmo sem terem frequentado instituições de ensino musical. A superação de dificuldades, a espontaneidade musical e o bom humor, são marcas que Zé Lucas traz, em sua essência, mesmo nas situações mais adversas. A sua intuição musical, a execução instrumental, as improvisações e a predisposição multi-instrumentista que ornamentam sua trajetória, fazem a ele se voltarem os ouvidos mais atentos - mesmo aqueles que têm reconhecimento advindos dos meios acadêmicos - a tais empoderamentos, forjados no aprendizado musical “de orelha”,¹¹² na universidade da vida.

A sua infância no Sítio Riachinho, Zona Rural de Mossoró, a aprendizagem informal, os grupos musicais em que atuou, as apresentações musicais, a convivência com amigos músicos e os cenários em que executava o Chorinho, são narrados/revividos como acontecimentos que marcaram os bons tempos de sua vida. Em contraponto, a atual ausência de espaços para a execução do Chorinho na cidade de Mossoró, tanto em eventos como na mídia, o isolamento social e a perda (falecimento) de amigos que com ele tocavam, são

¹¹¹ 9 Capacidade particular de tocar um instrumento musical (MICHAELIS, 1998, p. 919).

¹¹² Expressão utilizada entre os músicos, para se referirem ao aprendizado ou à performance musical daqueles que não estudaram teoria musical e/ou não tiveram professor de prática instrumental (Nota do Pesquisador).

aspectos por demais recorrentes em suas narrativas. Estes fatores “fazem com que a sociedade visualize o idoso, como pessoa improdutiva e estagnada, pois há um afastamento social decorrente da falta de um ambiente favorável e de convívio com as demais gerações na sociedade” (Trapp; Figueiredo; Georgette, 2016, p. 2).¹¹³ Zé Lucas, diz ser apaixonado por música.

3.2 Do corpo a corpo às mídias digitais

Neste Tópico, apresento como ocorreu a utilização de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), voltadas para o acesso de informações do universo musical e, sua utilização como recursos para o bom andamento do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). O relato dos três idosos, narradores autobiográficos, participantes do PECCP, que refletem suas impressões frente à aquisição de conhecimentos musicais e à adoção de novos hábitos, decorrentes das interações interpessoais e da utilização destas Tecnologias, também, são apresentados, como fonte informações a seres interpretadas, nesta Pesquisa.

A troca de saberes, a partir das interações interpessoais nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas Rodas Abertas de Choro (RACs), e, nas apresentações, são, na concepção destes chorões, colocadas como elemento de construção coletiva, em que o encontro de gerações, proporciona o entendimento frente a situações musicais que apesar de comuns, recebem tratamentos conceituais distintos, em função das diferentes linguagens assimiladas através do aprendizado informal, da transmissão oral e, da linguagem técnica, utilizada nas instituições de ensino musical.

Para Silva e Alves (2019, p. 1),

[...] a inclusão social, passa a ser uma imposição da sociedade pós-moderna, sob pena dos idosos que não se integrarem a este universo digital/comunicacional ficarem numa situação de abandono e esquecimento.

Corroborando com a assertiva, Czaja e Lee (2007), afirmam, que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), podem ser consideradas um dos fatores que mais segregam a população idosa, na atualidade. O fato é um aspecto perceptível, entre os participantes do PECCP, a ser detalhado mais adiante neste Tópico.

¹¹³ Fundamentação em Nogueira, E. J., Lima, L. J. C., Martins, L. A., & Moura, E. R. (2009). Rede de relações sociais e apoio emocional: pesquisa com idosos. Revista de Iniciação Científica. CESUMAR, 11(1), 65-70. Recuperado em 01 fevereiro, 2015, de: <http://periodicos.unicesumar.edu.br>. Acesso em 06 jun. 2019.

A utilização de redes sociais como *Face Book*, *Whats App*, *Face Book* e *Instagram*, voltada à emissão e recebimento de arquivos musicais é outro fator trazido em pauta. Em alguns casos, tais ferramentas, se apresentam como um total caráter de novidade, por serem desconhecidas, por alguns idosos participantes do PECCP. Da mesma forma, a pesquisa em *sites* livres da Internet, como: Cifraclub, Vagalume, *Kboing*, Super Partituras, Solano Music e, Letras de Músicas e Músicas Para Ouvir, entre outros, para a busca de arquivos musicais diversos (letras cifradas, partituras, áudios e vídeos de Choros), são apresentadas com o caráter de novos horizontes a serem e, que foram, descortinados por alguns destes chorões. No PECCP, o uso mais corriqueiro, para a socialização das informações, vem sendo realizado através da rede social *Whats App*. No início da primeira edição do Projeto, formei um grupo, antes denominado Choro na Praça, que atualmente é denominado Choro e Seresta, e conta com sessenta e dois integrantes.

Em princípio, no PECCP, as comunicações interpessoais diárias, foram realizadas, na maioria das vezes, com a utilização deste recurso tecnológico. Através das conversas, informávamos as músicas a serem executadas nos encontros, sejam nos Ensaio Abertos de Choro (EACs), nas Rodas Abertas de Choro (RACs) ou, nas apresentações. Como sempre, os solistas, definiam o repertório para estes momentos.

Com o objetivo de incentivar os participantes à utilização destas novas tecnologias, sugeri que cada um, ao colocar no Grupo de *Whats App*, os números musicais que iriam interpretar como solista ou como acompanhante, também, realize as pesquisas nos *sites* apresentados e socializasse o resultado das buscas, com as informações/arquivos possíveis quanto ao título, autor(es), áudios, vídeos e outras informações que viessem a contribuir para o conhecimento mais abrangente dos contextos que envolvem as obras musicais. Como administrador do Grupo de *Whats App* e, também, como coordenador do Projeto de Extensão, inicialmente, me encarreguei de organizar o repertório executado no PECCP, e, após socializa-lo no Grupo. Incitei para que todos os integrantes, ficassem incumbidos em alimentar as atualizações, a cada nova música.

Considerando que ao ter sido encerrado o período institucional do PECCP, em março de 2019 e, a decisão dos participantes, pela continuidade dos encontros, foi deliberado que no novo formato, seria introduzido o gênero musical Seresta, ao levarmos em consideração que desta forma, outros ritmos e outros perfis artísticos seriam contemplados. Assim, as pesquisas foram ampliadas e, também, a participação da voz cantada, nas Rodas Abertas de Choro e Seresta.

Quadro 13 – Repertório executado em 2019.

Nº	TÍTULO/AUTOR/ INTÉRPRETE	RITMO	TOM	CANTA/ TOCA	OBSERV.
01	Rapaziada do Braz (A. Marino)	Valsa	Dm	Carlos (flauta)	Sem introd.
02	Royal Cinema (Tonheca Dantas)	Valsa	Bb	Carlos/Erinaldo	Sem introd.
03	Valsinha (Chico Buarque/Vinicius de Moraes)	Valsa	Cm	Carlos (flauta)	Sem introd.
04	Canção de Amor (Elizeth Cardoso)	Valsa	C	Adelmo	
05	Fascinação (Dante Pilade "Fermo" Marchetti /Maurice de Féraudy)	Valsa	C	Iolanda	Introd. Carlos (Flauta)
06	A Deusa da Minha Rua (Silvio Caldas)	Valsa	G		Introd. Hermenegildo
07	Esmeralda (Carlos José Ramos dos Santos)	Valsa	G	Adelmo	Introd. Hermenegildo
08	Fracasso (Mário Lago-Núbia Lafayette)	Bolero	Dm	Iolanda	Introd. Hermenegildo
09	Boneca Cobiçada (Bolinha)	Bolero	D	Adelmo	Introd. Hermenegildo
10	Quase (?)	Bolero	Dm	Adelmo	Sem introd.
11	Bom Dia, Meu amor!	Bolero	D	Adelmo	Introd. Hermenegildo
12	Devolvi (Adelino Moreira-Núbia Lafaiete)	Bolero	Dm	Iolanda	Introd. Hermenegildo
13	Perfidia (Alberto Dominguez)	Bolero	C	Adelmo	Introd. Hermenegildo
14	Lembro o Olhar (Miltinho/N. Gonçalves)	Bolero	Dm	Adelmo	Introd. Hermenegildo
15	Lama (Nubia Laffayette)	Bolero	Dm	Iolanda	Introd. Hermenegildo
16	Os Verdes Campos da Minha Terra (Agnaldo Timóteo)	Bolero	A	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
17	Sentimental Demais (Evaldo Gouveia/Altemar Dutra)	Bolero	Gm	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
18	Cara a Cara (Nelson Gonçalves)	Bolero	Am	Adelmo (voz)	Introd. Hermenegildo
19	Beleza da Rosa (José Ribeiro)	Bolero	Am	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
20	Ronda (Paulo Vanzolini)	Bolero	G	Iolanda (voz)	Introd. Hermenegildo
21	Quem É? (Agnaldo Timóteo)	Bolero	C	Iolanda (voz)	Introd. Hermenegildo
22	La Barca (Carlos Cantoral)	Bolero	C	Carlos (voz)	Introd. Hermenegildo
23	Bésame Mucho (Consuelo Velásquez)	Bolero	Cm	Carlos (voz)	Introd. Hermenegildo
24	Torturas De amor (Waldick Soriano)	Bolero	C	Carlos (voz)	Introd. Hermenegildo
25	Matriz ou Filial (Nelson Gonçalves)	Bolero	G	Adelmo	Introd. Hermenegildo
26	Caprichoso (Nelson Ned)	Bolero	Bm	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
27	Coração Indeciso (Abílio farias)	Bolero	Dm	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo

28	Alguém Me Disse (Evaldo Gouveia/Jair Amorim)	Bolero	Dm	Professora Nen	Introd. Hermenegildo
29	Ex-Amor (Ângela Maria)	Bolero	C	Professora Nen	Introd. Hermenegildo
30	Torturas de Amor (Waldick Soriano)	Bolero	Am	Professora Nen	Introd. Hermenegildo
31	Razão (Núbia Laffayette)	Bolero	Am	Professora Nen	Introd. Hermenegildo
32	Pra Comemorar	Bolero	C	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
33	A Desconhecida (Fernando Mendes)	Bolero	D	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
34	Paixão De Um Homem (Waldick Soriano)	Bolero	C	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
35	Cara a Cara (Nelson Gonçalves)	Bolero	Dm	Diógenes	Introd. Hermenegildo
36	Que Amor é Esse? (Roberta Miranda)	Bolero	Am	Diógenes	Introd. Hermenegildo
37	Dois Lençóis na Cama (Roberto Muller)	Bolero	Am	Diógenes	Introd. Hermenegildo
38	O Troco (Altemar Dutra)	Fado?	Am	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
39	Maria Betânia (Nelson Gonçalves)	Samba-Canção		Diógenes	Introd. Hermenegildo
40	Nervos de Aço (Lupicínio Rodrigues)	Samba-Canção	D	Iolanda	Introd. Hermenegildo
41	Matriz e Filial (L. Rodrigues/Lúcio Cardin)	Samba-Canção	G		Introd. Hermenegildo
42	Ave Maria no Morro (Herivelton Martins)	Samba-Canção	D		Introd. Hermenegildo
43	Ela Disse-me Assim (Lupicínio Rodrigues)	Samba-Canção	G	Adelmo	Introd. Adelmo
44	Ronda (Paulo Vanzolini)	Samba-Canção	C	Iolanda	Introd. Hermenegildo
45	Violão (Nelson Gonçalves)	Samba-Canção	Dm	Adelmo (voz)	Introd. Hermenegildo
46	Cabelos de Prata (Silvio Caldas)	Samba-Canção	Dm	Adelmo (voz)	Introd. Adelmo
47	Sertaneja (Junior Gomes)	Samba-Canção	Am	Adelmo	Introd. Hermenegildo
48	As Rosas Não falam	Samba-Canção	Cm	Neuma Batista	Introd. Hermenegildo
49	A Volta do Boêmio (Nilton César)	Samba-Canção	Gm	Adelmo	Introd. Hermenegildo
50	Fracasso (Nubia Laffayette)	Samba-Canção	Dm	Iolanda	Introd. Hermenegildo
51	Marina (Dorival Caymmi)	Samba-Canção	G	Adelmo	Introd. Hermenegildo
52	Molambo (Nelson Gonçalves)	Samba-Canção	C	Adelmo	Introd. Hermenegildo
53	Mulata Rosinha (Gil Barbosa/Luiz Cordeiro)	Samba-Canção	G	Hermenegildo	Introd. Hermenegildo
54	Vestida de Azul e branco (Nelson Gonçalves)	Samba-Canção	Am	Adelmo	Introd. Hermenegildo

55	Chão De Estrelas (Silvio Caldas/Orestes Barbosa)	Samba-Canção	Dm	Iolanda	Introd. Hermenegildo
56	Boneca de Trapo (Nelson Gonçalves)	Samba-Canção	D	Adelmo	Introd. Hermenegildo
57	Dolores (?)	Samba-Canção	D	Adelmo	Introd. Hermenegildo
58	Naquela Mesa (Sérgio Bittencourt)	Samba-Canção	Dm	Neuma Batista	Introd. Hermenegildo
59	As Rosas Não falam (Cartola)	Samba-Canção	Cm	Neuma Batista	Introd. Hermenegildo
60	Naquela Mesa (Sérgio Bittencourt)	Samba-Canção	Dm	Iolanda Batista	Introd. Hermenegildo
61	A Volta do Boêmio (Nilton César)	Samba-Canção	Gm	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
62	Cabelos Brancos (Silvio Caldas)	Samba-Canção	Gm	Adelmo	Introd. Hermenegildo
63	Violão (Nelson Gonçalves)	Samba-Canção	Dm	Adelmo (voz)	Introd. Hermenegildo
64	Cabelos de Prata (Silvio Caldas)	Samba-Canção	Dm	Adelmo (voz)	Introd. Hermenegildo
65	Nervos de Aço (Lupicínio Rodrigues)	Samba-Canção	C	Iolanda	Introd. Hermenegildo
66	O Amor é Sempre Assim (Altemar Dutra)	Samba-Canção	Am	Adelmo	Introd. Hermenegildo
67	Se Acaso Você Chegasse (Lupicínio Rodrigues)	Samba	F	Iolanda	Introd. Hermenegildo
68	Nega Manhosa (Herivelton Martins)	Samba	C	Adelmo	Introd. Hermenegildo
69	Marambaia (Henricão/Rubens Campos-Carmem Costa)	Samba	D	Iolanda Adelmo	Introd. Hermenegildo
70	Arrependimento (Silvio Caldas)	Samba	Am	Adelmo	Introd. Hermenegildo
71	Cabelos Brancos (Silvio Caldas)	Samba	Gm	Adelmo	Introd. Hermenegildo
72	Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)	Samba	G	Iolanda Carlos	Introd. Hermenegildo
73	Aquarela do Brasil (Ary Barroso)	Samba	C	Hermenegildo	Introd. Carlos Batista
74	Prova de Carinho (Adoniran Barbosa)	Samba	Dm	Carlos Iolanda	Sem introd.
75	Maracangalha (Dorival Caymmi)	Samba	F	Adelmo	Introd. Hermenegildo
76	Iracema (Adoniran Barbosa)	Samba	Cm	Adelmo	Introd. Hermenegildo
77	Trem das Onze (Adoniran Barbosa)	Samba	Am	Adelmo	Introd. Adelmo
78	Tiro ao Álvaro (Adoniran Barbosa)	Samba	D	Iolanda Carlos	Sem introd.
79	Chiclete com Banana (Jackson do Pandeiro)	Samba	G	Carlos	Sem introd.
80	Deixa a Vida me Levar (Zeca Pagodinho)	Samba	E	Toinho do Pandeiro	Sem introd.
81	A Flor e o Espinho (Nelson Cavaquinho)	Samba	Em	Carlos	Sem introd.

82	Indiferença (Jerry Adriani)	Canção	E	Toinho do Pandeiro	Introd. Carlos Batista
83	Os Verdes Campos da Minha Terra (Agnaldo Timóteo)	Canção	A	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
84	A Namorada que Sonhei (Nilton César)	Canção	G	Toinho do Pandeiro	Introd. Hermenegildo
85	João de Barro (Tonico e Tinoco)	Toada	G	Hermenegildo	Introd. Hermenegildo
86	Maringá (Joubert Gontijo de Carvalho)	Toada	G	Adelmo (voz)	Introd. Hermenegildo
87	Modinha (Sérgio Bittencourt)	Modinha	Em	Adelmo	Introd. Hermenegildo
88	Nada Além (Mário Lago-Orlando Silva)	Fox	G	Carlos	Introd. Carlos Batista
89	Prova de Carinho (Adoniran Barbosa)	Samba	Em	Carlos	Introd. Hermenegildo
90	Ontem ao Luar (Catulo da Paixão Cearense)	Canção	Am	Iolanda	Introd. Hermenegildo
91	Serra da Boa Esperança (Lamartine Babo)	Choro-Canção	Gm	Adelmo (voz)	Introd. Hermenegildo
92	Carinhoso (Pixinguinha/João de Barro)	Choro-Canção	F	Iolanda	Introd. Hermenegildo
93	Lágrimas de Namorado (Saraiva – Luis dos Santos)	Choro	F	Erinaldo Carlos	Sem introd.
94	Corinthiano (Saraiva - Luis dos Santos Saraiva)	Choro	Gm	Erinaldo Carlos	Sem introd.
95	Paraquedista (José Leocádio)	Choro	Bb	Erinaldo Carlos	Sem introd.
96	Escadaria (Pedro Raimundo)	Choro	Em	Hermenegildo	Sem introd.
97	Saxofone, Porquê Choras? (Severino Rangel Carvalho – Ratinho)	Choro	Dm	Erinaldo Carlos	Sem introd.
98	Flor Amorosa	Choro	C	Carlos Erinaldo	Sem introd.
99	Tico-Tico no fubá (Zequinha de Abreu)	Choro	Am	Hermenegildo	Introd. Carlos
100	Naquele Tempo (Pixinguinha/ Benedito Lacerda)	Choro	Dm	Hermenegildo Carlos	Introd. Celso
101	Apanhei-te, Cavaquinho (Ernesto Nazareth)	Choro	G	Hermenegildo	Introd. Carlos
102	Brasileirinho(Waldir Azevedo)	Choro	G	Hermenegildo Fabinho Celso	Sem introd.
103	Doce de Côco (Jacob do Bandolim)	Choro	G	Carlos/Iolanda	Introd. Amaral
104	André de Sapato Novo (André Victor Correa)	Choro	Gm	Erinaldo Carlos	Introd. Carlos
105	Lamentos (Pixinguinha/Vinicius de Moraes)	Choro	G	Carlos	Sem introd.
106	Vou Vivendo (Pixinguinha/ Benedito Lacerda)	Choro	F	Carlos	Introd. Carlos
107	Brejeiro (E. Nazareth)	Choro	G	Carlos	Sem introd.
108	Na Glória (Raul de Barros)	Choro	F	Erinaldo Carlos	Introd. Carlos
109	Escadaria (Pedro Raimundo)	Choro	Em	Escadaria	Sem introd.

110	Confusão (Félix Lins de Albuquerque)	Choro	Gm		Sem introd.
111	Manhoso (Manoel Macedo)	Choro	Gm	Erinaldo	Sem introd.
112	Sonoroso (K. Chimbinho – Sebastião de Barros)	Choro	Dm	Erinaldo	Sem introd.
113	Samba em Prelúdio (Vinícius de Moraes)	Bossa Nova	Dm	Hermenegildo	Sem introd.
114	Cabecinha no Ombro (Alcides Gerardi)	Guarânia	C	Hermenegildo	Sem introd.

Fonte: Arquivo elaborado pelo Pesquisador, 2019.

Apesar de constarem muitos títulos que contemplam ritmos não incluídos no gênero musical Choro, a pertinência em apresentar todo o repertório executado, se dá em razão de ilustrar a instigação, aos participantes, para a utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), frente à pesquisa dos conteúdos a serem utilizados no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). Agregada à busca de informações frente a cada ritmo musical, uma gama de novos conhecimentos é acessada, a saber: 1- país ou região de origem; 2- nomenclatura; contextos (geográficos, sociais e culturais) em que são executados; 3- padrões rítmicos; 4- movimentos melódicos (saltos intervalares) característicos; 5- harmonia característica; 6- instrumentos utilizados; 7- fórmulas de compasso; 8- escalas características; 9- principais instrumentistas; 10- principais compositores e, 11- principais cantores.

Tabela 2 – Demonstrativo dos ritmos executados.

Ritmos	Quantidade
Valsa	07
Bolero	30
Fado	01
Samba-Canção	28
Samba	16
Canção	04
Toada	02
Modinha	01
Fox	01
Choro-canção	02
Choro	20
Bossa Nova	01
Guarânia	01
Total: 13	114

Fonte: Tabela elaborada pelo Pesquisador, 2019.

Os ritmos Valsa, Choro, Choro-Canção, Samba, Samba-Canção e a Modinha, são executados tradicionalmente, nas rodas de Choro, muito embora os dois últimos, não sejam característicos deste gênero musical. Assim, entre as 114 músicas que integraram o repertório, 74, estão inseridas neste contexto.

Com este exercício, os participantes que não tinham conhecimento de cifra musical, passaram a fazer uso constante desta linguagem musical e, também, a decorar a tonalidade das músicas que executam. Esta prática, vem a cada dia, possibilitando um saber/fazer musical mais consciente, de forma a também, facilitar a comunicação e a postura de palco. Com a socialização do Repertório, todos os participantes têm acesso às informações necessárias sobre cada música e, a cada novo encontro, as novas músicas são socializadas no Grupo, de forma a todos se alimentarem com as devidas informações. Uma vez em posse dessas informações, cada um dos integrantes, é orientado a fazer suas pesquisas, na *Internet*, para no encontro seguinte, esteja familiarizado com as mesmas e, fazer os devidos repasses.

Entre os participantes idosos, assíduos no PECCP, apenas um, não faz uso do *Whats App*. Outro, o faz parcialmente, e os demais, a utilizam de maneira satisfatória. Em alguns casos, destinamos alguns momentos dos EACs, para um breve repasse de informações, referentes a estas tecnologias, com vista à otimização das atividades desenvolvidas no Projeto. Vez por outra, em ocasião oportuna, eu repassava, individualmente, alguns conhecimentos, quanto ao acesso e operacionalização destas ferramentas digitais de comunicação e informação.

Outro aspecto que entendemos ser de suma importância é a utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Entre os idosos entrevistados, apenas um, não as usufrui, por não ter noções básicas de computação; destas ferramentas, apenas a utilização convencional do aparelho celular, com fins de comunicação foi registrado. Para este idoso, repassei orientações sobre as funções básicas, para a utilização de um *mini system*, para que pudesse escutar os Chorinhos, gravados em *CDs* e em *pendrives*.

Os demais idosos, antes de participarem do PECCP, utilizavam algumas NTCIs, principalmente o *You Tube*, para acessar e baixar vídeos e outros arquivos, com objetivos diversos. Após o ingresso e a participação assídua neste Projeto de Extensão Cultural, a utilização deste dispositivo, se voltou também, para socializar informações no Grupo de *Whats App*, denominado Choro na Praça. Para tal, o conhecimento e o emprego das ferramentas disponíveis nos *smartphones*, se tornaram uma necessidade.

Quanto ao acesso de alguns *sites* livres, alguns idosos, informaram que antes de ingressarem no PECCP, o faziam, de forma esporádica, para a busca de letras de músicas,

cifras, partituras, áudios e, outras informações a respeito de compositores e suas obras. Como forma de provocar o uso de algumas NTICs, por algumas vezes, coloquei nos grupos de *Whats App* Choro na Praça e Choro e Seresta, o endereço eletrônico de *sites*, relacionados a assuntos musicais, para que todos os participantes, inclusive os idosos, viessem a adotar como hábito, a pesquisa e a socialização de materiais didáticos diversos. Entre os idosos, sujeitos desta Pesquisa, vêm, a cada dia e, com maior recorrência, exercitando esta prática.

Com relação aos três idosos, atores desta Pesquisa, apresento na Tabela 3, o demonstrativo de uso, frente aos *sites* recomendados:

Tabela 3 - Demonstrativo da utilização de sites livres de música socializados.

Sites	Conhecia	Não conhecia	Utilizava	Não utilizava*	Passou a utilizar
<i>Face Book</i>	2	1	2	1	0
<i>You Tube</i>	2	1	2	1	0
Cifra Clube ¹¹⁴	2	1	0	3	2
Vagalume ¹¹⁵	1	2	1	2	1
Solano Music ¹¹⁶	0	3	0	3	2
Casa do Choro ¹¹⁷	0	3	0	3	2
Rádio Chorinho ¹¹⁸	1	2	0	3	2
RádioNos Chorinho					
E Cia Chanel	0	3	0	3	1
Doce de Choro ¹¹⁹	0	3	0	3	0
<i>Kboing</i> ¹²⁰	0	3	0	3	0
Super Partituras ¹²¹	1	2	0	3	1
LETRAS.MUS.BR ¹²²	1	2	1	2	2
Letras e músicas e músicas para ouvir ¹²³	0	3	0	3	1

Fonte: Tabela elaborada pelo Pesquisador, 2019.

Incentivo aos participantes do PECCP a acesso destes *sites*, com o objetivo, também, de que estes, assimilem informações quanto ao gênero musical Choro, como instrumentos que fazem partes deste contexto e, suas características quanto à execução.

¹¹⁴ Cifra Club - seu site de cifras e tablaturas. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br>>

¹¹⁵ VAGALUME - Letras de Músicas. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br>>

¹¹⁶ Solano Music. Disponível em: <www.solanomusic.com>

¹¹⁷ Disponível em: <<http://acervo.casadochoro.com.br>>

¹¹⁸ Disponível em: <<https://www.radios.com.br/aovivo/radio-chorinho>>

¹¹⁹ Disponível em: <<https://doce-de-choro.e-monsite.com>>

¹²⁰ Kboing Músicas para Ouvir - Radio OnLine. Disponível em: <<https://www.kboing.com.br>>

¹²¹ Super Partituras - Um completo site de partituras musicais. Disponível em:

<<https://www.superpartituras.com.br>>

¹²² LETRAS.MUS.BR - Letras de músicas. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br>>

¹²³ Disponível em: <<https://www.lettras.com.br>>

Quanto à utilização do *Face Book*, dois, entre os três idosos, fazem uso, mas, não para as atividades voltadas ao PECCP, por entenderem que não são os meios mais rápidos. Também, foi construído o *Instagram* do PECCP, porém nenhum dos idosos dele fizeram uso, por não terem o hábito ou simplesmente, por não conhecerem.

Com relação à afirmação de Czaja e Lee (2007), que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) podem ser consideradas um dos fatores que mais segregam a população idosa, na atualidade, as entrevistas realizadas com os três idosos, aqui denominados por Chorão 1, Chorão 2 e Chorão 3, revelaram seus pontos de vistas, que possibilitam interpretar as contribuições do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), para os mesmos.

O Chorão 1, preferiu não tecer opinião, pelo fato de não fazer uso destas tecnologias. Na verdade, devido as circunstâncias em que se encontra, mesmo o uso do celular, para fins de comunicação, apenas, vem se tornando a cada dia, menos constante, conforme relatado em entrevista, no dia 13 de janeiro de 2020, por telefone, via *Whats App*. Convém explicitar que o *smartfone* utilizado, pertence a um membro da família do entrevistado. Quanto à socialização dos Choros a serem apresentados no PECCP, eu as ia entregar, pessoalmente, em sua barbearia, com a antecipação necessária, conforme explicado no Capítulo 2, Tópico 2.3 As Rodas Abertas de Choro (p. 149).

Interpelado a respeito das contribuições do PECCP, quanto a inclusão dos idosos, participantes, frente à inclusão das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), o Chorão 2, comentou:

Muito bom. Eu vou lhe falar a verdade, com toda a sinceridade: Eu sempre utilizei, mas não sou um catedrático em informática, mas pelo menos básico, eu sei manusear. E na verdade, antes do nosso Projeto do Choro, eu olhava alguma coisa, no celular, no *You Tube*, ‘pra’ ver alguma música, mas era uma coisa menos interessante do que é hoje. Hoje, depois do Grupo, veio mais aquela vontade de ter mais aprendizado e, na realidade, isso me trouxe um benefício, porquê eu não tinha esse hábito, e hoje, graças a Deus, já tenho. Tenho, por causa do Projeto, e na realidade, exige de mim, que eu tenha mais um pouco de aprendizado. E, só posso aprender, se eu utilizar estas tecnologias, da modernidade de hoje. Essa é que é a grande verdade. (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.12.2019).

O Chorão 2, já fazia uso de algumas ferramentas, acessadas via *Internet*. Apresenta facilidade frente ao acesso e emprego destas tecnologias, inclusive, foi ele, que nos orientou, através do *Google Maps*, na viagem à Ubaia-CE, em 20 de dezembro de 2018, quando da nossa primeira visita a Zé Lucas. Antes de participar do PECCP, tinha conhecimento e fazia uso do *Face Book*, *You Tube*, Vagalume e do LETRAS.MUS.BR. Não conhecia e, passou a

fazer uso dos *Sites*: Cifra Clube, Solano Music e Casa do Choro, algumas vezes. O *Site* Letras e Músicas e Músicas para Ouvir, tomou conhecimento, depois de no grupo de Whats App, e já acessou algumas vezes, para conhecer, somente. Ao tomar conhecimento da Rádio Chorinho, após o seu ingresso no PECCCP, passou a fazer uso quase todos os dias. Quanto aos sites RádioNos Chorinho E Cia Chanel, Doce de Choro, *Kboing* e, Super Partituras, tomou conhecimento, depois que foi colocado no grupo de *Whats App*, do PECCCP, mas ainda, não fez uso.

Indagado com respeito aos mesmos fins, o Chorão 2 afirmou que já fazia uso do *Face Book* e do *You Tube*, no seu cotidiano. Conheceu os *Sites* Vagalume e Casa do Choro, após ter ingressado no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), dos quais, tem feito uso, algumas vezes. Quanto ao Cifra Clube, informou que não conhecia, e, passou a utiliza-lo, algumas vezes, depois que eu, Carlos Batista, repassei algumas informações, em momentos dos nossos encontros com o Grupo do PECCP. Não conhecia o *Site* LETRAS.MUS.BR, antes do PECCP e, passou a fazer uso, principalmente, depois de ter visto alguns colegas cantarem músicas, com as letras erradas, “por aí afora”. Já conhecia a Rádio Chorinho, e, continua a fazer uso, porém com mais constância, depois da sua participação no PECCP. Comentou, que conhecia “de nome”, o *Site* Super Partituras, mas depois que Venício – um parente seu – ter prestado algumas orientações, passou a utilizar, para baixar algumas letras das músicas a serem cantadas no PECCP. Antes do Projeto de Extensão, não conhecia a RádioNos Chorinho E Cia Chanel e, a utilizou apenas uma vez. Com relação aos *Sites* Letras e Músicas e Músicas para Ouvir, Doce de Choro, *Kboing* e, Solano Music, informou que tomou conhecimento, depois de ter sido socializado no grupo de *Whats App*, do Chorinho na Praça, mas nunca, os acessou.

Alguns dos chorões participantes do PECC, afirmam que após tomarem conhecimento da Rádio Chorinho, adotaram o hábito de ficaram com o *smartfone* ligado, durante grande parte do dia, nesta Estação e, a partir do que ouvem, passam a elencar sugestões de músicas a serem executados no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP).

3.3 “Ainda Me Recordo”¹²⁴: memórias de vidas

Neste tópico, apresento as narrativas dos três chorões idosos, sujeitos desta Pesquisa, referentes às significações que o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP)

¹²⁴ Título de um dos chorinhos compostos por Alfredo Vianna da Rocha Filho (Pixinguinha), considerado o maior chorão do Brasil, e seu parceiro, o flautista Benedito Lacerda. Carrasqueira (1997, p. 16).

tem, em relação às suas histórias de vida, de forma a serem levadas em consideração suas contribuições, no sentido da inclusão sociocultural.

Alicerçada em Moraes (1995), a especificidade da Pesquisa, direcionada à Terceira Idade, e à memória (auto) biográfica, fundamentada em Halbwachs (1990), as narrativas dizem respeito às lembranças daquilo que os atores envolvidos vivenciaram, testemunharam e experimentaram, no transcorrer de suas vidas. Tais relatos, evocam episódios significativos de um passado, que se relacionam e se fazem repercutir, nas experiências da vida presente.

Em princípio, as razões que justificam as afinidades com o Choro, são asseguradas por Levitin (2010), ao afirmar que o gosto musical, na maioria das pessoas, se define aos dezoito ou vinte anos de idade, e, que provavelmente, com o avançar do tempo, tendem a se fechar a novas experiências. Também, que especialmente na cultura ocidental, as escolhas musicais têm importantes consequências sociais, como a busca de identidade com os pares, o que faz da música, um canal de vinculação e coesão sociais. Segundo Bosi (1994, p. 55), “[...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”. O levantamento destas informações, foi possível, através da relação de confiança interpessoal com estes chorões, desde os primeiros encontros, nos Ensaios e Rodas Abertas de Choro.

O Segundo Movimento da sinfonia inacabada, teve início às dezesseis horas, dia 09 de julho de 2019, uma terça-feira, na residência de Iolanda Miranda Costa (Iolandinha), situada à Rua Jerônimo Rosado, nº 169, Centro, Mossoró-RN, conforme estabelecido em comum acordo, com a entrevistada. A entrevistada teve a liberdade de discorrer a respeito de aspectos gerais de sua história de vida e, de tomar caminhos que julgasse importantes na sua exposição. Na condição de pesquisador e, pelo fato de a conhecer há muitos anos, adotei a postura de condutor da entrevista, interagindo em alguns momentos, no sentido de que não fossem esquecidas informações importantes. Algumas perguntas não planejadas surgiram, em momentos em que a narrativa, se direcionava para aspectos interessantes, não pensados anteriormente. Para a transcrição da entrevista narrativa, adotei uma organização textual em forma de conversação, no intuito do melhor entendimento para o leitor, sem, entretanto, fugir à essência das informações. Iniciada a entrevista, ficou decidido pela entrevistada que o pseudônimo seria definido em momento posterior, se fosse o caso. A entrevista teve a duração de cinquenta e oito minutos.

Iolanda Miranda Costa (Iolandinha),¹²⁵ nasceu no dia 22 de março de 1949, na Rua Nísia Floresta, nº 5, no início do Bairro Alto da Conceição, em Mossoró-RN, onde morou por

¹²⁵ Apelido adotado, por ter sua mãe, o mesmo nome (Nota do Pesquisador).

três anos. Mudou-se para a Rua Machado de Assis, no Centro da cidade e, depois, na Rua Jerônimo Rosado, nº 169, Centro, endereço onde aconteceu a entrevista, local onde reside até os dias atuais. Iolanda, frisou que mora exatamente por trás da casa onde passou quase toda a sua infância. É filha de D. Iolanda Miranda, enfermeira “Ana Néri”, e de Seu Antonio, um farmacêutico e, vem de uma família de músicos autodidatas.

Interpelada sobre o que é uma enfermeira “Ana Néri”, informou era um Curso que só existia no Recife e no Rio de Janeiro, que não chegava a ser uma faculdade, mas era o que se tinha de mais aperfeiçoado em termos de cursos de enfermagem, e, o que mais se aproximava de ser uma faculdade de enfermagem, para a época. Sua mãe, fez o Curso no Rio de Janeiro, pois lá morava uma das suas tias, a quem chama carinhosamente de “a viúva das Forças Armadas”, por ter, ela, casado por três vezes, cada uma, com um militar das respectivas Forças Armadas. Sua mãe, morou por três meses, na Quadra 30, nº 100, apartamento 104, tempo que transcorreu Curso. Iolandinha, é uma pessoa bem humorada; falou comigo, utilizando se utilizando de metáforas, para figurar algumas colocações.

Seu pai, um farmacêutico manipulador, fez um Curso, que começou em Recife e terminou em Natal. Disse, que não sabia afirmar se era alguma coisa semelhante com o que hoje entendemos como farmácia de manipulação, e que, naquela época, para se exercer a profissão de farmacêutico manipulador, era necessário “passar de seis a oito meses dentro de um laboratório de farmácia, para aprender a fazer a medicação líquida e a pasta para a fabricação de comprimidos”.

Com relação à sua infância, lembra-se de algumas brincadeiras e fatos que julga serem marcantes. Diz que na faixa de idade que se encontra, são as coisas de que mais lembra. Juntamente com seus irmãos, foi criada em uma casa que tinha um muro enorme, precisamente, o local onde estava ocorrendo a entrevista. Aos risos, conta que no inverno, quando o Rio Mossoró enchia, pulava da Ponte do Trem, localizada no Bairro Alto da Conceição, e vinha até a Barragem do Centro, em cima de um lagamar, que era uma espécie de boia, feita com dois paus amarrados em um tronco de madeira; quando chegava em casa, toda vez, “era uma surra”.

Como sua mãe trabalhava em um hospital e o seu pai em uma farmácia, seus irmãos passavam o dia em casa e só saíam à tarde, para espera-los, na calçada. Com isto, brincavam o dia todo, exceto quando não estavam em sala de aula:

Nós éramos alunos da Escola de D. Dagmar Filgueira, que hoje é o Colégio Dom Bosco; até o quinto ano primário, fui aluna da Escolinha da Profa. Dagmar. A gente era muito mais livre do que é hoje, porquê naquela época. a

liberdade da gente era da porta da frente, pra dentro: você pintava a casa, você riscava tudo, você tinha o seu espaço para brincar, sem necessariamente precisar de sair, embora que jogar bola de meia na rua, era fantástico e extraordinário (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Nos finais de semana todos iam para a casa da sua bisavó, que ficava em frente à da Praça do Bairro Alto da Conceição, ao lado da Paróquia do mesmo nome. Era uma casa em que os homens, eram músicos autodidatas e, as mulheres, Carmélia, Cristina, Celeste e Maria, suas tias, eram as cantoras da família. Maria, tocava piano, Cristina tocava violão e as outras, maravilhosas, cantavam. No meio da entrevista, provoco às lembranças de Iolanda, ao dizer que Totôezinho - que tocara com o meu pai, no Conjunto “Totôezinho e seu Conjunto” -, seu tio-avô, tocava violão e guitarra. Evocada esta recordação, ela relatou que Ramiro Miranda, outro tio, tocava flauta transversal, clarinete, piston. e, era o avô de Júnior Miranda.¹²⁶ Segundo Iolandinha, que seu avô era o único voltado para instrumentos percussão e o sonho era se tornar fazendeiro. Sua base musical na infância foi totalmente dentro da família.

Conhecedor de alguns aspectos da história da família Miranda, argui: “Eu tive notícia que os ‘Miranda’ promoviam uns encontros em família. Pode me falar algo a respeito?” Sem hesitar, Iolandinha, respondeu que eles eram os famosos saraus, que aconteciam, quando as tias Carmélia e Alice, que morava, em São Paulo, e a tia Cristina, no Rio de Janeiro, chegavam em Mossoró. E, continua:

Então, no mês de maio, era sagrado: a gente (toda a família) se mudava tudo para a casa da minha avó, que tinha quartos pequenininhos, que cabia dezoito crianças, cada uma na sua rede; aquele negócio todo. Devido a minha avó ser muito religiosa, tinha aquelas novenas dentro de casa, com a presença dos cravos¹²⁷ da Igreja do Alto da Conceição. Mas, o gostoso da história, era a brincadeira depois das novenas: enquanto a velha guarda ia tocar, a gente, que tinha vontade de aprender, ia ver e ouvir. Ainda, tinha aquela história: Você precisa aprender, para não deixar esse sonho morrer! Isso, a gente ouvia dos mais velhos. Eu ouvi muito isto, Júnior Miranda ouviu muito isto, o próprio Téó¹²⁸, que era mais “fechado” também. Mas, era uma maravilha a experiência musical, que eu acho que ficou até hoje (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09/07/2019).

Essas narrativas encontram vários posicionamentos defendidos por Ecléa Bosi, cujas citações a seguir, se mostram irrefutáveis, ante o exposto:

¹²⁶ José de Oliveira Miranda Júnior, e egresso do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Faculdade de Educação (FE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É um bom cavaquinhista e violonista, com quem tive oportunidade de concluir o Curso de Licenciatura em Educação Física, da Escola Superior de Educação Física (ESEF), desta mesma IES, no ano de 1986 e, também, de fazer parte do Grupo Ingênuo de Chorinho (Nota do Pesquisador).

¹²⁷ Instrumento musical de teclas, semelhante ao piano, porém de menor tamanho (Nota do Pesquisador).

¹²⁸ Téó é irmão de Júnior Miranda. Pandeirista, Juntamente Júnior e alguns primos, formaram o grupo denominado Primos do Samba, que perdurou por vários anos (Nota do Pesquisador).

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um dos seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. [...]. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem (BOSI, 1994 p. 423). A família desenraizada nos centros urbanos ainda possui uma força de coesão capaz de integrar pessoas de diferentes classes econômicas, credos políticos e religiosos opostos (BOSI, 1994 p. 424).

Falando de Totõezinho, Iolandinha reforça que ele participou do Totõezinho E Seu Conjunto, que foi famoso em Mossoró, do qual meu pai também fazia parte. Lembra, que ensaios aconteciam às vezes em minha casa e, mais recentemente de Os Primos do Samba, um grupo musical formado por primos, da família Miranda, que teve oportunidade de vê-los tocando num Carnabuco, carnaval que acontece nas quartas-feiras de cinza, na Rua Joaquim Nabuco, no Bairro Alto da Conceição. Destaca, que os assistiu na época em que trabalhava comigo, Carlos Batista, na Escola de Música Municipal Dr. Pedro Ciarlini (EMMMDPC), da Fundação Municipal de Cultura (FMC).

Aproveito o momento para trazer à narrativa, a pessoa de Márcio Rangel, membro da família Miranda, que atualmente, reside na Itália, e, atua por toda a Europa, como exímio violonista. Ela exclama: “Ah, Márcio Rangel hoje é internacional!” Relata que o pai de Márcio, que não entendia nada de música, acreditava que o interesse de Márcio, em aprender a tocar o violão, era uma estratégia para ficar vadiando, e, que Márcio, “brigou” pelo que lhe era de direito, e foi embora!

Com respeito à sua escolaridade, Iolandinha, conta que era aluna da D. Dagmar, que tinha o que ela chamava de Educandário, e depois, passou a ser chamado de Ginásio Dom Bosco, hoje, Colégio Dom Bosco, localizado na Rua Jerônimo Rosado, Centro, na cidade de Mossoró. Na época, era quase que uma escola preparatória para o famoso exame de admissão, o qual segundo a Profa. Dagmar, “todo mundo dizia que se passasse no exame de admissão, automaticamente chegaria na faculdade, tranquilamente!”

Por volta de 1975, ingressou no Colégio das Freiras, atual Colégio Sagrado Coração de Maria, situado no cruzamento da Av. Alberto Maranhão e Rua Augusto Severo, em Mossoró-RN, Centro, em Mossoró-RN, onde concluiu o Ginásio. Como ainda não tinha condições de frequentar o Curso Pedagógico, e, o pessoal de casa não queria ela que fizesse o Curso Científico¹²⁹, optou por repetir o quarto ano ginasial.

¹²⁹ Curso em nível de segundo grau, oferecido em Mossoró, pelo Centro Educacional Jerônimo Rosado (Nota do Pesquisador).

Para ingressar no segundo grau, que corresponde hoje ao ensino médio, matriculou-se no Colégio Estadual, na atualidade, Centro Educacional Jerônimo Rosado, à Rua Ferreira Itajubá, Santo Antônio, nesta urbe, onde frequentou a Escola Normal, para fazer o Curso Pedagógico, que formava professoras com licenciatura curta. Logo após, ingressou no Curso de Contabilidade. Salienta, que ele não se sentiu atraída pelo Curso, o qual frequentou por dois anos, na época em que “destrambelhou” a vida:

Eu casei e dei uma parada. Aí, depois, fiz duas faculdades, que foram sem futuro pra mim, porque não eram aquilo que eu queria. Tive relacionamentos, depois, mas, já passou; hoje, tenho paqueras. Há poucos dias, conversei com você a respeito disso. Mas, na idade em que estou, Carlinhos, de repente as coisas já não enganam mais. Tenho um filho, por nome de Eliézio e tenho uma neta, com a idade de vinte anos (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Indagada sobre quais foram estas faculdades, informa que terminou Direito, em Souza-PB, e também, Filosofia, um ramo da História, como aluna do comandante Anísio Damásio da Silva, em Natal-RN. Para ela, foram dois Cursos que até hoje, não lhe “disseram” nada, dentro daquilo que gostaria de ter. Após isto, não voltou mais a estudar, por questões de comodismo. Na insistência de pesquisador, fez uma incursão, no sentido de entender por qual motivo estes cursos não “lhe disseram nada” e, a resposta, vem de imediato:

Porquê meu sonho era me ligar com qualquer coisa criativa, dentro da música. Eu gostaria de compor, de ter conseguido tocar outros instrumentos, mais aí, foi a época em que as “crianças mais velhas”¹³⁰ foram começando a sentir o peso da idade, e aí, você sabe que nessa situação, a gente acaba se acomodando. Mas, segundo Eliezio¹³¹, não tem idade para começar; então, no dia que der, eu vou começar de novo! (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

A respeito do Curso de Filosofia, acrescentou que era um Curso ofertado pela religião da sua tia, Iran; era uma faculdade particular. “O nome, era História da Filosofia ou Filosofia da História, uma coisa assim, que tinha o nome de Dr. Eudes Fonseca de Oliveira!”.

Continuo a entrevista: “Você falou que teve o desejo de trabalhar com música. Você já chegou a cantar, mesmo que esporadicamente, a aprender alguns acordes no violão. Pode me falar um pouco a respeito?” Iolandinha, comentou que quando começamos a conversar, eu a lembrei de ela havia cantado o Choro Doce De Côco, de Jacob do Bandolim, acompanhada pelo Grupo Ingênuo de Chorinho, por ocasião de um Fórum Cultural de Mossoró (FOCUM),

¹³⁰ Como a entrevistada se refere a seus pais (Nota do Pesquisador).

¹³¹ Seu filho Eliézio já atuou como regente da Fanfarra Independente, em Mossoró-RN (Nota do Pesquisador).

realizado pela então Fundação Municipal de Cultura (FMC), por volta de 1992. Confessa, que não lembrava deste momento.

Incitada pelas instigações à sua memória, lembra, que cantou uma vez com Padre Guimarães Vieira, no Pró Fé, que era uma programação cultural, que acontecia nos Festejos de Santa Luzia, Padroeira da Cidade de Mossoró, no muro do Colégio Diocesano, onde funciona hoje a Agência do Banco do Brasil, no Centro da cidade, sob a direção do Padre Alfredo Simonetti:

A gente cantava, dançava, cada qual com seu lado artístico. Ele trouxe o Grupo “As Luluzinhas”, a primeira banda feminina da nossa época. Teve também, os “Inflamáveis”, “Os Infla 6”, “Os Tremendões”, Nonato, Gealciney e Neto, *in memoriam* (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Em um pequeno salto na própria história, expõe que trabalhou na Secretaria Municipal da Tributação, de onde eu solicitei sua transferência, para a Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), na cidade de Mossoró-RN. Aproveito o ensejo e pergunto, se o período em que passou na Escola de Música, lhe proporcionou experiências no âmbito musical. Tenho a resposta, de que conseguiu aprender muita coisa, com minhas aulas de Cavaquinho, com as aulas de Teclado, do professor Vladenilson Alves Duarte, com as aulas de Violão, do professor Guido Alves do Nascimento, e, também, com as aulas de acordeão, do professor Claudio Henrique Pereira de Araújo, que eram divertidíssimas. Ainda, as aulas de Canto Coral, ministradas pela professora Claudia Maria Azevedo Xavier (Claudia Max), lhe ensinaram muito. Isto aconteceu antes de a Escola de Música ser mudada para onde funciona hoje a Escola de Artes de Mossoró, no prédio da Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges.¹³²

Aproveito o momento, para reiterar, que era uma estratégia da Divisão de Música, da Fundação Municipal de Cultura (FMC), ocupar gradativamente as salas da Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges, com o objetivo de mais adiante, termos este espaço, destinado às instalações da Escola Municipal de Artes, a ser criada. Lembro, que eu falava ao professor Antônio Gonzaga Chimbinho, *in memoriam*, então FMC, que a cada ano, aquela Escola passava a ter uma demanda menor, com relação às matrículas, devido ao aumento das ofertas, em escolas municipais, nos bairros periféricos, de Mossoró.

¹³² Mais conhecido como Ginásio Municipal, situada à Avenida Alberto Maranhão, s/n, Centro (Nota do Pesquisador).

Iolandinha, continuou a rebuscar da memória os acontecimentos da época. Lembrou que sofreu um acidente de moto, na abertura do Mossoró Cidade Junina¹³³, em que, segundo ela, eu como os demais colegas de trabalho, tivemos uma participação muito grande, no sentido de oferecermos nossos préstimos. Recorda, que nove meses após a casualidade, a Escola de Música, já estava funcionando no prédio do Ginásio Municipal, e, que lá, trabalhou durante um período muito curto, pois precisou se afastar devido o seu problema de saúde e, da necessidade de cuidar de suas “crianças mais velhas” (seus pais).

Segundo Iolandinha, independente da herança musical da família Miranda, seu pai, que era um autodidata, sabia tocar vários instrumentos, sem nunca ter sabido onde ficava a corda Mi¹³⁴, como diz aquela música do Grupo Demônios da Garoa. Foi ele, quem lhe deu o primeiro violão, o qual ainda hoje, tem e guarda com muito carinho.

Em uma época de sua vida chegou a morar nos Estados Unidos. Conta que foi um presente da sua irmã, que trabalhava em uma companhia de seguros em Salvador e, lhe deu uma bolsa de estudos, com duração de um ano, mas, que permaneceu por lá, durante três anos.

Lá, eu vivia de tudo o que você pode imaginar, porque países desenvolvidos não fazem de você uma estrela: é você quem faz do país uma estrela. Você precisa de dinheiro pra viver e precisa aprender muita coisa! Agora, no lado humano, foi a melhor coisa pra mim; conheci canadenses, nigerianos... nos dias de domingo, a gente se encontrava na liberdade total do *Central Park*, em *Nova York*. Quando o dinheiro dava, aí a gente ia tudo pra lá e encontrava de tudo o que você imagina (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Uma das coisas mais engraçadas, para ela, é a lembrança de ao retornar a Mossoró, as pessoas perguntarem se ela tinha trazido calça *jeans*, pois na época, se falava nos Estados Unidos, que era roupa de mendigo. Segundo ela, lá, no inverno, a calça *jeans* ajuda em muita coisa, porque evita a transpiração: “Você usa aquelas meias por baixo, aí ajuda a manter a temperatura”. Aqui em Mossoró, tinha muita gente que “tava a fim” de ficar na moda; você sabe que tem pessoa que gosta de estar onde a maioria está! Então, como lá era uma roupa barata, você trazia e revendia; era uma forma de ganhar dinheiro”.

Quando pergunto, a respeito do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), Iolandinha me interrompe: “Ah, agora chegou onde a gente queria!” Prossigo, dizendo ter a lembrança de que lhe fiz o convite para participar do Projeto e, indaguei, se ela poderia falar como estava este momento de vida naquela ocasião. Na verdade, eu sabia que

¹³³ Projeto da Fundação Municipal de Cultura (Nota do Pesquisador).

¹³⁴ Primeira (prima) corda do violão, ou do cavaquinho, quanto este está na afinação natural (Nota do Pesquisador).

ela estava necessitando preencher o tempo com uma atividade prazerosa, pois há menos de um ano, perdera sua mãe, a quem tinha cuidado durante vários anos. Visivelmente tomada pela emoção, Iolanda, parecia aguardar a ocasião propícia para um desabafo, um descarrego:

Eu estava bem pra baixo, Carlinhos. Até porque a minha família sempre teve o número de quatro pessoas: pai, mãe, eu e a pessoa com quem fui casada, que era o pai de Eliézio, que Deus o tenha! Depois, ficamos eu, meu pai, minha mãe, Eliézio e, sempre, foram os quatro lugares na mesa; nunca foi mais, nem menos. Tinha o movimento durante o dia, mas sempre fomos nós, em quatro. Entrei no casamento, acreditando, mas você não pode transportar a vida de alguém, “pra” aquela vida que você quer levar e, o próprio caminhar do andar, se encarregou de colocar cada um “pro” seu lado. Sinto muito, por não ter realizado sonhos, porque era uma figura que fazia o Curso de Agronomia, tinha mil ideias, mas, deixa pra lá; foi coisa que eu não procurei mais saber! Tive outras experiências, mas nenhuma, em termos de assumir compromisso. Eu morava em minha casa e, em vez de ir pra a minha casa, eu combinava de ir pra a dele, porque o meu território, ainda considero sagrado, não é? Mas, você perguntou sobre o momento em que me convidou para participar do Chorinho na Praça. Eu “tava” bem pra baixo, porque foi logo a seguir da “passagem” de D. Iolanda e, antes disso, minha mãe ficou bem “baqueada” com o falecimento do meu pai. Um era muito apegado ao outro e D. Iolanda, ficou num momento, como que travadas as rodas: não ia “pra” frente, nem “pra” trás. Aí, ela ficava sem querer mais sair, acordava tarde, se alimentava pouco e muito mal. Eu cheguei a ser chamada à atenção, em casa algumas vezes, porque mamãe era fumante e nos últimos trinta dias, quando ela queria, eu dava, porque apesar de o médico proibir, isto não ia mais acrescentar nem retirar nada na sua vida. “Pra” mim, tinha que ser por ela, dizer: Eu não quero mais! Quando ela disse isso, na primeira vez, ela pegou, na segunda ela olhou, levou para os lábios, tentou tirar um trago e não conseguiu. Na terceira vez, ela disse: “Não quero mais!” Daí em diante, ficou estabelecido que, quem quisesse fumar aqui em casa, fosse fumar “pra” lá (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Após vários anos neste quadro, relata que literalmente “desceu a ladeira”, pois de certa forma, se sentia sozinha. Sua mãe já não mais a chamava pelo nome, e sim, por “Dete” (Iridete), que era uma das suas irmãs, com quem tinha maior aproximação. Relata, que não sabia dizer se era apenas o ficar sozinha, mas também o vazio e o cansaço de tudo, que acreditava, se juntarem tudo na mesma hora: “Eu ainda hoje, às três horas da manhã, acordo automaticamente. O sono pode estar supergostoso, mas o subconsciente, parece estar naquela: A medicação!”

Relembra, que quando lhe fiz o convite para participar do PECCP, me enviou uma resposta, através do *Whats App*. Abordada a respeito do que significa para ela participar do Projeto, Iolandinha, respondeu:

Eu cheguei, revi Lima Neto, que era o único do Grupo, que eu conhecia. Depois, apareceram: Osman, Ruãnn, filho de Mônica Silva e a turma do entra e sai, aqueles que não estavam com a gente toda a semana. Mas, foi ótimo, Carlinhos! Eu, já “tava” vivendo em função de quando chegava a segunda-feira; eu já tomava banho às cinco e meia da tarde, já estava com a

roupa separada, ali. Eu acho, que só teve uma vez que você chegou aqui, que não era ensaio, nós fomos convidados para a festa de João Batista de Andrade.¹³⁵ Aí, nesse dia, você chegou e, eu, ainda estava com o sapato na mão. Como eu disse a você, a última vez que a gente se encontrou, foi no dia onze do mês passado, na festa de Santo Antonio. Depois disso, a gente não se reuniu mais, até porque chegou o “Mossoró Cidade Junina” e o Rust Café, ficou ocupado com as comemorações. E você, ficou atarefado com as atividades do mestrado. E, táí o resultado: esse nosso papo, superdescontraído (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Com relação ao PECCP, afirma que vários momentos, que se tornaram marcantes. Quanto à apresentação no Teatro Lauro Monte Filho, no dia 23 de abril do corrente ano, ela sorri, e diz que “Estava vestida impecavelmente e bancando a elegante, com o pé machucado, e de sapato alto. Naquele dia, foi tudo, Carlinhos: eu, linda e maravilhosa, de camisa listrada!” (Entrevista com Iolanda Miranda Costa, em 09.07.2019).

Faço a colocação de que a gente, realizava os Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas três primeiras segundas-feiras de cada mês, e na última segunda-feira, as Rodas Aberta sde Choro (RACs). Para Iolandinha, nos ensaios, a parte do aprendizado, era qualquer coisa assim, como que a fizesse “viajar”. Relembra, que como seu pai era afinadíssimo, cantava e tocava aquelas músicas, que naquela época, o importante era serem bonitas. Entretanto, não sabia fazer distinção entre o Chorinho e o Samba-Canção e, que com o passar do tempo, é que foi aprendendo a diferença entre um, e outro. Relatou, que de certa forma, se transporta, quando escuta este tipo de música. Ressaltou, que sempre observou o cuidado que eu tenho, ao ensaiarmos as músicas e também, que as dicas que o Seu Amaral lhe dava, no sentido de como deveria ser feita a respiração, de forma correta e, também, que todo mundo “chegou junto”, para lhe ajudar a recuperar a segurança teve um dia, mas, que perdera, por ficar bem “paradona”, durante muito tempo.

Com um ar de realização, lembra que passamos uma manhã quase inteira, no Teatro Lauro Monte Filho, organizando a apresentação do Dia 23 de Abril, Dia Nacional do Choro, e, à noite, chegamos mais cedo, para passar o som, quando faltavam dez minutos para começar. Naquele momento, Fábio Roberto Monteiro de Lima (Fabinho), cavaquinista do Grupo, olhou para ela e disse: “É você quem vai começar a cantar!”. Com um sorriso aliviado, disse que não deu nem tempo para ter medo, pois foi tomada por aquela ansiedade típica, que antecede qualquer apresentação:

¹³⁵ Aniversário do Programa Vanguarda Cultural - transmitido pela Rádio Rural de Mossoró, aos domingos, das dez e trinta às doze horas - em que alguns componentes do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça, estiveram presentes (Nota do Pesquisador).

E pra quem tinha como eu, passado toda uma temporada sem cantar, sem ser vista de baixo para cima, o estímulo que eu tive foi do Seu Antônio das Piscinas,¹³⁶ que dizia: “Não fique nervosa, D. Iolanda; é só não olhar pra ninguém, que dá tudo certo!” (Risos). Quer dizer: todo mundo, sem querer ou querendo, me deu uma força e, talvez, é por isso, que hoje eu, cobre tanto, se vai ou não, ter ensaio (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Quando das RACs, momento em que adotávamos uma postura mais profissional e fazíamos a amostragem do que acontecia nos ensaios abertos, Iolandinha, relatou que eram bons demais, e para ela, como se tivesse voltando às suas atividades, que não eram tão constantes, mas à medida que iam acontecendo, iam ficando mais aguçadas. A volta ao fazer musical, foi como um fechar de duas páginas: a página até o final da convivência com o Seu Antônio e com D. Iolanda, e a outra, que foi a tentativa de se segurar. E reforça: “Você sabe que quando a gente perde alguém, a gente dá uma baixada, inevitavelmente. É uma coisa que a gente tem como certo, mas que a nunca está preparado pra aquele momento!”.

Continuou a narrativa, que mediante a participação no Projeto, reviu Maximira¹³⁷, conheceu seu Eimar Machado, saxofonista, que foi mais um amigo que afirma ela, eu dei a ela, como um presente. Rever Lima Neto (João Lima Rocha Neto), foi uma coisa extraordinária, comentou. Outras pessoas com quem passou a fazer amizade, foram Celso do Nascimento Filho - cavaquinho e violonista, Hermenegildo Félix da Silva - acordeonista e João Adelmo Soares, de quem ela guardava a imagem de ser um “Pé de valsa” e, que dançava com sua irmã, no Clube *Ipiranga*, nas quartas-feiras. Além destes, conheceu outras pessoas, as quais ela chama de novatos, por não frequentarem assiduamente, os encontros PECCP.

Além da apresentação realizada no Teatro Lauro Monte Filho, nos fizemos presentes em outros momentos, a exemplo da Escola de Artes de Mossoró (EAM), em 24 de abril, também em comemoração ao Dia Nacional do Chorinho, no Clube Carcará, no dia 8 de maio, no II Encontro de Músicos de Mossoró, na Capela de Santo Antônio, no dia 11 de junho, todas no corrente ano. Iolanda, observadora como é, destacou que a apresentação em que eu recebi os aplausos mais sensíveis, foi a realizada na antiga Churrascaria “O Sujeito”, hoje, “Clube Carcará”, no dia 8 de maio de 2019, no III Encontro de Músicos de Mossoró, vindas dos músicos da Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai (BSMAP), seus ex-colegas de trabalho, na Fundação Municipal de Cultura (FMC).

¹³⁶ Toinho do Pandeiro, como prefere ser chamado enquanto participante do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (Nota do Pesquisador).

¹³⁷ Maximira Nascimento de França, uma outrora, amiga de trabalho, na Fundação Municipal de Cultura (Nota do Pesquisador).

Outro momento que lhe chamou a atenção, aconteceu na apresentação na Capela de Santo Antônio, no Bairro Barrocas II, na Zona Norte de Mossoró:

Ai, Carlinhos! Em primeiro lugar, eu não sabia que Mossoró tinha crescido tanto pra aqueles lados. A prestatividade das pessoas que receberam a gente..., e nos momentos em que você dizia: “Não saia de perto do som!”, e aquele senhor, por nome de Asteclides, dizia: “Juro que não saio!”, e desaparecia (risos). Outra coisa que me chamou a atenção, foi que quando começamos a tocar, foram chegando pessoas que já estavam no seu repouso, em suas casas e, chegavam com as roupas bem descontraídas, com uns “hobezinhos” por cima, amarravam os cintos, vinham e sentavam ali, pra nos escutar. Isto foi pra mim, uma experiência extraordinária! (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Comentou, que para ela, esta foi uma experiência extraordinária, pois não esperava ser tratada com tanta distinção. Para ela, outra emoção foi participar da apresentação na TV Cidade Oeste, no programa Domingo Alegria, sob apresentação do cantor “De Assis Alegria”; comentou que para quem tem pouca experiência em televisão, foi um negócio muito bom.

Com respeito às duas viagens que fizemos a Ubaia-CE, para visitar Zé Lucas, Iolanda, sorriu, e disse que “...a gente deveria pelo menos de vez em quando, dar umas fugidas, ‘pra’ tirar uns grilinhos da cabeça, porque ali, é um lugar onde a gente tira os grilos mesmo!” Assegura ter conhecido Zé Lucas, há uns quinze anos, na sua barbearia, mas não sabia que ele vinha passando por problemas de saúde.

Um desdobramento que vem acontecendo a partir do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), é a participação voluntária, de vários integrantes, no Programa Silêncio Na Seresta.¹³⁸ Este aspecto, tem implicando na realização ensaios, nas quintas-feiras, das quinze às dezoito horas, nas residências de Hermenegildo Felix e/ou do professor Edvar Duarte. Iolandinha, diz ser isto tudo uma maravilha, e que estar na Rádio Rural, para ela, é voltar a conviver mais diretamente com alguns de seus funcionários mais velhos, pessoas que conhece há muito tempo.

No que tange aos ensaios nas residências, diz se sentir muito bem, com a hospitalidade dos familiares:

“[...] o povo ficar mandando a gente bulir nas panelas, tem caldo disso, tem caldo daquilo, aquela descontração do seu Hermenegildo, da D. Francisca e dos filhos, deixam a gente à vontade. E o professor Edvar Duarte, descobriu um lado nosso, superdivertido, que é ótimo pra a gente que sair da rotina.

¹³⁸ Programa veiculado pela Rádio Rural de Mossoró, sob a direção e apresentação do professor Edvar Duarte, no qual os artistas têm oportunidade de fazerem apresentação ao vivo, nas sextas-feiras (Nota do Pesquisador).

Tenho uma satisfação imensa, quando vocês vêm me buscar aqui em casa. Sinto muita falta da presença de Ecilvia!”¹³⁹ (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.07.2019).

Interrogada se entre os Choros que excutamos no PECCP, tem algum que lhe traz alguma lembrança, relata que a Valsa-Serenata, Rosa, de Pixinguinha, lhe traz à memória, as noites em que, quando criança, Seu Antônio, o seu pai, a colocava para dormir, cantando esta música.

No que concerne a espiritualidade, Iolanda entende serem as diversas crenças, uma forma de que cada um tem, para chegar perto do Mestre (Jesus); não tem nada contra nenhuma religião e afirma que já teve oportunidade de conhece-las de várias formas. Assegura que para si, a correta, “é a que o seu santo bate!” Foi doutrinada na religião católica, mas esta, nunca lhe ajudou, como a crença em que está atualmente; não ajudou a dar um estímulo às pessoas que vê, quando estão precisando. Não se arisca em afirmar, que não sabe, se pode chamar sua crença de religião, ou simplesmente, de missão, mas, que cada um, está aqui par levar “surra nas costas, como diz o matuto”.

O Terceiro Movimento da sinfonia é constituído pela entrevista realizada com João Adelmo Soares (Adelmo), em uma manhã de sábado, no dia 12 de outubro de 2019, em sua residência, à Rua Marechal Deodoro, nº 486, no Bairro Paredões, em Mossoró-RN. Adelmo, é funcionário público lotado na Secretaria Municipal da Saúde há vinte e três anos, onde trabalha no do Programa de Controle do Dengue. Em sua trajetória escolar, concluiu o Segundo Grau, na Escola Estadual Prof. Elizeu Viana, fez o Curso de Contabilidade, na Escola União Caixeiral, ambas em Mossoró e, devido à necessidade que tinha, para trabalhar, não deu continuidade aos estudos.

Após os agradecimentos por ele, em participar do PECCP, e também, por concordar em participar desta entrevista. Iniciei, perguntando como se deu o seu primeiro contato com a música e com o Choro. Adelmo, como que em tom de formalidade, externou o imenso prazer, em estar sendo entrevistado por mim. Relatou, que o seu contato com a música, se deu primeiramente no seio familiar, a começar pelo seu avô, que tocava rabeca. Também, que desde criança, via seu pai e sua mãe minha mãe, tocando violão. Assegura, que geneticamente falando, acredita ter recebido esta influência, desde o seu avô. Entretanto, acredita que quem o ensinou primeiramente, foi Deus, pelo fato de o primeiro tom que aprendeu, foi Mi menor, ensinado por minha mãe e, os demais acordes, desenvolveu sozinho, e, também, vendo as

¹³⁹ Momento em que eu e minha namorada fomos até sua residência, para leva-la a um dos programas Silêncio da Seresta (Nota do Pesquisador).

outras pessoas tocarem; que a partir daí, começou a desarnar¹⁴⁰ e ainda hoje, continua aprendendo.

Relatou, que começou a aprender música cedo e, aos quinze anos mais ou menos, já estava fazendo alguma “zoada”. Nunca ganhou um tostão com a música e sempre tocou por prazer. Seu pai, era barbeiro, mas tinha sempre seu dinheirinho, para fumar o seu cigarro e para tomar a sua cachacinha; nunca lhe faltava nada. Andava com o seu violão para todos os cantos, o povo dizia que ele era vagabundo, que não queria prestar e, que só queria ser bebedor. Reafirma, que sempre tocou por prazer, para se alegrar e alegrar as outras pessoas. Nunca cobrou nada de ninguém, nem nunca aceitou o que lhe ofereciam, com o receio de que fosse cobrado: “Eu não queria que quando tivesse tocando, chegasse um cabra e dissesse: Toque essa! Tá entendendo?” (Entrevista com Adelmo Soares, em 12.10.2019).

Em seguida, expôs, que há muito tempo, escuta Chorinho; quando anda no seu carro, em casa, no rádio, sempre escuta música. Pelo fato de gostar do violão e da Seresta, já tocou em muitos locais e com várias pessoas. Informou, que passou muito tempo, aprendendo com certos violonistas de nome, em Mossoró, entre os quais pode citar o “Mobral”¹⁴¹, de quem não sabe o nome, mas lembra de algumas orientações que obteve com ele, no início da sua juventude. Também, compartilhou momentos musicais com Zé Neto, um relojoeiro, que sabia tocar bem o violão. Outro violonista que conheceu, foi Zé Ferreira, que tocava muito com Otaviano Pinto¹⁴². Relata, que teve ainda, o grande prazer de conhecer e tocar com o seu grande amigo, Zé Lucas e, entre eles, com quem esteve muito tempo junto, tocando e fazendo Seresta, foi Manoel Caraúbas, mais conhecido como Manoel do Violão, que se encarregava dos solos, e ele, Adelmo, o acompanhava, fazendo a harmonia.

Adelmo, diz ser um apaixonado pelo Chorinho e, que, muitos dos seus colegas o sabem, devido o hábito de sempre, ouvir este gênero musical. A este respeito, reforça, que o professor Lima Neto, falava que ao chegar no Supermercado São Lourenço, no cruzamento da Rua Nilo Peçanha, com a Rua Afonso Pena, no Bairro Bom Jardim, ao escutar um Chorinho, tocando em um carro, sabia que era ele. Afirma, que nunca vai esquecer suas palavras: “Quando vejo Choro no carro, sei que você está por perto, porque a coisa mais difícil no mundo é alguém escutar isso; só escuta quem gosta, e eu, sei que você é um fã!”

¹⁴⁰ Expressão coloquial, cujo significado, é desenvolver um aprendizado, em alguma coisa (Nota do Pesquisador).

¹⁴¹ Mobral – Como era conhecido um popular que tocava violão pelos bares principalmente do Bairro Paredões, o qual não encontrei quem soubesse informar o seu nome (Nota do Pesquisador).

¹⁴² Otaviano Pinto – Sanfoneiro bastante conhecido em Mossoró e Região, em função do seu grupo Otaviano Pinto e Seu Regional, do qual era sanfoneiro. (Nota do Pesquisador).

Apesar de ser admirador do Choro, Adelmo assegura nunca o ter executado como solista, e que chegou a fazer acompanhamento no Bar do Erasmo, para um acordeonista Manoel Petronilo de Souza, conhecido como Nelito, mas o fazia, motivado mais por curiosidade. Quando Nelito chegava com o acordeão, quase sempre, aparecia uma pessoa com um cavaquinho, outra com um pandeiro e, então, ali se fazia ali um Choro, mas nada de muito grandioso.

Com respeito à sua participação no Projeto de Extensão Chorinho na Praça (PECCP), conta que antes do convite que eu fizera, tinha comprado um violão de 7 cordas e, muita vontade de aprender. Então, com essa motivação, para não ficar parado dentro de casa, começou a assistir no *You Tube*, grandes violonistas, acompanhando Choro. Concorda com Zé Lucas, em poder dizer que seu professor, também, foi o disco de vinil. Destaca, que, para aprender a tocar desta forma, é preciso ter muita força de vontade, porque às vezes, a rotina de trabalho o deixa um tanto sem disposição, e, que ficar em frente a um computador, às vezes o deixa enfadado.

Hoje, Adelmo, participa de todas as atividades do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). Enfatiza, que está passando por um momento de grande aprendizado, ao tocar com os colegas que ali estão. Concebe, que os demais frequentadores, são pessoas que têm um bom conhecimento musical; alguns não sabem tocar por partitura, mas têm conhecimento de tocar por ouvido e, são pessoas experientes.

Demonstra ter orgulho em dizer que já cantou e que eu já “bateu” violão em muitos bares, que já fez muitas serestas, mas, na realidade, nunca teve a experiência se apresentar em um palco. A sua primeira vez neste sentido, aconteceu no Teatro Lauro Monte Filho, em 23 de abril do ano em curso, na abertura das comemorações do Dia Nacional do Choro. A este respeito, sorri e comenta:

Naquela noite, eu tremi nas bases. Nunca tinha me apresentado num palco para tanta gente e, com tantos músicos de nome, aqui em Mossoró e até mesmo no Rio Grande do Norte; pessoas que andam até o Brasil inteiro, não é? E eu, tive esse prazer, essa experiência e, na realidade, tremi nas bases. Mas, aos poucos, a coisa foi se contornando (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Acrescenta que através dos incentivos pelos colegas que com ele compartilharam este momento, saiu fortalecido com a experiência.

Prossigo a entrevista, e indago sobre algumas pessoas e locais com quem e em que ele, afirmara ter tocado. Adelmo, relata que tocava muito no Bar do Erasmo, muito conhecido naquela época, localizado na Rua marechal Deodoro, esquina com a Rua Prudente de Morais,

no Bairro Paredões. Tocou, também, no Bar do Cabo Geraldo, situado em frente ao Colégio Estadual Cunha da Mota, no mesmo Bairro. Segundo ele, outro bar muito conhecido, muito renomado e que era frequentado por muita gente da sociedade, gente bem-conceituada, que era o “Ponto Frio”, localizado na Rua Santos Dumont, no Centro da cidade, mais precisamente na descida da ponte, no sentido alto de São Manoel, Centro. A Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), foi outro local em que chegou a tocar e a cantar. Relata com nostalgia, que nos tempos de sua juventude,

[...] às vezes, ficava andando e brincando por aí e, o pessoal, chegava e dizia: vamos “pra” ali, tocar! Aí, eu andava Mossoró todo, não é? Do alto de São Manoel¹⁴³ à Baixinha¹⁴⁴, podia juntar sapato que não dava, porque eu andava muito. (risos) A gente, começava de noite mesmo e amanhecia o dia; naquele tempo, a gente podia fazer essas coisas. A gente, na realidade, tinha a liberdade de brincar e de executar o violão com prazer e da maneira que a gente gostava (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Indagado se chegou a tocar em algum programa de rádio, respondeu que se apresentou em uma faculdade, em um evento de pequeno porte, do qual não tem muitas lembranças. Apresentação em rádio, assegura que somente na Rádio Rural de Mossoró, com o Projeto do Chorinho na Praça (PECCP).

Em meio à entrevista, comentei que lembrava, às vezes, em que nos encontrávamos no Supermercado São Lourenço, próximo à minha residência, e que a gente conversava a respeito da necessidade de um espaço para se tocar Choro em Mossoró, momentos em que ele, de forma recorrente, externava sua vontade de estudar o violão de 7 cordas. Adelmo concordou com a lembrança, e disse que tinha vontade de aprender a tocar o Chorinho, vontade esta que nunca vai findar, apesar de sua vivência musical ter acontecido no âmbito da seresta.

Entende ser muito importante para ele, não ter vergonha de dizer que aos sessenta e quatro anos de idade, diante de tudo que já fez, a parte do seu aprendizado musical que considera primordial, vem acontecendo, após os sessenta anos. Relatou, que ficou com mais vontade de aprender e, que a sua participação no PECCP, o despertou cada vez mais. Comentou também, que fazem uns cinco anos que possui um violão de 7 cordas, e, que antes do Projeto, seus estudos eram monótonos e sem um objetivo fixo. Atualmente, de acordo com o tempo que dispõe, estuda às vezes, duas horas, às vezes três horas por dia. Ao estudar uma escala, por exemplo, a exercita para fazer em todos os acordes e, também, os contrapontos nos

¹⁴³ Bairro situado na Zona Leste de Mossoró (Nota do Pesquisador).

¹⁴⁴ Local situado na Zona Noroeste de Mossoró, atualmente, Bairro Santo Antônio (Nota do Pesquisador).

bordões. Afirma, que em todos os dias, está sempre aprendendo mais alguma coisa. Novamente, enfatiza o aprendizado, com os colegas do Projeto de Extensão:

Eu não sou muito de falar, mas a cada vez que eu vou para um ensaio, é difícil que eu não vá com uma coisa que eu tenho aprendido de novo, dentro do 7 cordas, dentro do contraponto, mas eu não saio dizendo: eu fico pra mim, não é? E fico ali, na minha, procurando ver se vou aprendendo mais, com todos vocês, que na verdade como eu já disse, são grandes músicos, pessoas que realmente conhecem do traçado e, isso, nos ajuda (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Em tom de conversa, continuo a entrevista, com a exposição de que a exemplo dos demais colegas chorões, percebi desde os seus primeiros momentos no Projeto do Chorinho na Praça (PECCP), a sua preocupação em estudar mais o violão, em estudar repertório de Choro; sua preocupação em repassar as músicas, em não fazer de qualquer maneira.

No Projeto, temos três momentos: os Ensaios Abertos de Choro (EACs), em que a gente nos permitimos a uma certa informalidade, as Rodas Abertas de Choro (RASCs), em que nos preocupamos mais com a postura de palco, e, os momentos das apresentações, fora do Rust Café, em que atendemos às solicitações, a cada dia mais frequentes, pelos diversos segmentos da sociedade local. Perguntei, então, qual o significado que o Projeto tem para ele, e, se tem algo a sugerir para a sua otimização. Com voz assertiva, Adelmo respondeu:

Os ensaios abertos trazem para mim, bastante proveito, porque a gente “tá” ali e, de repente, chega alguém que quer participar daquele momento. E se vem, traz alguma coisa, algum aprendizado. Não existe essa de dizer que ninguém sabe de tudo, nem que não sabe de nada: todos têm o que aprender um com o outro. Às vezes, a gente faz um Ensaio Aberto de Choro e, chega uma pessoa, pedindo para cantar uma música e, você pode até achar que aquela pessoa pode estar sendo inconveniente, mas você não percebe que dentro daquele ser humano que está ali, ele pode estar alguém, trazendo algo de proveitoso pra você, certo? Você pode até conhecer a melodia da música, mas pode ser que ele chegue com algo diferente, pode chegar transformando aquela melodia dentro da mesma tonalidade, trazendo algo participativo, e que pode ser até mais bonito do que o original, que a gente conhece. Então pra mim, eu acho que esses ensaios abertos trazem bastante proveito. Na realidade, você prima por isto, e eu acho correto! (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

A sua exposição me chamou a atenção e, uma vez perguntado se já havia lido obras do grande educador, Paulo Freire, Adelmo comentou que já ouviu falar, mas nunca leu nada deste autor. A exemplo desta exposição, citou uma das RACs, em que participou um acordeonista, do Estado do Ceará, a convite de Cláudio Henrique Pereira de Araújo, regente da Orquestra Sanfônica Municipal Otaviano Pinto, da Secretaria Municipal de Cultura:

Ele chegou ali, pegou a sanfona e fez algo realmente algo diferenciado do que a gente fazia, daquela rotina, nas nossas rodas abertas, o que foi muito proveitoso! Eu acredito que enquanto mais puder abrir para que as pessoas

possam participar, nós só temos a ganhar! (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Com respeito às solicitações para apresentações em eventos diversos, Adelmo, diz que entende serem muito proveitosas, porque mesmo que a gente já saiba alguma coisa, reforçam em nós, o desejo de aprimoramentos, como a seleção do repertório, a escuta mais acurada, e tudo que for possível, para fazermos uma apresentação mais primorosa.

Comentei que, na segunda edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), tivemos dois momentos, em que as rodas de conversa aconteceram, a partir da exibição de vídeos. O primeiro, foi conduzido por Fabio Roberto Monteiro de Lima (Fabinho), instrutor musical da Escola de Música D'Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da UERN, que expôs alguns vídeos a respeito da história do Choro, e de suas características estilísticas. Perguntei se ele, já tivera alguma experiência semelhante, com relação ao respeito do Choro. Adelmo, declarou que assiste vídeos no *You Tube*, mas, que foi a primeira vez, em que ele vivenciou naquela forma e, que acredita, ter sido de grande proveito para todos, porque apesar de alguém tocar um instrumento, não significa dizer que possa ter a mesma percepção, ao colher informações de um palestrante. Reforça, que Fabinho, é um músico completo e profundo conhecedor do Chorinho.

Volto à instigação, desta feita, com respeito ao segundo vídeo, momento em que eu, fiz uma exposição sobre o emprego das sequências harmônicas, em várias tonalidades. Adelmo, julgou ser de suma importância, pois em muitos casos - como é o dele - , afirmou, as pessoas tocam “de ouvido” e não querem dar muita atenção àquilo que é escrito, como uma partitura ou uma cifra: “A gente vai amadurecendo e vai vendo que se você não lê uma partitura, não custa nada ouvir aquilo que estão lhe transmitindo, porque de qualquer maneira, todo conhecimento é aprendido!” Aproveito para asseverar que ele toca “de ouvido”, mas isso de maneira nenhuma, diminui o resultado sonoro e, segundo a concepção dos demais participantes do Projeto, faz o acompanhamento dos Choros, muito bem.

No que diz respeito ao estudo musical em contextos formais, Adelmo informou que há uns cinco ou sete anos atrás, chegou a fazer inscrição no CMDSNF, e que recebeu uma apostila para fazer uns testes¹⁴⁵, mas, em chegando o dia, não se submeteu ao mesmo. Nunca

¹⁴⁵ Teste de aptidão musical – Estes testes foram idealizados por mim, com objetivo de evitar que as pessoas dormissem na Praça Miguel Faustino, para assegurarem vagas nas matrículas, e também, amenizar problemas gerado pela evasão de alunos. Esta informação encontra-se pormenorizada no Primeiro Capítulo, desta Dissertação (Nota do Pesquisador).

teve aulas de Teoria e Percepção Musical, mas entende e lê a cifra alfa numérica, a mais popular.

Continuei a fazer minhas incursões. Relatei ter observado sua uma preocupação frente às nossas participações, nas sextas-feiras, no Programa Silêncio da Seresta, veiculado pela Rádio Rural de Mossoró, que vêm acontecendo como um desdobramento do PECCP. Perguntei o que significa ele este desdobramento. Adelmo, disse ser primeiramente, uma responsabilidade a mais, para todos aprenderem mais e, se apresentarem melhor (risos). Afirma que na verdade, tudo vem através do Projeto do Chorinho na Praça, que é o carro-chefe e, o Programa Silêncio da Seresta, “bateu” com aquilo que começara na sua vida musical, que foi a seresta, e, continuou:

Mas, o Silêncio da Seresta, é uma responsabilidade a mais, porque a cada vez que a gente chega ali, tem a vontade de atender o ouvinte, da melhor maneira possível, de executar um instrumento da melhor maneira possível, para que a gente possa demonstrar o porque de a gente estar ali; não adianta estar ali, só por estar. Aquilo ali, é para a gente, um aprendizado a mais, essa é que é a verdade! (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Instigado pela curiosidade e pela clareza com que expunha seu ponto de vista frente aos acontecimentos no PECCP, prossegui, tomando como motivo, a observação feita por ele, de que, com o encerramento do período institucional do Projeto, em maio de 2019, estávamos dando muita atenção às músicas de Seresta e, chegou até a sugerir que voltássemos a praticar mais o Chorinho. Indagado sobre qual a razão desta preocupação, respondeu:

Veja bem: eu acredito que é devido eu já ter um conhecimento maior na parte da seresta e, devido eu gostar muito do Gênero, Choro e, estar preocupado com os Choros que a gente já aprendeu, ficarem meio “de segunda”, e eu não quero que isso aconteça; quero que fique pelo menos equiparado, “tá” entendendo? E uma outra coisa: graças a Deus, eu sou uma pessoa muito conhecida aqui dentro de Mossoró. E hoje, quer queira quer não, através do Projeto, eu passo na rua e as pessoas dizem: Olhe o homem do Chorinho! E perguntam: Hoje tem ensaio? E outras pessoas ficam cobrando: Ei, vocês futuramente pretendem gravar um CD de Chorinho? Aí eu digo: Rapaz, eu não sei; isso vai depender da nossa estadia. Pode até ser que um dia a gente grave! Então, essa preocupação, é porquê eu comecei com a seresta, e o Chorinho, eu sempre gostei, mas nunca tive a participação como tenho hoje (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Ao perguntar se ele tem alguma sugestão para o caso de uma próxima edição do Projeto de Extensão Chorinho na Praça (PECCP), sua resposta foi incisiva e imediata:

A sugestão que eu tenho a acrescentar vai depender de você mesmo; é que você pegue o bandolim, porque nós estamos sentindo falta ali de um bandolim. Não sei se estou correto, mas o acordeão no Choro é bonito, mas como o bandolim ou cavaquinho no solo, é diferente. Eu digo isso porque

“você se preocupa em aprender tantos instrumentos, procura aprender a rabeca, o bandolim, o sax, tá tocando agogô, zabumba, e esse negócio todo no grupo, mas que na realidade eu cheguei a ver você tocar no bandolim, no tempo do Grupo Ingênuo de Chorinho, eu ia, convidado por Lima Neto, ver vocês tocar e ficava ali, babando, mas na minha, bem caladinho. Parece que naquele tempo você usava o bandolim mais à vontade, não era? (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 12.10.2019).

Além de ser uma pessoa sensível nos relacionamentos interpessoais, Adelmo, também o é, no que concerne à arte musical. Suas colocações, são bastante pertinentes, e, sua postura, exterioriza uma percepção aguçada e crítica, do contexto em que está inserido.

Informado de que a entrevista estava por terminar, Adelmo, acrescentou que está muito satisfeito e agradecido, porque certa vez o meu irmão, Marcos Batista de Souza, queria fazer uma entrevista com o seu pai e, como este já era falecido, ele o representou ante às informações a serem colhidas, para uma pesquisa monográfica sobre os músicos barbeiros em Mossoró. Também, que neste segundo momento, por estar sendo entrevistado por mim, ressaltou: “Isso aí, pra muita gente, pode não ser nada, mas pra mim é um motivo de orgulho!” (Entrevista com João Adelmo soares, 12 de outubro de 2019).

Com respeito à preservação de sua identidade frente a entrevista, sorrindo, disse que preferia ver seu nome aparecer em letras garrafais e, que quanto a isso, não teria problema. E arrematou: “Não sei se a entrevista foi do seu agrado, mas se não foi, veja aí o que pode fazer por a gente!” Novamente, os risos (Entrevista com João Adelmo soares, 12 de outubro de 2019).

3.4 Chorar é preciso: de volta aos palcos da vida

Neste tópico, apresento as narrativas dos idosos, com respeito às motivações que os fazem convergir a novos contextos sociais e artísticos, instigadas, a partir de suas atuações no PECCP. A retomada da prática instrumental, que engloba a utilização da voz cantada e dos instrumentos comuns às rodas de Choro (violão de 7 cordas, violão de 6 cordas, cavaquinho, flauta transversal, saxofones soprano, alto e tenor, além de diversos instrumentos de percussão), vem sendo comprovada nos Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas Rodas Abertas de Choro (RACs), e, também, nas apresentações realizadas através do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). A ampliação/inclusão de possibilidades ao convívio sociocultural, vem sendo atestada, nos encontros previstos, nas apresentações em transmissora de rádio, rede de televisão e, em eventos diversos, fruto de solicitações, por vários segmentos da sociedade.

Outro aspecto observado, tem sido a crescente participação de novos chorões e aficionados ao gênero musical, que vem proporcionando reencontros destes, consigo e com os outros, na busca das velhas partituras, impressões fonográficas, audições, na expectativa da criação do Clube do Choro, na cidade de Mossoró, e, na organização do livro *A História do Choro em Mossoró-RN*. Também, como desdobramento do Projeto, faço menção a aspectos que dizem respeito aos ensaios, na residência dos participantes, realizado nas quintas-feiras, das quinze às dezoito horas, e também, às vezes, das vinte às vinte e duas horas, com vistas às apresentações no Programa Silêncio da Seresta, transmitido nas sextas-feiras, das vinte às vinte e duas horas, pela Rádio Rural de Mossoró. Nestes momentos, além do Chorinho, são revividas, ao som do Bolero, da Balada, da Canção, da Guarânia, da Toada e do Samba-Canção, entre outros ritmos, verdadeiras pérolas da música popular brasileira, em sua maioria, executadas na Época de Ouro do Rádio (1930-45),¹⁴⁶ e, eternizadas na voz de nomes como Aaulfo Alves, Dalva de Oliveira, Nelson Gonçalves, Augusto Calheiros, Núbia Laffayette e tantos outros. A este respeito, Jourdain (1998), explica que toda esta efervescência é provocada pela música, que nos tira dos nossos hábitos mentais congelados e que quando esta cessa, voltamos para as nossas cadeiras de rodas mentais.

Iniciando as entrevistas, de Zé Lucas, percebi, através da observação participante, que o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), em sua primeira edição, lhe trouxe uma motivação para a retomada da prática instrumental, de forma mais acentuada, no bandolim. Com relação ao cavaquinho, ele reclamou que devido estar parado durante muito tempo, os calos nos dedos haviam “se acabado” e as cordas deste instrumento, “pareciam navalhas nos seus dedos¹⁴⁷”. Entretanto, estava aos poucos, lembrando de alguns, dos muitos Choros que executava.

Quando das nossas visitas, em Ubaia-CE, Zé Lucas, ainda se recuperando do acidente vascular cerebral, em vários momentos, demonstrou ter esquecido alguns Choros. Na primeira visita, em 29 de dezembro de 2018, tentou executar alguns Chorinhos no bandolim, porém, vez por outra, a palheta lhe caía das mãos. Na segunda visita, em 23 de março de 2019, por ocasião do seu aniversário, Zé Lucas acompanhou ao violão, todos Choros que executamos e, se arriscou em alguns improvisos, nos presenteando com sua fertilidade musical e, acima disto, com o seu progresso na recuperação de sua saúde.

¹⁴⁶ Diniz (2003, p. 32).

¹⁴⁷ Os instrumentistas que executam cordofones, desenvolvem calosidades, na extremidade dos dedos, devido ao atrito constante destes, com as cordas, o que lhes ameniza o incômodo inicial causado pelo atrito e, uma maior condição, para a emissão sonora (Nota do Pesquisador).

Sua participação no PECCP, provocou expectativas entre os demais participantes. Zé Lucas, que nunca frequentou ensino formal de música, é reconhecido no cenário musical de Mossoró e circunvizinhança, como um exímio instrumentista. Na primeira edição do Projeto, as rodas de conversa ainda não tinham sido consolidadas e, as informações que socializávamos, aconteciam de forma ocasional e esporádica, nos nossos encontros.

O segundo momento de entrevista, com João Adelmo Soares (Adelmo), aconteceu em 09 de janeiro de 2020, na sua residência; a percepção que tive, foi a confirmação, através das suas narrativas. Bem mais à vontade, relatou, que em muito, preza pela continuidade do PECCP, além de ter uma compreensão abrangente e sensível, do contexto em que está inserido. Quanto à inserção do gênero musical, Seresta, se mostrou favorável, porém, com a atenção, para que o Choro, não venha a ficar em segundo plano. Devido à participação no PECCP, encontrou motivação para intensificar seus estudos, no violão de 7 cordas, em sua residência, nos quais, chega a praticar por no mínimo, duas horas diárias. Adelmo, também, canta Choros e, muitas músicas da Seresta, da qual, domina um vasto repertório, assimilado durante sua trajetória de vida. Na condição de professor de Música, afirmo que ele tem uma voz privilegiadíssima, com as qualidades necessárias, a quem faz uso da voz cantada.

Quando apresentei a Zé Lucas, as leituras que fiz, a partir do que assinala Tardif (2002), no que concerne aos saberes da experiência, à troca de saberes, às interatividades e interações entre professores e outros atores, e, perguntei qual o seu entendimento, ele relatou, que não sabe o que dizer a respeito, pois há muito tempo, está “por fora;” não sabe avaliar isso, porque hoje, ninguém mais, fala de Choro. Na sua concepção, a música é muito extensa e, muitas vezes, “o cabra”, sabe alguma coisa.

Com relação a estas afirmações de Tardif, (2002), o chorão João Adelmo Soares, entende que, nós que vivenciamos o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), aprendemos muito, uns com os outros. Segundo o que vem percebendo, cada um ensina aos demais, com suas experiências e, também, levam algum aprendizado, algo de proveitoso, com as experiências dos outros:

[...] os dias vão se passando e nós, vamos procurando ver nas pessoas, aquilo que elas podem nos oferecer, e, nós, também oferecemos aos que estão presentes, alguma coisa daquilo que aprendemos, do que já passamos e, também, do que temos a aprender. Muitas vezes, você ‘simplifica’ um músico, que não sabe ler uma partitura, que não sabe ler uma cifra, mas que dentro de si, tem muita coisa a lhe oferecer, devido os conhecimentos que vem adquirindo em sua vida! (Entrevista com João Adelmo soares, 12 de outubro de 2019).

Para Iolanda, no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), existe a troca de saberes, a exemplo da inquietação de Adelmo, sempre em querer saber o porquê das coisas. Também, aqueles que estão adotando o hábito da pesquisa, movidos pela participação no Projeto e, também, aqueles que, mesmo na sua maneira reservada de ser, nos ensinam muito, só com a postura que adotam, no Grupo.

Quanto ao fomento do Choro, através do PECCP, Adelmo, afirmou que hoje, conseguimos atrair pessoas idosas, que mesmo não sendo instrumentistas, frequentam os nossos encontros, como também, jovens, que nem pensávamos que um dia iriam se interessar por este gênero musical, e, comenta:

Eu, posso falar que sou um influenciador do Choro, a começar aqui dentro da minha casa, porque meus filhos, todos, gostam de música, mas esse pessoal novo, gosta é de pagode e essas coisas... não é? Mas, depois que eu comecei a ter mais intensidade com o Choro, eles, que gostam muito de instrumentos de percussão, já vi muitas vezes, acessarem Choros, no *You Tube*, e, aderirem a esta situação. Quanto ao Projeto, e isso é muito certo, nós temos pessoas dentro do nosso grupo, que em outros tempos, já tocaram em outros grupos, em bandas, e na realidade, eu noto, que neste Projeto, eles que eram mais acostumados com a Seresta e o Forró, mesmo tendo tocado algum Choro, não tinham essa intensidade que estamos tendo agora. Estão vivenciando mais o Choro e, eu percebo que isto veio depois do Projeto. Isso é tão forte – e a gente já conversou, aqui, no início –, que mesmo pessoas que não tocam, mas que admiram, estão marcando presença. Outros, que eu conheço, chegam pra mim e dizem: Rapaz, eu ainda não fui olhar vocês tocando, porque ainda eu não tive tempo, mas gosto muito desse tipo de música e, querem participar, de alguma maneira; e, existem outros, como você tem conhecimento, que são guitarristas, que tocam outros gêneros de música, mas que realmente, reconhecem o que é o Gênero do Choro e, que este Projeto está revolucionando tudo isto, que estou falando. (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Iolanda, concebe a este respeito, que os participantes do PECCP são agentes multiplicadores, na divulgação do Chorinho, ao considerar que, até mesmo, nos momento em que não estão tocando, as pessoas a abordam, no sentido de saberem quando acontecerá a próxima roda de Choro, e, o que é preciso fazer para participar do Projeto. “Eu acredito que eles, os participantes do PECCP, estão fazendo um trabalho sensacional!” (entrevista com Iolanda, 09.01.2020).

Com respeito às afirmações de Grunewald (2007) e Kurz e Morgan (2012), sobre a necessidade de serem construídos espaço a apropriados para a inserção de idosos, tais como oficinas, grupos e/ou cursos profissionalizantes, com vistas a amenizar o isolamento social, que enfraquece as relações constituídas ao longo da vida, por vivenciarem ao longo do tempo, o desfazer dos círculos de amizade, entre os quais, o círculo de trabalho acontece de forma mais acentuada, Zé Lucas, concordou com a ideia dos autores, pois para ele, as pessoas não

dão mais valor ao Chorinho, e, hoje, quem está velho, não tem mais onde tocar esse gênero de música; hoje, ninguém fala mais em Chorinho. Relembrou, que no tempo de sua participação no PECCP, voltou a praticar o bandolim, mas que atualmente, onde mora, não tem com quem praticar. Indagado sobre o que significaram aqueles momentos em que ele voltou a tocar Choro, respondeu:

Rapaz, eu me sentia muito bem! Agora hoje, é que eu me vejo só: não tenho com quem conversar, nem tenho com quem tocar. Então, quando eu vejo vocês e Pedrinho, lá da Lagoinha, é quando eu treino. Agora, eu me sentia muito bem naquele tempo, em praticar o Chorinho, com gente que sabia até mais do que eu, “né”? Me sentia muito bem! (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

Os reclamos sobre a falta de espaço para a execução do Choro, são recorrentes em suas narrativas. Em todos os contatos que mantenho, por telefone, ele pergunta quando nós iremos novamente à Ubaia, para um dia de roda de Choro.

À indagação, proposital, se ainda tem vontade de tocar Choro, Zé Lucas respondeu:

Rapaz, vontade eu tenho, mas eu “tô” aqui e não tem disco, não tem CD, nada eu tenho. Não tenho radiola... se disser assim: vai tocar com quem, não tenho! Tem assim, Pedrinho, quando a gente se encontra vez por outra. Mas se aparecer com quem, eu tenho vontade! (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 03.11.2019).

Com respeito às afirmações de Grunewald (2007) e Kurz e Morgan (2012), sobre tais necessidades, João Adelmo, entende que uma grande parte da sociedade, vive hoje, praticamente isolada, por falta de Projetos como esse. É necessário ter alguém que realmente, possa ficar à frente, para unir pessoas que já passaram por sua mocidade, e, por estarem com uma idade mais avançada, precisam de um maior apoio social, mediante ao mundo em que hoje vivemos. Esse Projeto do Chorinho e, a sua vertente, a inclusão da Seresta, para ele, vem trazendo algo de muito satisfatório e, acredita, que os colegas que estão envolvidos, também devem estar gostando bastante. Relatou, deveria existir mais ações, com que as pessoas pudessem se agregar em determinado momento e ambiente, para se alegrarem e reviverem momentos passados, para assim, viver melhor o momento presente; que isto, seria uma grande contribuição de vida.

Iolanda, por sua vez, concebe que o Grupo, está em um processo interessante, e, alguns dos participantes do PECCP, comentam sobre a necessidade de haver mais contatos, mais movimento, de convidar mais pessoas, porque, a velha geração, tem realmente, poucas opções. E acrescenta, que o nosso grupo de Chorinho, está conseguindo tirar pessoas de dentro de casa, que tinham vontade de sair, independente de segurança, ou não. Acredita, ser

perfeita a afirmação, e, gostaria muito, que conseguíssemos realizar um movimento maior do que temos feito até o presente momento.

Quanto à heterogeneidade dos participantes de uma roda de Choro, Cazes (1999, p. 113), afirma que “Uma roda de verdade é aquela que mistura profissionais e amadores, gente que toca melhor ou pior, sem nenhum problema”. A este respeito, Zé Lucas, entende que “Se o ‘cabra’ faz o serviço direitinho, se tem um ouvido bom e é inteligente, tem a possibilidade de participar”. João Adelmo, diz concordar plenamente com o autor, pois tem observado tal acontecimento, em vários lugares e momentos em que tocou com o PECCP. Apesar de se considerar um principiante em rodas de Choro, entende que, de acordo com suas vivências na música, se coloca sempre como um aprendiz, mas, que também, tem algo a ensinar aos que se fazem presentes. Iolanda, diz que percebe isto no nosso Grupo, de alguns integrantes, que começaram a participar do Projeto, de forma insegura e, hoje já o fazem, sem nenhum problema. No que se refere à sua pessoa, afirma aprender muito, também, ao observar a digitação dos violonistas, uma vez, que em conhecimentos iniciais, quanto ao instrumento.

Com respeito à afirmativa de Levitin (2010), de que para muitas pessoas, a preferência musical a ser apreciada no futuro depende dos esquemas cognitivos musicais formados nos hábitos de audição na infância, Zé Lucas, disse que concorda com o autor, pois com ele, “...foi assim, escutando o rádio” (Narrativa de Zé Lucas, Ubaia-CE, 13.01.2020).

A assertiva, de Levitin (2010), é também acatada por João Adelmo. Este chorão, comentou, que as pessoas de mais idade, já passaram por determinadas situações na vida, que permitem terem boas recordações, como o fato de já terem ouvido e tocado determinado gênero de música, ao ouvirem novamente, sentem uma grande satisfação. Quando está nas rodas de Choro, Adelmo percebe que isto ocorre e, arrisca afirmar, que na época em que as pessoas (idosas) viveram. Era um acontecimento/forma de se aproximarem, como acontece hoje em dia, quando dos nossos encontros no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), como consequência do que ele, há um tempo atrás, ouviu, se identificou e, agora, deseja reviver esses momentos de que traz lhe boas lembranças.

Iolanda, entende que no seu caso, existem as lembranças, mas também, a influência familiar foi decisiva para a sua formação do gosto musical, porque os encontros família Miranda, eram sempre e, acima de tudo, musicais. Afirma que isto ocorre com ela, uma vez, pertencer a uma família de músicos, muito embora, autodidatas, e, que “[...] naquela época, a gente conseguia captar o que melhor se podia, em termos de música: flauta, cavaquinho, violão e, então, ‘pra’ mim, os ensinamentos daquela época funcionam de uma maneira sensacional” (Entrevista com Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Quanto a afirmação de Bosi (2004, p. 18), de que “A função social do velho é lembrar e aconselhar - *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”, Zé Lucas, concebe que hoje em dia, os jovens não querem aprender Chorinho, pois para tocar ou acompanhar este tipo de música, é preciso ter inteligência e praticar muito. Para Adelmo, através do idoso, é que podemos nos espelhar, para buscarmos aquilo que desejamos aprender, porque ele, é uma pessoa que, por suas vivências, tem muito a oferecer; basta que queiramos os escutar. Acredita que o idoso é uma “ponte” entre tudo o que se iniciou antes de uma geração, e o que hoje se apresenta, em termos de conhecimento. Iolanda, concorda com a autora, por entender que hoje em dia, a cultura repassada aos jovens, é efêmera e, muito voltada ao consumismo; que os idosos, carregam os saberes adquiridos nas próprias vivências.

Ao informar, sobre a afirmação de Jourdain (1998), de que a efervescência provocada pela música nos tira dos nossos hábitos mentais congelados e, que se esta cessa, voltamos para às nossas cadeiras de rodas mentais, os chorões envolvidos nesta Pesquisa, demonstraram convergência em seus entendimentos.

João Adelmo, concorda com o autor, porque percebe em nós, que fazemos parte do PECCP, a busca por aprender cada vez mais a respeito do Chorinho, a busca por coisas novas, a busca por tirar a “mesmice” das nossas vidas e, através da música, trazer coisas melhores para nós e para os outros. Entende, que a felicidade que demonstramos quando estamos tocando, é também, transmitida para aqueles que nos assistem.

A este respeito, Iolanda, informa que sente a necessidade de participar das atividades do PECCP, pois acima de tudo, é um aprendizado, que:

[...] faz uma falta tremenda, quando chega esse negócio de recesso, e a gente, fica naquela ansiedade de que chegue logo o dia de ensaio; quando dá dezessete e trinta, dezoito horas, já tem que eixar tudo pronto, para poder ir ao ensaio. Às vezes, o ensaio pode até não ser tão “rendoso”, o que é perfeitamente normal, mas que faz uma falta imensa, quando não acontece (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Ao perguntar em que sentido lhe faz esta falta, responde que acredita influenciar até no bem-estar, pois volta de alma nova, depois de duas horas e meia, de música, independente de ter todo mundo ter tocado tudo de maneira acertada, ou não, pois, já não existem mais lugares onde se possa escutar tão belas melodias.

Ao ser inquirida, se tem alguma dificuldade frente à participação no PECCP, afirma: “Não, ainda não. Apesar de eu ser meio traquina, ninguém ainda, não me chamou a atenção!” (Entrevista com Iolanda, 09.01.2020).

Com relação à utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), Silva e Alves (2019, p. 1), afirmam que “[...] a inclusão social, passa a ser uma imposição da sociedade pós-moderna, sob pena de os idosos, que não se integram a este universo digital/comunicacional, ficarem numa situação de abandono e esquecimento”. Czaja e Lee (2007), dizem que podem ser consideradas um dos fatores que mais segregam a população idosa, na atualidade.

Uma vez utilizarmos algumas formas destas NTICs, no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), inquiri a Zé Lucas, sobre o que pensa, com relação a estas afirmações, preferiu não falar nada a respeito, em razão de não fazer uso de tais inovações. Antes da resposta, expliquei a ele, em como utilizamos algumas destas novas tecnologias, no PECCP.

Na compreensão de Adelmo, a utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), é de suma importância, pois ele, apesar de ter um conhecimento básico a respeito, as sempre utilizou. Antes do PECCP,

[...] olhava alguma coisa no computador, no celular, no *You Tube*, para ver alguma coisa de música, mas era menos interessante do que é hoje. Hoje, veio mais aquela vontade de olhar mais e, ter mais algum aprendizado. Isso, me trouxe um bom benefício, porque eu não tinha esse hábito, graças a Deus. O Projeto exige de mim, que eu tenha um pouco mais de aprendizado, e eu, só posso aprender, se utilizar esses mecanismos da tecnologia, da modernidade; essa é que é a grande verdade! (Narrativa de João Adelmo soares, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Para Iolanda, a utilização das NTICs, no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), está lhe possibilitando novos aprendizados, a partir da necessidade de realizar a pesquisa de músicas, em *sites* que antes, não conhecia. Também, a fazer uso de algumas ferramentas, no computador e no *smartfone*, as quais, antes do PECCP, não tinha necessidade.

Quanto ao desejo que temos em criar o Clube do Choro, em Mossoró, e também da organização do livro *A história do Choro*, em Mossoró-RN, Adelmo, afirmou ser de muita importância, ao relatar:

Ótima ideia! Acredito que nunca é tarde para conseguirmos aquilo que almejamos. Eu acredito que já “tá” chegando tarde; já era para existir. Não sei se é porque eu gosto e admiro tanto, mas “tô” dizendo, isto de coração e, que na realidade, é uma boa notícia e, que venha logo, porque, Mossoró, está precisando” (Narrativa de João Adelmo Soares, Mossoró-RN, 09.01.2020).

A este respeito, Iolanda Miranda, diz:

Ave Maria, já deveria ter sido criado! No início, teve muita gente boa, que tocava, mas de uma certa forma, a coisa ficava restrita a quatro paredes, e Choro, não é isso; é preciso, como um dia eu já lhe falei, chegar

“descaradamente” em uma praça dessa, sentar e tocar, não só para reforçar o objetivo do Choro na praça, mas também, para facilitar àquelas pessoas que têm dificuldade em se deslocar, e, nesses momentos, reverem uns aos outros, irem se comunicando, mais ou menos, como está acontecendo no Programa Silêncio da Seresta: uma pessoa liga para a outra e diz: “olha, hoje é sexta-feira, tem o Silêncio da Seresta, e, de repente, fica todo mundo ligado, que vai ter o Programa, naquele horário” (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Com respeito à sua motivação em participar do PECCP, Adelmo, comentou que se deve ao fato de que sempre, teve o desejo de participar de uma roda de Choro. Lembra que em Mossoró, já viu alguns grupos de Choro, mas que nestes, não existia a oportunidade para as pessoas de participarem e, como é o seu caso, de extravasar a vontade de tocar Chorinho. Conta que nestes momentos, se sentia inibido em consultar os integrantes, sobre esta possibilidade, e, que o tempo, foi passando e ele, cada vez mais se distanciando. Narra ainda, que apesar de ter muito cedo, iniciado o aprendizado no violão, somente após os sessenta anos, é que veio tocar em uma roda de Choro e isto, fez com que a responsabilidade aumentasse, pois precisa tocar melhor, quando das apresentações no Projeto.

Em referência ao que o PECCP representa para ele, Adelmo relata: “Tudo. Musicalmente falando, tudo. Todas as necessidades que se fazem necessárias para um músico, nós encontramos nesse espaço!” (Entrevista com Adelmo, 09.01.2020). A este respeito, expressou, Iolanda:

Ai Carlinhos, “pra” mim, é uma bruta de uma viagem! Eu sonho em chegar bem mais além, mas também, retorno a uma época em que éramos todos unidos e bem juntinhos, não é? Lembra aqueles momentos familiares, em que a gente era feliz, independente de onde morava, de onde estava, a gente tinha aquele dia “pra” encontrar todo mundo, então, era quase que um banquete “pra” a alma. Voltar a ouvir todas aquelas músicas, algumas significa um estado de graça, para mim (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Quando da última visita que fiz, em 03 de novembro de 2019, por ocasião da primeira entrevista, e, também, da segunda entrevista, em 13 de janeiro de 2020, por telefone, via *whats app*, Zé Lucas, me perguntou quando retornaríamos novamente a Ubaia, para passarmos um dia inteiro, tocando Chorinho. Relatou que na próxima oportunidade, vai convidar “Pedim¹⁴⁸” e o Mestro Mauro Jerry¹⁴⁹, para tocar conosco, e, que é muito ruim ficar sem ter com quem executar o Choro. Respondi, que levaria o recado aos colegas chorões e,

¹⁴⁸ Agricultor, violonista autodidata, residente em Quixeré-CE, exímio instrumentista, e, que gosta muito de tocar Choro (Nota do Pesquisador).

¹⁴⁹ Mauro Jerry Gomes, é egresso do Curso de Música, do DART/FALA/UERN e regente da Banda de música da Baraúna-RN. É um grande músico e arranjador (Nota do Pesquisador).

para amenizar a ausência do Chorinho em seu cotidiano, deixei com ele, um *pen drive*, com aproximadamente duzentas músicas, para ele escutar no *mini system*, que também, o presenteei, em novembro de 2018, com o objetivo de que ele retomasse à prática instrumental e, se sentisse motivado para permanecer tocando no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP).

Fotografia 9 - Entrevista com Zé Lucas em Ubaia-CE, em 03 de novembro de 2019.¹⁵⁰



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

Indagado se existe algum Choro que marcou algum momento de sua vida, Adelmo, sorri e, responde: “Carlos, eu não sei se é porque eu sou um apaixonado pelo Choro e, choro quando não toco. Não sei dizer se gosto mais de um, do que de outro, porque, ‘pra’ mim, todos são marcantes.” Relembrou os momentos em que ao se encontrar com o Prof. João Lima Rocha Neto (Lima Neto), este o reconhecia “pelo ouvido”, por causa do som do seu carro, que quase sempre, está tocando Chorinho.

No mês de junho de 2019, os Ensaios Abertos de Choro (EACs) e as Rodas Abertas de Choro (RACs), foram momentaneamente suspensos, em função das atividades desenvolvidas no Ciclo Junino, pela Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM), através da Secretaria Municipal da Cultura (SMC). Ao perguntar a Iolanda Miranda Costa (Iolandinha), sobre o que significou para ela, esta interrupção, a mesma relatou:

Nossa, foi uma topada! Porque eu fiquei perguntando pra onde é que eu vou nas segundas-feiras, não é? Chegar a noite e ter o que fazer, ter pra onde ir, aprontar música e coisa e tal, tudo isto estimula gente! (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.01.2020).

Atualmente, o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), teve o seu período institucionalmente encerrado, mas ficou decidida por todos os participantes, a sua

¹⁵⁰ No canto inferior direito, o *minisistem* e o *pendrive*, doados ao entrevistado (Nota do Pesquisador).

continuidade, independentemente de qualquer condição. Iolandinha, relatou que “A gente decidiu continuar com os encontros da família”! Atendendo a pedidos de alguns chorões que encontravam-se impossibilitados de participar dos encontros de Choro, à noite, chegamos a realizar alguns encontros no Rust Café, aos domingos, no período das dezesseis às dezenove horas, de maneira a aproveitar a convergência dos participantes do Projeto Viva Rio Branco.

Voltando a Iolandinha, perguntei: “O que significaria pra você, se o Projeto encerrasse e não tivesse mais continuidade?” Sua resposta, carregada por franzir de testa:

Ai, seria horrível. Eu ia ter que procurar alguma coisa pra... Não, Carlinhos, por hora vamos ver se a gente se segura! Primeiro, é uma forma de a gente se ver todas as semanas. Depois de amanhã tá fazendo trinta dias que a gente não se encontra. Você sabe que eu sou uma pessoa que preza muito pelo aprendizado. Todos os dias que eu fui pra lá, eu aprendi alguma coisa (Narrativa de Iolanda Miranda Costa, Mossoró-RN, 09.01.2020).

João Adelmo Soares, expôs que deseja a continuidade do e Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), e, que o mesmo, aconteça de uma forma mais incrementada: “Agradeço pelas apresentações que estamos fazendo ultimamente, a convite de diversos segmentos da sociedade!” Destaca, que para são muito prazerosas, principalmente para as pessoas que já se encontram em certa idade e passaram por determinadas situações de vida: “Deus ajude que neste final de ano aconteçam muitas solicitações e que no próximo ano a gente continue!” Ressalta, que fazemos os encontros e as apresentações simplesmente pelo prazer de tocar e, que apesar das nossas humildes apresentações, algumas pessoas o abordaram perguntando quanto era o *cachê* cobrado pelo Grupo, o qual, respondeu, que não cobramos nada. Para Adelmo, a necessidade que sente para tocar, reside na felicidade que as apresentações proporcionam a si e aos outros. Diz, ser movido, também, pela vontade de fazer alguém feliz. Percebe que muitas das vezes, as pessoas estão angustiadas, amarguradas, presentes nas apresentações somente com corpo, mas o espírito está muito distante, e, através da música, elas se recobram e ficam com o perfil, completo.

A esse exemplo, comenta sobre a apresentação realizada no Instituto Amantino Câmara, o abrigo para idosos, que funciona nas dependências da Paróquia de São José, localizada à Rua Wenceslau Braz, no Bairro Paredões, em Mossoró-RN. Percebeu a alegria dos idosos e teve a notícia de que os comentários positivos foram vários. De forma semelhante, aconteceu uma apresentação no Clube Reviver, da Terceira Idade¹⁵¹, onde tivemos uma noite realmente magnífica, reconhecida por todos. Ainda hoje, quando as

¹⁵¹ Grupo formado por idosos de vários segmentos da sociedade mossoroense (Nota do Pesquisador).

pessoas o encontram em qualquer na rua, ficam perguntando quando a gente vai voltar. Para ele, o interessante, é isto.

Inquirido a respeito do que significa para ele voltar a tocar, participar do Chorinho, do Silêncio da Seresta, voltar a cantar as músicas que cantava há algum tempo, as apresentações que fazemos, Adelmo, entre risos, respondeu: “Tô me sentindo um artista. Por isso que eu disse que minha vida musical começou aos sessenta anos!” (Entrevista com Adelmo, 12.10.2019).

Para Dona Neném, irmã de Adelmo, o PECCP não deve parar, pois pessoas, principalmente as idosas, precisam escutar músicas de qualidade, o que não vem sendo oportunizado pelos veículos de comunicação em massa. No dia 09 de novembro de 2019, a pedido seu, realizamos uma roda de Samba, Choro e Seresta na sua residência, com início às nove horas e término às dezesseis horas, dentro da proposta da democratização e difusão do Choro. Neste momento, vários familiares e amigos compareceram, se confraternizaram e alguns participaram cantando sambas e músicas de seresta.

Peço licença para fazer alguns registros pessoais, com relação à necessidade do fazer artístico. Tocar Choro é para mim um retorno às minhas origens. Às origens das lembranças, das escutas, de uma identidade. Quando exponho os reclamos de alguns músicos sobre a falta de espaços para se executar Choro, principalmente, me incluo entre eles. A realização do PECCP, veio contemplar este um anseio, para também e de certa forma, administrar meu tempo para voltar ao fazer musical, tendo em vista o compromisso de estar como músico entre meus pares. Ser professor de música, como sou, não significa necessariamente ser músico instrumentista, pois as rotinas acadêmicas e as exigências quanto à publicação periódica de trabalhos (artigos, livros, capítulos de livros, resumos expandidos e etc.), congressos, as orientações acadêmicas, os projetos de extensão e de pesquisa, as reuniões das mais variadas naturezas, entre outras, não nos permitem ser músicos executantes. Para mim, não executar diariamente um instrumento musical é, por demais, frustrante.

Em continuidade ao Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), e, de forma mais ampliada, conseguimos a aprovação, sem diligências, do PECCP, no Edital de Resultado parcial da seleção e Institucionalização das ações de Extensão submetidas ao Edital nº 01/2019-PROEX/UERN, com vistas à atribuição de carga horária referente aos semestres letivos 2020.1 e 2020.2. Desta feita, o Projeto será executado em parceria com a Rádio Rural de Mossoró, através do Programa Silêncio da Seresta, e do Rust Café, que possibilitarão a sua otimização de logística e de abrangência do público-alvo.

UM CHORO QUE NÃO TEM FIM

Enquanto eu tiver forças, continuarei soprando,
mesmo que seja, só para tirar a poeira
do meu saxofone!

Maestro Batista (2007)

O contexto social brasileiro é marcado por desigualdades, em que o negligenciamento a algumas classes, é motivo de lutas e mobilizações sindicais, em prol da garantia dos direitos garantidos por lei. Diariamente, são noticiados descasos com relação ao cumprimento das prerrogativas aos trabalhadores(as), estabelecidas na Constituição Brasileira, sem distinção de qual seja a esfera governamental. Imaginemos: se as classes de trabalhadores, atualmente, em sua maioria, supostamente protegida por seus sindicatos ou associações travam uma luta diária, na defesa das suas garantias, o que dizer daqueles(as) que jamais são vistos como classe? Ao prefaciar o livro *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi (1994, p. 11), João Alexandre Barbosa, expressa que “[...] a mulher, a criança e o velho não são classes: são antes aspectos diversificados e embutidos por entre as classes sociais”.

Na apresentação, da mesma obra, Marilena Chauí, diz que “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”. E arremata: “Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...]”, pois “Os velhos são guardiões do passado” (CHAUÍ, *in* BOSI, 1994, p. 18).

O que fazer então, por estes desvalidos, a não ser lutar pelo cumprimento dos seus estatutos, haja vista que a sociedade rejeita o velho e, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra, apesar de serem a essência da cultura (Josso, 2010). Em se tratando do idoso, recorte que interessa à Pesquisa em tela, a observação ao que preconiza o Art. 3.º, do seu Estatuto, amparado pela Lei Nº 10.471/2003, de 2003, mais especificamente, no que diz respeito ao acesso à cultura e à convivência comunitária, podemos/devemos, fomentar o cumprimento das políticas públicas, de forma a apontar caminhos que assegurem e estimulem ao idoso, o acesso a bens culturais e de lazer.

Ao refletirmos que as limitações humanas, provocadas pelo avanço da idade podem entendidas como deficiência, encontramos também, amparo na Lei 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência): “Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de

condições com as demais pessoas”. A Lei, prevê, no CAPÍTULO IX, DO DIREITO À CULTURA, AO ESPORTE, AO TURISMO E AO LAZER “Art. 43 O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo [...]”.

Nesta diretriz e, em atendimento à política extensionista da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a consolidação do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP) é uma realidade, comprovada nas duas edições (2017/2018 e 2018/2019), através das ações conjuntas entre seus participantes. Apresenta características de enfrentamento simbólico às efemérides/modismos, na área musical, impostas pelos meios de comunicação de massa, como nos alerta Freire (1987), que ocorrem nas sociedades cujos interesses de grupos, classes e nações dominantes se fazem imperar.

O Projeto, encontra raízes no empoderamento defendido pelo autor, a partir da ação/reflexão individual e coletiva, dos seus participantes, ao se envolverem, na busca de assegurar espaço para a prática de sua identidade cultural, em que a retomada do saber/fazer musical se tornou, antes de tudo, um exercício de cidadania, ao “Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, [...]” (FREIRE, 2009, p. 41). O reconhecimento de suas potencialidades e do pertencimento de si, no cenário do Choro, foram/são – e o digo assim, pelo inacabamento das coisas - objetos de interpretação, que impulsionam as ações emancipatórias, aqui, percebidas.

À luz do Método (Auto) Biográfico, interpreto as narrativas das histórias de vida de três chorões, idosos, na busca de que sejam entendidas as contribuições do PECCP, frente à retomada do saber/fazer cultural e inclusão de idosos. Suas narrativas, descrevem a dinâmica e os desdobramentos em suas participações, neste Projeto de Extensão Cultural, convergem, para a retomada da prática instrumental e da escuta do Choro, a partir da sua primeira edição.

A perspectiva metodológica, me possibilitou fazer novas leituras de mim e do mundo em que estou inserido, de forma a enxergar em mim e no outro, sutilezas e miríades das subjetividades. Mexeu com minhas memórias, construídas em uma história de vida marcada pelos encantamentos sonoros do dia a dia, no lar, no trabalho e, me evocou lembranças quase esquecidas, revivências carregadas de emoções e valores dos quais, eu ainda, não dava conta, tamanhas as dimensões. Em Freire (2009), me aguçou a percepção para o valor das coisas inconclusas, inacabadas, em construção permanente.

As singularidades e pluralidades das narrativas de cada chorão, desvelam um universo particular, construído e que caminha de mãos dadas, com o coletivo. Entre elas, os relatos de um idoso, que, pelas limitações de mobilidade, impostas pela idade e pela exclusão, frente às

Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), me faziam, deslocar semanalmente, ao seu local de trabalho e à sua residência, para que, viesse a participar dos Ensaio Abertos de Choro (EACs) e as Rodas Abertas de Choro (RACs), do PECCP. Em tais momentos, o idoso, chorão, discorria de forma repetida, suas narrativas, sempre com o mesmo enredo: a falta de espaço para a execução e audição do Choro. Este, foi o mote que me faltava, para a escolha do problema deste trabalho dissertativo.

Ao trazer em pauta as narrativas (Auto) biográficas dos chorões, idosos, pude entender como foram/são construídos os saberes de suas histórias de vida. As experiências formadoras, permeadas pelas subjetividades advindas das formas de pensar, em cada contexto/concepção que marcaram suas trajetórias de desenvolvimento pessoal, social e profissional.

A confirmação da troca de saberes, o reconhecimento de si e do mundo que os cerca, as contribuições do PECCP frente à criação de espaços contra o isolamento sociocultural dos idosos, o enfrentamento da insegurança (o medo do palco) nas apresentações para um público seletivo e, o receio da descontinuidade do Projeto, me fizeram acreditar no alcance dos objetivos encetados na Pesquisa.

Tomei a liberdade de me fazer ponte, entre eles e os jovens que participaram do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), em função da minha faixa etária e, também, de ter transitado nas duas escolas musicais: 1- a da vida, em que a transmissão oral e a percepção musical se faziam imperar e, 2- a do ensino formal, onde predominaram/predominam os conteúdos teóricos e a racionalidade cartesiana. A convivência com músicos autodidatas e o trânsito em instituições de ensino formal de Música, me permitem, na condição de como músico e educador musical, me sentir um elo entre os dois perfis.

Necessário é dizer que, no início, relutei com a ideia de me submeter a um mestrado em Educação, pois o eu queria mesmo, era uma pós-graduação na área musical. Contudo, a Linha de Pesquisa “Práticas Educativas, Cultura, diversidade e Inclusão”, me possibilitou a desconstrução do paradigma, delineado em minhas concepções. Primeiro, porque tive a oportunidade de enxergar na Perspectiva (Auto) Biográfica, uma nova possibilidade de autoconhecimento e de autoformação. Segundo, porque “A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: [...], é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 2010, p. 82). Por si só, isto já me seria motivação suficiente, apesar de que neste momento, mais do que nunca, fazer música, é uma necessidade/desejo imperiosa(o) para mim; enquanto não toco, não sublimo as melodias que reverberam, de maneira incessante, em meus sons interiores. Ao

me deparar com esta fronteira que une dois mundos, encontrei o que buscava: estava sim, fazendo música!

Para a compreensão e interpretação das narrativas (Auto) biográficas dos idosos, procurei levar em consideração as variáveis intrínsecas às suas histórias de vida e concepções, quanto ao significado do Choro. Restringi a preparação das narrativas, a uma temática e, desta forma, me senti contemplado com a autora, no que afirma, a respeito da “higiene mental”, no sentido da margem de liberdade de pensamento e das narrativas, frente à atenção consciente, ao que foi utilizado de si, pelos idosos entrevistados.

Realizei as entrevistas narrativas em dois momentos, o que me permitiu o amadurecimento de alguns entendimentos, fundamentados em Bosi, de que “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão” (BOSI, 1994, p. 39), e em Josso, ao abalizar que “O vaivém entre essas narrativas provoca novas interrogações e permite o avanço da compreensão do processo de formação” (JOSSO, 2010, p. 149).

Alicei o esteio para a abordagem, no vínculo de amizade e confiança, com os recordadores, defendido por Bosi (1994), pelo fato de manter com Zé Lucas, uma aproximação, desde criança, iniciada em minha residência. Segundo Halbwachs (1990), em nenhum outro lugar da vida social a convenção se faz mais imperiosa, do que na família. Com Iolandinha, pelo relacionamento profissional que tivemos, na Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini (EMMDPC), da Fundação Municipal de Cultura (FMC), nos anos 2000. Antes disso, a construção da estima, vinha sendo tecida, meio que de longe, através do convívio urbano de nossos pais. Por último, com João Adelmo, a construção foi mais recente, iniciada pelas ocasionais conversas tínhamos, nas quais, a temática, era a falta de espaço na cidade, para a manifestação do Choro.

Na primeira edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), as Rodas Abertas de Choro (RACs), aconteceram na última quinta-feira de cada mês, no horário das vinte às vinte e duas horas, mantido para todos os encontros de Choro. Movidos pelo empoderamento e manifestação da nossa identidade musical, deliberamos, em comum acordo, o atendimento a convites, dos vários segmentos da sociedade. Assim, realizamos a primeira RAC, para além do Rust Café, em dezembro de 2018, em atendimento ao convite da Paróquia de São João Batista, da cidade de Apodi-RN. Na oportunidade, além dos chorões envolvidos no Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), participaram também, os chorões apodienses, Antonio Celso do Nascimento (Toinho de Nozin) – bandolim, Celso

Nascimento Filho – cavaquinho e, Romildo Alves de Freitas Júnior – pandeiro. Alguns músicos, integrantes da Banda de Música Amâncio Leite, daquela cidade, se fizeram presentes, como ouvintes.

Na segunda edição do Projeto, em observação às sugestões pelos participantes chorões e ouvintes do PECCP, mais acentuadamente pelos dos, passamos a realizar os encontros, semanalmente, com os Ensaios Abertos de Choro (EACs), nas três primeiras segundas-feiras e, as RACs, nas últimas segundas-feiras de cada mês. Em suas narrativas, os idosos demonstravam ansiedade pela intensificação dos encontros, pois segundo eles, as quintas-feiras em que não aconteciam, “se tornavam “vazias”. Uma vez mantida a abertura ao atendimento de solicitações dos diversos segmentos da sociedade, realizamos em dezembro de 2018 e em março de 2019, com a participação assídua de quatro instrumentistas idosos, duas RACs, em Ubaia-CE, em visita a Zé Lucas. No mesmo ano, promovemos outras Rodas Abertas de Choro: em abril, no Teatro Lauro Monte Filho e na Escola de Artes de Mossoró, em comemoração ao Dia Nacional do Choro, em maio, no III Encontro de Músicos de Mossoró, realizado no Clube Carcará, em junho, no Programa Domingo Alegria e na Capela de Santo Antônio, e, em setembro, no Grupo Reviver (3ª Idade) e no Instituto Amantino Câmara.

Nesta edição, a participação dos idosos que retomaram suas práticas instrumentais, através do PECCP, passou a acontecer de maneira mais constante e substancial, enquanto que a participação contemplativa, por aqueles que iam somente apreciar as audições, caiu significativamente, devido ao clima de insegurança gerado pela crescente onda de violência, registrada na cidade. Mesmo assim, alguns idosos, passaram a se deslocar até o estúdio Mons. Américo Vespúcio Simonetti, da Rádio Rural de Mossoró, para escutar os Choros, quando da participação do PECCP, no programa Silêncio da Seresta, às sextas-feiras, das vinte às vinte e duas horas, sob apresentação do Prof. Edvar Nunes Duarte. Para fazerem a mobilização entre si, passaram alguns, a fazer uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), através de em que passaram a compartilhar das informações a respeito do universo do Chorinho, através do grupo de *Whats App*, denominado Choro na Praça.

Com o propósito de delinear minhas considerações, faço aqui uma breve descrição dos chorões envolvidos na Pesquisa. José Antonio da Costa (Zé Lucas), aprendeu a executar o violão, o cavaquinho e o bandolim, de forma autodidata e, vivenciou o Choro, como instrumentista. Devido a problemas de saúde, atualmente, encontra-se parcialmente impossibilitado de praticá-lo.

Iolanda Miranda Costa (Iolandinha) vivenciou o Choro, no seio familiar e chegou a executá-lo esporadicamente, através da execução vocal. A expectativa dos encontros de Choro e das apresentações, a organização da sua pasta com o repertório a ser cantado, o aprendizado e a utilização de alguns instrumentos de percussão, têm amenizado o sentimento de solidão, causado pela recente perda de sua mãe. Nos dias em que por algum motivo não ensaiamos, lhe provocam um sentimento de vazio.

João Adelmo Soares (Adelmo), sempre foi aficionado ao Choro, como ouvinte, e, apesar de uma vasta experiência, como violonista seresteiro, somente veio praticar o Choro, com a sua participação, na segunda edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP). A abertura a novos aprendizados, de novas músicas, e, o sentimento de se sentir e ser visto como artista, quando das abordagens na rua, pelos os ouvintes do Silêncio da Seresta, o fazem assegurar que sua vida musical está começando, após ao seu ingresso no PECCP, associado ao fato de que, próximo de sua aposentadoria, encontra mais tempo para se dedicar aos estudos musicais. Com esta nova realidade, passou a adotar uma rotina de até três horas diárias, em sua casa, segundo ele, “para tocar melhor, o violão de 7 cordas” e, assim, fazer apresentações mais dignas de serem escutadas. Adelmo demonstra interesse em aprender espanhol, por considerar uma língua muito bonita, e, desejar cantar algumas músicas do gênero de Seresta, neste idioma. Também, almeja aprender música, teoricamente. Há alguns anos, fez inscrição para se submeter ao Teste de Aptidão em Música, no Conservatório de Música D’Alva Stella Nogueira Freire (CMDSNF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mas desistiu. No PECCP, relatou que teve experiências musicais que ansiou durante toda a vida.

Na busca da compreensão dessas narrativas, formulei os questionamentos: 1- será que os idosos sentem o mesma necessidade?; 2- será que eles têm a mesma vontade de voltar a conviver, tocar, escutar com a prática do Choro?; 3- Eles se sentem motivados nos desdobramentos do Projeto? 4- Eles narram suas vivências/experiências com o mesmo saudosismo? 5- Eles têm a mesma concepção sobre a falta de espaço para suas manifestações de identidade cultural? 6- Eles se sentem na mesma intensidade, isolados culturalmente? 7- O que significa o PECCP para eles?

Na condição de formador, me senti contemplado em Josso (2010), quando a autora fala sobre o problema da mobilização da capacidade reflexiva, em tempo, que, como pesquisador, me vi à procura das modalidades de cointerpretação entre os narradores e eu. Ao me espelhar na autora, para, com algumas adaptações que considerei pertinentes, estabelecer uma correlação entre os fazeres pelos idosos e minha observação participante, descritas no 2º

Capítulo e, as narrativas do 3º Capítulo, encontrei esteio para interpretar as narrativas, ao delimitar três eixos:

1- Aprender a (saber/fazer), através da escuta e a observação do que se passou/passa, de forma a transitar entre o passado e o presente, meu e, dos idosos observados. Como estudante e autor da formação, criamos, igualmente, por meio da escrita, uma memória, para nós e para os outros, do modo como decidimos nos envolver na pesquisa-formação, para a qual fomos/somos convidados. É importante, considerar, que a narração, é formulada pela reconstituição do que se considera como experiências significativas, para explicar e compreender, nas suas histórias de vida, o que hoje, elas entende, ser, ou significar, no meio em que vivem (Josso, 2010);

2- aprender com quem (receber informações). Alguns chorões demonstraram expectativas frente às considerações teóricas, apresentadas pelos chorões mais novos, principalmente, naqueles que frequentaram/frequentam o ensino formal em instituições de ensino musical, como escolas de músicas, conservatórios e faculdades de música. Para dois dos participantes, o valor da experiência foi decisivo para o resultado dos seus aprendizados, na prática, considerando que a música é dom de Deus, e, atribuindo um sentimento de valor, aos próprios esforços. O pensamento encontra suporte em Josso, ao asseverar que “Em linguagem corrente, *aprender pela experiência* é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas” (JOSSO, 2010, p. 35). Os idosos, demonstraram gratidão e pertença, ao se sentiram valorizados, como alvos da Pesquisa;

3- aprender a dar sentido a (elaborar uma significação). Entre os entrevistados, houve diferentes concepções quanto à significação e/ou ressignificação de seus fazeres musicais, no que concerne maiormente ao universo do Choro. O encorajamento para a retomada do saber/fazer, através da prática do Choro, vem contribuindo para a elevação da autoestima, e da motivação de viver, ao retornarem ao convívio artístico, com o qual se identificam, e, a aquisição de novas experiências, como o se apresentar pela primeira vez, em um palco, para pessoas que na concepção deles, “entendem de música”.

O empoderamento de sua identidade musical, foi atestado ao sugerirem, pela continuidade do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), uma vez terminado o seu período institucional, em março de 2019. Os desdobramentos do Projeto, como as apresentações em atendimento a segmentos diversos da sociedade são vistos como conquistas de espaços para o fazer cultural e o exercício da identidade cultural. Também, a aprovação do Projeto de Extensão Cultural Choro e Seresta (PECCS), aprovado no edital de carga horária docente da UERN, para os semestres 2020.1 e 2020.2, vêm a cada dia,

agregando valores aos fazeres musicais. Estamos dando continuidade aos ensaios, desta feita, no Espaço Cultural Maestro Batista¹⁵², e as apresentações, no Programa Silencio da Seresta, também, todas as sextas-feiras, das vinte às vinte e duas horas.

Na condição de autor-escritor, me sobreveio o momento de tensão, entre o olhar de criança, que tinha de mim mesmo, e o olhar de hoje, que tenho de mim mesmo, quando criança. Em Josso (2010), ao afirmar que as crianças vêm o mundo com lentes grandes, tive o cuidado com os riscos de não superestimar minhas experiências, vistas com os olhos/repertório de hoje. “Esta aventura de conhecer a si mesmo, todo ser a vive. É ela que dá sabor, sentido e luz à vida” (Charles Juliet, *in* Josso, 2010, p. 208).

Da mesma forma, e talvez, com maior cuidado, mantive a postura, em relação à visão que os chorões idosos fizeram de si, em suas narrativas. Ao me lançar no jogo das interpretações, não me furtei, em alguns momentos mesmo sem fazer o registro escrito, em fazer juízo de valor, devido o fato de conhecer alguns aspectos de suas histórias de vida. Contudo, para minimizar riscos, me estribeei, também, na asserção de que “A linguagem do corpo é o reflexo externo do estado emocional da pessoa. Cada gesto ou movimento pode ser uma valiosa fonte de informação sobre a emoção que ela está sentindo num dado momento” (ALLAN; PEASE, 2005, p. 19).

Para compreender/interpretar a fenomenologia das narrativas, precisei me colocar na posição de ator-escritor, de autor-leitor, e, fazer o distanciamento de mim mesmo e, dos idosos entrevistados. Os realces dados por eles, foram motivos de alguns cuidados, apesar de em momento algum, eu ter duvidado, pois a linguagem corporal, a expressão facial, a entonação da voz, ao meu ver, estavam em perfeita conexão com cada momento das narrativas.

Muitos das informações eu até já sabia em todo, ou em parte. Algumas delas, desconhecia completamente. Este momento estive em uma zona sutil com o que Josso (2010) aborda do que vem a ser feita a interpretação pelo ator-leitor, das narrativas, ao autor potencial, das interpretações. O limiar me foi muito tênue. A confrontação permanente entre o autor potencial de uma vida e o autores socioculturais que ouvimos, lemos e com quem falamos no trabalho biográfico, de maneira muitas vezes não consciente ou confusa, pode ser responsável pela maior tomada de consciência oferecida pela abordagem Histórias de Vida. Às implicações existentes nas narrativas, Bosi, nos chama a atenção de que “Entre o ouvinte e

¹⁵² Na residência da minha irmã, Antônia Neuma Batista de Souza, à Av. Santa Luzia, nº 110, Conj. Santa Delmira, nas quintas-feiras, das dezenove e trinta às vinte e duas horas (Nota do Pesquisador).

o narrador, nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido” (BOSI, 2010, p. 90).

As discussões e reflexões convergiram para o reconhecimento dos saberes e pertencas dos atores idosos, participantes do PECCP, de maneira a serem fomentadas/mantidas oportunidades para a prática deste Gênero Musical. Conforme aponta Levitin (2010), a repercussão advinda dos relacionamentos interpessoais e manifestações da identidade cultural, o reviver das memórias vem provocando nos envolvidos, sentimentos, intensificados ao sabor da música.

A realização das pesquisas inventariantes, denominadas Estado da Arte, ou, Estado do Conhecimento, de Estado da Questão, me fazem acreditar na originalidade e no potencial significativo desta pesquisa de dissertativa, pois entre os repositórios verificados, não encontrei publicações que fizessem relação entre o Choro, como gênero musical, e a inclusão de idosos.

As apresentações no Programa Silêncio da Seresta, a aprovação do Projeto de Extensão Cultural Choro e Seresta (PECCS), a criação do Clube do Choro em Mossoró e da organização do livro A História do Choro em Mossoró-RN, em andamento, se mostram como desdobramentos do PECCP, cujas contribuições sociais e científicas se juntarão às demais pesquisas acadêmicas. Para a organização do livro, vários chorões se disponibilizaram em contribuir com suas publicações, entre as quais, Dissertação de Mestrado, Memoriais Descritivos, Monografias, Artigos em jornais, e narrativas Biográficas e, narrativas (Auto) Biográficas, que atestam a vocação da cidade de Mossoró para a manifestação do Choro.

Como pesquisador, aprendi que as necessidades, os desejos e os anseios dos chorões entrevistados, se afinam com os meus, pois compartilhamos a mesma identidade musical, quando se fala de música, e, Choro, apesar da diversidade de contextos vividos. Para eles, o Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça (PECCP), serviu como espaço para amenizar solidão/exclusão cultural em que há anos, se encontravam. Em Bosi (1994), aprendi que as experiências adquiridas com a velhice, não existe para si, mas somente, para o outro e, que, “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”. (BOSI, 1994, p. 82).

A maior lição que aprendi, durante todo este percurso: o melhor Choro é aquele que se chora, acompanhado!

REFERÊNCIAS

- ALLAN; PEASE. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Trad. Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro. Paracatu, 2006.
- ALBIN, Cravo. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Versão online. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br>>. Acesso em: 06 – jun - 2018.
- AMARAL, M. L. F.; JUNIOR, V. P.; OLDENBURG, W. W. **Ritmo e dança na terceira idade, uma experiência interdisciplinar: Um olhar musical**. XIX Congresso nacional da ABEM, 2010 – parte 2. Disponível em: <<http://repositorio.uscs.edu.br>>. Acesso em: 31 – dez - 2018.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Trad. Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 8. Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentares de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br>>. Acesso em: 10 – jun - 2018.
- _____. **Constituição da República Federativa (1988)**. Brasília, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 – fev - 2020.
- BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educ. Pesqui. [online]. 2002, vol.28, n.1, pp. 11-30. ISSN 1517-9702. Disponível em: <<http://dx.doi.org>>. Acesso em: 08 – jun - 2018.
- CARRASQUEIRA, Maria José. **O Melhor de Pixinguinha – melodias e cifras**. Rio de Janeiro – São Paulo: Irmãos Vitale S/A, 1997.
- CARVALHO, Reginaldo de. **Organologia – Princípio, Histórico, Anatomia, Técnica, Particularidade dos Instrumentos Musicais** – Teresina: fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- CAZES, H. **Choro - do quintal ao Municipal**. 2ª. Ed. São Paulo : Ed. 34, 1999.
- DICIONÁRIO Houaiss Eletrônico 3.0**: Ed. Objetiva. 2009.
- Decreto Nº 1414/96, de 05 de junho de 1996**. Oficializa a Criação desta Banda de Música Municipal Artur Paraguai.

Decreto Municipal nº 1416/96, de 05 de junho de 1996. Oficializa o Estatuto da Banda de música Municipal Artur Paraguai.

Decreto Municipal Nº. 1375/95, de 09 de Novembro de 1995. Oficialização do Hino do Município de Mossoró.

Decreto Municipal Nº 1376/95, de 09 de Novembro de 1995. Oficialização da Bandeira do Município de Mossoró.

Decreto Municipal Nº 2213/03, de 15 de maio de 2003. Cria a Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini.

DINIZ, André. **Almanaque do choro: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir.** 2. Ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2003.

DOMINICÉ, P. **A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos.** In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, 143-153.

Editais Nº 005/2005 - CCDT/GR. Diário Oficial do Rio Grande do Norte, Ano 71 • Natal, 06 de julho de 2004 • Terça-Feira • Número: 10.771.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** Educação & Sociedade, ano XXIII, n.º 79, Agosto/2002.

FREIRE, D’Alva Stella Nogueira. **A História da Arte Musical em Mossoró.** Coleção Mossoroense, 1956.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** ed. esp. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, M. S. G.; SILVA, S.; MARTINOFF, E. H. S. **A música toca o idoso.** Revista Extendere, Vol. 3, nº 02, de Jul. a Dez. 2015. www.periodicos.uern.br. ISSN 2318-2350. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br>>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

GALLIAN, Dante Marcelo C. in MEIHY, José C. S. B (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1995.

GOMES, L.; AMARAL, J. **Os efeitos da utilização da música para os idosos: revisão sistemática.** Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br>>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

GUEST, Ian. **Arranjo - método prático.** 1 vol. Rio de Janeiro : Lumiar Editora, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laurence Léon Schaffter. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

JORDAIN, Robert. **Música, Cérebro e Êxtase – como a música captura nossa imaginação.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação** – 2. ed. ver. e ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. 341 p. – (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos da História de Vida).

LARA FILHO, I. G.; SILVA, G. T. da; FREIRE, R. D. **Análise do contexto da Roda de Choro com base no conceito de ordem musical de John Blacking** *Per Musi*. Belo Horizonte, n. 23, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 -jun - 2018.

Lei Complementar Nº 066, de 29 de dezembro de 2011. Dispõem sobre o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração dos Servidores Músicos da Banda de Música Municipal Artur Paraguai.

LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LUCENA, Celia. *in* MEIHY, José C. S. B (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1995.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1997.

MARCONDES, A. M. R. G.; MACHADO, Miriam Carla Marques. **Aplicando arte ao idoso: qualidade de vida e sociabilidade**. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/41177.pdf>>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

MARTINO, E. H. S. **Benefícios da escuta musical orientada na terceira idade**. XIX Congresso nacional da ABEM, 2010 – parte 1. Disponível em: <<http://repositorio.uscs.edu.br>>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

MARTINS, I. C. N. **A Música como instrumento de socialização: um estudo de caso sobre os benefícios da musicoterapia para a saúde e integração do idoso**. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19311/1/2017_%20IsraelCasasNovasMartins.pdf> Acesso em: 31 – dez - 2018.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4. Ed. Brasília: Musimed – Editora e Distribuidora Ltda., 1996.

MEIHY, J.S.B. (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo : Xamã, 1996 (Série eventos)

MICHAELIS, **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Estatuto do Idoso**. Série E. Legislação de Saúde. 1.ª edição, 2.ª impressão, Brasília-DF, 2003. Lei 10.471/2003.

NETO, J. L. R. **O choro: uma breve história**. Memorial Descritivo apresentado no Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de Artes, na Universidade Estadual do Ceará, 2002.

NOGUEIRA, E. J., LIMA, L. J. C., MARTINS, L. A., & MOURA, E. R. (2009). **Rede de relações sociais e apoio emocional: pesquisa com idosos**. Revista de Iniciação Científica. CESUMAR, 11(1), 65-70. Recuperado em 01 fevereiro, 2015, de: <http://periodicos.unicesumar.edu.br>. Acesso em: 06 – jun - 2019.

OLIVEIRA, A. C. de; MOURA, R. M.; CARVALHO, I.; PEIXOTO, M. J. **Musicoembriologia – qual o impacto no neurodesenvolvimento infantil**. NASCER E CRESCER. revista de pediatria do centro hospitalar do porto, ano 2016, vol XXV, n.º 3 . artigos de revisão 159. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> Acesso em: 13 dez.2018.

PESQUISA Quantitativa e Pesquisa Qualitativa: Entenda a diferença [atualizado] por Blog Instituto PHD | fev 23, 2015 | Pesquisas de Opinião, Pesquisas Qualitativas, Pesquisas Quantitativas, Tipos de pesquisas. Disponível em: <https://www.institutophd.com.br>. Acesso em 05 – jun - 2018.

RAMOS. M. D. P; OLIVEIRA. R. C. M; SANTOS, M. R. **Estado da arte da pesquisa (auto)biográfica: uma análise do portal de periódicos CAPES**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 02, n. 05, p. 449-469, maio/ago. 2017.

RIBEIRO, G. M. **A transmissão do choro em Mossoró na década de 1990**. In XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM). Salvador – 2008. Disponível em: <https://artigo.anppom.com.br>. Acesso em: 20 – nov - 2018.

RIBEIRO, G. M. **A transmissão do choro em Mossoró**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, 2009. R484t - João Pessoa, 2009. 158f.

SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de Música: edição concisa / editado por Stanley Sadie; editora-assistente, Alison Latham; trad. Eduardo Francisco Alves**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

SILVA, F. R. A. **A música como fator de inclusão social no processo de envelhecimento**. Disponível em: <http://revistas.icesp.br>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

SILVA, F. C. R.; MAIA, S. F. **Narrativas Autobiográficas: interfaces com a pesquisa sobre formação de professores**. Disponível em: <http://leg.ufpi.br>. Acesso em: 25 – mai - 2018.

SILVA JUNIOR, José Davison da. **Ensino e aprendizagem musical com idosos: situação do campo no banco de teses da capes**. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

SILVA JUNIOR, José Davison da. **Música, idosos e memórias autobiográficas: interfaces de uma pesquisa em educação musical**. 2013 XXI Congresso anual da ABEM, 2013.

SILVA, L. A. M. **Musicoterapia na terceira idade: a influência do canto coral na qualidade de vida do idoso**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br>. Acesso em: 31 – dez - 2018.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. (Org.) **Alfabetização**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000. 173 p.: tab. (Série Estado do Conhecimento, ISSN 1518-3653; n. 1). Disponível em: <portal.inep.gov.br>. Acesso em 11 – jan - 2019.

SOUZA, A. C. B. **O Choro em Mossoró antes do Grupo Ingênuo – 1991**. Memorial Descritivo apresentado no Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de Artes, na Universidade Estadual do Ceará, 2002.

SOUZA, E. C. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br>>. Acesso em: 08 – jun - 2018.

SOUZA, E. C.; OLIVEIRA, R. C. M. **Pesquisa (auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teórico-metodológicos**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – pag. 182-203 (jun - out 2016): “Vozes da Educação.” Disponível em: <www.trabalhosfeitos.com/...PesquisaAutobiografica-e.../54677754.html>. Acesso em: 06 – jun - 2018.

SOUZA, Marcos Batista de. **Uma breve história dos Grupos musicais de Mossoró**. Mossoró-RN: Orbi, 2016.

STRALIOTTO, João. **Interpretação Cerebral do Som e da Música**. Blumenal: Heck publicações, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THERRIEN, J.; NÓBREGA-THERRIEN, S. “**Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas**”. Estudos em avaliação educacional, v.15, n.30, jul.-dez. 2004. Publicado igualmente In: FARIAS, I. M. S.; NÓBREGA-THERRIEN, S.M.; NUNES, J.B.C.. (Org.). Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto. Fortaleza: EdUECE, 2011, v. 1, p. 33-51.

TRAPP, Edgar Henrique Hein; FIGUEREDO, Joice de Oliveira & GEORGETTE, Roberta da Silva. (2016). **Inclusão social do idoso: fatores relevantes e a atuação do psicólogo**. Revista Kairós Gerontologia, 19 (Número Especial 22, “Envelhecimento e Velhice”), pp. 295-310. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br>>. Acesso em: 11 – jun - 2018.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa**. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira (2003). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

ZAHAR – **Dicionário de Música**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1985.

ZAMPONHA, Maria de Lourdes Sekelf. **Curso e dis-curso do sistema musical (tonal)**. São Paulo: Annablume, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Minha residência de infância. Rua Marechal Hermes, nº 26, São José. Mossoró-RN.



Fonte: Foto tirada pelo Pesquisador, em 09.03.2020.

APÊNDICE 2 – Partitura da música tema do programa “Cidade Aflita”.

PROGRAMA CIDADE AFLITA - Tema

Ho-jeeu vou sen-tar a pu - a e não vou li - vrar nin-guém Quem gos-
tar, mui-too-bri-ga - do, não gos-tar, me quei-ra bem Tá na ho-ra da-ver-da-de li - gueo
rá - dio praes-cu-tar Por- quêo po-vo tá fa - lan - do Eu tam-bém pos-so fá - lar.
Quem tem ra - bo - de pa - lha não se me-ta co - mi - go É que ma - to tem o-lho e pa-
re - de tem ou - vi - do re - de tem ou - vi - do. Pom pom pom pom pom pom
pom pom pom pom pom pom pom. Pom pom

Fonte: Partitura editada pelo Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 3A – Dra. ANA LÚCIA OLIVEIRA AGUIAR – Valsa.

1

Flauta Dra. ANA LÚCIA OLIVEIRA AGUIAR - Valsa Autor: Carlos Batista

Allegretto 130

D. C.

Fim *mp* Con tenerezza

3

1. 2.

mf Con passione Cresc. Acell.

Simile *ff* *mf* Cresc..... Acell...

ff

Deseresc..... Rit.

Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 3B – Dra. ANA LÚCIA OLIVEIRA AGUIAR – Valsa.

2

1. 2. Ao e e

Vivace 135

Con grazia

1. 2. D.C. e Fim

À Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, com todo o meu respeito e admiração!

Antônio Carlos Batista de Souza

Mossoró-RN, 13 de março de 2020.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 4 – Meus Instrumentos. Violão *Di Giorgio* Classic Guitar N° 28.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 5 – Meus Instrumentos. Cavaquinho Do Souto, Série Carinhoso Waldir.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 6 – Meus Instrumentos. Bandolim *Giannini*, eletroacústico Série MPB.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 7 – Meus Instrumentos. Bandolim Anderson Santos, 10 cordas, eletroacústico.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 8 – Meus Instrumentos. Guitarra baiana Elifas Santana, modelo Aruana.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

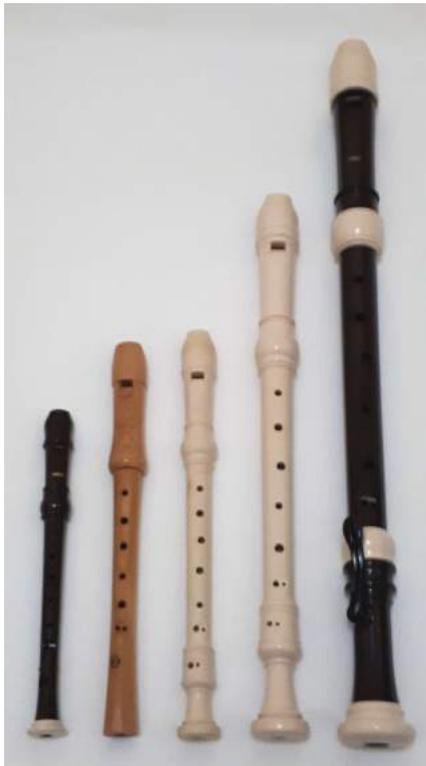
APÊNDICE 9 - Meus Instrumentos. Rabeca¹⁵³. Luthier Gladson.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

¹⁵³ Reformada por mim, Carlos Batista.

APÊNDICE 10 – Meus Instrumentos. Flautas Doce: Sopranino, *Yamaha*, Soprano (barroca), *Moech* Soprano (germânica), *Yamaha*, Contralto, *Yamaha* e Tenor, *Yamaha*.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 11 – Meus Instrumentos. Flautim, *Custom* e Flautim, *Armstrong*.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 12 – Meus Instrumentos. Flautas transversais, soprano: *Yamaha YFL-471-H* 17 chaves (abertas) e *Gemeinhardt 22SP*.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 13 – Meus Instrumentos. Clarinetes: *Buffet Crampon BC20*, *Bb*, 17 chaves e *Amati-Kraslice*, *Bb*, 21 chaves.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 14 – Meus Instrumentos. Saxofone soprano, *Conniff, Bb.*



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 15 – Meus Instrumentos. Saxofone alto, *Conn 20M, Eb.*



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 16 – Meus Instrumentos. Saxofone alto *Winston, Eb.*



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 17 – Meus Instrumentos. Saxofone tenor, *Galasso, Bb.*



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 18 – Meus Instrumentos. Saxofone barítono, Galasso, Bb.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 19 – Meus Instrumentos. Pífaru RMV e Queña.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 20 – Meus Instrumentos. *Ocarina*, pios de pássaros e apitos.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 21 – Meus Instrumentos. Teclado *Yamaha PSR 48*.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 22 – Meus Instrumentos. *Zabumba Contemporânea*.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 23 – Meus Instrumentos. Timba média Contemporânea.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 24 – Meus Instrumentos. Bongô *Luen*.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 25 – Meus Instrumentos. Pandeiro aro 10' Contemporânea e pandeiro aro 10' *Luen*.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 26 – Meus Instrumentos. Tamborim RMV e Agogô médio.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 27 – Meus Instrumentos. Triângulo pequeno, RMV e triângulo médio, RMV.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 28 – Meus Instrumentos. Maracas *Luen* e afoxé, RMV.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

GANZÁ 29 – Meus Instrumentos. Ganzá, Luen e pandeirola. Luen.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 30 – Meus Instrumentos. Pratos (par) fanfarra e banda marcial, Orion 10” c/ alça, Opus.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 31 C - Meus Instrumentos. Claves, liverpool e claves, em ipê roxo.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 32 – Meus Instrumentos. Colheres de pau.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

APÊNDICE 33 – Chorinho. Óleo em cerâmica, da professora e artista plástica, Antônia Neuma Batista de Souza, criado por ocasião desta Pesquisa.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

ANEXOS

ANEXO 1 – João Batista de Souza (Maestro Batista). Banda Municipal Artur Paraguai, meados de 1950.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 1959.

ANEXO 2 – João Batista de Souza e Terezinha Luzia de Souza. Casamento, em 1959.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 1959.

ANEXO 3 - Totôezinho e seu Conjunto. Associação Cultural e Desportiva Potiguar-ACDP, década de 1960. Maestro Batista, ao saxofone tenor.



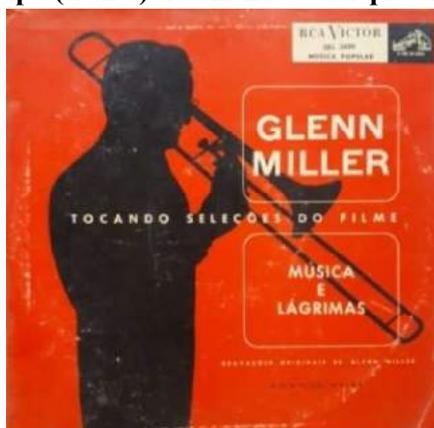
Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 1960.

ANEXO 4 – Eu, Carlos Batista, em frente à radiola *Phillips*. 1965.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 1965.

ANEXO 5 – Capa (frente) de um LP da Orquestra *Glenn Miller*.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 6 - Capa (frente) de um LP da Orquestra *Perez Prado*.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 7 - Capa (frente) de um LP de frevo.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 8 - Capa (frente) de um LP da Orquestra Severino Araújo.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 9 – Totôezinho e seu Conjunto. Meados dos anos 1960. Maestro Batista, com o clarinete.



Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 10 – Batista e seu Conjunto. ACDP, final da década de 1960. Maestro Batista, com o trompete e o saxofone.



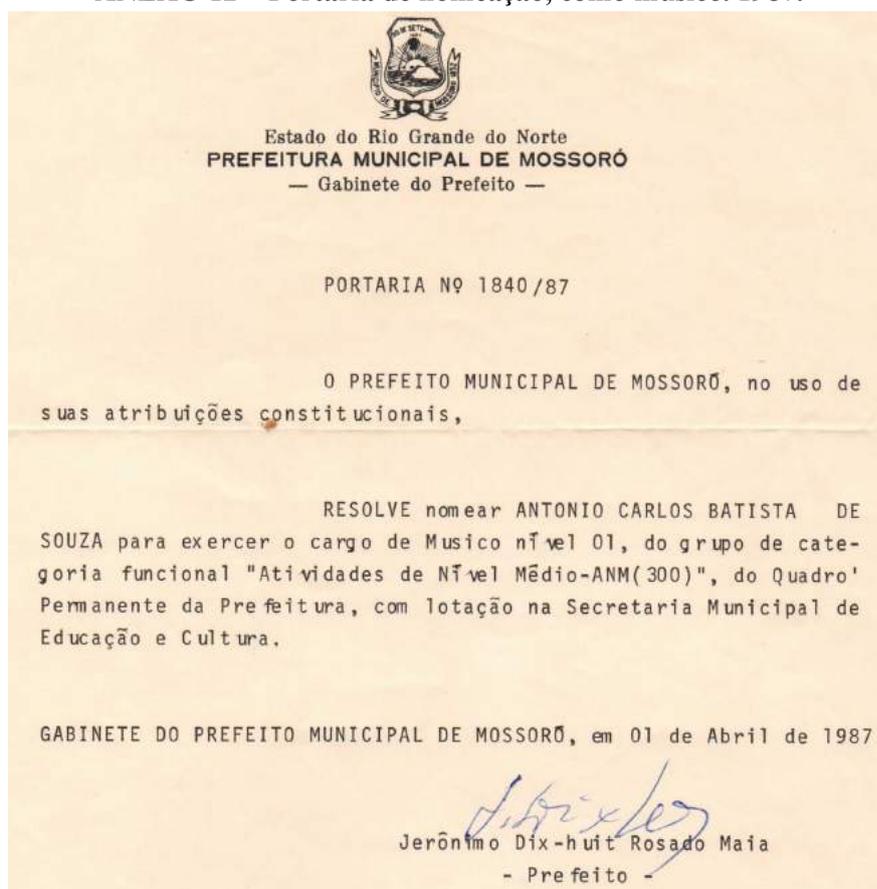
Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 11 - Orquestra de Frevo. Carnaval na Associação Cultural e Desportiva Potiguar (ACDP). Final dos anos 1960. Maestro Batista ao centro, com o trompete.



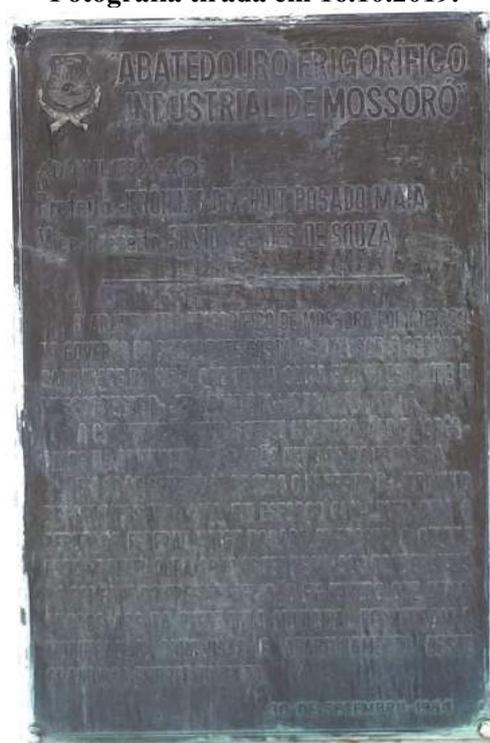
Fonte: Arquivo da família do Pesquisador, 196?.

ANEXO 12 – Portaria de nomeação, como músico. 1987.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1987.

**ANEXO 13 - Placa da Inauguração do Abatedouro Frigorífico e Industrial de Mossoró-AFIM.
Fotografia tirada em 16.10.2019.**



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 14 – Entrada do AFIM. Fotografia tirada em 16.10.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 15 - Grupo Quarto Crescente. Caderno 2, Jornal Gazeta do Oeste, 02.08.1987.

A BANDA QUARTO CRESCENTE

A Banda Quarto Crescente é formada por pessoas que já tinham um trabalho individual. É a primeira vez que a gente toca junto. Como banda. São pessoas que já possuem alguma afinidade musical comigo. E o **Carlinhos Maestro** - sopros; **Cláudio** - baixista; **Jonas** - na guitarra; **Cid** - na bateria; e **Simar** - nos teclados, e a participação especial de **Sabiá** na percussão. Aliás, **Sabiá** é o único profissional do grupo. Ele já trabalhou com vários grupos em São Paulo e Salvador. Ele vem especialmente para o meu show. No show "Laços" tem também a participação especial de **Ricardo Barbosa** e **Canindé Gadelha**.

Sabiá: chegando...

Wilson Costa - o **Sabiá** -, é uma atração a parte no show "Laços" de **Flávio Robson** e a Banda Quarto Crescente. Percussionista dos bons, é com prazer que ele nos fala de sua experiência ao lado de nomes respeitáveis de nossa música popular brasileira: ele estava ao lado de **César Camargo Mariano** no show "Prismas" - considerado um dos melhores do ano passado pela crítica especializada -, tocou com **Tânia Alves**, **Joyce**, **Duda Neves** e **Fátima Guedes**. Como disse: nomes respeitáveis. Planos? Ele sempre os têm. A França é o seu próximo passo. E ele vai mesmo. Depois, quem sabe, vai estudar na University Berkley. "Gosto e procuro tocar: folha de zinco, cacho de uvas (metal), cascas de nozes (madeira), tamancos sonoros, sinos e pratos (metal, talking drum (tambor falante), vasos de cerâmica. Vaso-bambu e folha de zinco juntos dão idéia de "tempestade/deserto/vento". Isso para mim dá mais inspiração. É viajar no mundo percussivo".

Banda Quarto Crescente: Cimar, Sabiá, Flávio, Jonas, Carlinhos, Cid...

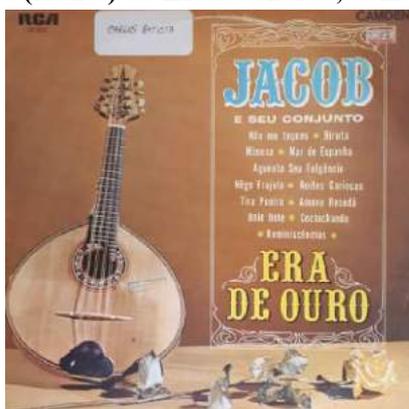
Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1987.

ANEXO 16 - Capa do Álbum 84 Chorinhos Famosos.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1990.

ANEXO 17 - Capa (frente) de LP de Choros, com solos de bandolim.



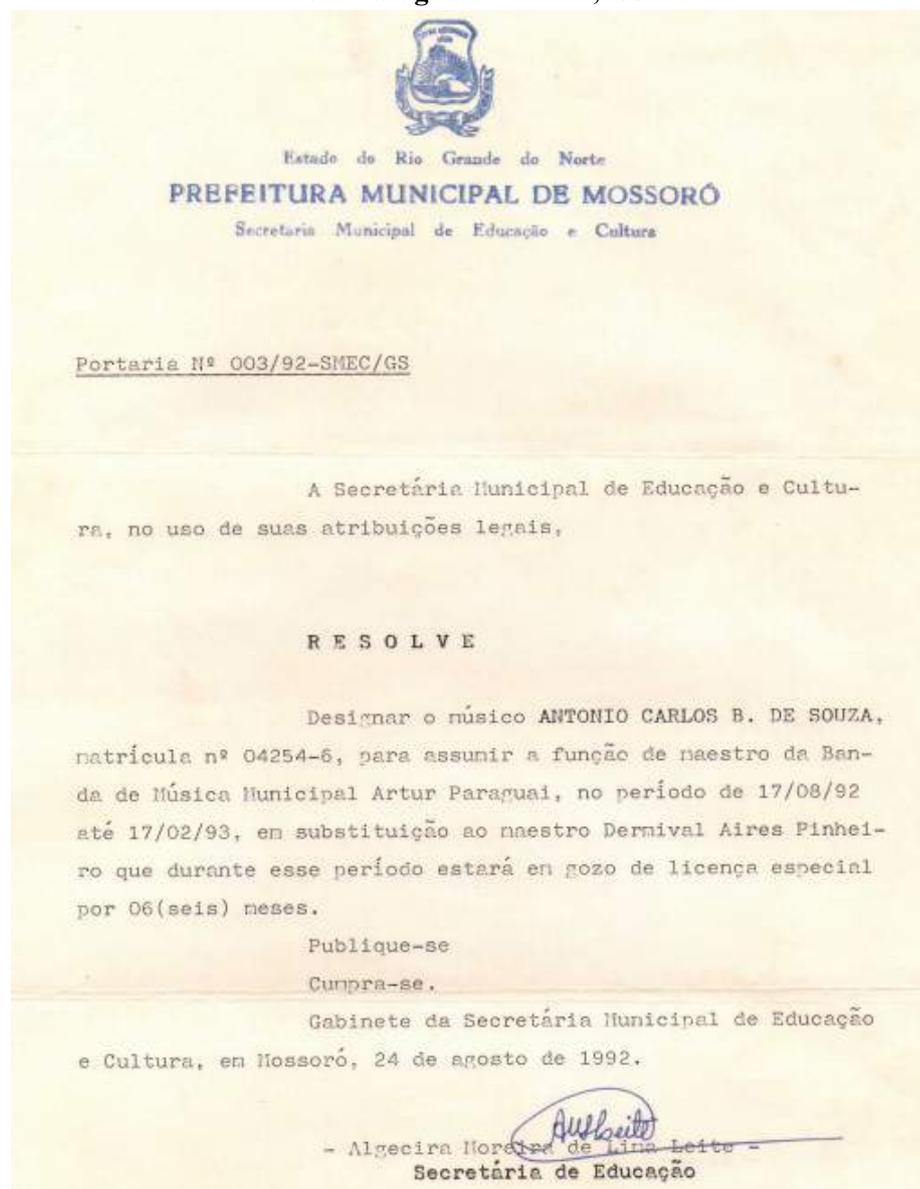
Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1991.

ANEXO 18 - Carnaval no Clube Álbi, em Tibau-RN, 1990.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1990.

ANEXO 19 – Portaria de nomeação, como regente interino, da Banda de Música Municipal Artur Paraguai-BMMAP, 1992.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1992.

ANEXO 20 - Grupo Ingênuo de Chorinho. Paróquia de São Manoel, 1992.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1992.

ANEXO 21 – Caderno de Domingo, Jornal Gazeta do Oeste, 24.03.1993.

Gazeta do Oeste **O** som desta cidade

Caderno de Domingo

ESCOLA

Conservatório é lugar muito disputado para interessados em música

O Conservatório de Música Professora D'Alva Stella Nogueira Freire é um reduto de bons músicos e daqueles que querem ingressar na arte. Foi fundado em 1988 a partir de portaria do gabinete do reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), começando as suas atividades no ano seguinte.

Atualmente o número de pessoas interessadas em estudar música no estabelecimento é tão grande que é necessário cada um passar por um teste de aptidão. Existem na escola aproximadamente 240 alunos, destes 105 são iniciantes.

Carlos Batista é professor de solfejo (técnica que consiste em cantar as notas musicais) e acredita que essa grande procura pelo aprendizado da música é a euforia dos mossoroenses em descobrir os misté-

rios da arte. "Hoje está havendo um interesse maior pela música", conta ele. "Uma prova disso é a quantidade de alunos que está aumentando aqui no conservatório".

Entretanto, ele afirma que nem todos que começam a estudar chegam a concluir o curso de sete anos. Entram achando que é uma coisa e acabam se decepcionando. "E muitas vezes os novatos querem aprender logo e tocar imediatamente um instrumento".

O professor Lima Neto, de Elemento de Teoria Musical, atribui esse tipo de procedimento a indisponibilidade do aluno em se dedicar a aprender. "Uns acham que a música só deve ser estudada quando tiver tempo de sobra", acredita. "Não é bem assim. A música deve ser constantemente praticada". Para ele, ela exercita a arte de pensar.

Não está sendo pouco o número de pessoas que estão querendo ingressar e fazer música em Mossoró. A quantidade de músicos e de iniciantes que estão procurando o único conservatório da cidade, o D'Alva Stella, é tão acentuada que a escola se vê na condição de realizar um teste de aptidão a fim de fazer uma seleção mais apurada.

No entanto, quem entra no ramo já fica de antemão sabendo que o caminho é difícil e tortuoso, e que o reconhecimento quase não existe. O forró importado do Ceará e que tem pleno aval da mídia radiofônica local infesta a cidade e ofusca o trabalho dos mossoroenses. Por sua vez, eles precisam mendigar espaços e oportunidades nas casas de show e barzinhos, esperando assim a boa vontade de seus proprietários.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1993.

ANEXO 22 – Jornal Gazeta do Oeste, 23.12.1993.

Gazeta do Oeste

OPINIÃO/CIDADE



PENSO, LOGO...

CANINDÉ QUEIROZ

Quinta-feira, 23 de dezembro de 1993

ESPLENDOROSO

Assim mesmo! Esplendoroso, espetacular, coisa de Primeiro Mundo o Grupo de Chorinho da URRN. Alguma coisa que permite ainda se possa ter esperança na cultura mossoroense. Este fantástico Lima Neto, o maestro João Batista de Souza, diretor artístico do grupo e seu filho Carlos Batista, todos, enfim, que compõem o grupo são músicos da mais alta categoria, consumados mesmo. Olha, reitora Maria das Neves Gurgel, este grupo de artistas pode ser mandado para qualquer ponto do mundo e se constituirá em sucesso enorme. Lindo mesmo, algo que faz bem ao nosso espírito. Valeu! Esclareço que os comentários quando do lançamento de "Poesias de vacada e a varejo", obra do jornalista/escritor João Batista Machado, na Livraria Independência.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1993.

ANEXO 23 - Grupo Ingênuo de Chorinho, 1993.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1987.

ANEXO 24 - Grupo Ingênuo de Chorinho, ano 1994.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1994.

ANEXO 25 – Comissão Organizadora do VI Fórum Cultural de Mossoró-VI FOCUM, maio de 1994.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1994.

ANEXO 26 – Jornal Gazeta do Oeste, 28.08.1994.

Gazeta do Oeste

Domingo, 28 de agosto de 1994

Reminiscências do passado LXII**WILSON BEZERRA DE MOURA**

Vamos complementar o nosso registro sobre a banda de música municipal. Talvez

revestido do mesmo pensamento da regente de música Dalva Stella, ao se referir que, revendo o passado cheio de saudades, onde a velhice não consegue esmaecer, porque tudo é entusiasmo e repleto de fervor.

A Banda de Música da Prefeitura Municipal de Mossoró tem a sua história e alguns pontos nos foram lembrados pelo amigo professor do Conservatório de Música da FURRN, também integrante da Banda de Música Artur Paraguai, Antônio Carlos Batista de Souza.

Registra-se conjuntos musicais aqui em nossa comuna desde os tempos de 1870, quando da existência de duas corporações musicais denominadas de "Macau" e "Mossoró", regida a primeira pelo baiano José Lopes Bastos e a segunda por Estêvam Guerra, este, autor do famoso dobrado Saudades de Minha Terra, que teve grande sucesso na época.

Lá para os idos de 1876 e 1877, despontaram no campo cultural duas Bandas à frente o maestro João Maurício Zarunza, chamadas de "Charanga" e a ou-

tra de Fênix", que estenderam suas apresentações ao longo dos anos de 1912, tempo de grande apogeu da música em Mossoró.

Convém mencionar que a velha Sociedade União Caixeiral, mantenedora da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, manteve por algum tempo a sua Banda de Música, mas que tudo ficou convenientemente edificado a partir de 1936, dois de agosto, com o surgimento da Banda Municipal, que antes era ligada ao Grêmio Musical Santa Luzia, composta que era de 31 elementos, sob a regência do maestro Joaquim Ribeiro Freire. Imediatamente foi entregue a regência ao prefeito da época, Monsenhor Luiz Ferreira da Cunha Mota, o Pe. Mota, como era conhecido, que encampou todo seu instrumental ao patrimônio da Municipalidade.

Dai por diante passou a se chamar Banda de Música Municipal, sendo logo posteriormente admitido Artur Paraguai, cuja figura deu vida e nome a esse conjunto. Dificuldades tantas passaram a existir para a manutenção desse conjunto musical, mas graças a interferência não só da Prefeitura, como de amigos amantes da arte, conseguiu superar a todo custo os reveses da situação.

Via-se muito a necessidade de trazer elemento de fora para auxiliar no comando da Banda, até que o então governador do Estado, o saudoso Dix-sept Rosado Maia, trouxe para Mossoró

um oficial reformado que grande contribuição deu à banda de música. O velho Artur Paraguai, pela sua incomensurável capacidade, continuou à frente da missão até os idos de 1963, quando por motivo de saúde teve que se afastar, entregando o comando a um seu genro chamado José Mário, sargento reformado, que a conduziu por algum período.

Quando se deu o afastamento definitivo do maestro Artur Paraguai, assumiu os destinos da Banda um outro da terra, nosso conhecido João Batista de Souza, o Batista do Saxofone, que grande sucesso deu a Mossoró, principalmente na década de sessenta. Batista dirigiu a Banda Musical de julho a novembro de 1971, sendo seguido pelo grande clarinetista João Aires da Silva, que permaneceu na condução dos trabalhos musicais de novembro de 1971 a março de 1973, sendo o seu sucessor o conhecido maestro Dermival Pinheiro, que arcando com outras tantas dificuldades conduziu até hoje a Banda de Música Artur Paraguai.

Ao fim desse registro uma palavra de estímulo ao Carlos Batista, Carlinhos, como é conhecido, integrante da mesma Banda, para que trilhe os caminhos não só do saudoso Artur Paraguai, como de seu pai Batista, pois o mais gratificante de tudo é a consolidação de um ideal.

WILSON BEZERRA DE MOURA é professor da FURRN e presidente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar - ICOP.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1994.

ANEXO 27 - Quarteto de Saxofones da UERN, 1994.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1994.

ANEXO 28 - Grupo Ingênuo de Chorinho, 1994.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1994.

ANEXO 29 – Partitura do Chorinho Laçador, 1995.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 30 - Churrascaria O Laçador. Foto colhida pela internet, em 06.03.2020.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

ANEXO 31 – Jornal Gazeta do Oeste, 01.01.1995.

Gazeta do Oeste

Nº 3.603 Mossoró (RN), domingo, 1º de janeiro de 1995 R\$ 0,50 ANO XVIII

ESPECIAL - 19

Cultura também é pão na administração 'Mossoró Toda Vida'

"Artur Paraguai"

Uma das tradições mais enraizadas em nossa cidade é a Banda de Música. Quem nunca ouviu o dia amanhecer embalado pelos dobrados de uma alvorada? Ou quem nunca viu ou ouviu falar em uma retreta? Contudo, a Banda de Música Municipal "Artur Paraguai" encontrava-se em fraco declínio devido aos anos em que simplesmente foi esquecida. Agora, a administração Dix-huit Rosado firmou convênio com o Banco do Brasil, através da Fundação Municipal de Cultura, e trouxe de volta todo o esplendor original da Banda Artur Paraguai.

Em sua nova fase, são muitas as solicitações para eventos diversos e encontra-se em execução o Projeto Retretas Didáticas, onde os músicos e público têm um contato direto e simples, esclarecendo dúvidas colocadas

RETRETAS DIDÁTICAS

O Projeto Retretas Didáticas prevê a apresentação da Banda de Música Artur Paraguai em bairros diversos da cidade, visando o contato mais amplo com o público, que poderá efetuar perguntas diretas aos músicos ou maestro sobre repertório ou instrumentos usados pelos profissionais da música. O projeto deverá ser ampliado neste ano, tornando-se uma fonte extra de informações culturais e um alento para a preservação das tradições das bandas de música.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 32 – Jornal Gazeta do Oeste, 21.04.1995.

Gazeta do Oeste

Nº 3.692 Mesorô (RN), sexta-feira, 21 de abril de 1995 R\$ 0,50 ANO XVIII

R. COELHO INAUGURA SEU NOVO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO

Ontem à noite, foi inaugurado o novo Departamento de Serviço de R. Coelho, que vai oferecer maior comodidade aos clientes. A solenidade, presidida pelo empresário Rútilo Coelho, foi prestigiada

por diversos segmentos da sociedade mesorôense, da região e do estado. Presentes também estavam representantes da GM do Brasil.



No pátio do novo Departamento de Serviço R. Coelho, o empresário Rútilo Coelho e convidados prestigiam apresentação de artistas da terra. Um dos momentos altos da solenidade

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 33 - Grupo Ingênuo de Chorinho, 1995.

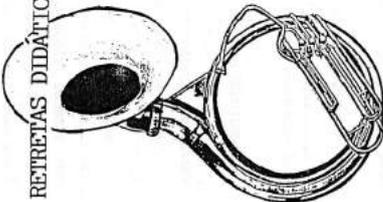


Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 34A – Folder do Projeto Retretas Didáticas, 1995.

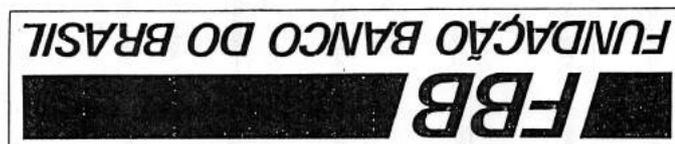
PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
Adm. Dix-Huit Rosário
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
DIVISÃO DE MÚSICA, DANÇA E FOLCLORE

PROJETO
RETRETAS DIDÁTICAS



"Dê-me um bando de músicos,
que conchazirei o povo para
o circo ou para a guerra".
NAPOLEÃO BONAPARTE

Coordenação: Carlos Batista
Mossoró, Julho de 1995.



APÓIO CULTURAL

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 34B – FOLDER DO PROJETO RETRETAS DIDÁTICAS. 1995

SENTAÇÃO

O Projeto "Retretas Didáticas", coordenado pela Fundação Municipal de Cultura e execução da Banda Municipal Artur de Alencar, tem como objetivo, promover a cultura musical na cidade de Mossoró e circunvizinhança, com apresentações mensais nos espaços públicos, oportunizando a população ao acesso de boa música, em ambientes diversificados na área musical, e entre outros, de modo saudável nas horas de lazer.

Mais especificamente também objetiva:

- . Resgatar ritmos genuinamente locais;
- . Abrir espaço à população para discutir sobre assuntos musicais;
- . Incentivar os jovens ao investimento nesta arte;
- . Resgatar a tradição das Bandas de Música;
- . Implementar o Projeto, tornando-o referência na cidade, entre outros.

II- PROGRAMAÇÃO PARA 1995.

- Dia 09.07. - Abertura do Projeto
Local - Pçº Vigário Antônio Joaquim - Centro
Horário- 20:00 h. (Após a missa)
- Dia 02.08.
Local - Pçº Projetada - Abol. IV
Horário- 19:30 h.
- Dia 07.09.
Local - Patamar da Igreja de São Manoel
Horário- 19:30 h.
- Dia 04.10.
Local - Pçº Cel. Antônio Miranda - Alto da Conceição
Horário- 19:30 h.
- Dia 01.11.
Local - Pçº Manoel Rola - Pintos
Horário- 19:30 h.
- Dia 20.12.
Local - Pçº Itamar Negreiros (Vivo - Vucó)

III- RESUMO HISTÓRICO DA BANDA MUNICIPAL "ARTUR PARAGUAI".

Ao longo dos tempos, Mossoró sempre destacou-se com suas corporações musicais, haja visto que em 1912 já contava a cidade com duas delas. Em 1936, o então Prefeito Monsenhor Luiz Ferreira da Mota criou a Banda Municipal, que mais tarde passaria a levar consigo o nome de "Artur Paraguai" - após o seu falecimento em 31 de maio de 1971 - por ter sido o mesmo, o mais expressivo regente de sua história.

Regida pelo Maestro Demival Pinheiro, desde 1973, encontra-se hoje inteiramente reestruturada graças a um contrato firmado entre Prefeitura Municipal de Mossoró e Fundação Banco do Brasil, merecendo destaque em âmbito nacional através do Informativo Weril, como verdadeiro patrimônio cultural da cidade, orgulho do seu povo.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 35 – Jornal Gazeta do Oeste, 07.07.1995.

Gazeta do Oeste Sexta-feira, 7 de julho de 1995



PENSO, LOGO...
CANINDÉ QUEIROZ

DE BANDA

Recebo da Fundação Municipal de Cultura um folheto sobre o projeto Retretas Didáticas, com um breve histórico da Banda de Música Municipal Arthur Paraguai. Olha que sou vidrado em retretas, notadamente quando são executadas temas marciais, e entendo que a Banda Arthur Paraguai merece enorme respeito e admiração. A Fundação Banco do Brasil está colaborando e antes já doara instrumentos musicais à banda, que nesta gestão Dix-huit Rosado está sendo equipada e recebendo novos integrantes, rejuvenescendo-a, inclusive. Ainda no relativo à Banda Arthur Paraguai, pode ser dito que nasceu em 1936, na administração do Monsenhor Luiz Ferreira da Mota. Palmas e muitas para nossa banda e que possa alegrar nosso povo com muitas retretas.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 36 – Jornal o Mossoroense, 1995.

O Mossoroense
Caderno 2

DOMINGO, 15 DE OUTUBRO DE 1995

INFORME DE JB**RESPONSABILIDADE**

O jovem maestro Carlos Batista, componente de nossa banda de música Artur Paraguai, está fazendo um trabalho bom, objetivando dotar Mossoró do seu hino oficial. Na verdade, Mossoró tem hinos à libertação dos escravos, hinos de 30 de setembro e hinos do seu centenário. Mas, não tem o hino oficial da cidade. Carlos está com um trabalho de esclarecimento sobre o assunto, indo profundo à pesquisa e no Centro Histórico Cultural e Museu Histórico Lauro da Escóssia, ele encontrou em nosso poder, muita base histórica para fazer a sua defesa. Naturalmente, nos breves dias, ele estará passando às mãos do prefeito, dr. Dix-huit Rosado, o resultado do seu trabalho e proposta para esta definição. Sem dúvidas, um trabalho responsável.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 37 - Grupo Ingênuo de Chorinho. 1995.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 38 - Grupo Ingênuo de Chorinho. Teatro Lauro Monte Filho, 1995.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 39 - Conjunto Oficina de Música. Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire-CMDSNF/UERN, 1995.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 40 – Conjunto Oficina de Música. CMDSNF/UERN, 1995.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 41 – Projeto Retretas Didáticas. Matéria no Informativo Weril nº 99, ano 1995.

Movimento Musical

Banda "Artur Paraguai" é Patrimônio em Mossoró

Mossoró, no Rio Grande do Norte, sempre foi palco de manifestações artísticas e culturais, formando corporações musicais desde os tempos de 1870, como "Macau" e "Mossoró", as primeiras que se têm registro. O tempo de existência de tais corporações não são muito precisos, e sabe-se também que muitas outras surgiram depois, para marcar a vida cultural da cidade. Todas porém tiveram um período de duração efêmero, sucumbindo às dificuldades existentes.

Foi somente em 2 de agosto de 1936 que surgiu a Banda Municipal, antes ligada ao Grêmio Musical Santa Luzia, com formação de 31 componentes. Seu primeiro regente foi o maestro Joaquim Ribeiro Freire seguido do então prefeito Monsenhor Luiz Ferreira da Motta que passou o instrumental da banda para o patrimônio da prefeitura.

Atravessando dificuldades de todos os tipos e cantando com ape-

nas 17 músicos, assumiu o mais ilustre maestro que a banda já teve, Artur Paraguai. O prefeito continuou investindo no grupo trazendo músicos de fora para compor a formação, mas foi com a vinda de um oficial contratado pelo então governador Dix-Sept Rosado para dirigir a banda, que o maestro conseguiu prosseguir no projeto, conquistando glórias.

No início de 1963, o maestro Artur Paraguai deixou a regência por motivos de saúde assumindo o Sargento José Mário. Em seguida a banda mudou seu nome para Banda de Música Municipal "Artur Paraguai", em homenagem ao antigo maestro, falecido em 31 de maio daquele mesmo ano.

Regida deste 1973 por Dermal Pinheiro, a banda atualmente possui contrato firmado entre a Fundação Banco do Brasil e a Prefeitura Municipal de Mossoró, e destaca-se pelo projeto "Retretas Didáticas", levando entretenimento e informação musical ao público amante da música instrumental.



Banda de Música Artur Paraguai

PM de Minas Recria Escola de Música

Após 25 anos do fechamento da Escola de Música da Polícia Militar de Minas Gerais, o ex-aluno e atual major aposentado, Robson Andrade Melgaço, 43 anos, inicia um projeto para a abertura de uma nova escola seguindo os princípios adotados na primeira.

Fechada na década de 60, após mudanças constitucionais que proibiam o ingresso de menores de 18 anos na escola de música, a entidade encerrou um processo de aprendizado responsável pela formação de grandes nomes da música instrumental brasileira.

Na época, a escola absorvia meninos com idade média de 13 anos que desenvolviam e apuravam as técnicas musicais como um todo, e não só no universo da banda. O projeto deu chance

a crianças que não possuíam condições de pagar um ensino, criando grandes oportunidades e possibilitando a ascensão dos mesmos.

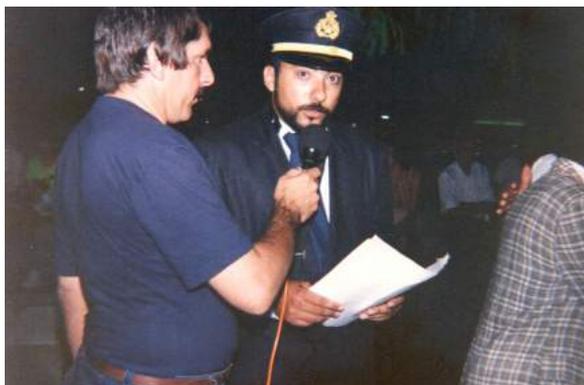
O major e violinista Melgaço, que atualmente coordena as atividades musicais da PM, conta para a concretização do projeto, com a união de ex-alunos da escola e de empresas particulares. Certo de que o apoio e o trabalho conjunto trarão benefícios sociais às crianças carentes do Estado, além de despertar ótimas lembranças aos saudosos ex-integrantes. Iniciativas como a da PM de Minas devem ser incentivadas, para que corporações militares de outros estados sigam o seu exemplo, educando novas crianças e propagando a música por todo o Brasil.

Informativo WERIL - nº 99

5

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 42 – Abertura do Projeto Retretas Didáticas. Praça Vigário Antônio Joaquim, Centro, 1995.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 43 - Quarteto de Saxofones da UERN, 1995.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 44 – Partitura do Choro Kinininho, 1995.

SAX. Quarteto Kinininho Choro de L.L.

Copista do autor (S. Pare) (S. Pare)
Cobras RN, 14 de Abril de 1995

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1995.

ANEXO 45 – Declaração coordenador da Divisão de Música da Fundação Municipal de Cultura-FMC.

Estado do Rio Grande do Norte
PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
 Secretaria Municipal da Cidadania
 Fundação Municipal de Cultura
 Divisão de Música

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de experiência profissional que **ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA** é coordenador da Divisão de Música desta Fundação desde Agosto de 1995, e desenvolveu atividade docente, conforme o abaixo citado:

Disciplina	Período
Iniciação ao Violão Popular	De Maio/98 a Agosto/99
Iniciação ao Cavaquinho	De Março/98 a Agosto/99
Teoria Musical e Percepção	De Abril/00 a Agosto/01
Prática Instrumental para Banda	De Abril/00 a Agosto/01

Mossoró/RN, 03 de Junho de 2004.


 p/p Prof. Antonio Gonzaga Chimbinho
 Presidente da FMC

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2004.

ANEXO 46 – Jornal O Mossoroense, 22.06.1996.

O Mossoroense

2- DOMINGO, 23 DE JUNHO DE 1996

Gilberto de Sousa

Circulando em Off



EM ALTA

O professor Carlos Batista foi aprovado para o projeto Canto da Escola, e passará à atuação como regente no Centro Educacional Jerônimo Rosado. O projeto tem a finalidade de formar grupos de corais. É isso aí.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 47 – Informativo UERN. Projeto Chorando na Praça. 1996.



Música

Conselho Universitário em 15.09.89.

Desde então, o Conservatório de Música tem mostrado um crescimento em todos os aspectos. Tanto quantitativo, no que diz respeito à capacidade de atender um maior número de alunos, pois sua principal atividade é a extensão cultural através de ensino de música aberto à comunidade; quanto qualitativo, por consequência dos esforços do quadro docente na busca de uma melhor qualificação profissional, através de cursos de pós-graduação, que para tanto é justo ressaltar o apoio sempre advindo da administração da UERN.

Mas, os grupos camerísticos formados por alunos e professores têm sido o fruto concreto de um patrimônio imaterial chamado aprendizagem. Ao longo de sua história, executou-se projetos de extensão artística, como: Chorando na Praça através do Chorinho Ingênuo;

Músicas nas Igrejas e Música é Saúde com o coral Oficina de Música; e ainda, o coral oficial da UERN desenvolvendo atividades cívico-eventuais.

O feito de maior e melhor projeção foi a participação do Grupo de Chorinho Ingênuo e do Sexteto vocal Nosso Canto na 50ª SBPC, realizado em 1998, Natal-RN.

Um outro serviço relevante prestado pelo Conservatório foi a elaboração do concurso público que legitimou, de direito e de fato, as Bandas de Música Municipais de Caraubas e Mossoró. Que, por assim dizer, a maior parte dos integrantes é fruto da mesma árvore.

O trabalho quando leva-

do a sério não precisa de propaganda melhor. O processo natural da história se encarrega de torná-lo público. Esta forma de pensar compatibiliza-se com a de agir. Hoje, é para nós orgulho dizer que ex-alunos nossos são profissionais de música; não que tenhamos lhes dado o talento, mas colaboramos para o seu desenvolvimento técnico, que, como exemplo, podemos citar Márcio Rangel Miranda, residente na Itália, onde já chegou a produzir trilhas sonoras de filmes. Ou

ainda, regentes de Bandas Municipais, tais como: Icapuí (CE), Grossos (RN), Palmas (TO).

O próprio regente do coral oficial da UERN, que hoje criou e reje os corais das cidades vizinhas: Upanema e Grossos, passou por aqui como aluno. Giann Mendes Ribeiro, professor no Cefet, teve toda a sua escolaridade básica nesta mesma casa. O mesmo aconteceu a Cláudia Xavier, hoje regente do coral Carcará, da Fundação Municipal de Cultura de Mossoró.



CLÁSSICOS DA 105 FM: Programa de rádio apresentado pelo conservatório



PROJETO CHORANDO NA PRAÇA: Grupo de Chorinho

ANEXO 48 – Carta da *Weril* Instrumentos Musicais, 01.07.1996

Weril INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.

Franco da Rocha, 01 de julho de 1996

Ilmo Sr
Antonio Carlos Batista de Souza
Rua Marechal Herme, 471
59618-160 - Mossoró - RN

Prezado maestro

Na qualidade de Diretor Superintendente da Weril Instrumentos Musicais Ltda. venho trazer-lhe os nossos cumprimentos pela passagem do dia que conseguimos lhe dedicar em memorável enquete realizada pelo JORNAL WERIL em 1962.

Desejamos exaltar o trabalho que o prezado amigo vem realizando através da música, proporcionando momentos de emoção para músicos e ouvintes com um lazer construtivo e saudável e pela manutenção e divulgação do acervo cultural brasileiro, uma das mais genuínas expressões do nosso povo.

Ressaltamos também a sua importância para o desenvolvimento de nossos produtos que hoje levam a mais de 50 países a prova da capacidade de trabalho do brasileiro em produtos de qualidade internacional.

Estamos ao seu dispor para quaisquer esclarecimentos e sugestões e o convidamos a ver nossa linha de produtos renovada no revendedor mais próximo ou então no nosso Espaço Cultural no Largo do Arouche, 438, São Paulo.

Renovando nossas saudações pelo seu dia - O DIA DO MAESTRO - é com satisfação que o cumprimento.

Cordialmente


Nelson Eduardo Visconti Weingrill
Diretor Superintendente

ANEXO 49 – Jornal Gazeta do Oeste, 18.08.1996.

ENCARTE
SUPLEMENTO DO JORNAL GAZETA DO OESTE • DOMINGO, 18 DE AGOSTO DE 1996

Meu Instrumento
O professor de música Carlos Batista conta um pouco de seu sax alto Winston

Meu Instrumento

Sax alto E.M. Winston



"O meu instrumento é um saxofone da marca Winston. Ele foi fabricado nos Estados Unidos e eu o possuo há uns dois anos e meio. Aprendi a tocar sob influências do meu pai, que também é saxofonista (*Maestro Batista*). Toco há uns treze anos, desde o tempo do músico Arthur Paraguay. Esse Winston é o primeiro que eu tenho. Tocava em outros, no do meu pai... Nessa época eu pegava alguns nacionais, como da marca Weril, ou chinês da marca Júplter, ou um Yamaha japonês. Por sinal, o Yamaha se assemelha bastante com esse Winston. O meu é um sax alto, que é o segundo mais agudo. Tem cobertura laqueada, melhorando a sonoridade, e o sistema de chaves mais moderno — conhecido como Boehm. Esse sistema vem com uma chave a mais — fá sustenido agudíssimo — e um dedilhado ou digitação mais facilitado. O material dele é todo feito em Boston e é um excelente instrumento."

Carlos Batista de Souza, saxofonista, professor de solfejo e integrante do grupo de Chorinho da URRN

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 50 – Projeto Retretas Didáticas. Adro da Igreja de São Manoel, 1996.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

**ANEXO 51A – Coordenação do Teste de Aptidão em Música. Conservatório de Música D'Alva
Stella Nogueira Freire, 12.03.1996.**

UNIVERSIDADE REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE-URRN
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS-PROAEX
CONSERVATÓRIO DE MÚSICA D'ALVA STELLA

RELAÇÃO DOS ALUNOS CLASSIFICADOS NA 2ª CHAMADA DO TESTE DE APTIDÃO
EM MÚSICA NO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA.

TURNO MATUTINO

01. ADEIRTON PINHEIRO AMORIM
02. ALAN JONES FILGUEIRA DANTAS
03. CLENÚBIO FEITOSA DE SOUZA
04. DANIEL DAVID BEZERRA JALES
05. ELVIS VIEIRA ROCHA
06. FRANCISCO CANINDÉ NERES
07. FRANCISCO MÁRCIO SOARES DE OLIVEIRA
08. HÉRICA KALLIANNY LOPES FIGUERÊDO
09. HILKIAS GOMES DA COSTA
10. MÁRCIA GABRIEL DA SILVA
11. MIKAEL GOMES DA COSTA
12. PAULA RANNGELL GOMES DA COSTA
13. PAULO VICENTE DA SILVA
14. SHIRLEY KARENINE NOLASCO DA SILVA
15. TETIS MEDEIROS FILGUEIRA

TURNO VESPERTINO

01. ANNE CAROLLINE DE MORAIS
02. ELIANE MARIA DE OLIVEIRA ALVES
03. EVERARDO DE ASSIS S. JÚNIOR
04. FÁBIO EZEQUIEL AZEVEDO BRAGA
05. JOÃO ADRIANO BENEVIDES DE GÓIS
06. KLEVERSON DELGADO DA SILVA
07. LARA FERNANDES SOLANO
08. LINA IZABEL SENA DE BRITO
09. MAYKO CASTRO OLIVEIRA
10. NIKOLAY KIEV SARAIVA DE ARAÚJO
11. PATRÍCIA GUEDES MENEZES
12. SEMIRAMIS LUCIANA R. DE SOUZA
13. THIAGO QUEIROGA SOLANO VALE
14. VICTOR BRUNO MOREIRA CASTRO
15. VLADENILSON ALVES DUARTE

TURNO NOTURNO

01. ALEXSANDRO JÂNIO SILVA
02. CLINTON DO MONTE FREITAS
03. EDSON FABRÍCIO DA COSTA
04. EVERSON PEREIRA DO NASCIMENTO
05. EVERTON PEREIRA DO NASCIMENTO
06. FRANCISCO GILVAN DA SILVA
07. GILMAR BEZERRA DA SILVA

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

**ANEXO 51B – Coordenação do Teste de Aptidão em Música. Conservatório de Música D'Alva
Stella Nogueira Freire, 12.03.1996.**

08. ITALO JOSÉ R. DE OLIVEIRA
09. JARCILENE TORQUATO DA SILVA
10. JOSÉ IGOR REBOUÇAS DA SILVA
11. MÁRCIA MARIA DA COSTA
12. MÁRCIO GLÉDISON DOS SANTOS
13. MARIANO GUILHERME
14. RAIMUNDO DAMÁSIO COSTA FILHO
15. VALDEMAR FERREIRA COSTA NETO

Mossoró(RN), 12 de março de 1996.


Antonio Carlos Batista de Souza
Coordenador do TAM


Maria José de Castro Rodrigues
Secretária do Conservatório de
Música D'Alva Stella

João Lima Rocha Neto
Diretor do Conservatório de
Música D'Alva Stella

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 52 – Jornal Gazeta do Oeste, 24.03.1996.

Gazeta do Oeste
Caderno de Domingo

O som desta cidade

ESCOLA

**Conservatório é lugar
muito disputado para
interessados em música**

Não está sendo pouco o número de pessoas que estão querendo ingressar e fazer música em Mossoró. A quantidade de músicos e de iniciantes que estão procurando o único conservatório da cidade, o D'Alva Stella, é tão acentuada que a escola se vê na condição de realizar um teste de aptidão a fim de fazer uma seleção mais apurada.

No entanto, quem entra no ramo já fica de antemão sabendo que o caminho é difícil e tortuoso, e que o reconhecimento quase não existe. O forró importado do Ceará e que tem pleno aval da mídia radiofônica local infesta a cidade e ofusca o trabalho dos mossoroenses. Por sua vez, eles precisam mendigar espaços e oportunidades nas casas de show e barzinhos, esperando assim a boa vontade de seus proprietários.

O Conservatório de Música Professora D'Alva Stella Nogueira Freire é um reduto de bons músicos e daqueles que querem ingressar na arte. Foi fundado em 1988 a partir de portaria do gabinete do reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), começando as suas atividades no ano seguinte.

Atualmente o número de pessoas interessadas em estudar música no estabelecimento é tão grande que é necessário cada um passar por um teste de aptidão. Existem na escola aproximadamente 240 alunos, destes 105 são iniciantes.

Carlos Batista é professor de solfejo (técnica que consiste em cantar as notas musicais) e acredita que essa grande procura pelo aprendizado da música é a euforia dos mossoroenses em descobrir os misté-

os da arte. "Hoje está havendo um interesse maior pela música", conta ele. "Uma prova disso é a quantidade de alunos que está aumentando aqui no conservatório".

Entretanto, ele afirma que nem todos que começam a estudar chegam a concluir o curso de sete anos. Entram achando que é uma coisa e acabam se decepcionando. "E muitas vezes os novatos querem aprender logo e tocar imediatamente um instrumento".

O professor Lima Neto, de Elemento de Teoria Musical, atribui esse tipo de procedimento a indisponibilidade do aluno em se dedicar a aprender. "Uns acham que a música só deve ser estudada quando tiver tempo de sobra", acredita. "Não é bem assim. A música deve ser constantemente praticada". Para ele, ela exercita a arte de pensar.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 53 – Jornal O Mossoroense, 19.05.1996.

O MOSSOROENSE

Nº 9.467 DOMINGO, 19 DE MAIO DE 1996 R\$ 0,70 FUNDADO POR JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA, EM 1872 MAIS DE CEM ANOS DE INFORMAÇÃO



Pois é, gente, semana cheia no mundo artístico mossoroense. Na quarta-feira, o super Trio Irakitan e o maravilhoso Grupo de Chorinho da Universidade.

Grupo de chorinho é atração local

E dentro da programação local, é a vez do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, da URRN, que nasceu da necessidade de resgatar a cultura musical na comunidade mossoroense. Partindo desse princípio, formou-se o Grupo de Chorinho, por ser este, um gênero musical genuinamente nosso.

Com o propósito supra, desenvolveram-se projetos para a difusão de nossa música, dentro deles o "Chorando na Praça", apresentações de cunho didático, ressaltando os principais compositores, suas obras, instrumentos, utilizando-se da contextualização cronológica.

O grupo é formado por Cláudio Araújo, violão de 7 cordas; Lima Neto, violão de 6 cordas; Júnior Miranda, cavaquinho;



bandolin, cavaquinho e saxofone; Maestro Batista, saxofone e clarinete; Sebastião Araújo, flauta; Jorge Soares, timba e Silvío Luiz, pandeiro.

O projeto Seis & Meia é uma realização da Fundação José Augusto em parceria com a COOCAR. Os ingressos se encontram à venda na Linha Pura ao preço de R\$ 12,00 (doze reais).

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 54 - Grupo Ingênuo de Chorinho. Projeto Seis e Meia. Auditório da Escola Superior de Agronomia de Mossoró-ESAM, 1996.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 55 – Jornal O Mossoroense, 22.06.1996.

O Mossoroense

COLUNA DE

Gomes Filho



Foi aprovado para o projeto "Canto da Escola", o professor universitário Carlos Batista. Com nota de destaque o ilustre professor vai atuar como regente no Centro Educacional Jerônimo Rosado, que tem como objetivo formar grupos de coral nos centros escolares da rede estadual de ensino.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1996.

ANEXO 56 – Decreto de Oficialização de Criação da Banda de Música Municipal Artur Paraguai-BMMAP



Prefeitura Municipal de Mossoró

Gabinete do Prefeito

DO SEPARADOR

DECRETO Nº 1414/96

OFICIALIZA A CRIAÇÃO DA BANDA DE MÚSICA MUNICIPAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE MOSSORÓ, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 78, inciso IX, e nos termos do artigo 101, inciso I, alínea C, da Lei Orgânica de Mossoró de 03 de abril de 1990 e,

CONSIDERANDO a formação a Banda de Música Municipal, desde agosto de 1936;

CONSIDERANDO a indicação do nome do Maestro Artur Paraguai para a denominação da Banda de Música Municipal desde 1971,

DECRETA:

Art. 1º - Fica legalmente oficializada a criação da BANDA DE MÚSICA MUNICIPAL ARTUR PARAGUAI.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, em Mossoró, 05 de junho de 1996.

Jerônimo Dix-huit Rosado Maia

- Prefeito -

Fonte: Arquivo da BMMAP, 1996.

ANEXO 57 - Decreto de Aprovação do Estatuto da Banda de Música Municipal Artur Paraguai-BMMAP



Prefeitura Municipal de Mossoró

Gabinete do Prefeito

DECRETO Nº 1415/96

APROVA O ESTATUTO DA BANDA DE MÚSICA MUNICIPAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE MOSSORÓ, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 78, inciso IX, e nos termos do artigo 101, inciso I, alínea C, da Lei Orgânica de Mossoró de 03 de abril de 1990,

DECRETA:

Art. 1º - Fica aprovado o ESTATUTO DA BANDA DE MÚSICA MUNICIPAL ARTUR PARAGUAI, da Prefeitura Municipal de Mossoró.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, em Mossoró, 05 de junho de 1996.

Jerônimo Dix-huit Rosado Maia

- Prefeito -

ANEXO 58 – Banda de Música Municipal Artur Paraguai. Desfile Cívico. 7 de Setembro, 1997.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1997.

ANEXO 59 - Portaria de nomeação para a coordenação de Concurso Público para Músicos, 1999.

PORTARIA N.º 013/99

A PREFEITA MUNICIPAL DE MOSSORÓ,
no uso das atribuições que lhe confere o artigo 78, inciso IX da Lei
Orgânica do Município de Mossoró.

RESOLVE:

Art. 1º - CRIAR COMISSÃO para Elaboração
do Concurso para Músicos.

Art. 2º - NOMEAR Antônio Carlos Batista de
Souza, João Batista de Souza, João Lima Rocha Neto, Isac Rufino
de Araújo, Gidão Lima da Silva e Wanderley da Silva -
Representantes do Conservatório de Música da Universidade Estadual
do Rio Grande do Norte, Maria Alves da Salete Fernandes -
Representante da Fundação Municipal de Cultura, Francinei de Lima
Pinto - Representante da Secretaria Municipal de Administração.

Art. 3º - A presidência dos trabalhos ficará sob a
responsabilidade do Conservatório de Música, na pessoa do Professor
Antônio Carlos Batista de Souza.

Art. 4º - Esta portaria entra em vigor na data de
sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Art. 5º - Registre-se, Publique-se e Cumpra-se.

PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, em
Mossoró, 10 de fevereiro de 1999.


Rosalba Garlini Rosado
Prefeita



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 1999.

ANEXO 60 – Histórico Escolar (1ª folha) da Graduação em Música na Universidade Estadual do Ceará-UECE. Destaque para as disciplinas de Teoria Musical e Treinamento Auditivo I, II, III, IV, e Didática do Som e do Ritmo I e II, 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE
 RECONHECIDA PELO DECRETO 79172 DE 26/01/1977 DOU 27/01/1977
 PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
 DEPARTAMENTO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - DEG

-1-



HISTÓRICO ESCOLAR EMITIDO EM 27/01/2000 07:08

MATRICULA : 0439185 NOME : ANTONIO CARLOS BATISTA DE SOUZA
 DATA NASCIMENTO : 20/05/1963 IDENTIDADE : 602000 SSP RN
 SITUACAO ACADEMICA : GRADUADO DATA : 28/01/2000
 INGRESSO : GRADUADO EM : 1995/2
 CURSO : 010 MUSICA BACHARELADO
 FLUXO : 1995/1 TURNO : MANHA
 SITUACAO : RECONHECIDO EM 05/09/1980 DECRETO : 1042/1980 DIARIO : 08/10/1980

PER	COOIGO	DISCIPLINA	CR	V	NPC	NTI	NEF	PT	FRQ	RES
1995.2	CH565	TECNICA VOCAL I	2	070	080	080	15	093	APR	
	CH821	TEOR MUSICAL E TREN AUDITIVO I	4	100	100	100	20	090	APR	
	CH825	CANTO CORAL I	2	080	080	080	16	100	APR	
	CH841	TECLADO BASICO I	2	080	080	080	16	100	APR	
1996.1	CH438	INTRODUCAO A ANTROPOLOGIA	4	090	090	090	18	087	APR	
	CH566	TECNICA VOCAL II	2	080	100	100	18	100	APR	
	CH822	TEOR MUS. E TREN AUDITIVO II	4	100	100	100	20	100	APR	
	CH826	CANTO CORAL II	2	080	080	080	16	100	APR	
	CH842	TECLADO BASICO II	2	080	080	080	16	100	APR	
1996.2	CH567	TECNICA VOCAL III	2	080	080	080	16	100	APR	
	CH823	TEOR MUS E TREN AUDITIVO III	4	100	100	100	20	100	APR	
	CH827	CANTO CORAL III	2	080	080	080	16	100	APR	
	CH843	TECLADO BASICO III	2	080	100	100	18	100	APR	
	CH846	ESTETICA	4	095	100	090	19	080	APR	
	CH847	FOLCLORE	4	070	060	060	13	087	APR	
OBS. A partir de 1997.1 fica APROVADO POR MEDIA se NPC maior ou igual a 070 ou APROVADO se media de NPC e NEF for maior ou igual a 5. Eliminou-se NTI.										
1997.1	CH524	PRATICA INSTRUMENTAL I	2	100				093	APR	
	CH568	TECNICA VOCAL IV	2	098				100	APR	
	CH824	TEOR MUS E TREN AUDITIVO IV	4	100				090	APR	
	CH828	CANTO CORAL IV	4	080				100	APR	
	CH844	TECLADO BASICO IV	4	085				100	APR	
	CH848	CONTRAPONTO I	4	090				097	APR	
1997.2	CH463	HISTORIA DA ARTE	4	080				075	APR	
	CH511	HARMONIA I	4	090				075	APR	
	CH512	HARMONIA II	4	070				083	APR	
	CH525	PRATICA INSTRUMENTAL II	2	075				087	APR	
	CH581	DIDATICA DO SOM E DO RITMO I	2	100				087	APR	
	CH831	PRATICA DE CORAL I	4	070				100	APR	
	CH849	CONTRAPONTO II	4	090				100	APR	
1998.1	CH401	INTR. A UNIVERSID. E AO CURSO	2	070				100	APR	
	CH402	METOD. DO TRABALHO CIENTIFICO	5						CRC	
	CH415	INTRODUCAO A SOCIOLOGIA	4						CRC	
	CH513	HARMONIA III	4	090				097	APR	
	CH526	PRATICA INSTRUMENTAL III	2	090				090	APR	
	CH582	DIDATICA DO SOM E DO RITMO II	2	100				087	APR	
	CH832	PRATICA DE CORAL II	4	100				077	APR	
	CH837	HISTORIA DA MUSICA I	4	085				090	APR	
	CH861	FOR.DE EXP.E COMUN.ARTISTICA I	2	080				087	APR	
	CS811	GINASTICA MASCULINA	3						CRC	
1998.2	CH335	INTRODUCAO A FILOSOFIA	4	070				083	APR	
	CH514	HARMONIA IV	4	090				083	APR	
	CH517	REGENCIA I	4	090				083	APR	
	CH570	ORGANOLOGIA	2	100				087	APR	
	CH576	TOPICOS EM MUSICA	4	070				093	APR	
	CH833	PRATICA DE CORAL III	4	100				100	APR	
	CH836	FUND. DA COMUNICACAO HUMANA I	4	090				080	APR	
	CH838	HISTORIA DA MUSICA II	4	100				083	APR	
	CH862	FOR.DE EXP.E COMUN.ARTISTICA II	2	080				100	APR	

CONTINUA

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2000.

ANEXO 61 – Informativo UERN, 06.02.2000.

Informativo UERN



Mossoró RN - Fevereiro de 2000 - Informativo Mensal da Universidade do Estado do RN

6

- MOSSORÓ, FEVEREIRO DE 2000

MÚSICA

UERN dá primeiros passos para criação de um curso de graduação em música

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte está dando os primeiros passos para a criação de um curso de graduação em Música. Já está em gestação a proposta, que inicialmente passa pela criação de uma nova habilitação na Faculdade de Letras e Artes. Os alunos que já têm a opção de Língua Inglesa e Língua Espanhola, poderão em breve optar ainda pela habilitação em Música.

Para isso, a UERN está capacitando professores para a nova área. Já se encontram lecionando no Conservatório de Música Dalva Stela, três professores que concluíram seus bacharelados e licenciaturas na Universidade Estadual do Ceará. O professor Antônio Carlos Batista de Souza concluiu bacharelado geral em música e está lecionando para os alunos do conservatório as disciplinas de Harmonia e Solfejo. A professora Hulda Nunes da Paz Bezerra, também concluiu bacharelado geral em Música e ensina as disciplinas de Teoria Musical e Solfejo. Outro professor que terminou licenciatura em Música na UECE, foi Giann Mendes Ribeiro que ensina no Conservatório as disciplinas de História da Música e Teoria Musical.

Além destes professores, a UERN mantém outros dois concluindo seus cursos na UECE. Com esta capacitação, é decisão do reitor José Walter da Fonsêca fazer funcionar o



Professores Antônio Carlos e Hulda Nunes se capacitaram para aulas de música.

Departamento de Artes. O projeto do Magnífico, é criar agora uma habilitação em Música na Faculdade de Letras e Artes e em seguida criar um novo curso de graduação nesta área. O projeto vislumbra ainda a possibilidade de criação de um curso de Arte Cênica, a partir do convênio que hoje é mantido com a Fundação José Augusto.

A professora Hulda Nunes destacou o apoio recebido para que fosse possível terminar o bacharelado

no Ceará: " recebi todo apoio que precisava, o reitor Walter Fonsêca foi quem abriu os caminhos e nestes quatro anos e meio sempre contei com a ajuda que necessitava para concluir o curso". Por sua vez o professor Antônio Carlos diz que o nome do Conservatório de Música Dalva Stela é muito respeitado na universidade cearense: " este reconhecimento foi devido ao conteúdo que as pessoas do conservatório levavam para lá e recebiam elogios de todos os professores.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2000.

ANEXO 62 – Gazeta do Oeste, 25.02.2000.

GAZETA DO OESTE Sexta-feira, 25 de fevereiro de 2000 • LOCAL • 13

lecido para as empresas providenciarem a regularização de licenças de operação

tam a funcionar na cidade

CAPACITAÇÃO

Uern estuda criação de habilitação em música

Alunos do curso de Letras com opção de língua espanhola poderão em breve optar por graduação em música

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) está dando os primeiros passos para a criação de uma nova habilitação na Faculdade de Letras e Artes.

Os alunos que já têm a opção de língua espanhola poderão em breve optar pela habilitação em Música.

Para isso, a Uern está capacitando professores para a nova área. Já se encontram lecionando no Conservatório de Música Dalva Stela três professores que concluíram bacharelado geral em Música e estão lecionando aos alunos do conservatório as disciplinas de Harmonia e Soffejo.

A professora Hulda Nunes da Paz também concluiu bacharelado geral em Música e ensina as disciplinas de Teoria Musical e Soffejo.

Outro professor, que terminou licenciatura em Música na Universidade do Esta-

dual do Ceará (Uece), é Giann Mendes Ribeiro, que ensina no conservatório as disciplinas de História da Música e Teoria Musical.

Além desses professores, a Uern mantém outros dois concluindo seus cursos na Uece. Com essa capacitação, é decisão do reitor da Uern, Walter Fonseca, fazer funcionar o Departamento de Artes.

O projeto do reitor é criar agora uma habilitação em música na Faculdade de Letras e Artes. O projeto vislumbra ainda a possibilidade de criação de um curso de Arte Cênica, a partir do convênio que hoje é mantido com a Fundação José Augusto.

A professora Hulda Nunes destacou o apoio recebido para que fosse possível terminar o bacharelado no Ceará.

"Recebi todo o apoio que precisava. O reitor Walter Fonseca foi quem abriu os caminhos, e nesses quatro anos e meio sempre contei com a ajuda que necessitava para concluir o curso".

Por sua vez, o professor Antônio Carlos diz que o nome do Conservatório de Música Dalva Stela é muito

respeitado na universidade cearense.

"Esse reconhecimento foi devido ao conteúdo que as pessoas do conservatório levavam para lá e recebiam elogios de todos os professores", concluiu.




Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2000.

ANEXO 63– Jornal Gazeta do Oeste, 25.03.2001.

GAZETA DO OESTE Domingo, 25 de março de 2001. **ENCARTE**



ESTACÃO das Artes será um das sedes da Escola de Música da FMC

ESCOLINHA DE MÚSICA	
CURSO	Nº DE VAGAS
Viola Popular	15
Cavaquinho	15
Acordeão	20
Flauta doce	20
Perussão	20
Musicalização	40
Flauta mágica	25
Canto coral	20

Ensino Inscrições serão iniciadas no próximo dia 2 e aulas começam em maio

Fundação de Cultura retoma escola de música

A Fundação Municipal de Cultura (FMC) começa a ampliar a ação de seu Departamento de Educação Musical, através da retomada das atividades de sua Escola de Música. O projeto prevê o ensino de oito diferentes modalidades musicais.

De acordo com o professor Carlos Batista, coordenador da Divisão de Música da FMC, o projeto prevê a criação de turmas para o ensino de violão, cavaquinho, acordeão, flauta, percussão, canto coral e outras atividades de musicalização.

As inscrições para as primeiras turmas serão abertas no dia 2 de abril, na própria sede da FMC. As aulas devem começar no mês de maio, sendo ministradas na própria Fundação, na Estação das Artes, Elizou Ventania e na Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges.

"Já está praticamente tudo certo para o início das aulas. Creio que não haverá atraso", disse o professor, acrescentando que a maioria dos professores que vai lecionar as aulas já acertou com a FMC.

REQUISITOS - As vagas para a escolinha de música da FMC serão preenchidas de acordo com o número de inscrição do candidato, através da ordem de chegada. Inicialmente serão priorizados alunos que já possuem o instrumento que pretendem estudar.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2001.

**ANEXO 64 - Decreto de Criação da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini-EMMDPC,
2003.**



PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ

GABINETE DA PREFEITA

DECRETO Nº 2213/2003

Cria e denomina de Dr. Pedro Ciarlini a Escola de Música do Município de Mossoró, e dá outras providências.

A PREFEITA MUNICIPAL DE MOSSORÓ, usando das atribuições que lhe confere o artigo 78, inciso IX da Lei Orgânica do Município;

DECRETA:

Art. 1º – Fica criada e denominada de *Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini* a Escola de Música do Município de Mossoró.

Art. 2º – A disciplina jurídica da Escola será constituída em regulamento, a ser elaborado por uma Comissão nomeada por ato do Poder Executivo Municipal.

Parágrafo Único – O regulamento de que trata o *caput* deste artigo será aprovado pela Chefe do Poder Executivo Municipal.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas às disposições em contrário.

PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, em Mossoró (RN), 15 de maio de 2003.


Rosalba Charlini Rosado
Prefeita

Palácio da Resistência - Sede do Gabinete da Prefeita
Av. Alberto Maranhão - 1751, Centro CEP: 59600-005 Mossoró-RN / FAX - (084) 315.4922 / (084)
315.4921. E-mail: pmmossoró@uol.com.br - Site <http://www.prefeiturademossoro.gov.br>

*Diligência Bureau a
Cência e Arquivo
27/05*

ANEXO 65 – Declaração de Coordenador da Divisão de Música-DM, da Fundação Municipal de Cultura-FMC

Estado do Rio Grande do Norte
 PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
 Secretaria Municipal da Cidadania
 Fundação Municipal de Cultura
 Divisão de Música

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de experiência profissional que **ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA** é coordenador da Divisão de Música desta Fundação desde Agosto de 1995, e desenvolveu atividade docente, conforme o abaixo citado:

Disciplina	Período
Iniciação ao Violão Popular	De Maio/98 a Agosto/99
Iniciação ao Cavaquinho	De Março/98 a Agosto/99
Teoria Musical e Percepção	De Abril/00 a Agosto/01
Prática Instrumental para Banda	De Abril/00 a Agosto/01

Mossoró/RN, 03 de Junho de 2004.


 P/P Prof. Antonio Gonzaga Chimbinho
 Presidente da FMC

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2003.

ANEXO 66 – Folder do V Concurso de Sanfoneiros de Mossoró. Estação das Artes Eliseu Ventania, 2003.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Carlos Batista
 Claudia Azevedo
 Marcondes Menezes
 Vladenilson Duarte

COMISSÃO JULGADORA:

Cláudio Henrique Pereira
 Gianni Mendes
 Hulda Nunes
 João Batista de Souza
 Luiz Moura

MOSSORÓ
 E a gente que faz

Cultura

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
 Secretaria Municipal da Cidadania
 Fundação Municipal de Cultura

Mossoró Cidade Junina
 2003



**V CONCURSO
 SANFONEIROS DE MOSSORÓ**

Dias: 20 e 21/06/03
 Horário: 21:00 horas
 Local: Estação das Artes "Eliseu Ventania"

MOSSORÓ/RN

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2003.

ANEXO 67 – Jornal de Fato, 27.08.2003.

Jornal de Fato**QUINTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2003**

MOSSORÓ RÁPIDAS

Curso de poesia oferece 15 vagas e inicia inscrições

A Fundação Municipal de Cultura (FMC) abriu inscrição para o curso de poesia popular. O prazo termina sábado. Serão disponibilizada 15 vagas para o curso, que terá carga horária de 40 horas/aula. O treinamento é aberto a toda a comunidade, segundo o diretor da Escola de Música Pedro Ciarlini e coordenador do Departamento de Divisão de Música, Carlos Batista. A inscrição é grátis. As aulas serão iniciadas às 1º de setembro e ministradas às segundas e quintas-feiras. O curso visa à valorização da poesia popular, com a finalidade de despertar novos talentos.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2003.

ANEXO 68 – Jornal Gazeta do Oeste, 23.01.2004.

8 GAZETA DO OESTE
Sexta-feira, 23 de janeiro de 2004

Sociais

Música para levantar astral

Usuários do Centro de Atenção Psicossocial têm uma tarde diferente, que arrancou sorrisos e aplausos

Foi uma tarde diferente ontem para os usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), da Gerência de Saúde do município. Eles receberam a presença de um grupo de músicos que veio animar o ambiente, com músicas que variavam de ritmo, passando pelo chorinho, pela música religiosa e por músicas bem conhecidas, como Imagine, de John Lennon.

Músicos do conservatório da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) aceitaram o convite da arte-terapeuta Neuma Batista, que trabalha no CAPS, para entreter os pacientes da instituição. Maestro João Batista, Marcos e Carlos Batista, todos instrutores do conservatório, e que pertencem à família da arte-terapeuta, motivaram quem estava lá para assistir ao show, arrancando aplausos e alegria.

trazendo tranquilidade a quem precisa dela. "A música tem a capacidade de relaxar as pessoas, propicia um momento de paz e melhora a auto-estima de cada um", diz a arte-terapeuta.

Além do trabalho desenvolvido com os pacientes, os profissionais envolvidos com o núcleo de atendimento precisam do apoio de outras pessoas da sociedade, como forma de amenizar o sofrimento causado pelos transtornos psicológicos dos usuários, que participam das atividades diariamente. E aí entram os convites para profissionais de outras áreas, como os músicos convidados.

Para o músico Marcos Batista, isso é importante, porque mostra que pode ser útil de todas as formas. "A gente quer alegria, fazer os outros se sentirem alegres, mostrar a vi-



ALCIBIAN COSTA

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2004.

Gerais

Em aberto

Inscrições para a Escola Municipal de Música estão mantidas

As inscrições para a Escola Municipal de Música, que estavam previstas para terminarem hoje, serão estendidas para os cursos que deixarem vagas disponíveis. Segundo Carlos Batista, diretor da Escola de Música, até ontem só haviam sido preenchidas 73 vagas, das 174 em aberto.

Só haverá seleção para o Coral Carcará e o curso de teoria musical. Mesmo assim essa escolha será apenas para fazer um nivelamento. "O único critério para garantir a matrícula é apenas a ordem de chegada", explicou.

Os interessados devem procurar a sede da Fundação Municipal de Cultura (FMC), avenida Alberto Maranhão, 2255, centro. No ato da inscri-

ção serão exigidos a xerox da certidão de nascimento, uma foto 3X4 e o pagamento da taxa de inscrição que custa R\$10,00.

Serão 10 cursos ministrados por nove professores, destes quatro com pós-graduação em música e cinco com capacitação musical.

Para Carlos Batista, o curso é importante para afastar os jovens das ruas e das drogas. "Nós já conseguimos afastar os jovens das ruas e das drogas e para a gente este já é bom resultado porque temos alguns alunos que se afastaram das drogas por causa da música, o que é muito importante", acrescentou.

Dentro do projeto estão envolvidas 387 pessoas, e as au-

las começam no dia 8 de março. Mesmo assim os cursos que não tiverem preenchido

as vagas poderão receber novos alunos com as aulas em andamento.

CURSOS	VAGAS
Violação Popular	25
Tecido Básico	14
Tecido para Deficiente visual	14
Poesia Popular Nordestina	15
Teoria Musical e Percepção (veteranos)	17
Teoria Musical e Percepção (novatos)	20
Flauta Doce	15
Grupo Flauta Mágica (Pífaro e Percussão)	25
Coral Carcará (Prática Coral)	30
Banda de Música Juvenil (masculino e feminino)	9

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2004.

ANEXO 70 – Folder (parte interna) da Abertura do Projeto de Extensão Cultural Chorando na Praça. 23.04.2004

Chorando na Praça

O Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, vem ao longo de uma década com apresentações em praça pública, do Grupo de Chorinho "Ingênuo", denominadas *Chorando na Praça*.

Neste 23 de abril de 2004 o referido grupo o fará novamente. Desta feita comemorando o *Dia Nacional do Choro*.

Esta data é guardada em homenagem ao nascimento de Alfredo da Rocha Viana Filho - Pixinguinha - que em 23/04/1897 (vinte e três de abril de mil oitocentos e noventa e sete) veio ao mundo para enche-lo com a brasilidade musical do choro. Muito embora alguns autores considerem o ano de 1898 como ano de nascimento do nosso chorão maior, Jacob Bitancourt, ou do Bandolim, que foi oficial de justiça e tabelião, descobriu em seus arquivos de cartório que ao completar o primeiro ano de idade Pixinguinha foi registrado na mesma data em que foi batizado.

Nesta oportunidade queremos convidar a todos os chorões Mossoroense a se fazer presentes dia 23 de abril de 2004 (sexta-feira), à Praça Rodolfo Fernandes às 17:00 horas, para juntos comemorarmos ouvindo e tocando choros, não só de Pixinguinha, mas também de outros compositores.

INTEGRANTES:

- Antonio Carlos Batista de Souza - Bandolim, Sax tenor e Flauta Transversal.
- Fábio Roberto Monteiro de Lima - Cavaquinho
- Francisco Cláudio Araújo de Góis - Violão de 7 cordas.
- Isac Rufino de Araújo - Violino
- Iris Emanuella de Castro Nascimento - Flauta Transversal.
- João Batista de Souza - Clarinete / Sax
- João Lima Rocha Neto - Violão
- Osman Josenildo Carlos Pereira - Pandeiro

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2004.

ANEXO 71 - Declaração de Tempo de Serviço no Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire-CMDSNF/UERN.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação, Cultura e dos Desportos – SECD
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Pró-Reitoria de Extensão – PROEX
Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire

DECLARAÇÃO

Declaramos, para fins curriculares, que **ANTONIO CARLOS BATISTA DE SOUZA**, serviu em nossa unidade de ensino, cedido pela DIREC, Órgão do Estado, no período de 1991 a 2000 como Instrutor Musical das disciplinas: Teoria e Percepção Musical I, II, Solfejo I, II, III, IV, Noções de Harmonia, e ainda como Instrumentista do Grupo de Chorinho "Ingênuo" executando Bandolim e Cavaquinho, coordenou o Sexteto Vocal "Nosso Canto" fazendo também a voz do tenor. De 2001 ao ano em curso, na situação de contrato provisório, continua ministrando aulas de Solfejo I, IV, Noções de Harmonia e integra o Grupo de Chorinho já citado.

Para o que firmamos e assinamos a presente em uma única via.

Mossoró-RN, 27 de maio de 2004



João Carlos Rocha Neto
Diretor do Conservatório de
Música D'Alva Stella

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2004.

ANEXO 72 – Folder do VI Concurso de Sanfoneiros de Mossoró Estação das Artes Eliseu Ventania, 28 e 29.06.2004.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Carlos Batista
Claudia Azevedo
Marcondes Menezes
Vladerilson Duarte

COMISSÃO JULGADORA:

Giann Mendes
Hulda Nunes
João Batista de Souza
João Célio Cordeiro

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
Secretaria Municipal da Cidadania
Fundação Municipal de Cultura
Divisão de Música

VIII MOSSORÓ CIDADE JUNINA
2004



Cidade Junina

VI CONCURSO
SANFONEIROS DE MOSSORÓ

Dias: 28 e 29/06/04
Horário: 20:00 horas
Local: Estação das Artes "Eliseu Ventania"

MOSSORÓ/RN



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2004.

CIRCUITOS CULTURAIS RN

Escola de Música é contemplada pelo projeto

Objetivo é a disseminação de informações, a realização de oficinas de música e artesanato e mostra de discos de cantores

O Circuitos Culturais RN, que é realizado pela Agência Cultural Sebrae/Sesi e o Instituto Fal, em parceria com a Fundação Municipal de Cultura (FMC), visando a expandir suas atividades nas principais cidades do Rio Grande do Norte, iniciou em Mossoró, ontem, 19, a realização do programa Circuitos Culturais RN, que objetiva principalmente a disseminação de informações, a realização de oficinas de música e artesanato, mostra de discos de cantores e compositores do RN e apresentações artísticas.

A programação do evento consistiu na realização de atividades distribuídas ao longo de um dia, levando assim uma movimentação cultural destinada à população em geral, músicos, compositores e artistas locais, além de pessoas interessadas em aprenderem nas oficinas culturais. Segundo Iracema Sabóia, consultora da agência cultural Sebrae/Sesi, "o projeto tem beneficiado muitas pessoas, além de ensiná-las a vender o produto cultural". "É necessário que as pessoas tomem conhecimento deste projeto. Juntamente com a Prefeitura Municipal de Mossoró e a Fal podemos colocar em



ALUNOS DA oficina de trombone

prática parte de nossas idéias. As parcerias que fechamos estão dando resultado. As oficinas musicais que oferecemos tive número de 78 alunos inscritos. Foi um verdadeiro sucesso. O Sebrae tem interesse em investir em Mossoró. Pode-se dizer que Mossoró foi um ponto estratégico nesta etapa. A estréia do projeto foi aqui em Mossoró. Pretendemos retornar outras vezes. As pessoas necessitam muito de aprimorar mais os conhecimentos. Já temos alunos para o próximo circuito. As pessoas têm muita necessidade de informação. E saber que estamos ajudando, juntamente com o apoio da Pre-

feitura, é muito gratificante. Vamos continuar com a parceria", diz Iracema.

ESCOLA DE MÚSICA – A Escola de Música Pedro Ciarlini foi uma das contempladas com o Circuitos Culturais do RN. O diretor da escola, Carlos Batista, acredita que a parceria foi salutar, no sentido de promover a interação da comunidade além da obtenção de conhecimentos. "A comunidade compareceu e superou as expectativas que tínhamos. Hoje, a Escola de Música se alegra por mais essa conquista. Temos cursos em níveis básicos, em diferentes modali-

WILSON MORENO



CARLOS BATISTA e Iracema Sabóia: Prefeitura e Sebrae juntos na parceria

dades. Teclado, violão, poesia popular nordestina, teoria musical e percepção, técnica vocal e prática de coral, pífaro, percussão, flauta doce e acordeão. Temos uma turma que se destaca por ser portadora de necessidades especiais. Pais com crianças hiperativas também nos procuram. Pessoas que também necessitam de manipular um instrumento também nos procura muito. É um exemplo de que a escola tem ajudado muito a comunidade. Estamos trabalhando para receber toda essa clientela. Nossos cursos têm a duração de um ano e 120 hora/aula. Estamos com pre-

visão de abrimos novas turmas. Pensamos em capacitar professores na área de poesia popular nordestina. Os interessados em fazer algum desses cursos, podem procurar a escola que estará sempre à disposição para qualquer esclarecimento. E esperamos sempre que a comunidade nos apoie em nossas realizações", disse Carlos Batista.

BENEFÍCIOS – O aluno de trombone Josenberg, diz que o seu contato com a música através do programa foi salutar. "Esse contato é muito importante, porque estamos em contato com novas pes-

soas. Há três anos estou tocando trombone e já participe de várias oficinas. Acho importante a iniciativa da prefeitura", relata.

O professor de trombone Gilberto Cabral, não difere de pensamento do aluno. "Nossa música a gente nunca sabe tudo. Estou sempre aprendendo com os meninos. Estou orgulhoso de aqui já ter pessoa como ele, que se dedica à música. Acredito que isso é um fator de grande importância. Estamos aqui trocando experiências. Espero que ele não parem. Continuem nos trando a garra deles", finalizou Cabral.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

ANEXO 74 – Concerto de Inauguração da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini-EMMDPC. Estação das Artes Eliseu Ventania, 15.05.2005.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

ANEXO 75 - Folder (frente) do VII Concurso de Sanfoneiros de Mossoró, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
Secretaria Municipal da Cidadania
Fundação Municipal de Cultura
Divisão de Música

IX MOSSORÓ CIDADE JUNINA

VII Concurso de Sanfoneiros de Mossoró

COMISSÃO ORGANIZADORA:
Carlos Batista
Claudia Azevedo
Marcondes Menezes
Vlademilson Duarte

COMISSÃO JULGADORA:
Glenn Mendes
João Batista de Souza
João Célio Cordeiro

Logo: Mossoró da gente
Iniciando por sempre

Logo: Mossoró Cidade Junina

Logo: VII Concurso de Sanfoneiros de Mossoró

Data: 26 e 27/06/05
Horário: 20:00 horas
Local: Estação das Artes Elzeu Venturini

Mossoró/RN, Junho de 2005

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

ANEXO 76 - Maestro Batista na Comissão Julgadora do VII Concurso de Sanfoneiros, 2005.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

ANEXO 77 – Jornal Gazeta do Oeste, 01.07.2005.

OESTE Mossoró Sexta-feira, 1º de julho de 2005 5

OPORTUNIDADE

Escola de Música Pedro Ciarlini oferecerá cursos

Segundo Carlos Batista, duas categorias já estão definidas: teclado e violão popular

A Escola Municipal de Música Pedro Ciarlini, localizada à Avenida Alberto Maranhão, Centro, definirá, até o próximo dia 15 de julho, quais serão os novos cursos que a escola disponibilizará à comunidade.

De acordo com Carlos Batista, diretor da Escola de Música, duas categorias já estão definidas: teclado e violão popular. Segundo ele, as três modalidades mais procuradas pelas pessoas interessadas em aprender música são: prática de coral, violão popular e teclado. Ele reforça que a Escola de Música tem buscado está em contato com a comunidade, oferecendo oficinas e cursos na área musical. "Hoje, a Escola de Música tem se transformado numa referência para todos os interessados pela arte musical, além de que nossas oficinas e cursos são ministrados por professores capacitados, que têm experiência na área musical", diz Carlos. A instituição cobra apenas uma taxa de inscrição do candidato que deseje ingressar em um de seus cursos. "Não cobramos mensalidade. Apenas uma taxa simbólica de inscrição no valor de 10,00 reais para iniciarmos o processo de seleção dos candidatos aos cursos. Esse processo consta de um teste de aptidão. Depois da taxa de inscrição, o número de evasão tem diminuído", diz.

Atualmente, a Escola de Música Pedro Ciarlini oferece 16 modalidades diferentes na área musical e durante o Mossoró Cidade Junina participou com três subprojetos no evento: o V Festival de Repentistas Nordestinos, o VII Concurso de Sanfoneiros e o II Encontro de Bandas de Pí-faro e Cabaçais.

CARLOS BATISTA diz que as modalidades estão sendo definidas

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

Grupo musical se apresenta no Teatro Dix-huit dia 23

Estilo nasceu da proposta didática que visa fomentar um gosto musical típico de salas de concerto

Da Renascença ao Modernismo. E através desses movimentos literários que se restringem o estilo musical do trio de Camerart. É grupo relativamente novo, está com um ano de existência.

O Camerart nasceu com uma proposta didática a fim de fomentar um gosto musical típico de salas de concerto. O grupo musical também realiza frequentemente na cidade um programa direcionado a recepções e participações em eventos, onde o repertório é bastante eclético, passando desde a bossa nova até os temas de música internacionais.

A música de câmara é originalmente composta para pequenos grupos: duos, trios, quartetos, Quintetos e assim por diante até as "orquestras de câmara", que podem chegar a 30 ou a 40 músicos.

O músico Gianni Mendes explica que originalmente a câmara é executada em salas de palácios ou, a partir de fins de século 18, em casas parti-



Trio de Camerart é formado por: Carlos Batista (bandolim e flauta transversa), Isaac Araújo (violino) e Gianni Mendes (violão)

Data: 23/08/2005
Local: Teatro Municipal Dix-huit Rosado
Horário: Às 20h

culares, a música desse estilo vem sendo apresentada em grandes auditórios desde o início do século 19, só conservando de câmara o nome.

O Trio de Camerart é formado pelos professores de música, Carlos Batista (bandolim e flauta transversa), Isaac Araújo (violino). Ambos da

Uern. Também compõe a banda o músico Gianni Mendes, do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet-RN). Ele toca violão.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

Camerart se apresenta hoje no Dix-huit Rosado

Entrada é franca; proposta do trio é trazer um repertório diferenciado para o público mossoroense

Dentro da programação de primeiro aniversário do Teatro Municipal Dix-huit Rosado, o Trio Camerart apresenta hoje, com entrada franca, às 20h, o show Musicarium. O trio é formado por três músicos da cidade: Carlos Batista, atual diretor da Escola de Música Pedro Ciarlini; Isaac Araújo, violinista, e Gianni Mendes, professor de Música do Cefet-Mossoró.

Formado há um ano, o grupo possui uma proposta didática a fim de fomentar um gosto musical típico de salas de concerto. O trio também realiza frequentemente na cidade um programa direcionado a recepções e participações em eventos, em que o repertório é eclético, passando desde a bossa nova até os temas de música internacionais.

Segundo Isaac Araújo, um dos responsáveis pelo Camerart, as apresentações do grupo visam resgatar a música de câmara e fazer com que o público conheça mais esse gê-

nero musical. "Convidamos a todas as pessoas interessadas para nos prestigiarem no 'Dix-huit Rosado'", convoca Isaac Araújo.

MÚSICA DE CÂMARA – Segundo o crítico musical Filipe Salles, podemos chamar de "música de câmara" a qualquer formação instrumental que se limite a poucos executantes. O termo vem da aceção da palavra "câmara" como sinônimo de "sala", "quarto", genericamente "compartimento ou aposento de uma casa". É, portanto, literalmente a música destinada a pequenos espaços, e por isso, a música é escrita para pequenas formações.

De acordo com ele, sua história remonta a períodos imemoriais, já que era um tipo de música feito normalmente em casa, de onde tiveram origem os sarais, os madrigais e até as serenatas, que no Brasil vieram a constituir uma forma específica através do Choro. A história da música registra principalmente a música executada nos palácios e residências nobres, mas que seguramente era praticada em ambiente caseiro desde muito tempo, talvez até mesmo na antiguidade clássica.



CAMERART mescla músicas clássicas e populares

PROGRAMAÇÃO

QUANDO: Hoje
ONDE: Teatro Dix-huit Rosado
HORÁRIO: Às 20h

REPERTÓRIO

Anônimo – Séc. XVI
Greensleaves
Johann Sebastian Bach (1685-1750)
Ária da Sute nº 03
Menueto em Sol

Antônio Vivaldi (1678-1741)
Sonata em Fá:
I Siciliano – II Alameda – III Allegro

Caspar Fürstenau (1772-1819)
Andante Op. 16

Mauro Giuliani (1781-1829)
Sostenuto, Menueto e Trio; Grazioso, Allegretto e Trio

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)
O Trenzinho Caipira

Participação especial: Regina Lima - Flauta Transversal
Weber dos Anjos - violão

OFÍCIO DE NOTAS
Rua Santos Dumont, 92 – Centro – Mossoró-RN
Fone/Fax (84) 3331-4367 / 3321-2266

EDITAL DE INTIMAÇÕES

Pelo presente, ficam intimados os devedores ônus e funcionários que vierem pagar títulos de suas responsabilidades ou darem as razões por que não o fazem, até o dia 25/08/2005.

NOMES
Flaubert Henrique Xavier Carlo
Marcos Almeida dos Santos
Raimundo Carlos de Souza

CGC/CNPJ
566.922.854-53
913.296.944-04
941.728.894-68

Mossoró (RN), 22 de agosto de 2005

ANTÔNIO ARI LOPES JÚNIOR
Oficial Titular

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2005.

ANEXO 80 - Portaria Nº 02/2006 – FMC. Nomeia diretor da EMMDPC.

Estado do Rio Grande do Norte
PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
 Secretaria Municipal da Cidadania
 Fundação Municipal de Cultura

PORTARIA Nº 02/2006 – FMC

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA, no uso de suas atribuições legais e estatutárias.

RESOLVE:

Art. 1º - Designar o Professor Antonio Carlos Batista de Souza para responder pela Direção da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini, a referida portaria já faz jus a remuneração recebida.

Art. 2º - Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogados as disposições em contrário.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2006.

ANEXO 81 – Jornal Gazeta do oeste, 17.09.2006.

2 Domingo, 17 de setembro de 2006

Opinião

GAZETA DO OESTE

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Se você tem alguma fotografia que retrata a história de Mossoró ou de sua cidade no Rio Grande do Norte envie para a nossa Redação, entre em contato através do e-mail mbrunofalcao@hotmail.com ou pelo fone (84) 3314-0244.

GEDIDA



MAESTRO BATISTA e seus filhos, em uma apresentação, na década de 90, na Praça Vigário Antônio Joaquim

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2006.

**ANEXO 82 – Vista frontal da Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini-EMMDPC,
27.10.2007.**



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2007.

**ANEXO 83 – Projeto de Extensão Cultural Samba e História- música popular na academia.
Teatro Alfredo Simonetti, 2007.**



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2007.

**ANEXO 84 – Projeto de Extensão Cultural Quinteto de Saxofones da UERN. Teatro Municipal
Dix-Huit Rosado, 2007.**



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2007.

ANEXO 85 – Jornal Gazeta do oeste, 23.11.2008.

Mossoró, domingo, 23 de novembro de 2008

Gazeta do Oeste

expressão

Fotógrafo: Gerson
gerson@folha.com.brCarlos
BATISTA

NOSSOS VALORES

DA GAZETA

ÁREA DE EXPRESSÃO
398@HOTMAIL.COM

Antônio Carlos Batista de Souza (conhecido no meio artístico como Carlos Batista) é filho de uma das figuras mais respeitadas de nossa cidade, em se tratando do item música, o saudoso João Batista de Souza e do maestro Batista, e de dona Terezinha Luzia, com quem teve mais três filhos. Em entrevista para este espaço, dizia que nunca incentivou os filhos para a música co-fissão. Achava que eles deveriam ter uma atividade desse suporte para tocar a vida em frente, mas a música, influenciado pelos artistas que despontavam nas cidades de sucesso, como os cearenses Belchior, Fagner e Ronaldo, interessou-se em aprender violão, instrumento popular muito difundido entre a juventude. Pediu ao pai que o ensinasse, mas não havia tempo para isso. Batista sempre foi muito atarefado, pois tinha que conciliar ensaios e apresentações nos conjuntos dos quais participou e/ou encabeçou, a real profissão nos Correios e Telégrafos, além dos estudos na Esam, onde se diplomou em Agronomia. Mesmo assim, o maestro resolveu dar-lhe dicas importantes para a formação de um bom músico. Do violão ao cavaquinho foi um longo caminho. O instrumento principal do maestro Batista sempre foi o sax. E foi em 1983 que Carlos Batista foi aprender com ele a tocar sax, pois a Banda de Música Municipal Artur Paraguai necessitava de músicos. E ingressou na banda, onde atuou de 1984 a 1997, como músico (sax tenor) e contrabaixo durante muitos anos, sob a batuta do saudoso maestro e regente Arnaldo Pinheiro, que esteve à frente da banda durante 27 anos.

Carlos Batista seguiu seus estudos, entrando para a Faculdade de Educação Física, mantida pela então Fundação Universidade do Rio Grande do Norte (FURN) que, como ainda não era estadualizada, motivo principal da sua entrada para a banda de música, pois necessitava de recursos para manter seu curso, até obter licenciatura na disciplina. Aprovado no concurso público, foi ensinar na cidade de Governador Dix-Sept Rosado. Mas a música corria em suas veias. Fez vestibular e passou a cursar Música em Fortaleza. Suas idas e vindas capitais alencarina tiveram o retorno merecido, pois de lá saiu como bacharel em Música e Especialista em Metodologias de Ensino de Artes, formado pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UECE). No ano 1989, o professor Lima Neto convidou-o para fazer parte do quadro de professores do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, mantido pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), onde foi lecionar Teoria e Percepção Musical. Sua ligação funcional com a Fundação de Cultura levou-o a criar um projeto que lhe permitia, aos sábados, ensinar violão popular e cavaquinho à comunidade, na Fundação Municipal de Cultura (FMC). Com o crescimento de interessados, veio a idéia da Escola de Música. Como batizar essa escola? Pesquisando intensamente, Carlos descobriu que o avô da então prefeita Rosalba Ciarlini, Pierluigi Lapaluda Ciarlini, que tem como nome em português Pedro Ciarlini, nascido em 17 de maio de 1877, na cidade de Régio (Itália), além de engenheiro lotado na então Rede Ferroviária do Nordeste (estrada de ferro), também era um ímpro violoncelista. Deu a sugestão, que foi aceita. Nasceu a Escola de Música Municipal Dr. Pedro Ciarlini, da qual foi o fundador e seu primeiro diretor, e que é mantida pela

Fundação de Cultura. No dia 4 de novembro de 1999, coordenou o primeiro concurso para músicos na cidade de Mossoró. E, em parceria com docentes do Conservatório, elaborou, aplicou e corrigiu as provas para a aquisição de músicos, professores, regentes e componentes para a banda nos itens sopro e percussão. Foi através desse concurso que os integrantes da banda de música passaram a ser efetivados na função, até então contratados como prestadores de serviço.

Assistia, boquiaberto, à apresentação da música "Royal Cinema", do compositor Tonheca Dantas, quando o duo de saxofones tocados pelo maestro Batista e Carlos Batista executava o contraponto, este último seguindo fielmente a partitura, enquanto o pai tocava incluindo as suas costumeiras alterações da sociedade escolheu uma composição de José Fernandes Vidal. Carlos Batista discorda da escolha. Acha que deveria ter sido mais estudada e, sem desfeita à comissão, que também fosse integrada por uma autoridade no assunto, que é a música. Carlos Batista é professor do Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes da Uern, onde leciona a disciplina Prática Instrumental (saxofone) e coordena o Projeto de Extensão Cultural "Quinteto de Saxofones da Uern". Lecionou, também no DART, as disciplinas Técnica Vocal, Teoria e Percepção Musical, Prática de Coral, Contraponto e Harmonia. É professor de cavaquinho na Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini. Coordena e presta assessoria a projetos com a Banda de Música Artur Paraguai. Na Fundação, coordenou a Divisão de Música por vários anos. No Conservatório, além de professor, participou de grupos musicais, como "Sexteto Vocal Nosso Canto", "Conjunto de Oficina de Música", "Grupo Ingênuo de Chorinho" (saxofone, flauta transversal, cavaquinho e bandolim). É compositor popular, pesquisador, autor de hinos e tem publicados artigos científicos na área musical, sendo o mais recente publicado no XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), em São Paulo.

Sua grande paixão, junto à música, é claro, é Sara, sua filha de oito anos de idade, que já se aventura recebendo aulas particulares de violão com o próprio pai. E leva jeito, segundo o pai-coruja. Carlos Batista vai participar do I Colóquio Nacional da Linguagem e Discurso (I CONLID), que será realizado de 3 a 5 de dezembro deste 2008, promovido pela Uern. Carlos defende sua tese de que alguma coisa precisa ser mudada, com o artigo "Análise do Hino do Município de Mossoró". Dentre inúmeros projetos em desenvolvimento, no que concerne a sua função como assessor junto à Fundação Municipal de Cultura, estão o "Retretas Didáticas", que se propõe a apresentações didáticas com a Banda Artur Paraguai nas praças de Mossoró, prestando informações sobre a música, num contexto geral, como gêneros, ritmos, autores, obras, instrumentos etc. Também o "Ensaio Aberto", com a banda de música, consistindo na realização de ensaios, todas as terças-feiras, a partir das 19h, na Praça de Eventos da Avenida Rio

Branco (por trás da FMC), no intuito de aproximar a comunidade, de uma forma geral, da música instrumental, visando a formação de plateia, como meio de entretenimento. "Dançando na Praça" é outro projeto que visa promover uma participação ativa e espontânea da comunidade, nos seus momentos de lazer, no concernente às danças de salão, já que a banda apresenta um repertório tipicamente dançante, executando músicas populares. Já nesta próxima terça-feira, serão inseridas as presenças de dois ou três casais de dançarinos para um incentivo aos presentes ao local, onde poderá daí nascer uma verdadeira área de lazer para as famílias, com a possibilidade de um entrosamento mútuo, fazendo com que as pessoas se conheçam e se relacionem melhor com as outras, nossa comunidade através da música. Alguém interessado em com ele se comunicar, entre em contato com carlos.batista111@hotmail.com ou ac.souza1963@uol.com.br.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2008.

ANEXO 86A – Jornal Gazeta do Oeste. 17.09.2009.

Untitled Document

http://www.gazetadooeste.com.br/23_novembro_08...

* EDITORIAIS

::Política
 ::Polícia
 ::Esporte
 ::Economia
 ::Lazer
 ::Informática
 ::Gerais
 ::Motores

Pb

::Últimas Edições
 ::Charge
 ::Opinião
 ::Expediente
 ::Lista de e-mails

* ESPECIAIS

::Valdetário
 ::Santa Luzia
 ::Especial
 Canindé
 ::Especial Gazeta

* CADERNOS

::Mossoró
 ::Cidades
 ::Expressão
 ::TV
 ::Saúde
 ::Escola
 ::Rural



CARLOS BATISTA

FERREIRA DA GAZETA
 Especial para o Expressão
 JOFERFILHO@HOTMAIL.COM

Antônio Carlos Batista de Souza (conhecido no meio artístico como Carlos Batista) é filho de uma das figuras mais respeitadas de nossa cidade, em se tratando do item música, o saudoso João Batista de Souza, ou o maestro Batista, e de dona Terezinha Luzia, com quem teve mais três filhos. Em entrevista para este espaço, Batista dizia que nunca incentivou os filhos para a música como profissão. Achava que eles deveriam ter uma atividade que lhe desse suporte para tocar a vida em frente, mas a música viria em segundo plano, se algum optasse pela arte. Sua família tem laços familiares, ainda que em grau bastante avançado, por parte de João Batista, seu pai, com o maestro, instrumentista, arranjador, regente e compositor Artur Paraguai, o lendário músico homenageado com o nome dado à Banda de Música do Município. Carlos Batista, ainda de criança para adolescente, influenciado pelos artistas que despontavam nas paradas de sucesso, como os cearenses Belchior, Fagner e Ednardo, interessou-se em aprender violão, instrumento popular muito difundido entre a juventude. Pediu ao pai que o ensinasse, mas não havia tempo para isso. Batista sempre foi muito atarefado, pois tinha que conciliar ensaios e apresentações nos conjuntos dos quais participou e/ou encabeçou, sua real profissão nos Correios e Telégrafos, além dos estudos na Esam, onde se diplomou em Agronomia. Mesmo assim, o maestro resolveu dar-lhe dicas importantes para a formação de um bom músico. Do violão ao cavaquinho foi um pulo. O instrumento principal do maestro Batista sempre foi o sax. E foi em 1983 que Carlos Batista foi aprender com ele a tocá-lo, pois a Banda de Música Municipal Artur Paraguai necessitava de músicos. E ingressou na banda, onde atuou de 1984 a 1997, como músico (sax tenor) e contramestre durante muitos anos, sob a batuta do saudoso maestro e regente Dermival Pinheiro, que esteve à frente da banda durante 27 anos. Carlos Batista seguiu seus estudos, entrando para a Faculdade de Educação Física, mantida pela então Fundação Universidade do Rio Grande do Norte (FURN) que, como ainda não era estadualizada, motivo principal da sua entrada para a banda de música, pois necessitava de recursos para custear seu curso, até obter licenciatura na disciplina. Aprovado em concurso público, foi ensinar na cidade de Governador Dix-sept Rosado. Mas a música corria em suas veias. Fez vestibular e passou a cursar Música em Fortaleza. Suas idas e vindas à capital alencarina tiveram o retorno merecido, pois de lá voltou como bacharel em Música e Especialista em Metodologias do Ensino de Artes, formado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). No ano 1989, o professor Lima Neto convidou-o a fazer parte do quadro de professores do Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira Freire, mantido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), onde foi lecionar Teoria e Percepção Musical. Sua ligação funcional com a Fundação de Cultura levou-o a criar um projeto que lhe permitia, aos

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2009.

ANEXO 86B – Expressão. Jornal Gazeta do Oeste, 17.09.2009.

http://www.gazetadooeste.com.br/23_novembro_08.

sábados, ensinar violão popular e cavaquinho à comunidade, na Fundação Municipal de Cultura (FMC). Com o crescimento de interessados, veio a idéia da Escola de Música. Como batizar essa escola? Pesquisando intensamente, Carlos descobriu que o avô da então prefeita Rosalba Ciarlini, Pierluigi de Lapaluda Ciarlini, que tem como nome em português Pedro Ciarlini, nascido em 17 de maio de 1877, na cidade de Régio Emílio (Itália), além de engenheiro lotado na então Rede Ferroviária do Nordeste (estrada de ferro), também era um exímio violoncellista. Deu a sugestão, que foi aceita. Nasceu a Escola de Música Municipal Dr. Pedro Ciarlini, da qual foi o Idealizador e seu primeiro diretor, e que é mantida pela Fundação de Cultura. No dia 4 de novembro de 1999, coordenou o primeiro concurso para músicos na cidade de Mossoró. E, em parceria com docentes do Conservatório, elaborou, aplicou e corrigiu as provas para a aquisição de músicos, professores, regentes e componentes para a banda nos itens sopro e percussão. Foi através desse concurso que os integrantes da banda de música passaram a ser efetivados na função, até então contratados como prestadores de serviço.

Assistia, boquiaberto, à apresentação da música "Royal Cinema", do compositor Tonheca Dantas, quando o duo de saxofones tocados pelo maestro Batista e Carlos Batista executava o contraponto, este último seguindo fielmente a partitura, enquanto o pai tocava incluindo as suas costumeiras partes criativas, deixando a composição mais bela do que a original. Carlos também tocava, sob contratos sazonais firmados com o "Elo Musical" para carnavais ou outra festa que exigisse instrumentos de sopro. Em 1995, percebeu que a cidade de Mossoró não possuía um hino oficial. Foram apresentados cinco deles para escolha. Uma comissão formada por integrantes da sociedade escolheu uma composição de José Fernandes Vidal. Carlos Batista discorda da escolha. Acha que deveria ter sido mais estudada e, sem desfeita à comissão, que também fosse integrada por uma autoridade no assunto, que é a música. Carlos Batista é professor do Departamento de Artes (DART), da Faculdade de Letras e Artes da Uem, onde leciona a disciplina Prática Instrumental (saxofone) e coordena o Projeto de Extensão Cultural "Quinteto de Saxofones da Uem". Lecionou, também no DART, as disciplinas Técnica Vocal, Teoria e Percepção Musical, Prática de Coral, Contraponto e Harmonia. É professor de cavaquinho na Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlini. Coordena e presta assessoria a projetos com a Banda de Música Artur Paraguai. Na Fundação, coordenou a Divisão de Música por vários anos. No Conservatório, além de professor, participou de grupos musicais, como "Sexteto Vocal Nosso Canto", "Conjunto de Oficina de Música", "Grupo Ingênuo de Chorinho" (saxofone, flauta transversal, cavaquinho e bandolim). É compositor popular, pesquisador, autor de hinos e tem publicados artigos científicos na área musical, sendo o mais recente publicado no XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), em São Paulo.

Sua grande paixão, junto à música, é claro, é Sara, sua filhinha de oito anos de idade, que já se aventura recebendo aulas particulares de violão com o próprio pai. E leva jeito, segundo o pai-coruja. Carlos Batista vai participar do I Colóquio Nacional da Linguagem e Discurso (I CONLID), que será realizado de 3 a 5 de dezembro deste 2008, promovido pela Uem. Carlos

defende sua tese de que alguma coisa precisa ser mudada, com o artigo "Análise do Hino do Município de Mossoró". Dentre inúmeros projetos em desenvolvimento, no que concerne a sua função como assessor junto à Fundação Municipal de Cultura, estão o "Retretas Didáticas", que se propõe a apresentações didáticas com a Banda Artur Paraguai nas praças de Mossoró, prestando informações sobre a música, num contexto geral, como gêneros, ritmos, autores, obras, instrumentos etc. Também o "Ensaio Aberto", com a banda de música, consistindo na realização de ensaios, todas as terças-feiras, a partir das 19h, na Praça de Eventos da Avenida Rio Branco (por trás da FMC), no intuito de aproximar a comunidade, de uma forma geral, da música instrumental, visando a formação de platéia, como meio de entretenimento. "Dançando na Praça" é outro projeto que visa promover uma participação ativa e espontânea da comunidade, nos seus momentos de lazer, no tocante às danças de salão, já que a banda apresenta um repertório tipicamente dançante, executando músicas populares. Já nesta próxima terça-feira, serão inseridas as presenças de dois ou três casais de dançarinos para um incentivo aos presentes ao local, onde poderá daí nascer uma verdadeira área de lazer para as famílias, com a possibilidade de um entrosamento mútuo, fazendo com que as pessoas se conheçam e se relacionem melhor com as outras, possam levar suas famílias e possam se deleitar e se divertir com um vasto repertório de verdadeiras obras de arte do cancionário popular brasileiro e Internacional. Estive com minha família, na última terça-feira, encontrei várias outras por lá, e apreendi bastante o que vi. Boa sorte ao Carlos Batista, e que continue com suas brilhantes idéias em prol do bem-estar da comunidade através da música. Alguém interessado em com ele se comunicar, entre em contato com carlos.batista111@hotmail.com ou ac.souza1963@uol.com.br.

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2009.

ANEXO 87 – Projeto de Extensão Cultural Camerata Mói de Sax da UERN, 2010.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2009.

ANEXO 88 – Jornal Gazeta do Oeste, 18.07.2010.

Mossoró, domingo, 18 de julho de 2010

cultura

Uma banda que fez (faz) história

MARCOS BATISTA
MÚSICO
ESPECIAL PARA O EXPRESSÃO

A Banda de Música Municipal Artur Paraguai é uma das representações artísticas mais antigas em exercício, abrilhantando as festividades deste município. Segundo o professor de música da Uern e ex-integrante da Artur Paraguai, Carlos Batista, encontra-se no livro A Breve História da Arte Musical - D'Alva Stella; a Artur Paraguai passou a ser do Poder Executivo, com a municipalização dos instrumentos musicais, pertencentes à Diocese, em 2 de agosto de 1936.

Subordinada à Gerência Executiva da Cultura, tem como finalidade executar gêneros de outras épocas, participar de eventos locais como, por exemplo, religiosos, civis, culturais e executar projetos na área musical: concertos, retretas didáticas e ensaios abertos, idealizados pelo próprio Carlos, que está fazendo uma pesquisa a fim de registrar a história desse grupo.

A banda também se apresenta noutros municípios e Estados, caso seja solicitada. Entre os eventos que se considera dentro da agenda anual estão: a festa da Padroeira do município, o 7 de Setembro, o Dia da Independência do Brasil, 30 de Setembro, Dia da Abolição dos escravos em Mossoró e festas natalinas. Quanto a outras localidades, já se apresentou em várias cidades circunvizinhas e cidades do Ceará, como Aracati e Icapuí.

Em 1982, Carlos passou a integrar esta banda, com o nome

de 26 músicos, mas, de 1995 a 1998, chegou a ter 41 músicos. Atualmente é formada por 27 funcionários, um maestro, um músico e regente auxiliar, 24 músicos e um secretário.

Este símbolo da arte musical mossoroense teve seu nome citado em alguns jornais locais. Em 1995, na Revista Weril, de cunho nacional, foram publicadas as atividades e os instrumentos recebidos da Fundação Banco do Brasil, em livros: A Breve História da Arte Musical, de D'Alva Stella, e Educação Musical no Brasil, de Alda Oliveira e Regina Cajazeira.

MAESTROS - Já foram regentes da banda: Joaquim Ribeiro, Artur Paraguai, Tenente Euclides, José Mário, Maestro Batista, João Aires, Dermalvin Pinheiro, Carlos Batista, Clemenceau Alves, atualmente, sob a batuta de João Célio Cordeiro. Na ausência deste, assume o seu auxiliar Marcos Batista.

tes e, às vezes, divertidos, um aconteceu em Apodi-RN, quando a banda foi recepcionar uma autoridade. O maestro Artur Paraguai tinha ensaiado uma marcha de recepção que iniciava com o som do bombo. O visitante demorou a chegar e os músicos se distraíram, daí, um engraçado gritou para o bombista, conhecido por Chico Durão: "Lá vem o homem negro velho!" Então, Chico entendeu ser o momento de tocar, e de baqueta na mão percutiu seu instrumento com muita força; o resultado é que todos os presentes se assustaram com o som que mais pareceu o de uma explosão. Após este episódio, quando os músicos encontravam Durão, repetiam a frase chave que lembrava a cena.

Não tem sede própria, por isto ensaiou em vários endereços. Atualmente ensaia no mesmo prédio onde funciona a Escola Municipal de Música Pedro Giardini. Av. Albar-

to maranhão, N° 2255, Centro. Algumas contribuições para melhoria da octogenária foi a admissão dos músicos no quadro de funcionários do município, pelo prefeito Alcides Belo, Projeto Mecenateo, da Fundação Banco do Brasil, este contemplou com 35 instrumentos novos e modernos, assim como fardamento completo; noutra oportunidade a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) contemplou com um kit de 18 instrumentos.

A banda municipal tem como atribuições os ensaios coletivos, e por naipes, atender convocações tanto determinadas pela Prefeitura, quanto algumas solicitações de entidades, que podem acontecer qualquer dia, até mesmo nos feriados. Está passando por processo de reestruturação coordenada pelos músicos, uma equipe de coordenação da Prefeitura e acompanhamento do Sindicato dos Cantores Públicos Municipais

REPRODUÇÃO

▲ BANDA ARTUR Paraguai fez e ainda faz história no município com participações em eventos

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2010.

ANEXO 89 – Acontece em Agosto, 2010.

João de Deus da Silva
João de Deus
por CARLOS BATISTA Professor de Cursos de Licenciatura em Música da UFRN e Secretário Executivo do Conselho Municipal de Cultura

De origem hebraica, passando pelo grego e pelo latim, "João", significa "presente de Deus". Me reporto ao significado, por ter a felicidade de fazer parte do círculo de amigos deste músico admirável e de discurso cheio de metáforas sempre bem humoradas, mesmo em momentos adversos. Meus contatos com ele se deram devido a sua relação de amizade e profissional com o meu pai, o "maestro" Batista.

João de Deus é natural de Caraúbas/RN, e descendente de família de músicos. Iniciou suas atividades musicais na Banda de Música Municipal de Caraúbas, aproximadamente aos onze anos, onde tocava percussão e depois, trompa de contratempo (saxhorn). Amante da música, apesar de ser canhoto, estudava mesmo sem ainda ter violão, e ao ver os outros tocar, memorizava e invertia mentalmente as posições dos acordes. Em 1958 muda-se com sua família para Natal, onde tocou no Grupo de João de Orestes, no "Os Terríveis" e "Natalian Beatles". Em Recife, integrou no "The Victories". Residiu também na Bahia, São Paulo e realizou vários cruzeiros sempre atuando como músico. Em Mossoró, integrou no "The Pop Sound" e "Elo Musical", entre outros, e tocou também durante vários anos, com Zélia Ferreira, sua esposa e diversos músicos em serestas e eventos dos mais diversos.

De uma musicalidade invejável, costuma dizer que é contrabaixista, mas em sua trajetória, muitos contemplaram sua performance na guitarra, bandolim, cavaquinho, paita de boca, harmônica, e até na bateria, como exímio instrumentista e improvisador. A este respeito, lembro das muitas vezes que o meu pai comentava em casa que João de Deus era "fino" para a música; daqueles músicos que para os quais, não existe tom ruim para se tocar. Além de compositor, João de Deus atuou também como cantor, nos grupos musicais onde passou. Dono de um timbre rouco e ímpar, sua voz adequa-se em vários gêneros musicais, sendo que no rock e no blues parece ter encontrado preferência para suas admiráveis interpretações.

João de Deus tem dois filhos: Abner e Hidgel, tendo este último seguido a carreira de músico, como baterista.

Após vários anos de sua vida tocando na noite, o seresteiro apaixonado pelo blues converte-se ao Evangelho após um acidente que o deixou dezessete dias em um hospital, onde em seus momentos de reflexão, sentiu a necessidade de uma maior aproximação com Deus e, ao contrário da expectativa dos médicos diante o quadro, afirmando ter sido curado pelo "Médico dos médicos". Desde então, tem passado a servir a Deus com aquilo que mais sabe: fazer música.

Cabe a todos a gratidão por termos este verdadeiro "Presente de Deus": João de Deus!



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2010.

ANEXO 90 - Declaração de Copista/Arquivista Banda Sinfônica Municipal Artur Paraguai-BSMMA, 2011.



Estado do Rio Grande do Norte
PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ
Secretaria Municipal da Cidadania
Gerência Executiva da Cultura
Escola Municipal de Música Dr. Pedro Ciarlino
Banda de Música Municipal Artur Paraguai

DECLARAÇÃO

Declaro para os fins que se fizerem necessários que o funcionário ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA, matrícula 4254-6, exerce a função de copista/arquivista nesta Corporação Musical, desenvolvendo regularmente suas atividades profissionais no turno noturno.

Mossoró/RN, 23 de março de 2011.

João Célio Cordeiro de Sousa

João Célio Cordeiro de Sousa

Regente

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2010.

ANEXO 91 – Projeto de Extensão Cultural UERN Potiguar Band. Intervalo Cultural. Centro de Convivência da UERN, 18.03.2013.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2011.

ANEXO 92 - Clube Reviver, da Melhor Idade). Clube Oba Show, Carnaval 2017.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

ANEXO 93 - Projeto de Extensão Cultura Chorinho na Praça-PECCP, 1ª edição. Roda Aberta de Choro. Rust Café, 30.10.2017.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2017.

ANEXO 94 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Dia Nacional do Choro. Rust Café, 23.04.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 95 - Jornal Gazeta do Oeste. Matéria com Antonio José da Costa (Zé Lucas), E, 13.07.2007.



Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador, 2018.

ANEXO 96 - Jornal Gazeta do Oeste. Matéria com Antonio José da Costa (Zé Lucas), 20.03.2011.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 97 – Encarte (frente e verso) do CD Zé Lucas nas Cordas, 201?



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2016.

ANEXO 98 - Abertura da 2ª edição do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Rust Café, 03.09.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 99 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Roda Aberta de Choro. Rust Café, 01.10.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2010.

ANEXO 100 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Programa Silêncio da Seresta. Rádio Rural de Mossoró, 26.10.2018



Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador, 2018.

ANEXO 101 - Folder (frente) do Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP, 29.10.2018.

“CHORINHO NA PRAÇA”



**“O CHORO É COMO UM VESTIDO DE
RODA QUE NÃO SEGUE A MODA,
QUE A MODA NÃO DURA.
O SEU TECIDO É DE FINO NOVELO,
PARECE UM MODELO DA ALTA-COSTURA.”
(PAULO CESAR PINHEIRO)**

III RODA ABERTA DE CHORO

Dia: 29/outubro/2018 (segunda-feira)

Local: Rust Café – Memorial da Resistência

Horário: 20h

Coordenação: Prof. Carlos Batista

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 102 – Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Presença de idosos espectadores. Roda Aberta de Choro, Rust Café 07.12.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 103 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Programa Silêncio da Seresta. Rádio Rural de Mossoró, 28.12.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 104 – Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Visita a José Antonio da Costa (Zé Lucas), ao centro, com o bandolim. Ubaia-CE, 29.12.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 105 – Confraternização do Projeto de Extensão Cultura Chorinho na Praça-PECCP. Rust Café, 21.12.2018.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2018.

ANEXO 109 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. II Encontro de Músicos de Mossoró. Clube Carcará, 09.05.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 110 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Capela de São Pedro, 11.06.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 111 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Programa Domingo Alegria. TV Cidade Oeste, 16.06.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 112 – Setembro Amarelo. Mobilização com a Diretoria de Ações e Políticas Inclusivas-DAIN/UERN, 11.09.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 113 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Roda Aberta de Choro. Rust Café, 13.09.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 114 – Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Ensaio Aberto de Choro. Rust Café, 19.10.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 115 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Ensaio Aberto de Choro. Rust Café, 21.07.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 116 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Ensaio Aberto de Choro. Escola de Artes de Mossoró-EAM, 04.08.2019.



Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador, 2019.

ANEXO 117 - projeto de extensão cultural chorinho na praça-PECCP. Ensaio Aberto de Choro. Rust Café, 08.08.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 118 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Ensaio Aberto de Choro. Residência de Lourdinha Monte (D. Neném), 09.08.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 119 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Palestra ministrada por Fábio Roberto Monteiro de Lima. Rust Café, 25.09.2019.



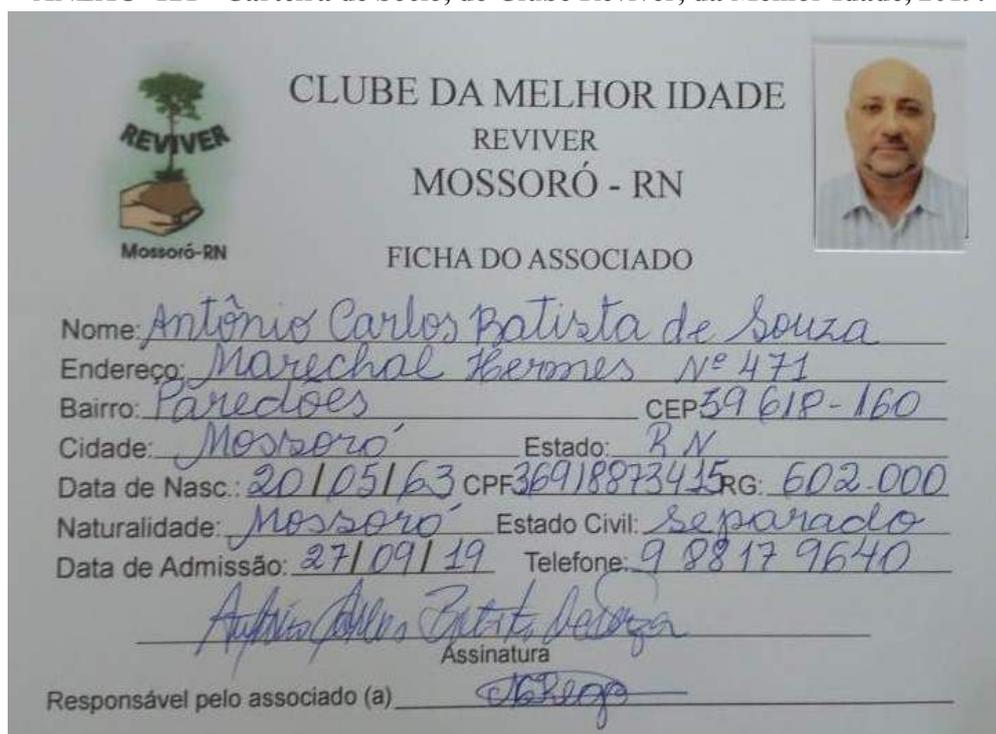
Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 120 – Acompanhante na cirurgia de Sara de Souza Lins Batista, redigindo a Dissertação de Mestrado. Hospital Wilson Rosado, 11.09.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 121 - Carteira de Sócio, do Clube Reviver, da Melhor Idade, 2019.




CLUBE DA MELHOR IDADE
REVIVER
MOSSORÓ - RN

FICHA DO ASSOCIADO

Nome: Antônio Carlos Batista de Souza
 Endereço: Marechal Heróides Nº 471
 Bairro: Paredões CEP: 59 618-160
 Cidade: Mossoró Estado: RN
 Data de Nasc.: 20/05/63 CPF: 36918873415 RG: 602.000
 Naturalidade: Mossoró Estado Civil: separado
 Data de Admissão: 27/09/19 Telefone: 9 8817 9640

Antônio Carlos Batista de Souza
 Assinatura

Responsável pelo associado (a) [Assinatura]

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 122 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Colação de Grau Simbólica, dos Idosos do Abrigo Instituto Amantino Câmara, 09.10.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 123 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Entrega de Certificados de participação na Colação de Grau Simbólica, dos Idosos do Abrigo Instituto Amantino Câmara. Programa silêncio da Seresta, 22.11.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 124 – Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Uma serenata. Caramanchão do memorial da Resistência, 05.12.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 125 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Inauguração do Espaço Cultural Maestro Batista. Residência de Antônia Neuma Batista de Souza. Conj. Santa Delmira, 23.12.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 126 – Fachada do Espaço Cultural Maestro Batista, 05.12.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 127 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Espaço Cultural Maestro Batista, Ensaio Aberto, 26.12.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 128 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Programa Silêncio da Seresta. Rádio Rural, 27.12.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.

ANEXO 129 - Projeto de Extensão Cultural Chorinho na Praça-PECCP. Programa Silêncio da Seresta. Presença de expectadores idosos. Rádio Rural de Mossoró, 27.12.2019.



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2019.